

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Área de especialização | Avaliação de Impacte Ambiental

Dissertação

**A Companhia de Jesus no Brasil: a igreja jesuíta de
Aquiraz-CE sob a perspectiva da arqueologia.**

André da Silva Nóbrega

Orientador(es) | Susana Gómez Martínez

Maria de Deus Manso

Évora 2021



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Arqueologia e Ambiente

Área de especialização | Avaliação de Impacte Ambiental

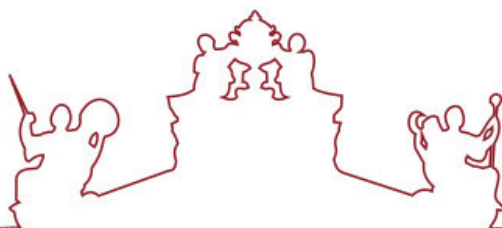
Dissertação

**A Companhia de Jesus no Brasil: a igreja jesuíta de
Aquiraz-CE sob a perspectiva da arqueologia.**

André da Silva Nóbrega

Orientador(es) | Susana Gómez Martínez
Maria de Deus Manso

Évora 2021



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | André Miguel Carneiro (Universidade de Évora)

Vogais | André Teixeira (Universidade de Lisboa) (Arguente)
Susana Gómez Martínez (Universidade de Évora) (Orientador)

Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Ambiente realizada sob a orientação das Professoras Doutoradas Susana Gómez Martínez e Maria de Deus Beites Manso, apresentada na Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais, Departamento de História, para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Estudo de Impacte Ambiental.

A todas e todos os interessados na construção e preservação da memória histórica da
humanidade.

Agradecimentos

Aos meus pais e família.

Às Professoras Susana Gómez Martínez e Maria de Deus Manso, minhas orientadoras nesta dissertação.

Às Professoras Leonor Rocha, Ana Cristina Martins, Antónia Conde, Patrícia Moita e ao Professor André Carneiro pelas suas contribuições.

Aos colegas do curso de Arqueologia e Ambiente.

Aos Professores Herbert Rocha e Marcio Carvalho pelos primeiros contatos com a área central histórica de Aquiraz-CE.

Aos funcionários do Museu Sacro São José de Ribamar pela colaboração durante as pesquisas.

Aos funcionários do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Brasil.

À Universidade de Évora e todos os seus funcionários.

Aos voluntários e funcionários da Igreja do Espírito Santo, Igreja de São Francisco, Igreja de São José do Ribamar pela solicitude.

À cidade de Évora e seus cidadãos, parte da experiência vivida durante o desenvolvimento deste trabalho.

À cidade de Aquiraz e seus cidadãos pelo suporte à preservação do patrimônio histórico e arquitetônico luso-brasileiro.

Resumo

A Companhia de Jesus no Brasil

A igreja jesuíta de Aquiraz-CE sob a perspectiva da arqueologia

Como principal ferramenta de expansão territorial, cultural e comercial utilizada pela Coroa Portuguesa a partir do século XVI, a Companhia de Jesus deixou marcas em edifícios no território brasileiro, sendo mais comuns, os colégios e suas igrejas. Os padrões arquitetônico-construtivos cujas origens podem ser traçadas a partir de Roma, seguem até Portugal, onde incorporam novos elementos, e depois ao nordeste brasileiro, onde sofrem adaptações devido ao novo e distinto contexto. Materiais diferentes, escassez de mão de obra especializada e recursos financeiros reduzidos definiram o que se pode afirmar ser a vertente nordestina brasileira da arquitetura jesuítica portuguesa, visível nas ruínas da igreja do Real Hospício do Ceará, e devido à sua influência, em diversos outros edifícios religiosos pelos sertões do nordeste brasileiro. Dado este contexto, o trabalho traz à luz uma proposta de análise técnica-construtiva e reconstituição da antiga igreja jesuíta de Aquiraz-CE sob a perspectiva da Arqueologia da Arquitetura.

Palavras-Chave: Arqueologia. Arquitetura. História. Património. Companhia de Jesus.

Abstract

The Society of Jesus in Brazil

The jesuit church of Aquiraz-CE under the archaeology perspective

As the main tool for territorial, cultural and commercial expansion used by the Portuguese Crown since the 16th century, the Society of Jesus left traces in buildings in Brazil, most commonly jesuit schools and temples. The architectural-constructive patterns whose origins can be traced back to Rome, continue to Portugal, incorporating new elements, and then to northeastern Brazil, undergoing adaptations due to the new and distinctive context. Different materials, lack of specialized labor and reduced funding defined what can be called the Brazilian northeastern variation of Portuguese jesuit architecture, visible in the *Ceará* Royal Jesuit Hospice church's ruins, and given the influence of society at the time, in several other religious buildings in the northeastern countryside Brazil. Given the context, this work brings to light a proposal for technical-constructive analysis and reconstitution of the old jesuit church building in Aquiraz-CE from the perspective of the Archaeology of Architecture.

Keywords: Archaeology. Architecture. History. Heritage. Society of Jesus.

Índice Geral

Agradecimentos	ii
Resumo.....	iii
Abstract	iv
Índice Geral	v
Índice de Figuras	viii
Lista de Siglas.....	xii
Introdução	1
Problemática.....	2
Justificativa	2
Objetivo geral.....	4
Objetivos específicos.....	4
Procedimentos metodológicos	4
1. Arqueologia da arquitetura	7
1.1. O conceito.....	7
1.2. O caso do Mosteiro de Santo André de Rendufe	11
2. A Companhia de Jesus	13
2.1. Contextualização histórica	13
2.2. A estrutura da companhia	18
2.3. Os colégios jesuítas	20
3. A Arquitetura Jesuítica	22
3.1. Em Portugal.....	22
3.1.1. A Igreja de São Roque de Lisboa.....	22
3.1.1.1. Contextualização histórica	22
3.1.1.2. Contextualização espacial	23
3.1.1.3. A arquitetura da Igreja de São Roque de Lisboa	25
3.1.1.4. Considerações sobre a Igreja de São Roque de Lisboa	29
3.1.2. A Igreja do Espírito Santo de Évora	29
3.1.2.1. O Colégio do Espírito Santo	29
3.1.2.2. Contextualização histórica	30
3.1.2.3. Contextualização espacial	30
3.1.2.4. A arquitetura da Igreja do Espírito Santo de Évora	32
3.1.2.5. Considerações sobre a Igreja do Espírito Santo de Évora	37
3.2. No Brasil.....	38
3.2.1. A Catedral Basílica Primacial de São Salvador	38

3.2.1.1. Contextualização histórica	38
3.2.1.2. Contextualização espacial	39
3.2.1.3. A arquitetura da Catedral de Salvador.....	40
3.2.1.3. Considerações sobre a Catedral de Salvador	43
3.2.2. A Igreja do Colégio de Olinda	43
3.2.2.1. Contextualização histórica	43
3.2.2.2. Contextualização espacial	46
3.2.2.3. A arquitetura da Igreja do Colégio de Olinda.....	46
3.2.2.4. Considerações sobre a Igreja do Colégio de Olinda.....	50
3.2.3. Outros templos relevantes	50
3.2.3.1. A Igreja Matriz de Viçosa do Ceará	50
3.2.3.2. A Igreja de São José de Ribamar	53
3.2.3.3. Considerações sobre as igrejas matriz de Viçosa do Ceará e Aquiraz	56
3.3. Conclusões parciais a respeito da arquitetura jesuítica	57
4. O Real Hospício do Ceará	58
4.1. Contextualização histórica	58
4.2. Evidências do contexto social, material e arqueológico	68
4.3. O templo do Real Hospício do Ceará	74
4.4. Conclusões parciais a respeito do Real Hospício do Ceará	83
5. Análise do edifício da igreja do Real Hospício do Ceará	85
5.1. Procedimentos metodológicos	85
5.2. Contextualização espacial	88
5.2.1. Entorno	88
5.2.2. Contexto geológico	89
5.2.3. Planta baixa	91
5.2.4. Alçados norte e sul	92
5.2.5. Alçado leste.....	93
5.2.6. Alçado oeste	94
5.3. Levantamento fotogramétrico	94
5.4. Análise estratigráfica mural	95
5.4.1. Alçado norte	96
5.4.2. Alçado sul.....	99
5.4.3. Alçado leste.....	101
5.4.4. Alçado oeste	103
5.4.5. Superfície interior leste.....	105
5.4.6. Superfície interior oeste.....	107

5.5. Materiais	108
5.5.1. Tijolos cerâmicos	108
5.5.2. Blocos de arenito	110
5.5.3. Granitos	112
5.5.4. Argamassas	113
5.5.5. Conclusões parciais a respeito dos materiais.....	115
5.6. Resultados e interpretações	115
5.7. Conclusões parciais a respeito da análise do edifício.....	118
6. Proposta de reconstituição	120
7. Conclusões gerais.....	125
Fontes e Bibliografia	128
Fontes	128
Fontes iconográficas.....	128
Fontes impressas e digitais	129
Fontes manuscritas	129
Bibliografia	130
Anexos	135
Fichas estratigráficas.....	135
Alçado norte	135
Alçado sul.....	160
Alçado leste	175
Alçado oeste	185
Alçado da superfície interior leste	197
Alçado da superfície interior oeste	209
Diagramas estratigráficos.....	218
Figuras	225

Índice de Figuras

Figura 1 - Ruína da Igreja do Real Hospício do Ceará (interior).....	2
Figura 2 - Ruína da Igreja do Real Hospício do Ceará (alçado norte).....	2
Figura 3 - Fluxograma do procedimento metodológico geral.....	6
Figura 4 - Alçado do Mosteiro de Santo André de Rendufe.....	12
Figura 5 - Diagrama estratigráfico (Matriz de Harris) do alçado visto na figura 2.	12
Figura 6 - Sé Nova e Colégio de Coimbra.....	21
Figura 7 - Igreja de São Paulo e Colégio de Braga.....	21
Figura 8 - Igreja e Colégio do Espírito Santo, em Évora.....	21
Figura 9 - Perspectiva geral da região central de Lisboa, Igreja de São Roque e Praça do Comércio.	24
Figura 10 - Perspectiva aproximada da Igreja de São Roque e seu entorno.....	24
Figura 11 - Mapa topográfico do entorno da Igreja de São Roque (representada por um ponto azul).	24
Figura 12 - Plantas ideais das igrejas da Companhia de Jesus por Giovanni de Rosis.	25
Figura 13 - Interior e forro da Igreja de São Roque.....	26
Figura 14 - Planta da Igreja de São Roque.	27
Figura 15 - Fachada principal da Igreja de São Roque.....	28
Figura 16 - Torres da Igreja de São Roque.....	29
Figura 17 - Perspectiva geral de Évora e da Igreja do Espírito Santo.....	31
Figura 18 - Perspectiva aproximada da Igreja do Espírito Santo e seu entorno.	31
Figura 19 - Mapa topográfico de Évora (igreja representada por um ponto azul).	31
Figura 20 - Igreja do Espírito Santo de Évora.	33
Figura 21 - Interior da Galilé da Igreja do Espírito Santo.	33
Figura 22 - Torres campanárias da Igreja do Espírito Santo.....	34
Figura 23 - Planta da Igreja do Espírito Santo.....	35
Figura 24 - Interior da Igreja do Espírito Santo.....	35
Figura 25 - Interior da Igreja de São Roque.	36
Figura 26 - Interior da Igreja de São Francisco.....	36
Figura 27 - Igreja de São Francisco.....	36
Figura 28 - Igreja Il Gesù, em Roma.....	37
Figura 29 - Padrão arquitetônico interno jesuíta português.	38
Figura 30 - Situação da Catedral de Salvador e antigo Colégio de Jesus da Bahia.....	40
Figura 31 - Imagem de satélite em 45 graus da Catedral de Salvador.....	40
Figura 32 - Catedral de Salvador e antigo Colégio de Jesus da Bahia (2020).....	41

Figura 33 - Fotografia da Catedral de Salvador por Victor Front (1857).....	41
Figura 34 - Interior da Catedral Basílica Primacial de Salvador (2018).	42
Figura 35 - Planta da igreja e antigo Colégio de Jesus da Bahia.	42
Figura 36 - Igreja de N.S. da Graça, em Olinda, após incêndio.....	45
Figura 37 - View of the Jesuit Church at Olinda - Vista da Igreja Jesuíta em Olinda (1665).	45
Figura 38 - Localização e perfil de elevação da Igreja N.S. da Graça.....	46
Figura 39 - Fachada principal da Igreja de N.S. da Graça.	47
Figura 40 – Seminário e Igreja de Nossa Senhora da Graça: Olinda, PE.....	48
Figura 41 - Planta baixa da Igreja de N.S. da Graça, em Olinda-PE.....	48
Figura 42 - Interior da Igreja de Nossa Senhora da Graça.	49
Figura 43 - Igreja de N.S. da Graça e antigo Colégio de Jesus de Olinda.	49
Figura 44 - Ilustração das arcadas de sustentação da cobertura.	51
Figura 45 - Interior da Igreja de N.S. da Assunção de Viçosa do Ceará.	52
Figura 46 - Interior da capela-mor da Igreja de N.S. da Assunção de Viçosa do Ceará.	53
Figura 47 - Igreja de São José de Ribamar (2018).	54
Figura 48 - Desenho da Igreja de S.J. de Ribamar por Reis Carvalho (1859).	54
Figura 49 - Capela-mor da Igreja de São José de Ribamar (2018).	55
Figura 50 - Fachada traseira da Igreja de São José de Ribamar (2018).....	56
Figura 51 - Interior da Igreja de São José de Ribamar (2021).....	56
Figura 52 - Mapa de Fortaleza, Ceará, em 1730.....	62
Figura 53 - Ruína da Igreja Jesuíta de Nossa Senhora da Assunção.	66
Figura 54 - Casa do Capitão-Mor.....	73
Figura 55 - Igreja Paroquial de Sapardos, Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo.	75
Figura 56 - Capela de Nossa Senhora da Conceição, Sobral-CE.	75
Figura 57 - Capela de Nossa Senhora da Guia, Acari-RN.....	76
Figura 58 - Capela de Nossa Senhora da Conceição, Itans, Itapiúna-CE.....	76
Figura 59 - Comparativo entre edifícios religiosos construídos por Antônio Mendes da Cunha no Brasil.....	77
Figura 60 - Lado externo da fachada posterior.....	78
Figura 61 - Lado interno da fachada posterior.....	78
Figura 62 – Nicho externo.....	80
Figura 63 - Acesso lateral.....	81
Figura 64 - Rocha aparentemente de granito.....	82
Figura 65 - Rocha aparentemente de arenito.....	82
Figura 66 - Concha encrustada na argamassa agregadora.....	82
Figura 67 - Ficha Estratigráfica Mural utilizada.	87

Figura 68 - Entorno da igreja jesuíta do Real Hospício do Ceará.....	88
Figura 69 - Rodovia estadual, via de acesso e Rio Pacoti.	89
Figura 70 - Faixa litorânea.	89
Figura 71 - Setor do Mapa Geológico do Ceará (1:500.000).	90
Figura 72 - Legenda.	90
Figura 73 - Planta baixa.	91
Figura 74 - Alçados norte e sul.	92
Figura 75 - Alçado leste.....	93
Figura 76 - Alçado oeste.	94
Figura 77 - Modelo fotogramétrico (vista sudeste).	95
Figura 78 - Modelo fotogramétrico (vista noroeste).	95
Figura 79 - Mapa estratigráfico do alçado norte.	96
Figura 80 - Mapa estratigráfico do alçado sul.....	99
Figura 81 - Mapa estratigráfico do alçado leste.....	101
Figura 82 - Mapa estratigráfico do alçado oeste.	103
Figura 83 - Mapa estratigráfico do alçado da superfície interior leste.	105
Figura 84 - Mapa estratigráfico do alçado da superfície interior oeste.	107
Figura 85 - Representação estratigráfica de materiais.....	108
Figura 86 - Tijolo cerâmico com núcleo escurecido.	109
Figura 87 - Tijolos cerâmicos com núcleo escurecido.....	110
Figura 88 - Grãos claros misturados às argilas que compõem os tijolos.	110
Figura 89 - Bloco de arenito do edifício.	111
Figura 90 - Blocos de arenito com conchas.	112
Figura 91 - Mapa Geológico do Estado do Ceará.	112
Figura 92 - Bloco de granito observado no edifício.	113
Figura 93 - Argamassa A.....	114
Figura 94 - Argamassa B.....	114
Figura 95 - Argamassa C.	115
Figura 96 - Faixa de tijolos cerâmicos (representada em cor verde claro).	116
Figura 97 - Ilustração dos pórticos (em cor laranja) nos alçados leste (esq.) e oeste (dir.).	117
Figura 98 - Ilustração das janelas acima dos pórticos (ambos em cor laranja) nos alçados leste (esq.) e oeste (dir.).	117
Figura 99 - Ilustração indicando aspecto linear que evidencia demolição controlada.	118
Figura 100 - Escala de evidência histórico-arqueológica.	120
Figura 101 - Sobreposição de plantas dos templos de Aquiraz-CE e Acari-RN.....	121
Figura 102 - Sobreposição das plantas do edifício de Aquiraz-CE e da Capela de N.S. da	

Conceição, em Itapiúna-CE.	122
Figura 103 - Modelo tridimensional computadorizado. Perspectiva A.....	123
Figura 104 - Modelo tridimensional computadorizado. Perspectiva B.....	123
Figura 105 - Modelo tridimensional computadorizado. Perspectiva C.....	123

Lista de Siglas

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino

CE – Estado brasileiro do Ceará

CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

DEM – Diagrama Estratigráfico Mural

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEM – Mapa Estratigráfico Mural

PE – Estado brasileiro de Pernambuco

RN – Estado brasileiro do Rio Grande do Norte

UEM – Unidade Estratigráfica Mural

UEML – Unidade Estratigráfica Mural Leste

UEMN – Unidade Estratigráfica Mural Norte

UEMO – Unidade Estratigráfica Mural Oeste

UEMS – Unidade Estratigráfica Mural Sul

UEMSIL – Unidade Estratigráfica Mural da Superfície Interior Leste

UEMSIO – Unidade Estratigráfica Mural da Superfície Interior Oeste

Introdução

A Companhia de Jesus representou uma importante ferramenta no processo português de colonização de territórios pelo mundo. A serviço da igreja católica e da coroa portuguesa, os jesuítas foram encarregados de propagar a “Igreja Cristã no Novo Mundo”, parte importante neste processo. (HERNANDES, 2010, p. 224).

Em Aquiraz, Ceará, Brasil, pequena cidade a aproximadamente 30km da capital, Fortaleza, encontra-se hoje a ruína de uma igreja construída pelos “padres da companhia” no local.

Durante muito tempo houve na região disputas entre representantes influentes das populações de Fortaleza, onde à época apenas havia, além de uma pequena aldeia, uma fortaleza de madeira construída durante a ocupação holandesa, e de Aquiraz, que se tornaria, por ordem régia do Rei D. Pedro II de Portugal, em 1699, a Vila de São José de Ribamar. Fortaleza apenas seria elevada à condição de vila 26 anos depois. (FARIAS, 2012). Neste contexto espaço-temporal, Aquiraz desempenhava um papel de hegemonia política na região.

Evidências sugerem que havia nesta pequena Vila pessoas de razoável influência política e posses, o que, além do fato de localizar-se relativamente próximo à fortaleza, que por sua vez representaria proteção militar contra ataques indígenas, contribuiria para a instalação dos jesuítas na região. A presença de uma população de origem étnica majoritariamente europeia, apesar do caráter catequético jesuítico para com os índios, também seria um fator a contribuir com a instalação da Companhia de Jesus na vila, além de vantagens oferecidas aos jesuítas pela população local.

Portanto, seria ali instalado no início do século XVIII o Real Hospício do Ceará, cuja função era hospedar missionários e militares de passagem pelo local, servindo como ponto de apoio aos viajantes. Desta hospedaria já não se veem vestígios à superfície. Contudo, inserido neste conjunto de pelo menos duas edificações, havia a Igreja, por vezes referida como de Nossa Senhora da Assunção, e outras por Nossa Senhora do Bom Sucesso, que hoje encontra-se quase completamente demolida e arruinada, porém ainda existente.



Figura 1 - Ruína da Igreja do Real Hospício do Ceará (interior).
FONTE: Autor.



Figura 2 - Ruína da Igreja do Real Hospício do Ceará (alçado norte).
FONTE: Autor.

Problemática

Como entender os aspectos construtivos e arquitetônicos da ruína jesuítica situada na cidade de Aquiraz-CE, no Brasil, sua forma original, e suas relações com a herança arquitetônica jesuíta portuguesa de modo a contribuir com a conservação do patrimônio e a preservação da memória ligada à Companhia de Jesus no contexto da colonização do Ceará?

Justificativa

A ideia desta dissertação nasce a partir da monografia de licenciatura do autor, tratando-se esta de um plano de reabilitação para a área central histórica da cidade de Aquiraz, no estado brasileiro do Ceará. A mencionada cidade exibe um notório conjunto

histórico edificado nos séculos XVIII e XIX, sendo um destes edifícios a ruína de uma antiga igreja jesuíta, construída na primeira metade do século XVIII, pertencente a um antigo conjunto composto por, além da igreja, um hospício denominado à época Real Hospício do Ceará, do qual apenas se vê atualmente vestígios da dita igreja.

O cenário em torno da mencionada ruína envolve muitas incertezas, uma vez que há poucos vestígios materiais visíveis das edificações em questão e um limitado conjunto de evidências historiográficas que possam fundamentar qualquer afirmação a respeito do contexto e dos fatos históricos ocorridos no local. Considera-se também o questionável estado de conservação da igreja jesuíta de Aquiraz e as duvidosas técnicas utilizadas em reparações aplicadas à ruína.

Afirma-se que há, portanto, no âmbito da conservação e preservação do patrimônio histórico edificado da Companhia de Jesus no Ceará, e da preservação da memória histórica que documenta a passagem destes relevantes agentes colonizadores, sendo estes extremamente expressivos para a memória histórica do Brasil e de Portugal, uma grave negligência por parte da sociedade local no que diz respeito aos registros históricos dos jesuítas e seu patrimônio material construído.

Ademais, obtém-se de fontes orais, informações que evidenciam o possível fato de a mencionada ruína nunca ter experimentado qualquer tipo de prospecção ou estudo arqueológico. Observando-se o fato de que há evidências historiográficas extremamente relevantes da existência de outra, ou outras, edificações no local, e ainda de sepulturas, infere-se que há, portanto, a possibilidade de existência de vestígios arqueológicos não visíveis de edificações construídas pelos jesuítas no local.

Considera-se também que o patrimônio visível, que por sua vez resume-se à ruína da antiga igreja, apesar de ter boa parte de sua memória, levantada inteiramente a partir de pesquisas historiográficas, preservada, não há qualquer tipo de estudo no âmbito da arqueologia da arquitetura desta edificação, sendo esta, portanto, uma lacuna no conhecimento produzido acerca do legado material deixado pelos jesuítas no Brasil. Técnicas construtivas e materiais utilizados, local de extração da matéria prima, processo de evolução da edificação ao longo de sua vida e outros aspectos técnicos são até hoje dúvidas sobre as quais se pode obter pouca ou nenhuma resposta. Além disso, análises arqueológicas envolvendo as edificações jesuítas, sejam estas ruínas ou apenas vestígios do que um dia foram, permitem obter informações acerca de seus aspectos estéticos e arquitetônicos, também algo do qual se obtém pouca coisa além de muitas dúvidas.

Com o desenvolvimento de estudos arqueológicos e historiográficos acerca do edifício em questão, deve-se também explorar a sua relação com as edificações jesuítas construídas em outras partes do Brasil e em Portugal. Deste modo, cruzam-se informações a respeito de

aspectos construtivos e arquitetônicos, através da comparação entre o patrimônio construído nos dois países, e obtém-se assim um maior número de explicações a respeito do objeto de estudo.

Portanto, para que se preencham as lacunas aqui apontadas na memória histórica da Companhia de Jesus no Brasil, especificamente quando se aborda a igreja em ruínas de Aquiraz e o contexto que a envolve, são necessários estudos arqueológicos no sítio, e que se explore a relação de evidências materiais e historiográficas presentes no Brasil e em Portugal.

Objetivo geral

Desenvolver um estudo da arqueologia da arquitetura na ruína da igreja jesuíta de Aquiraz-CE, a fim de que se possam tomar conclusões acerca de aspectos construtivos e arquitetônicos, e compará-la com uma ou mais igrejas jesuítas em suas integridades materiais localizadas no Brasil e em Portugal, obtendo-se assim uma hipótese propondo o provável estado material original da edificação em ruínas.

Objetivos específicos

1. Desenvolver um estudo geral acerca da Companhia de Jesus e suas ações em Portugal e no Brasil.
2. Pesquisar casos de estudos da arqueologia da arquitetura em edificações religiosas.
3. Realizar uma análise, a partir de referências bibliográficas e levantamento fotográfico, sob os pontos de vista construtivo e arquitetônico de um ou mais edifícios jesuítas relevantes neste contexto em território português.
4. Realizar uma análise, seguindo os mesmos métodos definidos na anterior, de um ou mais edifícios jesuítas relevantes em território brasileiro.
5. Executar um estudo da arqueologia da arquitetura, bem como sob os aspectos arquitetônicos, da ruína jesuíta de Aquiraz-CE.
6. Produzir um modelo tridimensional virtual do edifício a partir de um levantamento fotogramétrico.
7. Comparar os resultados obtidos a partir das análises em ambos os territórios abordados e compilá-los junto a outras fontes informativas a fim de que se produza uma síntese capaz de solucionar a problemática em questão.
8. Elaborar um modelo computadorizado reconstituindo o objeto de estudo.

Procedimentos metodológicos

O trabalho iniciou-se a partir de um estudo geral acerca da Companhia de Jesus. Este se deu majoritariamente a partir de fontes secundárias confiáveis, visto que uma pesquisa

historiográfica fundamentada em fontes primárias é, por si só, demasiado custosa para um trabalho cujo objeto de estudo não é exatamente a Companhia de Jesus, e sim o seu legado arquitetónico.

Em seguida, ainda fundamentando-se em fontes primárias e secundárias, realizou-se uma seleção de, ao menos um estudo de caso, a fim de que se pudesse obter orientação teórica a respeito do processo de estudo da arqueologia da arquitetura, e deste conhecimento, aplicar o necessário à pesquisa em questão.

Posteriormente, desenvolveu-se a etapa de pesquisa realizada em território português, consistindo esta de uma análise construtiva e arquitetônica, aprofundando-se pouco no aspecto arqueológico, dadas as limitações de acesso aos templos, de um ou mais edifícios religiosos relevantes para a pesquisa, construídos pela Companhia de Jesus, através do levantamento de informações a partir de observações ao local e registros fotográficos, e da comparação destes dados com outros obtidos em fontes bibliográficas e também, neste caso, primárias, como cartas, plantas, mapas e outros documentos, determinando-se assim as soluções construtivas e arquitetônicas utilizadas em tais edifícios.

Um estudo semelhante ao anterior foi produzido também em um ou mais edifícios religiosos jesuítas existentes em território brasileiro, no entanto, outros edifícios religiosos não jesuítas relevantes foram abordados, através, também, de observações, registros fotográficos e fontes de ordem primária, secundária e terciária, de modo a identificar aspectos construtivos e arquitetônicos destes edifícios. Esta análise contemplou aspectos mais específicos devido à proximidade dos objetos em estudo ao contexto espaço-temporal da igreja de Aquiraz. Para tal, desenvolveu-se um procedimento metodológico a fim de que se pudesse produzir uma análise sistemática dos objetos a serem investigados.

Em resumo, o procedimento metodológico geral consiste em um estudo da arqueologia da arquitetura da edificação em ruínas, a partir do qual se pode desenvolver uma análise arquitetônica e construtiva, e no desenvolvimento de análises construtivo-arquitetônicas em outras edificações, localizando-se estas no Brasil e em Portugal, e, por conseguinte, na comparação dos resultados. De tal modo, com o suporte de fontes bibliográficas, é possível, por exemplo, a detecção de padrões construtivos utilizados pelos jesuítas e conclusões acerca dos mais variados aspectos. Abaixo observa-se um fluxograma genérico do procedimento metodológico geral.

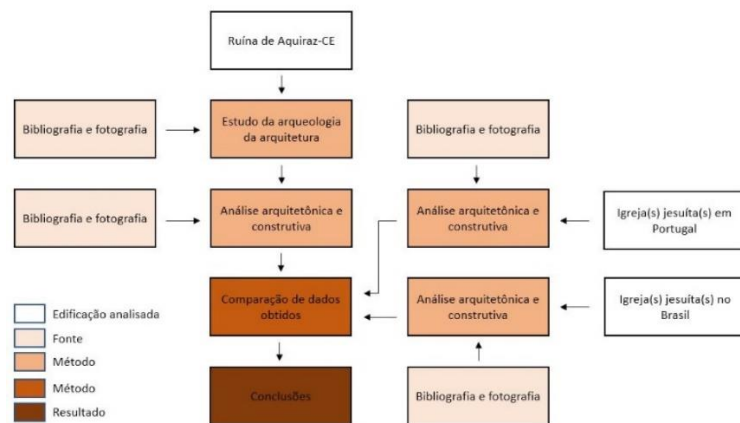


Figura 3 - Fluxograma do procedimento metodológico geral.¹
 FONTE: Elaborado pelo autor.

¹ As imagens ao longo do texto estão dispostas em tamanho reduzido. Em anexo, estão as mesmas imagens ampliadas.

1. Arqueologia da arquitetura

1.1. O conceito

Consolidada e aceite pela comunidade científica desde meados do século XX, a ciência cujo propósito se pode afirmar ser o de entender os contextos de vida, englobando-se, portanto, tradições, hábitos, comportamentos em sociedade e diversos outros aspectos relacionados à cultura humana através do legado material deixado pelas mulheres e homens do passado, não tem sua origem em tempos longínquos, e têm se tornado cada vez mais expressiva no mundo atual.

Evidências de primitivos hábitos de recuperar objetos antigos, muitas vezes soterrados, e cujo propósito limitava-se ao retorno financeiro, visto que a muitos destes objetos atribuía-se valor monetário, remontam ao período medieval, tratando-se esta prática, portanto, de uma simples forma de caça a tesouros, que eram extraídos do solo através da simples produção de buracos, algo que se pode definir como um tipo de escavação arbitrária, onde não se observa qualquer rigor metodológico. (HARRIS, 1989).

Já neste período há menções a coleções organizadas de objetos antigos, como a de D. Afonso de Portugal, do século XV, “constituída por materiais trazidos das suas andanças europeias, acrescidos de lápides e outras antiguidades romanas recolhidas no Alentejo”. (FABIÃO, 1989, p. 12). Porém, é apenas em meados do século XIX, que o hábito de colecionar objetos antigos, ou antiquarismo, se desenvolve, pioneiramente no Reino Unido, de forma sistematizada.

O antiquarismo tem alguns de seus primeiros relatos ainda no século XVIII, como de duas antiguidades encontradas ao acaso em uma zona alagada na Irlanda sem qualquer rigor científico metodológico, sendo descritas como nada além de uma descoberta acidental. (CARVER, 2009). Portanto, neste ponto, a prática existente mais próxima do que se conhece como arqueologia, resumia-se ao ato de colecionar antiguidades, fossem estas encontradas ao acaso, ou através de uma busca sem qualquer método sistematizado.

Para Ferdière (1998, apud RIBEIRO, 2001) a arqueologia no século XIX limitava-se à procura por relíquias, sendo o seu “objectivo as preciosidades e não os fragmentos de cerâmica ou os detalhes estratigráficos”.

Ao longo do século XIX, a simples prática da procura, escavação arbitrária e coleção de antiguidades sofreria grandes influências de campos cientificamente já consolidados, como a geologia, a paleontologia e a antropologia, herdando ideias no âmbito da cronologia, estratigrafia e até mesmo do evolucionismo. (CARVER, 2009).

Percebe-se, portanto, que tal como um ser vivo, a arqueologia enquanto ciência, além

de aplicar conceitos evolucionistas no âmbito investigativo, apresenta ela própria um processo de evolução consistente e orgânico, indo desde as simples coleções de antiguidades, até contextos de estudos mais organizados, sempre em interação com outras áreas do conhecimento humano.

Contudo, ainda durante o século XIX, surgem as primeiras abordagens sistematizadas no âmbito da escavação arqueológica, como os métodos adotados por Worsaae, que se resumiam a trincheiras através das quais se escavaria o solo, e Pitt-Rivers, que estabeleceria camadas artificiais a partir das quais o processo de escavação se orientaria, ignorando, portanto, a estratigrafia natural do solo. Porém, o conceito que viria a muito contribuir para a metodologia de escavação arqueológica durante o século XX seria proposto por A. E. van Giffen, que desenvolveria suas escavações a partir de trincheiras dispostas em quadrantes, complementando, portanto, os processos já existentes à esta altura. (HARRIS, 1989).

Ao longo da primeira metade do século XX, a metodologia de escavação arqueológica teria seus maiores avanços, em grande parte promovidos por Mortimer Wheeler, Kathleen Kenyon, Philip Barker e Edward Harris.

Wheeler e Kenyon, ao longo dos anos 1930, se apropriando de técnicas anteriormente propostas, como o método de quadrantes de Giffen, propunham algo não muito diferente, mas que viria a se consolidar como um dos principais conceitos no âmbito metodológico: o método das quadrículas. O sistema consiste na divisão do terreno em quadrículas de 5m x 5m dispostas ortogonalmente e separadas por caminhos ortogonais não escavados, através do qual se faria o transporte de materiais, e o próprio registro da estratigrafia natural do solo, deixado nas paredes resultantes das porções não escavadas do terreno. Contudo, o método Wheeler Kenyon de escavação por quadrículas, ainda não contemplaria a estratigrafia natural do solo, sendo, portanto, definidas cotas arbitrárias para a escavação destes módulos. (FRÉDÉRIC, 1980; LLORET, 1997; PELLETIER, 1985, apud TOMÉ, 2001-2002).

O método das quadrículas se consolidaria e seria largamente utilizado ao longo da primeira metade do século XX, contudo, este apenas respeitaria, de modo geral, a disposição de objetos encontrados no contexto vertical, negligenciando-se, portanto, o contexto horizontal e a própria estratigrafia natural do solo.

Por tal razão, Philip Barker viria a propor o método de escavação *open-area*, que se fundamentaria nas técnicas propostas por Wheeler e Kenyon, porém escavando-se toda a área, visto que os caminhos deixados poderiam conter evidências, e considerando-se algo que viria a se fixar em todos os campos da arqueologia atual e também esquecido pelos métodos anteriores: a estratigrafia natural.

A partir dos anos 1970, Edward Harris traria um novo olhar para a arqueologia nos âmbitos de escavação e registro deste processo. Para Harris (1989), ao ignorar-se a

estratigrafia natural do solo, quando há clara distinção de camadas, põe-se a perder informações relevantes para o processo de investigação.

Escavações arqueológicas, por vezes, são processos complexos e que envolvem muitas variáveis, fator que, além do processo de extração de materiais, pode representar um fator de dificuldade no processo como um todo. Portanto, faz-se tão importante quanto os métodos de escavação, a existência de métodos para o registro das informações ali obtidas.

Dado este argumento, é no âmbito do gerenciamento e registro de informações, que Edward Harris daria o seu maior contributo à arqueologia, desenvolvendo métodos inovadores nos âmbitos da condução e registro de escavações arqueológicas.

Assim como Barker, Harris propõe que as escavações sejam realizadas segundo os princípios do método *open-area*, contudo, emprega-se, além da escavação orientada a partir das camadas, ou estratos, naturais do solo, um sistema de identificação destes estratos, classificando-os por unidades estratigráficas. Já o registro destas informações se daria através da representação gráfica da distribuição estratigráfica do solo e de tudo o que é lá encontrado: a Matriz de Harris. (LLORET, 1999, apud RIBEIRO, 2001).

Através do método de representação do solo proposto por Edward Harris é possível documentar sistemática e graficamente, de forma semelhante a um fluxograma, o estado em que estava o solo no momento em que foi escavado.

Portanto, é apenas na segunda metade do século XX, que a arqueologia se centra na estratigrafia do sítio em investigação, e a utiliza como principal meio de obtenção de informações mais precisas e registros mais pormenorizados do contexto em questão.

A Arqueologia da Arquitetura, enquanto campo da arqueologia propriamente dita, é uma área muito recente e que vem se desenvolvendo intensamente nas últimas décadas. Concebido como uma forma de aplicar os métodos da arqueologia tradicional ao contexto arquitetônico, o conceito foi apresentado em meados de 1990 na Itália, onde se pode afirmar ser, ainda hoje, mais difundido, e vem se propagando pelo mundo ao longo destes anos. (QUIRÓS, 2002).

Contudo, estudos arqueológicos no contexto arquitetônico não são tão recentes, chegando a remontar a estudos do pós segunda guerra mundial e até mesmo ao renascimento italiano, sendo, portanto, novo de fato, apenas o termo. (MORRIS, 2000, apud QUIRÓS, 2002).

No entanto, a disciplina, assim como a arqueologia tradicional, vem, especialmente nas últimas três décadas, evoluindo de forma substancial. Herdando diversos conceitos da arqueologia, o estudo de pós construção de edifícios vem se tornando cada vez mais sistematizado. Porém, assim como em sua disciplina de origem, a arqueologia da arquitetura centra-se em um conceito essencial: a estratigrafia mural.

Assim como em um contexto arqueológico encontrado no subsolo, no qual normalmente se encontram camadas relacionadas a contextos distintos, o objeto arquitetônico se define por uma “acumulação estratigráfica de elementos”, e está, em essência, sujeito aos mesmos métodos utilizados em escavações tradicionais. (FONTES; MACHADO; CATALÃO, 2004, p. 173).

Alguns dos principais objetivos da metodologia arqueológica aplicada aos edifícios consistem no entendimento da evolução arquitetônica do objeto ao longo do tempo, na compreensão de sua composição espacial e no estudo dos materiais construtivos utilizados. Para tal, um dos principais métodos empregados é o da análise estratigráfica de alçados, ou análise estratigráfica mural. (SANTOS, 2015).

Para Luís Fontes (2010, p. 5), a “análise arqueológica de um edifício, ou arqueologia da arquitetura, é um método através do qual se diferenciam, ordenam e datam as diversas fases porque passaram os edifícios até atingirem o seu estado actual”.

O método consiste essencialmente em três fases: a pesquisa bibliográfica, através da qual se poderá formar um embasamento de informações acerca do edifício antes mesmo de qualquer intervenção, o registro do imóvel no estado em que se encontra, utilizando-se para tal fim de fotografias, desenhos, levantamentos arquitetônico e fotogramétrico, e quaisquer outras técnicas que permitam obter-se informações posteriormente, e por fim, a análise estratigráfica mural. (SANTOS, 2013).

A análise estratigráfica mural consiste basicamente na identificação de diversos elementos presentes nos alçados do edifício objeto da análise, atribuição de um nome ou número identificador de Unidade Estratigráfica Mural – UEM, e na descrição deste elemento, podendo ser de ordem arquitetônica, como portas e janelas, construtiva, como componentes estruturais, e ainda interfaces, como aberturas ou contextos mais abstratos. (CABALLERO ZOREDA; MAÑANA BORRAZÁS, apud SANTOS, 2015).

A partir destas informações, faz-se possível elaborar representações gráficas do edifício distinguindo-se todas as unidades estratigráficas ali presentes, o que pode tornar mais fácil, dado que estas são analisadas individualmente, o entendimento e interpretação da vida do edifício. Como complemento e método de registro pormenorizado de informações, a cada unidade estratigráfica se atribui uma ficha contendo elementos como descrição, relações temporais e físicas com outras unidades, cronologia, interpretação do contexto envolvendo-a e outros aspectos. Elabora-se ainda o diagrama estratigráfico dos alçados, também conhecido como Matriz de Harris, a partir do qual se pode representar sistematicamente as unidades estratigráficas e suas relações.

A análise, especificamente no que se refere ao registro de informações propriamente dito, pode ser ainda complementada com levantamentos fotogramétricos, a partir dos quais

se pode produzir modelos tridimensionais computadorizados volumetricamente proporcionais ao objeto real, podendo, portanto, serem posteriormente utilizados como fontes de informações nos âmbitos visuais e métricos.

1.2. O caso do Mosteiro de Santo André de Rendufe

Apresenta-se aqui como estudo de caso o relatório intitulado “Mosteiro de Santo André de Rendufe (Rendufe, Amares). Análise de Paramentos e Evolução Arquitectónica do Edificado. Estudo prévio”, produzido por Luís Fontes através da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, em 2001, e tendo como objeto de estudo o Mosteiro de Santo André de Rendufe, em Rendufe, Amares, Portugal.

De acordo com Sofia Catalão (2005, p. 14), o mosteiro, fundado no final do século XI, foi “uma das mais importantes abadias da reformada Congregação Beneditina do Reino de Portugal”, e permaneceu sem muitas intervenções até meados do século XVIII, quando foi quase completamente reconstruído. Contudo, no século seguinte, o imóvel entrou em processo de desuso e deterioração.

Como afirma Luís Fontes (2010), o relatório tem como objetivo principal “elaborar uma primeira interpretação de como se processou a construção do mosteiro de Santo André de Rendufe”, e “informar os diversos intervenientes no processo de restauro e valorização do mosteiro, relativamente à história construtiva do monumento”. Portanto, o processo de análise estratigráfica mural centra-se na vida construtiva do edifício, considerando o seu processo construtivo inicial, e todas as intervenções sofridas pelo imóvel ao longo do tempo.

Ainda de acordo com Luís Fontes (2010, p. 6), o processo metodológico de análise se definiu em três etapas, sendo estas:

- a) Documentou-se graficamente o monumento: planimetria e fotografia. Utilizaram-se os levantamentos à escala 1:200, fornecidos pelo IPPAR e realizados pela empresa “Da Escala Topografia e Desenho, Lda.”. Efectuou-se um levantamento fotográfico em diapositivos.
- b) Procedeu-se a uma observação directa dos paramentos, identificando e descrevendo, sobre os alçados, as diversas unidades construtivas, numeradas sequencialmente em cada corte. Por unidade construtiva entende-se o elemento construtivo ou parte de construção individualizável estratigraficamente das que a rodeiam.
- c) Analisaram-se as relações entre unidades construtivas, com base na identificação dos interfaces, definindo-se estes como linhas de contacto / separação entre unidades e que permitem estabelecer, entre si, relações de anterioridade / contemporaneidade / igualdade / posterioridade. Estas expressam-se recorrendo à seguinte simbologia: < anterior; <> contemporâneo; > posterior (exemplo: 1 anterior a 3 escrever-se-á “1<3”; 1 contemporâneo de 3, “1<>3”; e 1 posterior a 3, “1>3”).

- d) Definiram-se as estruturas, isto é, o conjunto de unidades construtivas e de interfaces pertencentes a um mesmo momento histórico e elaboraram-se os respectivos diagramas estratigráficos.
- e) Estabeleceram-se as correspondências estratigráficas e elaborou-se o diagrama da série estratigráfica final formada pelas estruturas – o edifício.

Neste caso, Luís Fontes utiliza um procedimento metodológico padrão e comumente adotado no âmbito da arqueologia da arquitetura, que como já observado, tem como produto final uma representação gráfica do edifício segundo seus estratos, normalmente diferenciados através de cores distintas e indicações gráficas (fig. 1), e um diagrama estratigráfico vinculado ao produto ilustrativo (fig. 2).



Figura 4 - Alçado do Mosteiro de Santo André de Rendufe.
FONTE: FONTES (2010).

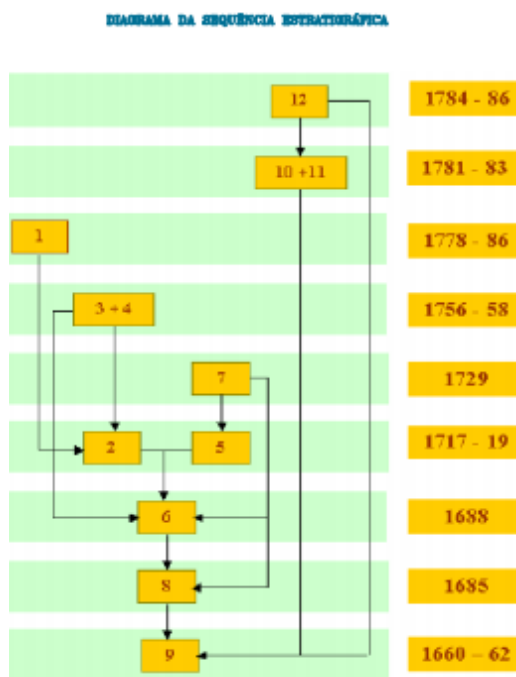


Figura 5 - Diagrama estratigráfico (Matriz de Harris) do alçado visto na figura 2.
FONTE: FONTES (2010).

2. A Companhia de Jesus

2.1. Contextualização histórica

A fundação da Companhia de Jesus gira em torno da figura de Inácio de Loiola. Nascido em 1491² no Castelo de Loiola, lar de sua nobre família, *Iñigo Lopez de Loyola*³, já durante a adolescência é influenciado pela família a perseguir carreira eclesiástica, no entanto, sua aspiração se resumia à carreira militar, vista à época como uma posição privilegiada. Ainda jovem, foi levado a cidade de Arévalo para ser criado por D. João Velázquez de Cuéllar, que solicitou ao seu estreito amigo, D. Beltrão de Loiola, um de seus filhos para que o pudesse criar. (RODRIGUES, 1931). De tal modo, D. João Velázquez disporia de um serviçal, ajudante, ou “pajem⁴”, e em troca ofereceria moradia e educação, construindo assim uma relação mútua de prestação de serviços. Porém, por influência de outros jovens, Inácio se deixa seduzir pelas “paixões da mocidade” e “desregramentos”. No entanto, o jovem conserva ainda os “sentimentos que inspirava a religião verdadeira”. (RODRIGUES, 1931, t.1, cap.1, p. 5). Neste ponto se observa um processo de translação entre a supostamente regrada vida de inspirações eclesiásticas experienciada na casa de D. João Velázquez e uma vida desregrada que tendia aos padrões observados no serviço militar. Inácio aspirava uma vida fora do arquétipo religioso, sem se desvencilhar completamente do mesmo.

Dado o fato da morte de D. João Velázquez, Inácio deixa Arévalo e alista-se no serviço militar de Navarra⁵, altura em que o território é invadido pelo exército de Francisco I, então rei da França, sob o comando de André de Foix. Ao perceberem sua desvantagem em um cenário de batalha, os cidadãos de Pamplona, cidade cujo acampamento do exército francês encontrava-se próximo, entregam-se ao domínio do inimigo. Inácio recusa entregar-se à rendição e refugia-se em uma fortaleza com alguns poucos soldados remanescentes. Após tentativas de negociação com André de Foix, Inácio e seus soldados voltam à fortaleza e inicia-se uma batalha onde o futuro fundador da Companhia de Jesus é gravemente ferido em sua perna direita, rende-se e é levado após alguns dias ao castelo de Loiola. (RODRIGUES,

² Cf. RODRIGUES, S. J. (1931, t.1, cap. 1, p. 3), não se sabe exatamente a data de nascimento de Inácio de Loiola.

³ Cf. O'MALLEY (1993, p. 29), Nascido *Iñigo Lopez de Loyola*, mais tarde se auto denomina Ignacio por acreditar que seu nome era uma variante incorreta da denominação adotada posteriormente. Na literatura existente, seu último nome encontra-se escrito em duas formas: Loyola ou Loiola.

⁴ Cf. MICHAELIS (2021), na “Idade Média, rapaz que acompanhava um príncipe, um fidalgo, uma dama, para prestar-lhes serviços e iniciar-se na carreira das armas”.

⁵ Cf. NAVARRA (2021), é um território situado ao norte da Espanha, na porção ocidental dos Pirineus, mantendo atualmente 163 quilômetros de fronteira com a França.

1931). À essa altura se consolida o fim da carreira militar de Inácio de Loiola. Devido ao grave ferimento, o nobre cavaleiro jamais voltaria a exercer tal função. Este é, portanto, um marco relevante para a sua vida e para a história da Companhia de Jesus.

Já em sua casa, gravemente ferido, Inácio enfrenta um doloroso processo de recuperação, chegando a receber os “sacramentos da hora extrema”, uma vez que julgava-se haver poucas chances de sobrevivência. Porém, Inácio experimenta uma inesperada melhora, atribuída por biógrafos à invocação dele a São Pedro, alcançando assim a cura de seu ferimento. (ASSUMPÇÃO, 1982). Esta é a primeira má experiência vivida por Inácio de Loiola envolvendo as consequências do ferimento ocorrido durante a batalha em Navarra. Haveria de se realizar ainda outra cirurgia em decorrência do ferimento.

Durante o período de recuperação, Inácio solicita livros de cavalaria como recurso de entretenimento, porém, por indisponibilidade, apenas obtém dois livros: *A Vida de Cristo* e *Florilégio*⁶, ambos de caráter religioso. (LEITE, 1938). Nesta altura se percebe o início de um contexto de transição comportamental em Inácio de Loiola, onde se começa a diluir o ímpeto pelo status de um cavaleiro, e a se compor o desejo pela missão religiosa. Observa-se a decisiva importância e influência dos mencionados livros em sua trajetória.

Como se observa no relato do Padre Luís Gonçalves da Câmara, Loiola (2005, p. 31) se questionava a partir da inspiração em São Francisco e São Domingos: “E se eu fizesse aquilo que fez S. Francisco e aquilo que fez S. Domingos?” e ainda “S. Domingos fez isto; também eu tenho que fazê-lo. S. Francisco fez isto; também eu tenho que fazê-lo”. Inácio vivia uma crise que circulava entre os hábitos desregrados de um cavaleiro e a vida de renegações imposta pela doutrina religiosa. Porém, ao fim de suas reflexões, decide optar pela vida religiosa.

Inácio decide peregrinar rumo a Jerusalém, e em fevereiro de 1522 segue viagem junto ao seu irmão e dois criados, dos quais se separa posteriormente, seguindo sozinho para a Catalunha. No caminho, adquire os itens que compõem a clássica indumentária jesuíta, e segue a Manresa. Em 1523 Inácio de Loiola deixa Manresa e vai a Barcelona, onde toma uma embarcação para a Itália, na região de Gaeta, de onde segue a pé para Roma. De lá segue para Veneza, onde, após dois meses, toma novamente uma embarcação, desta vez até Chipre, onde toma outra embarcação com destino a Jafa, atualmente parte da região metropolitana de Telavive, em Israel, de onde, finalmente, segue em um burro para Jerusalém. (RODRIGUES, 1931).

No entanto, após 20 dias, Inácio decide voltar à Itália, momento em que decide dedicar-

⁶ Assumpção (1982, p. 17) menciona apenas “*Flos Sanctorum*”. Já Rodrigues (1931, t. 1, cap.1, p. 9) menciona “*a Vida de Cristo de Ludolfo de Saxônia*” e “*Legenda Áurea de Jácome de Vorágine*”.

se a “estudar algum tempo, para poder ajudar as almas”, e em seguida destinar-se à Barcelona, onde inicia estudos em gramática, e posteriormente, em Alcalá, empenha-se a estudar “Termos de Soto”, “Física de Alberto” e o “Mestre das Sentenças”. Após situações de repressão devido à sua forma de trajar-se e à quebra da ordem social devido ao ensino da religião experimentadas em Alcalá e Salamanca, Inácio decide estudar em Paris. (LOIOLA, 2005, p. 73-97).

Já na universidade de Sorbonne, diante da revolução luterana, e do abrigo da mencionada instituição, que se posicionou contra as proposições de Lutero, Inácio decide juntar companheiros para empreender a sua missão em prol da conservação da estrutura católica existente. Lá conhece os primeiros integrantes do grupo que mais tarde protagonizaria a fundação da Companhia de Jesus, dentre os quais estavam Simão Rodrigues, Pedro Fabro e Francisco Xavier. (RODRIGUES, 1931). Neste meio tempo, o grupo concentrava-se na pregação da doutrina cristã, dos *Exercícios Espirituais* e no ensino de ciências.

Serafim Leite (1938, tomo I, livro I, capítulo I, p. 15) afirma que, “Escritos por Santo Inácio de Loiola, em Manresa, os *Exercícios Espirituais* são um pequeno livro, donde deriva toda a espiritualidade própria da Companhia de Jesus”. Sendo este, portanto, algum tipo de manual que orienta o processo de evangelização dos jesuítas.

Em meados de março de 1539, Inácio de Loiola reúne todo o grupo a fim de que se delibere sobre a possibilidade de compromisso com a igreja católica através de votos de obediência ao sumo pontífice. Ao longo dos dias seguintes, o grupo finalmente decide pela obediência ao Papa e sua igreja. Em 15 de abril, durante missa celebrada pelo padre Pedro Fabro, “declararam, depois de interrogados um a um pelo celebrante, que queriam formar todos unidos uma Religião, se assim aprouvesse a Deus e ao Sumo Pontífice, e prometiam nela entrar”. (RODRIGUES, 1931, t.1, cap.3, p. 97).

Rodrigues (1931, t.1, cap. 3, p. 97) transcreve o documento assinado por todos os integrantes iniciais da Companhia de Jesus durante a mencionada missa, marcando o que se pode considerar o início da Companhia de Jesus:

Eu, abaixo assinado, declaro na presença de Deus Onipotente, da Santíssima Virgem Maria e de toda a corte celestial, que depois de ter feito oração a Deus, e reflectido maduramente, por minha própria deliberação julguei ser mais conveniente para a glória de Deus e perpétua conservação da Companhia, que haja nela voto de obediência; e livremente me ofereço, bem que sem voto nem obrigação nenhuma, a entrar na mesma Companhia, se ela fôr aprovada por nosso Senhor o Papa. Em memória desta determinação, que reconheço por dom liberal da mão de Deus, com ela me aproximo, ainda que indigníssimo, da sagrada comunhão. Terça-feira, 15 de abril de 1539”.

Como aponta Rodrigues (1931, t.1, cap.3, p. 98), em reuniões posteriores, os primeiros jesuítas redigiram o esboço do Instituto da Companhia e Jesus, que estabelecia condições para entrada de novos integrantes. Dentre elas observa-se as seguintes:

Todos que entrassem na Companhia eram obrigados a fazer voto expresso de obediência ao Sumo Pontífice, pelo qual se ofereciam a ir em missão, por ordem sua, a qualquer parte do mundo, que fôsem terras de fiéis quer de infiéis. Cada membro da Companhia havia de ensinar cada ano aos meninos durante quarenta dias a doutrina cristã.

Oficialmente aos 27 de setembro de 1540, através da bula papal *Regimini Militantis Ecclesiae*, aprovada pelo Papa Paulo III⁷, a Companhia de Jesus é consagrada como uma ordem religiosa cujo propósito fundamental, ao menos a princípio, era servir a Deus e ao Papa, propagando a doutrina cristã pelo mundo⁸.

Como afirma Serafim Leite (1938, tomo I, livro I, capítulo I, p. 5, marcação nossa), a Fórmula do Instituto declarava que:

Qualquer que na nossa Companhia, que desejamos seja assinalada com o nome de Jesus, quiser militar como soldado de Deus, debaixo da bandeira da cruz, e servir ao único Senhor e ao Romano Pontífice, Vigário seu na terra, depois de fazer voto solene de castidade perpétua, assente consigo que é membro de uma Companhia, sobretudo fundada para, de um modo principal, **procurar o proveito das almas, na vida e doutrina cristã, propagar a fé, pela pública pregação e ministério da palavra de Deus, pelos exercícios espirituais e obras de caridade, e, nomeadamente, ensinar aos meninos e rudes as verdades do cristianismo**, e consolar espiritualmente os fiéis no tribunal da confissão; e trate de ter sempre diante dos olhos primeiro a Deus, depois o modo dêste seu Instituto, que é um como caminho para chegar a Ele, e de conseguir por tôdas as fôrças êste fim, que Deus lhe propôs, cada um, todavia, na medida da graça, que o Espírito Santo lhe comunicar, e no grau particular da sua vocação, não suceda que algum se deixe levar de um zêlo não regulado pela ciência.

Percebe-se, portanto, que a Companhia trazia como premissas básicas a propagação da doutrina cristã através da pregação pública e do ensino aos “meninos e rudes”. Em outras palavras, a ordem se comportava também como uma instituição educacional. A ação da Companhia de Jesus se dava, sobretudo, através do ensino de matérias como ciências, filosofia e da doutrina cristã, sendo, portanto, seus missionários, por norma, academicamente qualificados para tal função. Observa-se ainda que, sempre sujeita às ordens do sumo

⁷ Cf. LEITE (1938, t.1, cap. 1, p. 5).

⁸ Sugestão de leitura: MANSO, Maria. **História da Companhia de Jesus em Portugal**. Lisboa: Parsifal, 2016.

pontífice, a Companhia de Jesus trazia como um de suas principais finalidades, o cumprimento de missões em qualquer parte do mundo, sendo, portanto, o estabelecimento de colégios e igrejas as principais ferramentas de propagação da fé cristã utilizadas pela companhia.

Em 1539, ao saber do sucesso nas ações da Companhia de Jesus na Itália, almejando missionários para seu serviço na Índia, D. João III envia uma carta a D. Pedro Mascarenhas, embaixador português perante o Vaticano, expondo sua intenção de solicitar junto ao sumo pontífice, missionários inicianos. Com a aprovação de Inácio de Loyola e do Papa Paulo III, D. João III consegue dois jesuítas para a missão da Índia, sendo estes Simão Rodrigues e Francisco Xavier. Em Portugal, os missionários dariam seguimento à pregação e recrutariam mais pessoas para a missão no oriente, tendo sido estes muito bem acolhidos pela população de Lisboa e igualmente encantados pelos seus cidadãos. (RODRIGUES, 1931). Percebe-se, portanto, que já se forma, a esta altura, um corpo de missionários jesuítas em Portugal, sendo este o início da consolidação da Companhia de Jesus no território. A partir deste ponto, viriam as solicitações, junto ao rei, para a construção de colégios e igrejas, construindo, portanto, os jesuítas, raízes em território português, e uma forte e duradoura relação com a monarquia local.

D. João III de Portugal foi o primeiro monarca europeu a apoiar diretamente, portanto com recursos da fazenda real, a Companhia de Jesus, visto que a nova ordem religiosa seria uma ferramenta fundamental para a conquista de novos fiéis ao cristianismo, especialmente no Oriente, e combate ao protestantismo que avançava em território europeu. (MANSO, 2020, p. 265).

Em 9 de junho de 1542 Simão Rodrigues e outros onze missionários chegam a Coimbra, onde estabeleceriam, junto à Universidade de Coimbra, o Colégio de Jesus, primeira das edificações de ensino jesuíta em Portugal. Esta seria seguida de outros dois colégios: o de Lisboa e o de Évora. (ASSUMPÇÃO, 1982).

Considerando-se o estabelecimento de colégios uma ferramenta de dominação social, ou mesmo de colonização, ainda que dentro do território europeu, tal recurso tornava-se fundamental para o processo de colonização fora deste. Portanto, as missões da Companhia de Jesus, através da construção e operação das mencionadas instituições de ensino, tornaram-se parte essencial no processo de colonização de territórios no chamado além-mar, sendo um destes, o Brasil.

No ano de 1549, através da vontade de D. João III de colonizar o Brasil, utilizando-se da Companhia de Jesus, o Padre Manuel da Nóbrega, outros cinco missionários jesuítas e Tomé de Sousa, então governador geral do Brasil, são, a bordo de uma armada de aproximadamente oito embarcações, enviados à colônia para que lá pudessem propagar a fé

católica e sobretudo reforçar a ocupação do recém descoberto território. (LEITE, 1938). Neste novo território, a Companhia de Jesus construiria diversos colégios e igrejas, assim como fizera em outros locais dentro e fora da Europa, replicando, portanto, o seu *modus operandi*.

2.2. A estrutura da companhia

A Companhia de Jesus (*Societas Iesu*⁹), como já antes mencionado, é uma ordem religiosa¹⁰ subordinada à Igreja Católica Apostólica Romana, sob a figura de seu sumo pontífice, o papa, sendo seus missionários, portanto, como afirma Loiola (2006), praticantes de voto de obediência à figura suprema da igreja católica.

Definida pelo seu fundador, Inácio de Loyola, como uma ordem mendicante e monástica, a companhia era dividida “em seis estados”, sendo estes os “noviços”, os “irmãos temporais formados”, os “escolares aprovados”, os “coadjutores espirituais formados”, os “professores de três votos” e os “professores de quatro votos”. Dividindo-se ainda os noviços em “destinados ao sacerdócio”, “para os ofícios temporais” e “indiferentes”. (ASSUMPÇÃO, 1982, p. 50-51). Aqueles recém admitidos à companhia, os noviços, passariam, portanto, por períodos de provação, isto é, um espaço temporal em que iriam adquirir experiência, seja esta nos serviços da companhia ou em estudos formais, e assim evoluíam para o próximo estado na hierarquia jesuíta.

Contudo, a ordem não se apresentou como uma instituição mendicante ou monástica ao longo do tempo, visto que foi, ao menos em Portugal, diretamente financiada, na figura de D. João III, pela Coroa, e encontrava-se constantemente em missões cujo propósito centrava-se na “conversão dos infiéis” ao cristianismo. (MANSO, 2020, p. 265).

Como descreve Assumpção (1982, p. 51),

Os *irmãos temporais formados* ocupam a ordem como sacristães, porteiros, cozinheiros, etc.; o seu tempo de provação é fixado em dez anos; aos trinta e três são admitidos a votos públicos.

Os *escolares aprovados* são aqueles que, tendo terminado o tempo de noviços e pronunciado os votos simples da religião, continuam as suas provas, quer em estudos particulares, quer no ensino até proferirem os votos solenes.

Os *coadjutores espirituais formados* são empregados no governo dos colégios, nas pregações, no ensino, nas missões ou na administração: devem ter pelo menos trinta anos de idade e dez de votos simples de religião.

Os *professos de três votos* são admitidos à profissão solene por qualquer qualidade, mérito ou talento que os eleve acima dos coadjutores espirituais formados, com quem partilham os cargos.

Os *professos de quatro votos* formam o primeiro anel da hierarquia. O

⁹ Comumente referida por Companhia de Jesus, Sociedade de Jesus, Societas Iesu ou S.J.

¹⁰ Cf. MICHAELIS (2021), “instituição pertencente à Igreja católica em que só se fazem votos solenes”.

professo de quatro votos é o jesuíta completo, o jesuíta modelo, a maior das monstruosidades morais que se possa imaginar. Ele passou por todas as provas; pode entrar nas congregações em que pode eleger o geral; pode ser nomeado provincial, secretário-geral, assistente, geral!

Ronald Tavares (2019, p. 60) afirma que “de início, os aspirantes eram submetidos ao noviciado de dois anos, espécie de estágio probatório, no qual experimentavam uma vida de oração, baseada nos Exercícios Espirituais[...]”.

A atuação dos jesuítas, portanto, se fundamentava no livro dos *Exercícios Espirituais*. Escrito por Inácio de Loyola durante sua estadia em Manresa (Loiola, 2005), o mencionado livro é descrito por Paulo Hernandez (2008, p. 292) como um

método sistemático e rigoroso desenvolvido pelo mestre Ignácio de Loyola, idealizador da Companhia de Jesus, quando ele, justamente, irá se transformar em um guerreiro espiritual na luta contra os inimigos da Igreja Católica.

Paulo Hernandez (2008, p. 292) afirma ainda que os *Exercícios Espirituais* “são o embrião e estão na raiz da Companhia de Jesus, tanto na educação inicial dos jesuítas como no método de educação cristã para o povo”.

Para o próprio Inácio de Loyola (1999, p. 5),

Por este nome, exercícios espirituais, entende-se todo o modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e de outras operações espirituais conforme adiante se dirá. Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, da mesma maneira todo o modo de preparar e dispor a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas e, depois de tiradas, buscar e achar a vontade divina na disposição da sua vida para a salvação da alma, se chamam exercícios espirituais.

Entende-se, portanto, que os *Exercícios Espirituais* são um conjunto de orientações voltadas a orações e práticas religiosas, destinado tanto aos fiéis quanto aos próprios jesuítas, e regem toda a atuação da Companhia de Jesus. Sendo assim algum tipo de manual para a prática da espiritualidade.

Com sede em Roma, a Companhia de Jesus se dividia por território, de modo a obter-se um melhor desempenho nos locais onde atuava. Denominavam-se assistências, sendo estas, portanto, Portugal, Espanha, França, Itália e Alemanha. (BALDINI e FERNANDES, 1998).

2.3. Os colégios jesuítas

Visto que os jesuítas utilizavam a educação como ferramenta de propagação da doutrina religiosa católica, consideram-se importantes elementos neste processo as estruturas físicas utilizadas pela companhia para tal feito: os colégios.

Francisco Xavier, um dos fundadores da companhia, funda também, em 1543, o primeiro de seus colégios, em Goa, na Índia. No entanto, é somente em 1548 que Inácio de Loyola, principal fundador da Companhia de Jesus, implementa na cidade de Messina, na Itália, o primeiro colégio plenamente organizado da companhia. Oferecendo aulas de gramática, em 1549 o colégio já contava com mais de 200 alunos. Em novembro do ano seguinte, na cidade de Palermo, Itália, seria fundado o segundo colégio da Companhia de Jesus enquanto instituição organizada. Em 1551 entraria em atividade o Colégio de Roma, com aproximadamente 300 alunos. Em 1587 este colégio atingiria o número de aproximadamente dois mil estudantes matriculados. Este seria considerado um modelo a ser seguido. (FRANÇA, 1952).

Nesta altura já estava consolidada, com uma tipologia muito bem definida e como instituição oficial, a ideia dos Colégios da Companhia de Jesus, que se espalhariam por várias partes do mundo seguindo um padrão arquitetônico característico.

Como é de se observar como elemento padrão dos colégios jesuítas em Portugal, há sempre, agregado ao edifício que abriga o colégio propriamente dito, um templo, como são os casos da Sé Nova de Coimbra, da Igreja de São Paulo, em Braga e da Igreja do Espírito Santo, em Évora. Os jesuítas conseguiam sempre instalar seus colégios em espaços públicos como praças e ruas dispondo-os ao lado das fachadas de suas igrejas. (PATETTA, 2001).

Como exemplo, observam-se abaixo imagens ilustradas sugerindo, portanto sem rigor científico, o que seriam as instalações dos colégios e das igrejas. Em verde estão demarcados os colégios e em azul suas respectivas igrejas. É notória ainda a presença comum de um átrio maior e claustros menores nos colégios em Portugal.



Figura 6 - Sé Nova e Colégio de Coimbra.
FONTE: Google Earth (edição nossa).



Figura 7 - Igreja de São Paulo e Colégio de Braga.
FONTE: Google Earth (edição nossa).



Figura 8 - Igreja e Colégio do Espírito Santo, em Évora.
FOTO: Google Earth (edição nossa).

3. A Arquitetura Jesuítica

A fim de que se possa determinar elementos em comum entre diversos templos da Companhia de Jesus, normalmente conjugados aos colégios, e o objeto central desta dissertação, a pequena igreja arruinada de Aquiraz-CE, apresentam-se alguns dos mais relevantes templos da ordem, bem como seus aspectos históricos e arquitetônicos.

De modo a traçar um paralelo comparativo, evidenciando o processo de transição da arquitetura jesuítica desde Portugal até o Brasil, visto que, em resumo, as incursões jesuíticas na América portuguesa se deram sob a vontade de sua coroa¹¹, atribuindo, portanto, fortes relações entre os dois contextos arquitetônicos, foram escolhidas as igrejas de São Roque, em Lisboa, e do Espírito Santo, em Évora, visto que são estes os dois principais e mais antigos templos da Companhia de Jesus em Portugal. (LOBO, 2013).

Dado o fato de serem estes os primeiros templos jesuítas em Portugal, e considerando-se estes modelos para a construção dos primeiros edifícios religiosos da ordem no Brasil, apresenta-se em seguida a Catedral de Salvador, que traz as maiores semelhanças com os templos portugueses, o Colégio de Olinda, edifício quinhentista dos primeiros da Companhia de Jesus no Brasil e um dos poucos relativamente bem preservados (ainda que mal conservado), a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Viçosa do Ceará¹², local da primeira missão jesuítica no estado brasileiro do Ceará¹³, e a Igreja de São José de Ribamar, em Aquiraz-CE, que muito embora não seja jesuíta, localiza-se há poucas centenas de metros do objeto em estudo, apresentando, portanto, fortes relações históricas com a pequena e arruinada igreja. Tratam-se todos de edifícios com padrões arquitetônicos semelhantes aos observados no pequeno templo de Aquiraz-CE.

3.1. Em Portugal

3.1.1. A Igreja de São Roque de Lisboa

3.1.1.1. Contextualização histórica

A primeiras evidências de intenções de edificação da Igreja de São Roque se dão ainda em meados de 1553 e partem do próprio Inácio de Loyola, que pretendia estabelecer a Companhia de Jesus em Portugal. Isto se dá através da fundação da primeira Casa Professa

¹¹ Cf. LEITE (1938).

¹² Antiga Vila Viçosa Real. (STUDART, 2004, p. 229).

¹³ Cf. LEITE (1943, p. 73).

da Companhia de Jesus no lugar onde já existia a ermida de São Roque. Mais tarde esta viria a ser destruída para dar lugar ao templo que lá está até hoje. (RODRIGUES, 1931).

Para George Kubler (1972) não há um consenso histórico sobre o arquiteto responsável pela obra da Igreja lisboeta de São Roque, já que o autor se baseia em trechos de documentos onde dois profissionais são mencionados pelo rei. O autor afirma que esta seria uma solicitação direta do rei D. João III ao arquiteto Torralva, ou Afonso Álvares, que, segundo Rui Lobo (2013), seria o autor do projeto e supervisor de sua obra.

Sua construção inicia-se no ano de 1565, porém, tem seu rumo alterado devido a interferências de Dom Henrique, irmão de D. João III, e do próprio Afonso Álvares, fato que se observa também durante a construção da Igreja do Espírito Santo, em Évora. Contudo, sabe-se que já estava decidido o destino arquitetônico do templo, que seguiria o padrão denominado por Kubler como *box church*, ou seja, um edifício de nave única, assemelhando-se à volumetria de uma caixa. (KUBLER, 1972).

Dado o fato de que a instalação da Companhia de Jesus em Portugal era consequência da vontade do então Rei D. João III, percebe-se que as construções das Igrejas de São Roque, em Lisboa, e do Espírito Santo, em Évora, se deram em espaços de tempo muito próximos, o que permitiu a atuação de arquitetos e membros da elite social portuguesa nas duas obras.

Após anos em construção, o edifício estaria apto a receber o público em meados de 1573. No entanto, só voltaria à obra por volta de 1582, quando ganharia uma cobertura de madeira projetada pelo arquiteto Felipe Terzi, e em 1586, mudanças em sua fachada principal, assumindo, portanto, uma forma mais semelhante a atual. (KUBLER, 1972).

3.1.1.2. Contextualização espacial

A Igreja de São Roque está localizada na porção mais central de Lisboa, região que conserva grande parte dos edifícios mais antigos da cidade. Situada próximo às praças Dom Pedro IV, Figueira e Comércio, o edifício se insere numa Lisboa que ainda se pode interpretar como, no contexto urbanístico e arquitetônico, não muito diferente de alguns séculos atrás, dado o cenário de boa preservação e conservação de seu patrimônio edificado.



Figura 9 - Perspectiva geral da região central de Lisboa, Igreja de São Roque e Praça do Comércio.
FONTE: Google Earth.

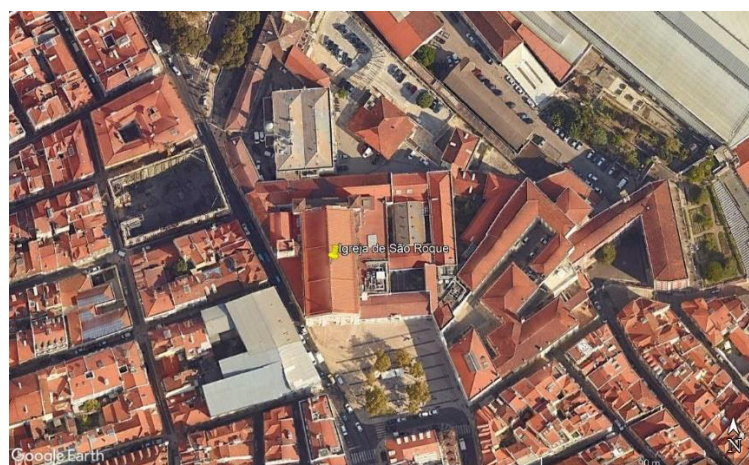


Figura 10 - Perspectiva aproximada da Igreja de São Roque e seu entorno.
FONTE: Google Earth.

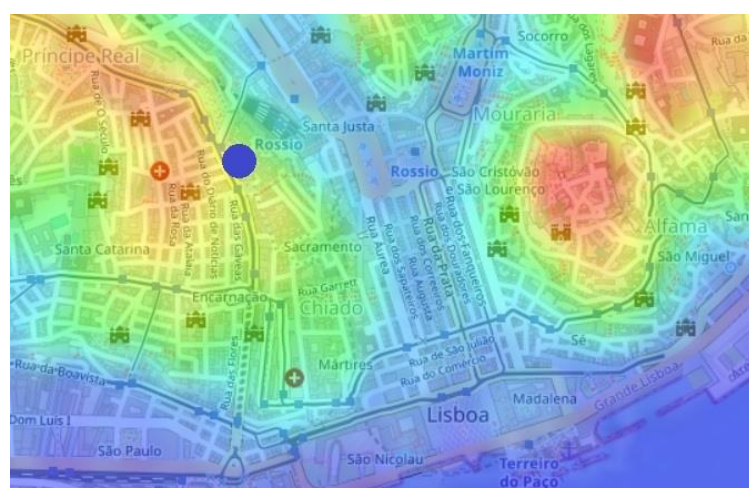


Figura 11 - Mapa topográfico do entorno da Igreja de São Roque (representada por um ponto azul).
FONTE: Topographic-map.com (adaptação nossa).

O contexto topográfico revela que a igreja se situa em uma das áreas mais elevadas

da região central de Lisboa. Segundo Francisco Rodrigues (1931, p. 631), chamava-se monte de São Roque.

3.1.1.3. A arquitetura da Igreja de São Roque de Lisboa

Luciano Patetta (2001, p. 393, marcação nossa) afirma:

Desde a 7ª Congregação Geral (1558), foram estabelecidas as características que deveriam ter as fábricas de nova construção: salubridade, simplicidade, economia. Modéstia e funcionalidade: “nec sumptuosa, nec curiosa”.

Modelada segundo os esquemas em uso pela Companhia, a série tipológica de plantas-modelo foi redigida por De Rosis, sobre pedido explícito de algumas Províncias, para simplificar e uniformizar as caracteres distributivos das novas fábricas para evitar os lamentáveis problemas técnicos e económicos presentes nos lugares das obras, derivados da inexperiência. As seis igrejas de dimensão média tinha instalações planimétricas com desenvolvimento longitudinal com **navada única e capelas laterais** – estava presente também o esquema de três navadas com capelas laterais e três absides terminais – que no interior do próprio esquema (planta elíptica com capelas laterais e átrio, planta com vão cêntrico com cúpula e átrio), quer na disposição e profundidade das capelas laterais, do ábside e do transepto.

Giovanni De Rosis teria, portanto, sido o idealizador do modelo fundamental de nave única com capelas laterais adotado pela Companhia de Jesus em seus templos. No entanto, estes seriam apenas modelos, tendo cada igreja suas particularidades e arquitetos específicos.

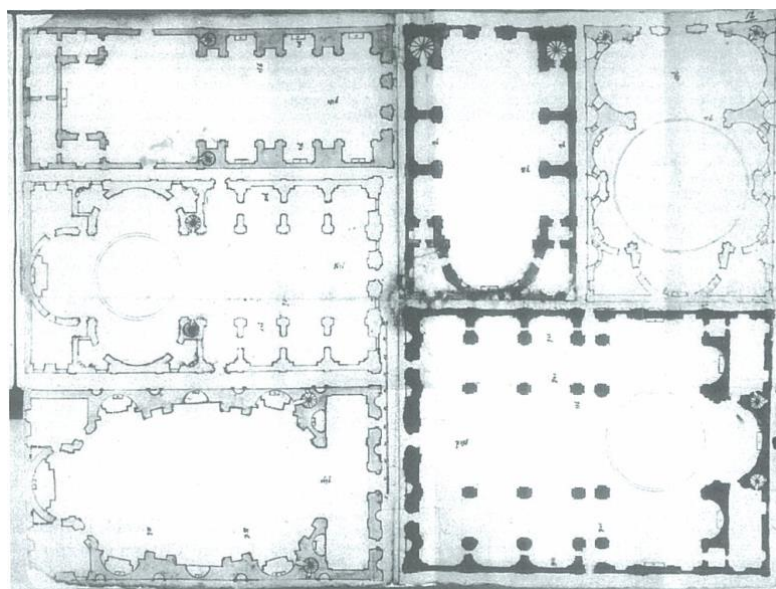


Figura 12 - Plantas ideais das igrejas da Companhia de Jesus por Giovanni de Rosis.
FONTE: PATETTA (2001).

Muito embora sua construção tenha se iniciado meses antes da própria *// Gesù*, em

Roma, igreja reconhecida como modelo arquitetônico para os templos da Companhia de Jesus, o padrão de plantas que seriam utilizados, tanto no templo em Roma quanto em Lisboa, já havia sido definido, e contemplava sempre, de modo geral, uma estrutura de uma só nave com transepto e capelas laterais interconectadas. (LOBO, 2013).

Como afirma George Kubler (1972), a nave da Igreja de São Roque é mais larga que a do Espírito Santo, em Évora, o que implica em um nível de rigor técnico superior. Projetada por Felipe Terzi, a cobertura em carvalho da Prússia (*prussian oak*) composta por doze treliças de aproximadamente 22 metros (72 pés) e um forro reto em madeira, diferente do que se observa na cobertura abobadada da Igreja do Espírito Santo, seria a primeira do tipo em Portugal.

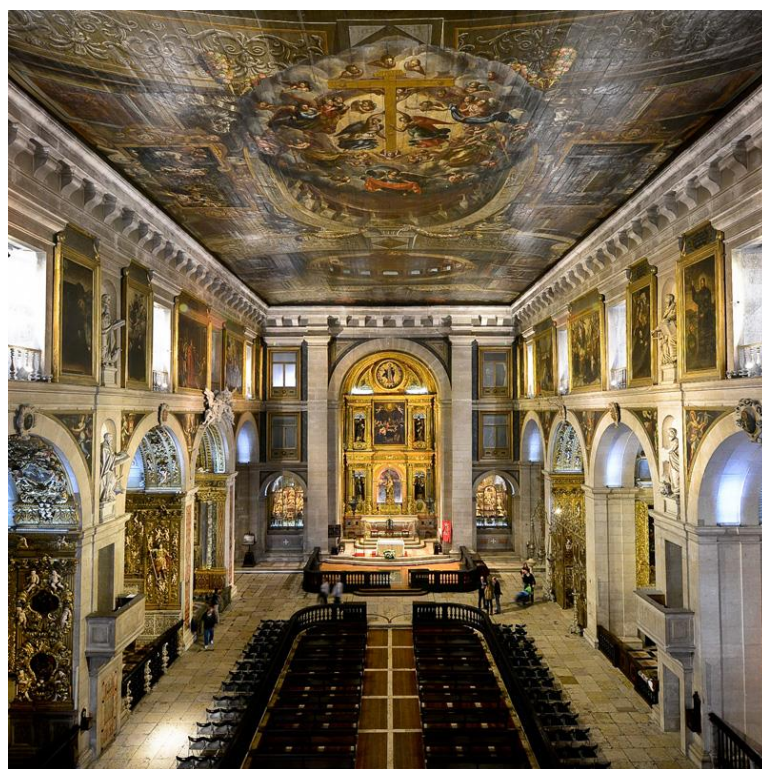


Figura 13 - Interior e forro da Igreja de São Roque.
FONTE: Museu de São Roque¹⁴.

¹⁴ Disponível em: <<https://mais.scml.pt/museu-saoroque/wp-content/uploads/sites/7/2018/08/teto.jpg>>. Acesso em set. 2020.

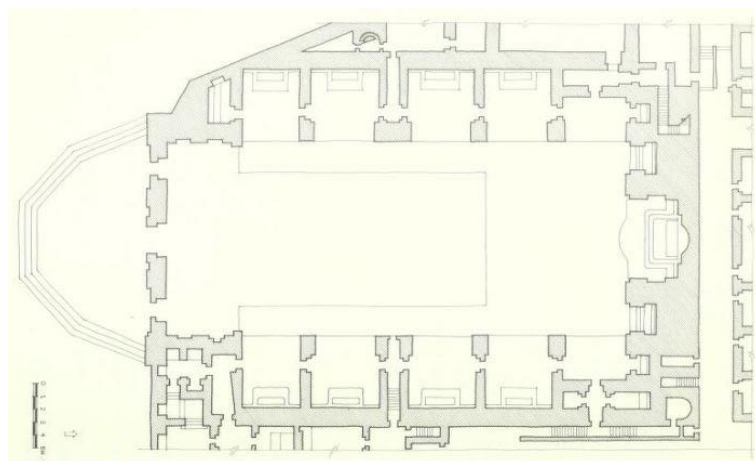


Figura 14 - Planta da Igreja de São Roque.
FONTE: Kubler (1972).

À semelhança de outras igrejas jesuítas portuguesas, e como se havia definido pelos envolvidos no processo de estabelecimento da Companhia de Jesus em Portugal, o edifício se dispõe em uma estrutura básica de nave única, oito capelas laterais interconectadas e mais duas menores juntas à capela-mor compondo o transepto do templo e sua aparente forma de cruz latina.

Uma característica notória nas primeiras igrejas jesuítas portuguesas, e, portanto, também na Igreja de São Roque, é a presença, sobre as capelas laterais, de tribunas que se apresentam sob a forma de esquadrias retangulares. Tal aspecto é também observado na Igreja do Espírito Santo, em Évora. Porém, segundo Gomes (2010), ao contrário de sua irmã eborense, as tribunas da Igreja de São Roque não dispõem de galerias, servindo basicamente para a entrada de luz à nave.

A fachada principal representa o conceito apresentado por Kubler de arquitetura chã, ou plana (*plain architecture*), visto que se configura como um conjunto de elementos simples, sem componentes estéticas complexas ou muito dispendiosas. Constituída principalmente por três panos verticais lisos, sem quaisquer elementos decorativos, o conjunto da fachada se completa com um frontão triangular principal onde se insere um óculo oval, também presente na Igreja do Espírito Santo, cinco janelas, duas das quais com frontões circulares, uma com frontão triangular e outras duas sem elementos estéticos, e três portas, sendo a principal dotada de um frontão triangular, e as duas secundárias, de frontões circulares.



Figura 15 - Fachada principal da Igreja de São Roque.
FONTE: LOBO (2013).

O edifício é composto ainda por uma torre sineira lateral “que resultou da transformação de uma torre pré-existente, da ermida manuelina de São Roque”, e duas torres anãs na parte traseira da igreja “que imitam a disposição das torres sineiras da Igreja do Espírito Santo de Évora”, contudo, estas apenas “albergam escadas de acesso à estrutura e ao forro superior do tecto da igreja”, dispondo, portanto, de três torres, elemento que se pode considerar atribuir carácter de unicidade ao templo. Observa-se as duas torres traseiras anãs e a torre sineira lateral na imagem abaixo. (LOBO, 2013, p. 236).

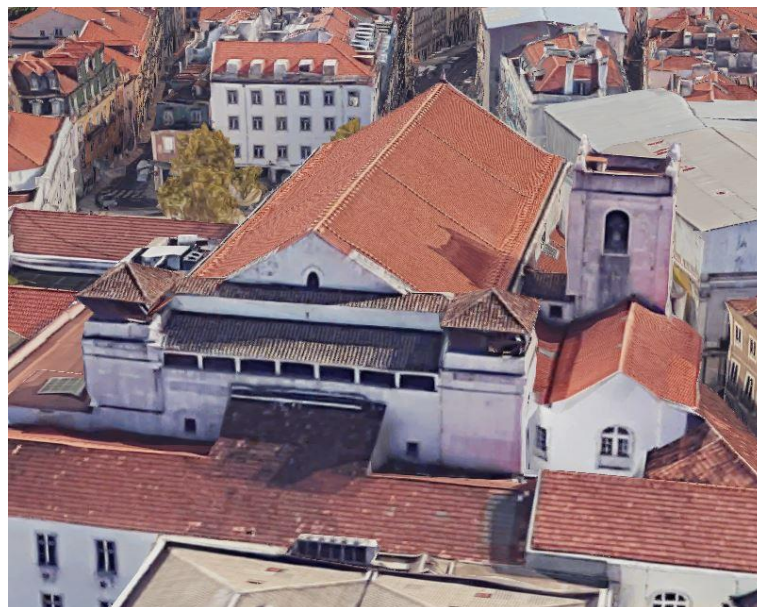


Figura 16 - Torres da Igreja de São Roque.
FONTE: Google Maps.

3.1.1.4. Considerações sobre a Igreja de São Roque de Lisboa

Construída em período contemporâneo à igreja // *Gesù*, em Roma, templo reconhecido como modelo arquitetônico da Companhia de Jesus no mundo, a Igreja de São Roque representa um novo paradigma para os templos jesuítas no contexto português, estendendo-se, portanto, ao império mundo afora. Vindo a ser uma relevante influência para a construção da Igreja do Espírito Santo, em Évora, este edifício consolidaria o padrão de igreja com planta retangular de nave única, com capelas laterais interconectadas localizadas abaixo de tribunas compostas por aberturas retangulares, e um sutil transepto formado pela capela-mor e mais duas laterais, além de um esquema com dois altares laterais em nichos com arcos de volta completa ao fundo juntos à capela principal, também com o mesmo tipo de arco, formando o que seria uma marca comum nos templos jesuítas pelo mundo. Tais elementos comporiam, portanto, o que se pode afirmar ser um padrão jesuíta português que tem como principal modelo, a Igreja de São Roque, em Lisboa.

3.1.2. A Igreja do Espírito Santo de Évora

3.1.2.1. O Colégio do Espírito Santo

Como parte integrada ao edifício do Colégio do Espírito Santo de Évora, a Igreja do Espírito Santo tem sua origem na construção do mencionado colégio, sendo este, portanto, fundamental para que se justifique a construção de uma igreja no local, pois, como já visto,

os edifícios colégio apresentam por padrão templos religiosos formando um conjunto arquitetônico monovolume.

Inspirado no sucesso do Colégio de Santo Antão, em Lisboa, o então cardeal D. Henrique aspirava algo semelhante para a cidade de Évora. No entanto, apesar da vontade de Inácio de Loiola para que se fundassem mais colégios em Portugal, não havia em Évora edifício adequado para a instalação de um colégio da companhia. Seria, portanto, necessária a construção de um novo edifício. Em 28 de agosto de 1553, operando com quatro classes de humanidades, seria inaugurado o Colégio do Espírito Santo. (RODRIGUES, 1931). No entanto, não seria ainda, à esta altura, construída a sua igreja, ocorrendo este fato apenas mais de uma década depois. Em 1559 o colégio seria elevado à categoria de Universidade, fundando-se assim a Universidade de Évora. (RODRIGUES, 1931).

3.1.2.2. Contextualização histórica

Também sob o controle do cardeal D. Henrique, iniciou-se em 1566 a construção da Igreja do Espírito Santo de Évora. (LOBO, 2014). Com construção a cargo do recentemente designado mestre de obras no Alentejo, Manuel Pires, a igreja teve sua inauguração no dia 22 de março de 1574. (KUBLER, 1972)

Ainda segundo George Kubler (1972), a igreja foi erigida com o propósito de, além de compor parte do edifício do colégio, atender às mulheres da cidade que eram proibidas de frequentar missas na capela, atual sala dos atos, do já existente edifício da universidade.

A igreja foi parcialmente baseada na, também localizada em Évora, Igreja de São Francisco. Elementos como a galilé sobre a entrada são visivelmente similares à igreja fonte de inspiração para os religiosos. (LOBO, 2014). Observa-se a estrutura na figura 18.

3.1.2.3. Contextualização espacial

A Igreja do Espírito Santo está localizada na porção nordeste da cidade de Évora, em Portugal, próxima a outros edifícios relevantes como a Catedral¹⁵ e o Templo Romano¹⁶. As imagens a seguir ilustram a situação espacial do edifício.

¹⁵ Construída no século XIII, a Catedral representa o centro original da cidade, localizando-se no ponto mais alto de Évora. (RODRIGUES, 2007).

¹⁶ Construído durante a ocupação romana em Évora, o templo teria sido dedicado a um imperador. (HAUSCHILD, 1991).



Figura 17 - Perspectiva geral de Évora e da Igreja do Espírito Santo.
FONTE: Google Earth.



Figura 18 - Perspectiva aproximada da Igreja do Espírito Santo e seu entorno.
FONTE: Google Earth.



Figura 19 - Mapa topográfico de Évora (igreja representada por um ponto azul).
FONTE: Topographic-map.com (adaptação do autor).

Como se observa nas imagens acima, além estar próximo a outros relevantes equipamentos voltados ao culto religioso, a igreja em estudo, assim como os templos mencionados, encontra-se na porção mais alta da cidade, representada pela mancha em vermelho no mapa. A igreja está representada por um ponto azul.

3.1.2.4. A arquitetura da Igreja do Espírito Santo de Évora

No caso da Igreja do Espírito Santo de Évora, é incerto o autor de seu projeto, porém, “por razões estilísticas, por ter sido o arquitecto da igreja de Lisboa e em função do falecimento de Torralva”, o arquiteto responsável teria sido Afonso Álvares. Contudo, a obra teria sido iniciada pelo mestre de obras Diogo de Torralva. Após sua morte, assumiria a obra em seu aspecto técnico, o mestre Manuel Pires, e em seguida, o próprio Afonso Álvares. (LOBO, 2014, p. 240).

Kubler (1972) afirma que Afonso Álvares estava também diretamente envolvido no processo de edificação da Igreja de São Roque, além do cardeal D. Henrique, que juntos, em 1567 decidiram pela utilização da planta de nave única, provável razão pela qual este modelo também seria utilizado na Igreja do Espírito Santo.

Porém, apesar do que afirma Patetta (2001) a respeito dos modelos padronizados de plantas arquitetônicas, Kubler (1972) afirma que a forma através da qual a igreja expressa aspirações arquitetônicas portuguesas e práticas tradicionais do Alentejo fazem improvável a possibilidade de seu projeto ter sofrido grandes intervenções de Roma.

Portanto, entende-se que, visto que se tratava a Companhia de Jesus na assistência de Portugal de uma instituição subordinada à sua sede em Roma, e portanto, tinha seus projetos sujeitos à aprovação na capital italiana, havia também uma certa autonomia por parte dos arquitetos locais, tornando possível a expressão de elementos regionais no produto edificado.

Patetta (2001, p.392), ao afirmar que a Companhia possuía arquitetos próprios, mas era aberta à colaboração com profissionais externos, aponta que:

“não é verdade, como foi dito que estes architectos tenham devido sujeitar-se plenamente às vontades dos Geraes da Ordem e do Consiliarius aedificiorum. Os mesmos puderam trabalhar com plena liberdade de expressão, tal como demonstra a diversidade entre as suas obras e aquelas dos architectos “internos”.



Figura 20 - Igreja do Espírito Santo de Évora.
FONTE: Autor.

O primeiro elemento arquitetônico a se observar na Igreja do Espírito Santo é a galilé da fachada principal. Como já mencionado, inspirada e muito semelhante à da Igreja de São Francisco, em Évora, a estrutura se compõe com cinco arcos de volta inteira frontais e dois laterais. No teto observa-se cinco abóbadas em cruzaria, visíveis na figura 19.

Em porção interna à galilé, a fachada exhibe três portadas planas em cantaria, também visíveis na figura 19, separados por pilastras, também em cantaria, com aberturas retangulares sobre eles.

Já acima da galilé está o frontispício, que muito pouco se assemelha ao da Igreja de São Francisco. Apresentando um grande óculo abaixo de um frontão, sua elevação frontal conta com três panos interconectados por pilastras em cantaria e duas aletas que, além do frontão, a fazem assemelhar-se externamente com a igreja de Il Gesù, em Roma, como se observa na figura 26.

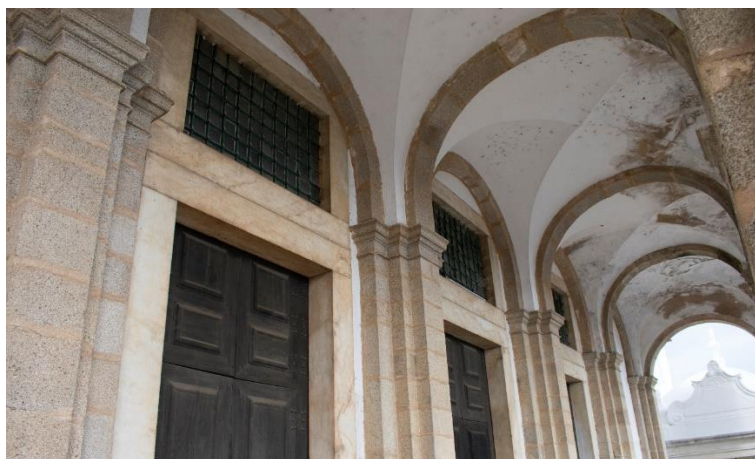


Figura 21 - Interior da Galilé da Igreja do Espírito Santo.
FONTE: Autor.

Ainda na parte externa, a Igreja do Espírito Santo apresenta outro importante elemento

arquitetônico: duas torres campanárias aos fundos do edifício. Estas se encontram junto a um frontão semelhante ao do frontispício.



Figura 22 - Torres campanárias da Igreja do Espírito Santo.
FONTE: Autor.

O interior da igreja traz grandes semelhanças, tanto com a Igreja de São Francisco, em Évora, quanto com a Igreja de São Roque, em Lisboa. É, a princípio, composto por uma planta retangular de nave única. No entanto, George Kubler (1972) cita três naves, que seriam a principal, e duas outras compondo um transepto próximo ao altar. Já Rui Lobo (2014) menciona apenas uma nave, sendo as que comporiam o transepto apenas capelas maiores.

Apresentando um esquema com seis¹⁷ capelas laterais interligadas em cada lado, que Rui Lobo (2014) afirma ser copiado da Igreja de São Francisco, mas que também é claramente visível em São Roque, em Lisboa, a igreja se mostra seguindo um padrão consolidado pela arquitetura da Companhia de Jesus. As capelas exibem pórticos em arco de volta completa em cantaria, assim como o da capela-mor, que por sua vez encontra-se abaixo de outro óculo aparentemente alinhado ao da fachada principal, e dois outros nichos menores, abrigando os altares laterais, ao fundo da igreja.

Há ainda outro elemento arquitetônico comum na arquitetura jesuíta portuguesa: aberturas retangulares posicionadas acima dos pórticos das capelas laterais. Assim como se observa na Igreja de São Roque, a estas aberturas se atribui a função de tribunas, sendo estas, no caso de Évora, acessíveis através de galerias internas.

¹⁷ Considera-se as duas naves menores como capelas, sendo a igreja, portanto, de nave única.

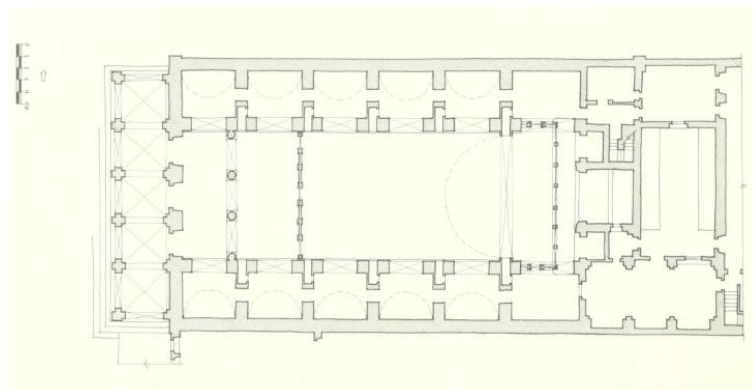


Figura 23 - Planta da Igreja do Espírito Santo.
FONTE: Kubler (1972).

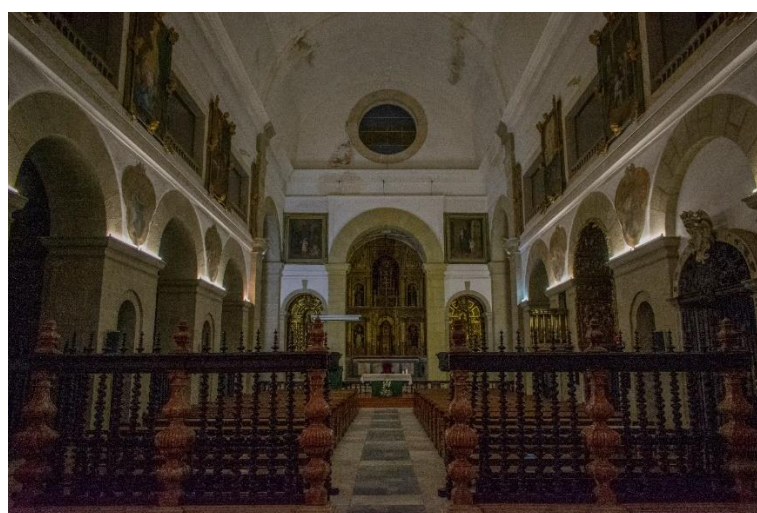


Figura 24 - Interior da Igreja do Espírito Santo.
FONTE: Autor.

Segundo Rui Lobo (2014, p. 241), a nave da igreja é 6,6 metros menos larga que a de São Roque, implicando em uma diferente técnica de cobertura. O autor afirma que esta se constitui por uma “abóboda de tijolo em meia cana, estucada, em lugar do tecto plano de madeira da igreja lisbonense”, tendo uma forma “mais alongada e “tubular”” ao comparar-se com a igreja de Lisboa.

Abaixo, para efeito de comparação, observam-se imagens do interior da Igreja de São Roque, da Igreja de São Francisco, e do frontispício da igreja de *Il Gesù*, em Roma, sendo as três consideradas fontes de inspiração estética e arquitetônica para a Igreja do Espírito Santo.



Figura 25 - Interior da Igreja de São Roque.
FONTE: Câmara Municipal de Lisboa¹⁸.



Figura 26 - Interior da Igreja de São Francisco.
FONTE: Autor.



Figura 27 - Igreja de São Francisco.
FONTE: Autor.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/igreja-de-sao-roque>>. Acesso em nov. 2019.



Figura 28 - Igreja Il Gesù, em Roma.
FONTE: Chiesa del Gesù¹⁹.

3.1.2.5. Considerações sobre a Igreja do Espírito Santo de Évora

Definida por Kubler (1972), como de arquitetura plana, ou chã, a Igreja do Espírito Santo de Évora apresenta características de simplicidade e economia. Como apontado por Patetta (2001, p. 393) “*nec sumptuosa, nec curiosa*”. Observa-se claras inspirações nos modelos propostos por Giovanni de Rosis, que em planta, já se assemelham a então já erigida Igreja de São Francisco, em Évora, que por sua vez também pôde fornecer elementos arquitetônicos para a igreja dos jesuítas.

Além dessas, a Igreja de São Roque, por já pertencer à Companhia, e através do desejo do então cardeal D. Henrique, também foi fonte de inspiração para o padrão arquitetônico interno do edifício. Esta por sua vez teria sofrido influência dos modelos propostos em Roma.

Ao comparar-se as três, São Francisco, São Roque e Espírito Santo, observa-se um claro esquema típico da Companhia de Jesus que viria a ser replicado em diversos outros templos em Portugal e suas colônias.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.chiesadelgesu.org/la-chiesa/>>. Acesso em nov. 2019.

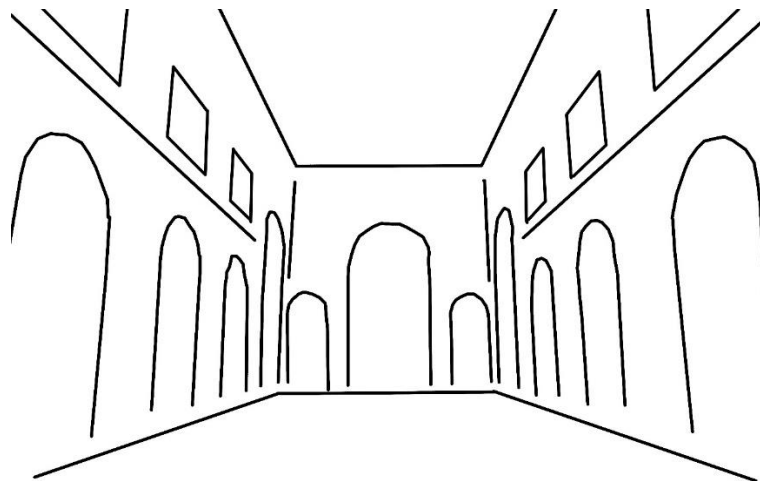


Figura 29 - Padrão arquitetônico interno jesuíta português.
 FONTE: Elaborado pelo autor.

O fato de o cardeal D. Henrique e o arquiteto Afonso Álvares estarem diretamente envolvidos no processo de edificação das igrejas de São Roque e do Espírito Santo é uma evidência que reforça a justificativa para as suas semelhanças, pois estas seguiriam o padrão determinado pelas personalidades mencionadas, em especial, D. Henrique.

Em resumo, através dos modelos propostos em Roma e da autoridade do cardeal D. Henrique, as Igrejas de São Roque e do Espírito Santo, as primeiras jesuítas em Portugal, consolidam o formato interno típico de nave única com capelas laterais interconectadas e o esquema de nichos ao fundo que seria adotado pela Companhia de Jesus na assistência de Portugal, constituindo o mais característico elemento arquitetônico desses edifícios.

3.2. No Brasil

3.2.1. A Catedral Basílica Primacial de São Salvador

3.2.1.1. Contextualização histórica

Dada a já consolidada vontade do rei D. João III, durante o decorrer da primeira metade do século XVI, de expandir o império ao além-mar, e de para tal se utilizar da Companhia de Jesus como ferramenta de colonização, fez-se, portanto, necessário, o envio de missionários religiosos aos territórios em questão, sendo o foco, a princípio, o continente asiático, importando “à Coroa portuguesa renovar e aumentar o número de cristãos no Oriente, onde se centravam os interesses comerciais”. (MANSO, 2020, p. 265).

Contudo, visto que para a conquista de um território faz-se fundamental a sua

ocupação, D. João III evidencia muito interesse também no envio de religiosos à América do Sul, sendo a região da Baía de Todos os Santos, atual território do estado da Bahia, no Brasil, o início da ocupação jesuítica nesta terra. Portanto, em fevereiro de 1549, a bordo de uma armada de três naus, o jesuíta Manuel da Nóbrega, outros cinco missionários, Tomé de Sousa, governador geral do Brasil, e suas tripulações, partem rumo à atual cidade de Salvador. (LEITE, 1938).

A primeira igreja jesuíta construída no Brasil se fez a partir do trabalho dos próprios missionários, incluindo o Padre Manuel da Nóbrega e o Governador Geral Tomé de Sousa, que “levava aos ombros caibros e madeiras para as casas e muros da cidade”. Em taipa e coberta de palha, chamou-se a igreja de Nossa Senhora da Ajuda. Contudo, esta seria seguida de diversos outros pequenos templos, muitos em taipa, ao longo dos anos. Porém, devido a precariedade e pouca durabilidade dos edifícios deste tipo, Mem de Sá resolve “à sua custa”, edificar uma igreja em pedra e cal, servindo como um importante edifício para a Companhia de Jesus até a construção, iniciada ainda no século XVII e seguida de diversas remodelações ao longo dos dois séculos seguintes, do Colégio de Jesus da Bahia e seu templo, a atual Catedral Basílica de Salvador. (LEITE, 1938, p. 22).

3.2.1.2. Contextualização espacial

A Catedral Basílica Primacial de Salvador localiza-se em frente ao Terreiro de Jesus, praça na cidade de Salvador que seria o local escolhido para a implantação do primeiro colégio jesuíta da cidade, e que, por tal razão, teria este nome. Ainda hoje denomina-se a praça por este nome. (LEITE, 1938).

O templo encontra-se, como normalmente se observa em contextos jesuíticos, contíguo ao edifício do antigo Colégio de Jesus da Bahia, “que foi o mais importante núcleo de educação do período colonial, funcionando com Cursos de Primeiras Letras, Humanidades, Filosofia e Teologia”. Contudo, o “crescimento das atividades educativas fez com que a remodelação do edifício do colégio e da igreja ocorressem no decorrer do tempo, sofrendo vários processos de embelezamento”. (ASSUNÇÃO, 2019, p. 344). Portanto, evidencia-se que o edifício da igreja, bem como as restantes estruturas que compunham o colégio, não se veem hoje em suas formas originais. Porém, é possível inferir-se muito através de seus elementos arquitetônicos mais básicos, que provavelmente não foram profundamente modificados desde o século XVI, sendo certamente um elemento inalterado, a sua localização.



Figura 30 - Situação da Catedral de Salvador e antigo Colégio de Jesus da Bahia.
FONTE: Google Earth.

Observa-se na figura 28 a situação da Catedral de Salvador, indicada pela seta vermelha, contígua ao edifício do antigo Colégio de Jesus da Bahia, e muito próxima ao atual porto da cidade, distando aproximadamente, em linha reta, 410 metros do mar. Vê-se ainda o seu perfil de elevação, correspondente à linha amarela no mapa, indicando localizar-se, aos 48 metros de altitude, em uma colina. Na figura 29 é possível observar a inclinação do terreno em que se encontra o edifício.



Figura 31 - Imagem de satélite em 45 graus da Catedral de Salvador.
FONTE: Google Maps.

3.2.1.3. A arquitetura da Catedral de Salvador

Do ponto de vista arquitetônico, é possível afirmar que a fachada principal da Catedral de Salvador assemelha-se à Igreja de Jesus (*// Gesù*), em Roma, visto se tratar esta, como já mencionado, de uma referência estética e arquitetônica para os templos da Companhia de Jesus. Dispondo de elementos da arquitetura clássica, como frontões triangulares e colunas que separam em cinco panos verticais a fachada principal, o edifício segue a padronização geral dos templos jesuíticos da época. Observa-se ainda no topo do frontispício uma estrutura composta por duas volutas (como *// Gesù*), um frontão triangular principal e três janelas retangulares ao centro, de modo a funcionar como um óculo, diferindo-se, contudo, dos

tradicionais em formato oval ou circular. Porém, apesar do padrão estético-arquitetônico plano observado nos templos jesuítas em Portugal, esta, muito embora não se possa considerar muito ornamentada, apresenta uma fachada principal, construída em cantaria, mais imponente e decorada que as suas predecessoras. Vê-se a preservação da fachada desde 1857 até 2020 nas figuras 30 e 31.



Figura 32 - Catedral de Salvador e antigo Colégio de Jesus da Bahia (2020).
FONTE: Google Street View.



Figura 33 - Fotografia da Catedral de Salvador por Victor Front (1857).
FONTE: ASSUNÇÃO (2019).

Um grande elemento de distinção entre esta fachada e as das igrejas de São Roque, em Lisboa, e do Espírito Santo, em Évora, é localização das torres sineiras, que em suas semelhantes portuguesas se encontra aos fundos do edifício, e nesta, junto ao frontispício.

Contudo, os traços mais fortes que a definem como um templo jesuítico se encontram em seu interior, especificamente em elementos como a sua planta, estrutura de capelas e outros aspectos estéticos.



Figura 34 - Interior da Catedral Basílica Primacial de Salvador (2018).
 FONTE: IPHAN²⁰.

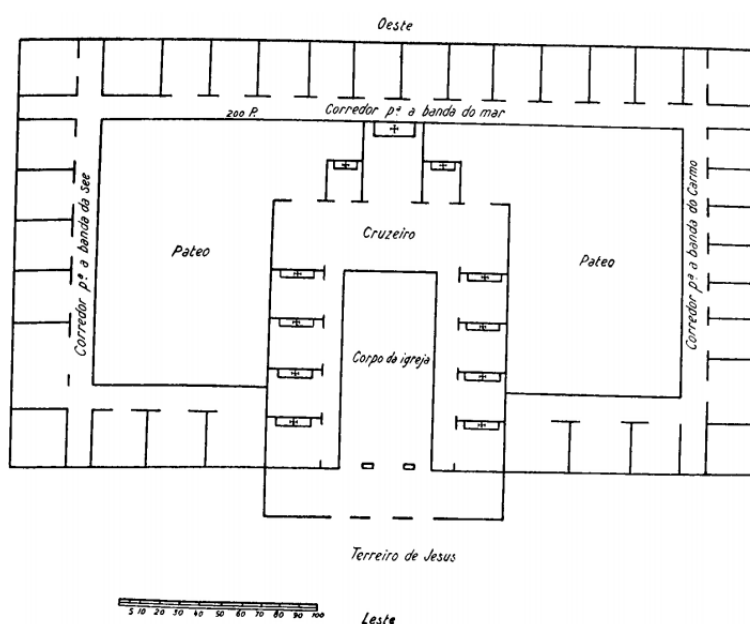


Figura 35 - Planta da igreja e antigo Colégio de Jesus da Bahia.
 FONTE: LEITE (1938).

São visíveis na figura 32 as semelhanças entre a Catedral de Salvador e as Igrejas de São Roque, em Lisboa, e do Espírito Santo, em Évora, apresentando a última mais profundas relações de similaridade com o templo baiano.

O primeiro aspecto de semelhança é o formato do salão, definido por George Kubler como *box church*, visto tratar-se de um templo de nave única. Além deste elemento, evidencia-se também a existência das capelas laterais (visível na figura 33), sendo estas, assim como em São Roque e Espírito Santo, interconectadas, e encimadas por tribunas com aberturas retangulares.

²⁰ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4815/catedral-basilica-de-salvador-ba-reabre-suas-portas-revelando-tesouros-da-historia-do-brasil>>. Acesso em: fev. 2021.

Outro elemento muito característico é a formação de capelas e nichos ao fundo do edifício, compondo-se por uma capela-mor junto a dois altares laterais e duas capelas laterais maiores que acabam por formar um transepto. Tal formato é basicamente idêntico ao padrão visível na figura 27, e se repete em diversos templos ligados à Companhia de Jesus em território português. Há ainda, à semelhança da Igreja do Espírito Santo, o teto abobadado.

Contudo, vê-se que o seu interior ostentando cantaria e grandes quantidades de ouro a posiciona, apesar de construída aproximadamente um século depois de suas antecessoras portuguesas, em um patamar de maior riqueza, destoando-se do padrão plano e modesto até então adotado pelos jesuítas.

3.2.1.3. Considerações sobre a Catedral de Salvador

Ao analisar-se as estruturas estéticas e arquitetônicas da Catedral de Salvador, faz-se claro o processo de transposição do padrão jesuítico português em prática nos séculos XV e XVI, e a consolidação deste formato no território, então colônia, do Brasil. Sua materialização em um templo símbolo viria a se tornar um modelo, já reproduzido a partir de outros, em especial as Igrejas de São Roque e do Espírito Santo, que seria posteriormente seguido em diversos outros templos brasileiros.

3.2.2. A Igreja do Colégio de Olinda

A Igreja de Nossa Senhora da Graça, integrada ao Colégio de Jesus de Olinda, no estado brasileiro de Pernambuco, faz-se, dados os seus aspectos de planicidade, suas localizações geográfica e temporal, e porte, visto se assemelhar, em volume, ao templo do Real Hospício do Ceará, uma relevante fonte de referências arquitetônicas e construtivas no contexto jesuítico colonial português no nordeste brasileiro. Inserido em um quadro de escassez de materiais construtivos, insuficiência econômica e assentamentos coloniais primitivos, este edifício se apresenta, à altura de sua construção, em situação semelhante ao de Aquiraz-CE.

3.2.2.1. Contextualização histórica

A primeira ermida construída no lugar da atual Igreja de Nossa Senhora da Graça se deu por iniciativa do então governador Duarte Coelho, que em 1550 a doou aos jesuítas. Contudo, em 1563 inicia-se, através da ação dos padres João de Melo e António de Sá a construção de uma “igreja melhor do que a ermida”. Esta, ainda de “mediócras proporções”, estaria concluída no ano de 1567. Porém, anos depois, os religiosos responsáveis decidem

construir um novo edifício, “de uma só nave no mais puro estilo jesuítico”, que estaria quase concluída em 1590. (LEITE, 1938, pp. 451-452).

No ano de 1592, já dispondo das estruturas de colégio, com a instituição em plena atividade, a igreja encontrava-se “coberta e pronta só faltava cair”, evidenciando-se pelo padre Pero Rodrigues, em 1597, que o edifício seguia “à traça de S. Roque”. (COSTA, 2010, p. 138).

Não se vê as semelhanças entre a Igreja de São Roque, em Lisboa, e a de Nossa Senhora da Graça, em Olinda, apenas como efeito da padronização estética e arquitetônica, já que, segundo Serafim Leite, o arquiteto do Colégio de Olinda e sua igreja seria Francisco Dias, que teria também participado na construção do templo lisboeta. (LEITE, 1938).

Contudo, é fato que o edifício da igreja sofreu um incêndio durante o século XVII, e por isso, supunha-se que a atual seria uma “reconstrução de fins do século XVII”. No entanto, Lúcio Costa afirma que o então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, atual IPHAN), sugeriu através de estudos que o edifício existente à altura, portanto no século XX, seria “de fato, a primitiva”. (COSTA, 2010, p. 138).

Lúcio Costa (2010, p. 138), afirma ainda que:

- 1º) os altares colaterais são contemporâneos da construção de fins do século XVI, conforme se poderá constatar adiante, quando tratarmos com mais vagar da arquitetura interna das igrejas jesuíticas;
- 2º) o risco da igreja, tanto pelo seu interior como pela fachada, baseia-se, efetivamente, na “traça” da igreja de São Roque, da Casa Professa dos Jesuítas, em Lisboa, cujo frontispício – a única parte do prédio que sofreu com o terremoto – foi, ao que se parece, reconstruído com aproveitamento do material primitivo. (fig. 1c);
- 3º) no panorama de Olinda, de Franz Post, aqui reproduzido (fig. 5), observa-se muito claramente que os danos causados pelo incêndio – da mesma forma que em Lisboa com o terremoto – não foram de molde a dismantelar o edifício.

Vê-se na figura 34 o panorama de Frans Post, mencionado por Lúcio Costa, onde se observa o edifício da igreja sem a sua cobertura e com parte de sua estrutura danificada ao fundo, possivelmente próximo ao altar-mor, encontrando-se, porém, a maior parte da sua alvenaria preservada.



Figura 36 - Igreja de N.S. da Graça, em Olinda, após incêndio.
FONTE: COSTA (2010).

Vê-se ainda na figura 35, pintura também de Frans Post, datada de 1665 e atualmente sob tutela do DIA – Detroit Institute of Arts, o edifício da igreja sem a sua cobertura. Nesta imagem constata-se ainda a existência de uma pequena galilé à entrada do templo, não mais existente na atualidade. Portanto, dado que o edifício encontrava-se concluído na última década do século XVI, e que a pintura *View of the Jesuit Church at Olinda*, é datada pelo DIA de 1665, infere-se que o incêndio tenha ocorrido entre o início e meados do século XVII, e como se observa nas imagens, não destruiu a estrutura básica do edifício, vindo esta, portanto, a ser útil como referência estética e arquitetônica jesuítica.

Lucio Costa (2010, p. 138) menciona ainda que esta é a “única igreja jesuítica quinhentista, com *pedigree*, ainda existente no Brasil”, fazendo, portanto, referência à autenticidade arquitetônica, no âmbito do padrão jesuítico, observada no edifício.



Figura 37 - *View of the Jesuit Church at Olinda* - Vista da Igreja Jesuíta em Olinda (1665).
FONTE: DIA – Detroit Institute of Arts²¹.

²¹ Disponível em: <<https://www.dia.org/art/collection/object/view-jesuit-church-olinda-brazil-57483>>. Acesso em fev. 2021.

3.2.2.2. Contextualização espacial

À semelhança da maioria dos templos católicos, e também de todos os templos jesuítas aqui abordadas, a Igreja de N. S. da Graça e o Colégio de Jesus de Olinda se situam no topo de uma colina, que, assim como a Catedral de Salvador, muito embora próxima ao mar, está em um ponto alto, medindo, neste caso, 52 metros de altitude, e distando, em linha reta, aproximadamente 420 metros até a costa oceânica. Vê-se na figura 36, marcada com uma seta vermelha, a localização espacial do edifício e o seu perfil de elevação, correspondente à linha amarela visível na imagem, evidenciando localizar-se, de fato, no topo de uma colina.

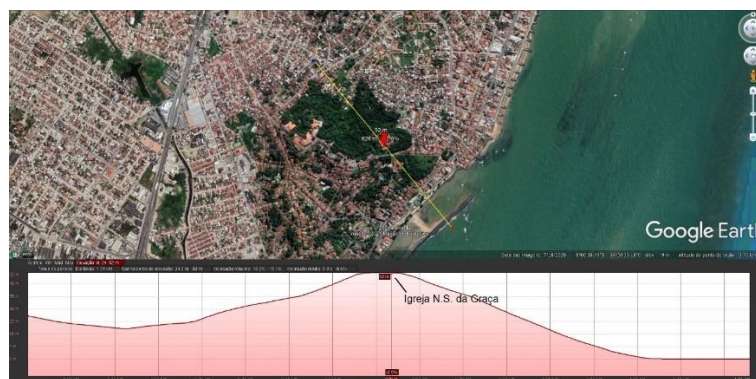


Figura 38 - Localização e perfil de elevação da Igreja N.S. da Graça.
FONTE: Google Earth (edição nossa).

3.2.2.3. A arquitetura da Igreja do Colégio de Olinda

Como já mencionado, a Igreja de N.S. da Graça, do Colégio de Jesus de Olinda, faz-se relevante ao estudo da igreja do Real Hospício do Ceará em face de seu contexto temporal, socioeconômico, e sobretudo, de dimensões espaciais, visto que as igrejas de São Roque, Espírito Santo e a Catedral de Salvador, muito embora sujeitas ao padrão jesuíta, se encontram em patamares volumétricos mais elevados.

Para além destes fatores, a templo e colégio de Olinda conservam, como mencionado por Lúcio Costa, características que a fazem fiel à arquitetura chã, ou plana, como define George Kubler, portuguesa, primando pelos panos lisos e poucos elementos decorativos, visando a modéstia e, possivelmente sobretudo, a redução de custos de construção e manutenção.

Muito embora não se encontre em sua forma original, tendo o edifício passado, ao longo de séculos, por diversas remodelações e ao menos um incêndio, a igreja de N.S. da Graça conserva, como já abordado, suas características estruturais e estéticas essenciais, como os formatos de sua planta, tipo de cobertura, algumas aberturas e outros elementos.

Os primeiros aspectos se observam já em sua fachada, que se apresenta com uma

estrutura simples, formada por um grande frontão triangular sem qualquer abertura, um óculo circular logo abaixo, dois cunhais nas extremidades e uma entrada principal retangular, sendo esta e o óculo as únicas aberturas na face principal do edifício.



Figura 39 - Fachada principal da Igreja de N.S. da Graça.
FONTE: IPHAN²².

Contudo, há evidências de que diversas alterações foram ali executadas ao longo do tempo, sendo a primeira a pintura de Frans Post visível na figura 35, onde se constata que, ao menos até a segunda metade do século XVII, havia junto ao frontispício da igreja uma galilé que já não existe atualmente. Vê-se também que o óculo circular, hoje abaixo do frontão, encontrava-se inserido neste, e que havia ainda nesta face outras duas aberturas retangulares.

Já na figura 38, sem data precisa, contudo sabe-se que se trata de uma fotografia do

²²Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/13_roteiro_patrimonio_seminario_igreja_ns_graca_olin_da_pe.pdf>. Acesso em fev. 2021.

século XX, vê-se que já não existia mais o óculo circular, e sim três janelas retangulares alinhadas sobre a entrada principal, que diferentemente do formato atual, consistia em uma porta com arco de volta completa. Porém, sua forma básica se mantém até hoje preservada tal como nas pinturas de Frans Post.

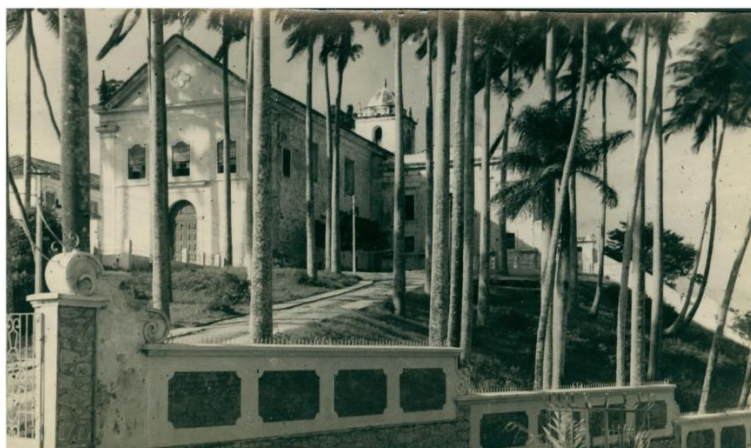


Figura 40 – Seminário e Igreja de Nossa Senhora da Graça: Olinda, PE.
FONTE: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística²³.

Já em seu interior, visível na figura 40, percebe-se claramente, assim como na Catedral de Salvador, o padrão ilustrado na figura 27, composto pelo conjunto da capela-mor e dois altares laterais ao fundo, pórticos de acesso laterais com arcos de volta completa, e aberturas retangulares sobre os acessos laterais. Dado o menor porte deste templo, observa-se a existência de apenas duas pequenas capelas laterais. Contudo, vê-se o padrão mencionado no edifício, que é também, de nave única e planta retangular.



Figura 41 - Planta baixa da Igreja de N.S. da Graça, em Olinda-PE.
FONTE: Silvío Colin (2011)²⁴.

²³ Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=444188&view=detalhes>>. Acesso em fev. 2021.

²⁴ Disponível em: <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/09/22/morfologia-da-igreja-48>>.



Figura 42 - Interior da Igreja de Nossa Senhora da Graça.
FONTE: Sanctuaria.art²⁵.

Para além de seu interior, outras semelhanças com os templos abordados anteriormente são a cobertura em formato de duas águas e a torre sineira (visível na figura 41), que assim como nas igrejas de São Roque e do Espírito Santo, se localizam na porção traseira do edifício, contudo, neste caso, diferentemente dos templos de Évora e Lisboa, sua altura supera a cumeeira da cobertura. Vê-se ainda, sobretudo através das diferentes colorações nos telhados, o que seria o antigo e originário edifício do Colégio de Jesus de Olinda e posteriores expansões.



Figura 43 - Igreja de N.S. da Graça e antigo Colégio de Jesus de Olinda.
FONTE: Google Maps.

barroca-no-brasil-i/>. Acesso em fev. 2021.

²⁵ Disponível em: <<https://sanctuaria.art/2014/03/25/igreja-e-seminario-da-graca-olinda/>>. Acesso em fev. 2021.

3.2.2.4. Considerações sobre a Igreja do Colégio de Olinda

Dados os contextos de primórdios de colonização, onde havia possivelmente ali não mais do que assentamentos de colonos e precárias construções, majoritariamente em taipa, faz-se claro que não deveria de haver grandes templos como as igrejas de São Roque e do Espírito Santo. Contudo, vê-se que este se trata de algo que se pode definir como uma versão compacta e mais humilde, dado que havia ali uma população pequena e poucas fontes de recursos financeiros, de suas antecessoras, que puderam contar com o envolvimento direto do próprio cardeal D. Henrique, irmão do então rei D. João III, notado promotor da Companhia de Jesus.

3.2.3. Outros templos relevantes

No âmbito da utilização de templos em contextos semelhantes à igreja do Real Hospício do Ceará como referências através das quais se pode extrair informações relevantes, elenca-se outros dois edifícios, que, muito embora sejam menos simbólicos, neste caso, também se fazem relevantes, sobretudo, devido às suas proximidades geográficas com a dita igreja, e são, de modo mais sintético, abordados aqui. São estes a Igreja de São José de Ribamar, matriz da cidade de Aquiraz-CE, distante cerca de 330 metros do templo jesuíta, e cuja construção se deu na mesma época, podendo, portanto, conter evidências relevantes, e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, em Viçosa do Ceará, local das primeiras missões jesuíticas no estado, e cuja construção também tem data por volta do início do século XVIII.

3.2.3.1. A Igreja Matriz de Viçosa do Ceará

Dado que a região de Ibiapaba, norte do estado do brasileiro do Ceará, distante aproximadamente 300 quilômetros do que viria a ser o Real Hospício do Ceará, e onde se localia a cidade de Viçosa do Ceará, foi um dos primeiros assentamentos da companhia neste estado, que fundou em 1607 as aldeias de Soure, Arronches, Mecejana, Pitaguary e Ibiapaba, considera-se, por muitos, a Igreja de Nossa Senhora da Assunção, matriz de Viçosa do Ceará, o mais antigo templo cristão do estado. (MARTINS, 1929).

Para o arquiteto Romeu Duarte, a cidade de Viçosa do Ceará “possui a mais antiga igreja que se tem notícia no Ceará, a de Assunção, com cerca de 300 anos”. (O POVO, 1999, apud VIANA, 2015, p. 2). Esta visão é também compartilhada por José Liberal de Castro, que afirma que o edifício se trata da “obra de arquitetura religiosa mais antiga do Ceará, apesar de muitíssimo alterada nos volumes e espaços maiores”. (CASTRO, 2001, apud VIANA, 2015,

p. 5).

Sabe-se, portanto, que o edifício certamente não preserva suas características originais, sendo este muito provavelmente, à altura de sua construção, um pequeno e singelo templo de planta retangular, assim como diversos outros, que são expandidos a partir de sua entrada principal, atribuindo-se à estrutura antiga a função de capela-mor. Contudo, vê-se em sua arquitetura características muito bem definidas do padrão jesuítico praticado entre os séculos XVI e XVIII, o que pode atribuir ao edifício a condição de relevante fonte de evidências estéticas e arquitetônicas.

O aspecto que difere a Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Viçosa do Ceará da maioria dos templos jesuítas observado neste contexto, é a sua estrutura de sustentação da coberta, que é constituída por arcadas de volta completa alinhadas ao longo do salão principal, formando uma composição de três naves, solução que, segundo Lúcio Costa, só se observa nas igrejas de São Pedro d'Aldeia e na da “antiga Reritiba”. Vê-se na figura 42 a ilustração, por Lúcio Costa, deste formato, definido pelo autor como de “três naves – ou pseudonaves”, sugerindo, portanto, que se trata, ainda assim, de um edifício de nave única. (COSTA, 2010, p. 139).



Figura 44 - Ilustração das arcadas de sustentação da cobertura.
FONTE: COSTA, 2010.



Figura 45 - Interior da Igreja de N.S. da Assunção de Viçosa do Ceará.
FONTE: Wikipédia²⁶.

Além da presença dos arcos de volta completa na estrutura de sustentação da cobertura, vê-se também o elemento no pórtico de acesso à capela-mor, sendo esta, possivelmente, a estrutura mais antiga do edifício. Contudo, não se observa, o tradicional conjunto de altares laterais ao fundo, mas sim uma formação semelhante presente no retábulo da capela.

É no interior da capela-mor, visível na figura 44, que se observa maiores semelhanças com a traça jesuítica deste período, visto que, além do conjunto de nichos no retábulo, vê-se também acessos laterais através de pórticos com arcos de volta completa e sua própria cobertura, que se apresenta em formato abobadado.

²⁶

Disponível em:
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/96/05_12_2015_Vicosa_CE_%2885%29.JPG>.
Acesso em fev. 2021.



Figura 46 - Interior da capela-mor da Igreja de N.S. da Assunção de Viçosa do Ceará.
 FONTE: UNINTA²⁷.

3.2.3.2. A Igreja de São José de Ribamar

Muito embora não seja um templo jesuíta, a Igreja de São José de Ribamar, matriz de Aquiraz-CE, está diretamente inserida no contexto em torno do Real Hospício do Ceará, visto datar sua construção do mesmo período, e sofrer influências dos religiosos da Companhia de Jesus que ali viviam, já que está localizada há poucas centenas de metros do local do antigo hospício.

Sendo incerta a precisa data de sua construção, sabe-se que o templo, menor e mais simples que o atual, foi edificado no século XVIII. É sabido que a pequena Capela da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, em Fortaleza-CE, “serviu de paróquia do Ceará”, “até quando o Aquiraz foi elevado à condição de vila e ficou então aí a matriz”. (STUDART, 2004, p. 312). Sabendo-se, portanto, que este evento se deu em 1713²⁸, sugere-se que a igreja matriz de Aquiraz já existia em dada altura. Contudo, a “frágil capela edificada ainda em 1715 não resistiu por muito tempo, tendo sido reconstruída na década de 1730”. (BESERRA, 2013, p. 72). Corroborar-se ainda a informação com a existência de uma carta²⁹ de 27 de janeiro de 1730 ao rei D. João V, onde os moradores da vila de Aquiraz pedem auxílio da Real Fazenda para obras da igreja matriz.

²⁷ Disponível em: <<https://uninta.edu.br/site/noticias/arquitetura-e-urbanismo-promoveu-aula-de-campo-em-vicosa-ceara/>>. Acesso em fev. 2021.

²⁸ Cf. NETO (2012).

²⁹ REPRESENTAÇÃO dos moradores da vila de Aquiraz ao rei D. João V, a pedir auxílio da Real Fazenda para as obras da igreja matriz. AHU_ACL_CU_006, CX.2, DOC. 106.



Figura 47 - Igreja de São José de Ribamar (2018).
FONTE: Autor.

Assim como em Viçosa do Ceará, a maior parte das evidências materiais de seu período colonial parece estar dentro da capela-mor, indicando se tratar esta, possivelmente, da estrutura do templo original, que foi, posteriormente, expandido. Contudo, sabe-se que em meados do século XIX a igreja matriz de Aquiraz não possuía suas torres sineiras, como se observa na figura 46.



Figura 48 - Desenho da Igreja de S.J. de Ribamar por Reis Carvalho (1859).
FONTE: IPHAN (2016).

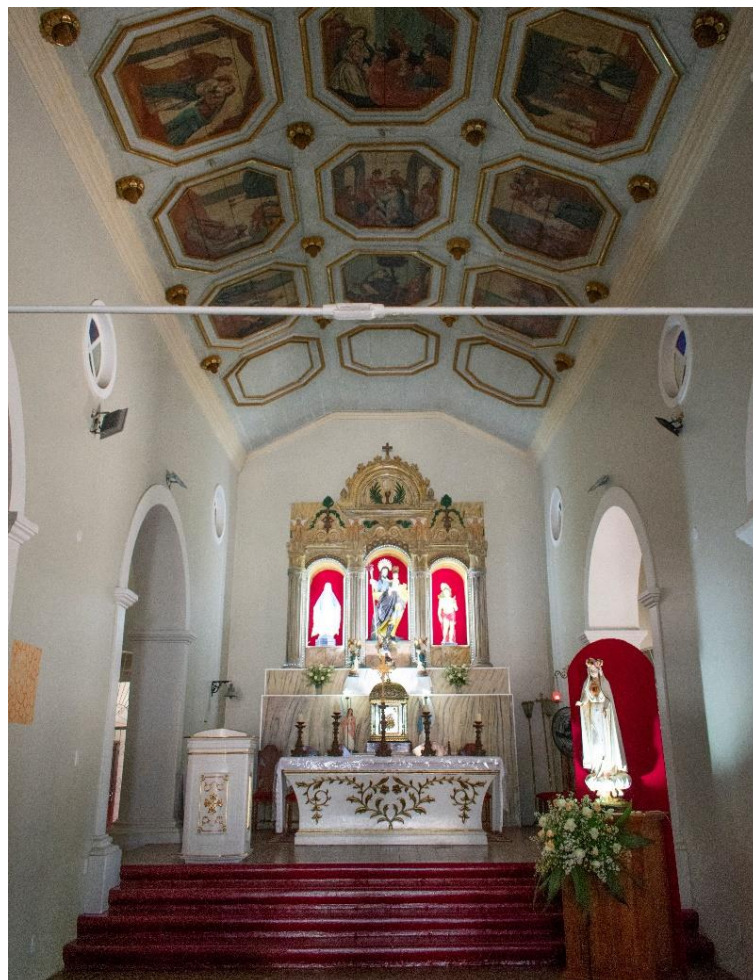


Figura 49 - Capela-mor da Igreja de São José de Ribamar (2018).
FONTE: Autor.

Com estrutura muito semelhante à capela-mor da igreja matriz de Viçosa do Ceará, esta também se apresenta com cobertura abobadada, com forro e painéis cuja execução se deu entre 1731 e 1790³⁰, pórticos de acesso lateral em arco de volta completa e um retábulo ostentando, também, um conjunto de nichos em arco de volta completa. Além destes elementos, vê-se ao lado esquerdo uma pequena janela de prospecção que exibe uma pintura encoberta ao longo do tempo, evidenciando também, o caráter primitivo destas paredes.

Há ainda outro elemento, visível na figura 48, relevante no contexto de comparação desta estrutura à do antigo templo jesuíta de Aquiraz. No entanto, este se vê pelo lado externo da igreja, possivelmente atrás de sua sacristia, e se descreve como um pequeno nicho voltado à parte externa do edifício. Uma estrutura semelhante se observa também na igreja em ruínas, podendo esta ser voltada ao exterior, ou ao interior da sacristia.

³⁰ Cf. BESERRA (2013, p. 72), conjectura-se que sua execução tenha ocorrido neste período.



Figura 50 - Fachada traseira da Igreja de São José de Ribamar (2018).
FONTE: Autor.

Muito embora seja a capela-mor a mais relevante estrutura aqui abordada, e não se tratar esta, de uma igreja jesuíta, vê-se também que em seu salão principal, de nave única, visível na figura 49, a igreja matriz de Aquiraz também ostenta a estrutura de três arcos formada pelo pórtico de acesso à capela-mor e dois altares laterais em seu salão principal, assim como em diversos templos jesuítas.



Figura 51 - Interior da Igreja de São José de Ribamar (2021).
FONTE: Autor.

3.2.3.3. Considerações sobre as igrejas matriz de Viçosa do Ceará e Aquiraz

Como já mencionado, muito embora a Igreja de São José de Ribamar não seja hoje, e nem à altura de sua origem, um templo jesuíta, guarda relações estético-arquitetônicas muito próximas à tradicional traça da Companhia de Jesus, que se vê também, como é de se esperar, na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, em Viçosa do Ceará. Contudo, não há, no caso da matriz de Aquiraz, além de sua capela-mor, grandes evidências que possam em muito

enriquecer o conjunto de fontes aqui composto. No entanto, faz-se muito relevante uma breve análise de sua capela-mor, que guarda grandes.

3.3. Conclusões parciais a respeito da arquitetura jesuítica

A arquitetura jesuítica se define através de um padrão, em parte estabelecido a partir de instâncias superiores da companhia, e que tem sua origem em Roma, ao que se sugere, na igreja de *Il Gesù*. Contudo, a dita traça jesuítica, ao chegar em Portugal através das igrejas de São Roque, em Lisboa, e do Espírito Santo, em Évora, templos estes que seguiam um modelo padronizado pela instituição, incorpora elementos, tanto no âmbito estético, cuja fonte se dá em outros edifícios religiosos portugueses, quanto técnicos e econômicos, visto este último ser a razão fundamental para a constituição da arquitetura chã, assim definida por George Kubler, cujo propósito se limita basicamente à redução de custos de construção e manutenção, e à extensão da vida útil de seus edifícios, promovendo, portanto, o minimalismo em suas decorações e a adoção de métodos construtivos de mais simples execução e materiais de maior durabilidade.

Dada a expansão territorial portuguesa durante a era dos descobrimentos, que se consolida a partir do século XVI, período de edificação dos templos de Lisboa e Évora, faz-se destes os dois maiores símbolos e modelos, muito embora adaptados a contextos específicos, posteriormente seguidos, não somente em templos jesuítas, em todo o território do império português.

4. O Real Hospício do Ceará

4.1. Contextualização histórica

O início da consolidação da presença dos jesuítas no Ceará se dá através da ideia do Hospício³¹ de Ibiapaba, que por sua vez, seria seguida pelo Real Hospício do Ceará, em Aquiraz.

Em ordem régia de 8 de janeiro de 1697, o então rei de Portugal D. Pedro II determina a construção de um hospício para que se possa assistir os padres da Companhia de Jesus em missões na região, sendo este um abrigo e ponto de descanso.

Afirma LEITE (1943, p. 73) sobre o Hospício de Ibiapaba,

A primeira ideia do Hospício pertence ao P. Acenso Gago. Pelos serviços prestados por êle e pelas suas informações, D. Pedro II escreveu a 8 de Janeiro de 1697 duas cartas idênticas, uma ao Governador de Pernambuco, Caetano de Melo de Castro, e outra ao Governador do Maranhão, António de Albuquerque Coelho de Carvalho:

“Tenho resoluto que no Ceará se faça um Hospício para assistirem nêle os Padres da Companhia, que têm à sua conta a missão daqueles sertões, e porque o P. Acenso Gago avisa ser conveniente situarem-se os índios em Aldeias pela costa, que dista do Ceará ao Maranhão duzentas léguas, e se lhes deem de sesmarias as terras, que ficam desde a barra do Aracati-Mirim até à barra do Rio Temoná, cortando desde as barras dos ditos rios a rumo direito para a Serra da Ibiapaba, entrando na sesmaria tudo o que os rumos apanharem da Serra até entestar com os Campos Gerais que lhe ficam da outra parte”, mando ao Governador que assim o faça e dê ajuda aos Padres e gentio para que “se movam os mais a abraçarem a nossa amizade”.

Porém devido à dificuldade de obtenção dos recursos necessários à construção do Hospício, adiou-se a sua construção. No ano de 1720 o Padre João Guedes, que sucede o Padre Acenso Gago, vai a Lisboa com a intenção de solicitar, junto ao Rei, que se viabilizasse a construção do hospício. Conforme afirma LEITE (1943, p. 74, marcações do autor),

Para a fundação e sustento da Casa dava El-Rei, de uma só vez, 6.000 cruzados, e a cõgrua necessária por 6 anos, até terem rendimento próprio, que segundo as possibilidades da terra, consistiria na criação de gado. Para isso ordenava El-Rei àqueles Governadores limítrofes [Maranhão e Pernambuco] que dessem as terras indispensáveis.

³¹ Cf. LEITE (1943, p. 73), “entende-se por Hospício uma Casa ou Residência grande, cabeça de toda a Missão, diferente das casas das Aldeias. A ela se acolheriam os missionários das Aldeias para repousar, de vez em quando; e dela, os missionários, que a habitassem de assento, iriam fazer missões às Aldeias do Sertão.” BLUTEAU e SILVA (1789, p. 685) definem como uma “habitação” ou “domicílio” e ainda como um “convento, ou casa religiosa, pequena, onde se agasalhão os Religiosos da Ordem, quem paixão pela terra onde está o hospício”.

Dificuldades no pagamento da cônica assinada, fizeram **adiar a fundação do Hospício**, por muitos anos. Entretanto, chegou o P. João Guedes³² e outros, que eram de parecer que Ibiapaba e todo o Ceará ficassem unidos não ao governo do Estado do Maranhão, mas ao governo de Pernambuco isto é, ao Estado do Brasil. Para esse efeito foi a Lisboa em 1720. E com êle, outros. Apresentaram-se a El-Rei três representações: do P. João Guedes, da Companhia de Jesus, do P. Antônio de Sousa Leal, clérigo do hábito de S. Pedro; de D. Jacobo de Sousa, principal de Ibiapaba, todas três examinadas pelo Conselho Ultramarino.

João Guedes ainda estava em Lisboa, a 14 de julho de 1721 a cuidar da jurisdição e a ultimar o que convinha ao Hospício, que o desenvolvimento das Capitanias do Ceará e do Piauí tornava necessário. **Alcançou de El-Rei Dom João V, a 17 de Março de 1721, o Alvará da fundação; mas no seu pensamento havia já a ideia de o deslocar do primitivo sítio, Ibiapaba, para outro mais central**, donde os Padres irradiassem para aquelas Capitanias e também pudessem descobrir e missionar os índios escondidos na serra do Araripe, mais dilatada e distante. No Alvará ainda se fala em Ibiapaba, mas já se distinguem nitidamente a Casa do Hospício e a Serra de Ibiapaba: no “Hospício, que ora mando estabelecer, há de haver 10 missionários da Companhia de Jesus e entre êles alguns Alemães, para o que mando escrever ao Reverendo Geral da Companhia”; “e tenho entendido que para a Serra de Ibiapaba se mandem mais dois missionários”. El-Rei manteve a dotação anterior de 6.000 cruzados, a pagar em três anos (dois mil por ano), para a construção da Casa. E que, além disso, se dessem de cônica, anualmente, a cada um dos dez missionários, 40.000 reis¹.

João Guedes voltou logo ao Brasil e seguiu para a Ibiapaba onde já o dá o catálogo de 1722². Mas pouco se demorou, porque **a ideia do Hospício tinha baixado definitivamente da Serra para a costa do mar.**

Segundo o texto do Pe. Vicente Martins (1929, p. 95), publicado, portanto, antes do texto de Serafim Leite (1943) para a Revista Trimensal do Instituto do Ceará, o Padre João Guedes, que “sucedeu ao Padre Assenso Gago na missão de Ibiapaba”, “depois de visitar as diversas aldeias da missão, foi fixar-se na aldeia de Tabainha ou Ibiapaba, que era a mais florescente.”, não havendo, portanto, em tal altura, a instalação de um Hospício na localidade mencionada, e sim apenas uma aldeia. Ainda segundo MARTINS (1929, p. 95), o Padre João Guedes

[...]representou em 1721 á côrte de Lisboa, no reinado de D. João a necessidade da criação de um hospício na serra de Ibiapaba, para facilitar a obra da missão dos índios e moradores da Capitania do Ceará e Piauí. Esta representação deu lugar a ordem regia de D. João datada de 17 de Março de 1721, dirigida ao Governador e capitão general de Pernambuco, de conformidade com a decisão regia de 20 de Janeiro de 1721 e de accordo com o parecer do Conselho de Ultramar, de 9 de Novembro de 1720, mandando pôr em execução um hospício no Ceará, conforme a ordem regia de 1697 de D. Pedro, e que no referido hospício deviam haver dez missionarios da companhia de Jesus, entre elles alguns allemães e que para

³² Cf. afirma LEITE (1943, p. 76), o “P. João Guedes, que algumas vezes assina Guinzel e cujo verdadeiro nome é Ginzel, sendo Guedes a sua aproximação portuguesa, natural de Komotau, na Boémia, embarcou, de Lisboa para o Brasil em 1694, com 34 anos”. Sendo, portanto, o Padre João Guedes natural do que hoje é a Alemanha.

a construção do dito hospício se desse seis mil cruzados por tres annos, a dous mil cruzados por anno, e quarenta mil cruzados por congrua a cada missionario.

Mas, essa ordem só em 14 de Julho de 1726 foi mandada cumprir e registrar por João do Rego Barros.

A esta altura ainda não havia sido ordenada pelas autoridades locais a construção do tal hospício, estando estes, portanto, em descumprimento com a ordem do Rei D. Pedro II, de 1697. Porém, em posse de nova ordem expedida pelo Rei D. João V, de 1721, em que em essência, se repete o conteúdo da carta de D. Pedro II, de 1697, o Padre João Guedes toma as primeiras ações que se concretizariam na construção do Real Hospício do Ceará, em Aquiraz.

Afirma MARTINS (1929, p. 96) que o Padre João Guedes,

[...]quatro annos depois de estabelecido na serra [Ibiapaba], onde desenvolveu a sua grande acção de laborioso catechista, ampliando a acção dos missionarios por toda longa zona da Ibiapaba, sentiu-se forçado a abandonar essa missão, que já se achava bem constituida, e foi para o Aquiraz, onde fundou, em 1727, o segundo estabelecimento das missões do Ceará[...]

Tal informação, em seu aspecto temporal, se confirma no livro de STUART (2004, p. 225), que aponta uma confusão no que afirma Araripe, que por sua vez menciona a construção de um hospício em Ibiapaba. O fato é que não há evidências da existência de um hospício em Ibiapaba. É importante afirmar que Notas Para a História do Ceará – Segunda Metade do Século XVIII (STUART, 2004) é uma publicação anterior a de MARTINS (1929), podendo a informação ter sido obtida no livro de Guilherme Stuart, originalmente publicado em 1892.

O hospício da Ibiapaba não foi o único que os jesuítas montaram no Ceará. Quatro anos depois de estabelecerem sua residência na serra, montaram eles um outro no Aquiraz, substituído mais tarde por novo edifício do qual vêem-se ainda os vestígios.

Abaixo observa-se a transcrição, de acordo com MARTINS (1929, p. 97, marcações do autor), da Ordem Régia de Dom João V, datada, de acordo com LEITE (1943) e MARTINS (1929), do dia 17 de Março de 1721:

Dom João, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor da Guiné, etc.

Faço saber a vós governador e capitão general da Capitania de Pernambuco, que sendo-me presente a representação que me faz o Padre João Guedes da companhia de Jesus, missionario da missão do Ceará, **em que me expoz**

o bem espiritual que pode resultar aos moradores da Serra da Ibiapaba, em se fundando, naquella aldeia, um hospicio de religiosos da mesma companhia para sahirem em missões ás capitánias do Ceará e Piauhý, concorrendo os indios da mesma serra com o empenho de descibrirem uns seus parentes que há muitos annos estão escondidos nas dilatadas serras do Araripe, para cujo effeito recorria á minha real grandeza e piedade para mandar dar algumas congruas moderadas para o sustento de dez religiosas de que se deve compôr o dito hospicio e passagem livre no barco da Muda que todos os annos vai ao Ceará, assim para as suas pessoas como para seu provimento que lhe há de ir desta capitania, concedendo-lhes licença para mandar vir alguns religiosos do Imperio para se occuparem nas ditas missões, por ser muito da minha obrigação o concorrer com todos os meios para se conservar a religião catholica nos meus reaes dominios e se reduzir a gentildade continente n'elles se procure a sua salvação como negocio mais importante que pode haver no mundo, pois por este titulo tão auspicioso foi dado pelo Summo Pontifice a investidura das conquistas aos Snrs. Reis meus predecessores, me pareceu ordenar por resolução de 12 ao presente mez e anno, **façaes pôr em execução um hospicio no Ceará** por ser a parte mais proporcionada para o offeito que se procura, na qual estava **já resoluto no anno de 1697 pelo Snr. Rei D. Pedro** que Deus haja em gloria em tempo que governava a mesma capitania Caetano de Mello de Castro se fizece o tal hospicio que se deixou de conseguir por algumas defículdades que então se offerecerão. sendo a principal não haver segurança na congrua para os padres, no qual hospicio que por ora mando estabelecer há de haver 10 missionarios da companhia de Jesus e entre elles alguns allemães, para o que mando escrever ao tenente geral da companhia os mande para este reino, por ter mostrado a experiencia de grande zelo e o fervor de espirito com que se empregão neste santo misterio e para a despeza de dito hospicio Hei por bem se dê 6.000 cruzados por tempo de 3 annos a 2.000 cruzados por anno, que estavam determinados para a fabrica do primeiro hospicio e que se dê de congrua a cada um dos missionarios 40:000 e que esse pagamento fosse sendo feito pela verba existente em quanto se creava o novo imposto de um acabeça de gado sobre cem 2 por 500, visto se achar a capitania cheia de curraes, assim como que no barco que vai todos os annos para o Ceará chamado das mudas mandarei os missionarios e tudo quando for necessario para o hospicio, assim como que os missionarios serão tratados com toda perfeição, veneração e respeito e tenho entendido q' para a Serra da Ibiapaba se mande mais dous missionarios. Lisboa occidental, 17 de Março de 1721.

A carta de Dom João V menciona as dificuldades de pagamento dos recursos necessários para a edificação do Hospício e manutenção dos padres já abordada por LEITE (1943).

No entanto, LEITE (1942, p. 75) afirma que a primeira sede do Hospício do Ceará se deu em uma casa próxima à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção:

2. – Posta de parte a fundação do Hospício em Ibiapaba, pensou-se na Fortaleza. Data de 1656 o primeiro contacto dos Jesuítas com a povoação do Forte, quando ali estêve o P. António Ribeiro. Outros por ali passaram, e até um, o P. Cócleo, chegou a ser capelão dela.

A primeira casa, própria sua, que possuíram na Fortaleza os Padres da Companhia deve datar de 1723. Escreve o P. João Guedes, em Outubro de 1727:

“Está a fazer quatro anos que chegamos ao Ceará onde na casa, que

compramos e ampliamos, vivemos com suficientes cómodos quatro Religiosos. Abrimos escola e ensinamos a muitos meninos, a ler, escrever, e contar e os primeiros elementos da Latinidade; e praticamos os demais ministérios”³³.

Posteriormente, o autor descreve a localização da mencionada casa dos padres da Companhia de Jesus junto à Fortaleza. (LEITE, 1942, p. 77). Em seguida, confirma-se a informação em um mapa do povoamento datado de 1730, apontando-se a casa com um círculo vermelho.

Em cima do mapa, no ângulo direito, está a Fortaleza, com a bandeira Portuguesa (branca e o escudo ao centro) e 3 peças de artilharia visíveis, uma a disparar. Entre o forte e o regato, uma casa assombrada, e entre o regato e mar, outras. A seguir à Fortaleza, na mesma linha, para o interior, uma casa pequena e depois a Casa da Câmara, com 12 portas e outras tantas janelas. Em frente da Câmara e do Forte, a Praça com os símbolos municipais, coincidindo o pelourinho, com a frente da Câmara, e a forca com a da Fortaleza. Do lado oposto da praça. No ângulo sul, junto ao arroio, na margem esquerda dêle, no cotovelo que faz antes de se lançar no mar, a “Casa dos P.es da Companhia”, assim escrito em cima dela; e por baixo: “Fez de novo o Capp.am Mor”¹.

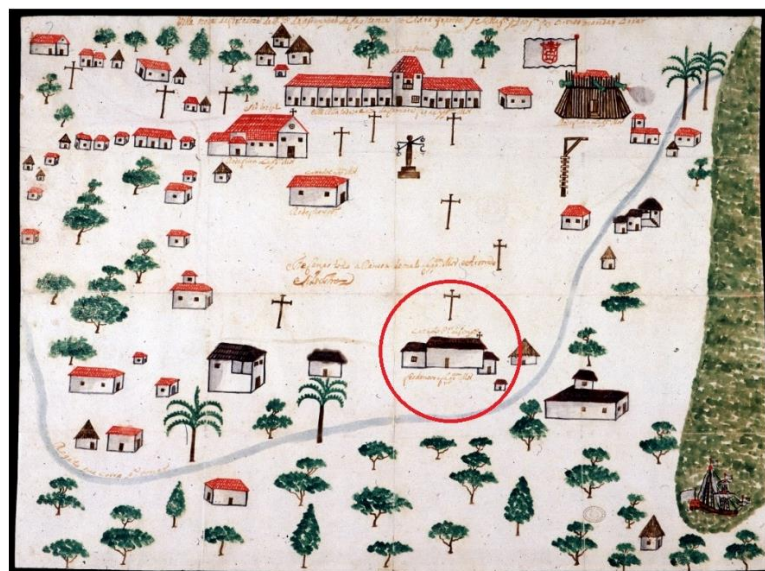


Figura 52 - Mapa de Fortaleza, Ceará, em 1730.
FONTE: Biblioteca Digital Luso-Brasileira³³ (edição nossa).

LEITE (1942, p. 79) aponta ainda razões pelas quais o Padre João Guedes teria optado pela edificação do Hospício em Aquiraz em detrimento da Fortaleza:

³³PLANTA da Villa Nova da Fortaleza de N^a. S^a da Assumpção da Capitania do Ciará grande : q. S. Magde. q. o Deos gde. [garde] foy cervido mandar criar. AHU_CARTm_006, DOC. 848. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/rede_memoria/projeto_resgate/iconografia_AHU/ahu-ce_848/ahu-ce_848.html>. Acesso em out. 2019.

3. – A falta de materiais em Fortaleza foi precisamente um dos motivos invocados para recair a escolha em Aquirás para sede do Hospício. Outros motivos: o apêto do terreno em que estava a casa da Fortaleza: dum lado o forte, do outro, o riacho; abriu-se dentro da cêrca um poço: benefício sem dúvida, mas, tendo-o os Padres pôsto à disposição dos soldados e moradores, a afluência dêstes seria um elemento de perturbação à vida religiosa. Outro inconveniente, notado também pelo P. João Guedes que estava com a ideia em Aquirás: à roda da casa tudo eram areais e não haveria lugar acomodado para repouso dos alunos e Padres quando viessem retemperar as forças gastas nas missões: e terreno, para o ampliar, como convinha, não havia ali junto, nem dado nem comprado.

Afirma ainda LEITE (1942, p. 80):

[...]E acrescenta que se opunham à fundação do Hospício em Aquirás o Governador e o Bispo de Pernambuco e até o Provincial da Companhia de Jesus no Brasil.
Afinal prevaleceu a vontade do P. Guedes, e o Hospício estabeleceu-se definitivamente em Aquirás. E deve datar-se este de 1727 a sua fundação.

Tal data de fundação se confirma nos textos de MARTINS (1929, p. 96) e de STUDART (2004, p. 227, marcação nossa), quando escreve, ao mencionar uma carta³⁴ “À pág. 14 do vol. 672 dos manuscritos existentes na coleção Pombalina, da Biblioteca de Lisboa”:

A carta não traz assinatura nem é datada. Quanto à data, porém, ou ao menos o ano em que ela foi escrita facilmente depreende-se do princípio dela:
“O governador e Capitão-General Duarte Sodré Pereira chegou a Pernambuco com todos os navios da frota em três de novembro passado, a quatro desembarcou em terra indo para o Colégio dos Padres da Companhia como é de costume.” Ora, pois que Duarte Sodré Pereira, filho de José Pereira Sodré e que foi o antecessor de Henrique Luís Pereira Freire de Berredo, tomou posse em 1727 aos 6 de novembro e governou até 24 de agosto de 1737, **pode-se concluir que o Colégio do Aquiraz data de 1727.**

Pode-se ler abaixo a mencionada carta:

“Sua Majestade tem mandado levantar um Colégio de Padres da Capitania do Ceará, que é da jurisdição do Governo de Pernambuco, donde dista duzentas e cinqüenta léguas por terra, de que é fundador o Padre João Guedes, que se acha lidando e tratando da dita fundação em um bom sítio que dista da fortaleza que lá há uma légua, o qual há de ter des padres Missionários, e entre eles alguns Alemães para doutrinarem e ensinarem a

³⁴Ao consultar-se o inventário da Coleção Pombalina, disponível na Biblioteca Nacional de Lisboa, observa-se em seu volume nº672 o item “Notícia da chegada a Pernambuco do governador Duarte de Sá Pereira, fundação do collegio de Jesuítas no Ceará, etc. –S. d.– (fl. 114)”, sugerindo que o documento se encontra à página 114 e não 14, como sugere Studart (2004). Inventário disponível em: < <http://purl.pt/200>>. Acesso em 24. Jun. 2019.

doutrina a grande gentildade, que por ali há, achando-se aqueles sertões muito povoados de brancos pela grande abundância que ali há de gados e criação de cavalos de que se provê Pernambuco, Bahia, e Minas Gerais, dando Sua Maj. Da sua fazenda quarenta mil-réis de cõngrua a cada Religioso perpétuo, e mandando assistir pela dita obra também da fazenda Real, e além da doutrina aos índios ter os Padres Missionários que ensinem Latim e Moral aos filhos dos que moram naqueles sertões, e para comodamente poderem aprender se lhe há de fazer um hospício perto do dito colégio.”

Não se pode tirar conclusões precisas através do conteúdo presente na carta acima. Porém, pode-se entender que do colégio mencionado trata-se a Casa dos Padres, localizada junto ao Forte em Fortaleza. Já o mencionado hospício, a ser construído próximo ao suposto colégio, localizava-se em Aquiraz. Observa-se também que Serafim Leite e Guilherme Studart trazem o ano de 1727 como o de construção do Hospício do Ceará em Aquiraz.

Nota-se também que a carta menciona “sertões muito povoados de brancos” como um fator de seleção do local de instalação do “colégio”. BALDINI e FERNANDES (1998, p. 196) afirmam que os colégios jesuítas nas américas “receberam quase só estudantes de origem europeia e de nível social médio”, reforçando, portanto, o que se afirma na carta.

Tal informação se corrobora com o registro presente no “Mappa das Villas e principaes Povoações de brancos, e Índios da Capitania do Ceara Grande com as denominações das ditas Villas, e invocações dos Oragos das suas respectivas Matrizes e Capellas”, de 1783, que classifica a “V^a do Aquiraz” como uma das “Villas dos Brancos”³⁵.

LEITE (1943, p. 79) menciona também a doação de um terreno para a construção do Hospício:

Soube o Coronel João de Barros Braga que o P. Guedes pensava em fundar o Hospício em Aquirás e ofereceu-lhe sítio com área de meia milha; vendeu-lhe uma cêrca, por 500 escudos, onde se poderia cultivar todo o género de frutas e legumes e até cana de açúcar. O mesmo benfeitor já tinha dado antes outra milha de terra, boa para pastios, que, com outros benefícios, se pode computar tudo em mais de 900 escudos.

Para LEITE (1943) a ideia de hospício evoluiria para a de um seminário. Uma vez que

moradores daquelas Capitânicas do Ceará e do Piauí querem mandar os filhos aos estudos que já se ensinam no dito Hospício, mas não se resolvem a mandá-los por não acharem casas em que os possam acomodar sem perigo de se perderem pela grande soltura em que comumente se vive nos sertões”. Propunha João Guedes que em vez de os meninos se recolherem em casas particulares, se fizesse um Seminário, onde vivessem sob autoridade dos

³⁵ MAPA das vilas de brancos e índios da capitania do Ceará. AHU_ACL_CU_006, CX.9, DOC. 592.

Religiosos, com o que aproveitariam também mais nos estudos.

A construção do hospício se iniciaria com a edificação de uma casa provisória, já no terreno doado por João de Barros Braga, comandada pelos padres Emanuel Batista e Felix Capelli e auxiliada pelo carpinteiro Antonio Nunes, enviado de Pernambuco para tal. (TAVARES, 2019, p. 89).

Há portanto, neste ponto, a necessidade de acomodação de crianças por parte da Companhia de Jesus, uma vez que tornava-se inviável seus alojamentos em edificações particulares. Por isso, sugere o Padre João Guedes que estas fiquem sob a tutoria dos Padres no mencionado Seminário.

Afirma também LEITE (1943, p. 80) que, “Para a construção do Seminário, anexo ao Hospício, determinou El-Rei que se dessem mais 6.000 cruzados[....]”. No entanto, “Três anos depois, já estava o edifício armado e ainda não se tinham cumprido as ordens régias”. Existe, portanto, a ideia de que havia um Hospício já estabelecido, e se construiria, anexo à edificação existente, outra cujo propósito seria abrigar o Seminário.

É notória sempre a dificuldade de obtenção de recursos da Fazenda Real, fator que foi determinante no longo processo de estabelecimento do Hospício de Aquiraz. Conclui-se a partir dos textos que não foi executada a construção do mencionado anexo afim de que do Hospício se constituísse um Seminário.

Não há hoje no local evidências materiais visíveis da existência do mencionado Hospício. Há, porém, ruínas do que aparenta ser uma antiga capela. LEITE (1943. p. 82) traz menções à construção de uma capela em Aquiraz:

5. – Já desde 1741, ano em que os Padres Tomaram conta das Aldeias dos arredores da Fortaleza, Aquirás se tornou a Casa Central da Missão, à qual todas as mais se agregaram. No dia 31 de Julho de 1748 (dia de Santo Inácio) lançou-se a primeira pedra da nova igreja. Como a anterior, e como Ibiapaba, e como Fortaleza, a igreja dos Jesuítas de Aquirás também ficou sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção.

Entende-se que se trata a igreja mencionada do que hoje percebe-se como ruínas de um antigo edifício. Considerando-se a evidência documentada por Serafim Leite da construção de uma igreja próximo ao Hospício, e que há hoje, no mesmo local, ruínas do que aparenta ser uma antiga igreja, entende-se, portanto, esta ruína, como os restos da antiga Igreja Jesuíta de Nossa Senhora da Assunção. Observa-se abaixo uma imagem da ruína.



Figura 53 - Ruína da Igreja Jesuíta de Nossa Senhora da Assunção.
FONTE: Autor.

A igreja, que possuía as inscrições “*Sapientia aedificavit sibi domum*” e “*Signum magnum apparuit in coelo*”³⁶ deve ter sido concluída em 1753 segundo a inscrição presente em sua fachada de acordo com relatos do século XIX. (ALEMÃO, 1872, apud TAVARES, 2019, p. 89).

Conclui-se, portanto, que junto ao grupo de edificações do Hospício Jesuíta de Aquiraz, havia uma Igreja, cujo início da construção se deu em 1748, já próximo à expulsão dos padres do Hospício, e desta resistiu ao tempo e às demolições apenas uma sólida fachada e partes de densas paredes, encontrando-se tais partes ainda edificadas até o presente momento.

LEITE (1943, p. 82) traz também informações ligadas ao fim do dito hospício:

Depois de tantas batalhas vencidas, o Hospício do Ceará, que recebera o título de Real, por ser fundação de El-Rei, começava a dar enfim os esperados frutos de instrução geral para o povo, de catequese para os Índios, e até já de formação eclesiástica para os que demonstrassem vocação para tão alta carreira. Mas surge a tempestade com a qual nada tinha que ver o Ceará. A casa é cercada na noite de Natal de 1759. Os soldados repelem os Índios chegados para a suave festividade dessa noite santa; e, durante ela, o pároco da matriz de Aquirás lê o édito do Cardial Saldanha, “*satis protervum*”, contra os Padres da Companhia². A 9 de Fevereiro de 1760, o seu superior, Manuel Franco, e mais Padres, tanto os do Hospício, como os das Aldeias a êle recolhidos, embarcam presos, para o Recife³.

O período em que LEITE (1943) menciona a expulsão dos jesuítas do Hospício de

³⁶ Cf. TAVARES (2019, p. 89), respectivamente, “A sabedoria fez para si uma morada” e “Um grande sinal apareceu no céu”.

Aquiraz coincide com a época de políticas antijesuítas praticadas por Marquês de Pombal na década de 1750. Como afirma SANTOS (2008, p. 173),

O espírito e a argumentação de D. Luís da Cunha encontraram eco em um componente fundamental da política antijesuíta do período pombalino: a ordem para seqüestrar os bens de raiz da Companhia de Jesus cuja posse não se exercesse nos termos estabelecidos nas Ordenações.

Após a expulsão da Companhia de Jesus de suas instalações, “os camaristas do Aquiraz lembraram-se de aproveitá-lo entregando-o à direção dos franciscanos[...]” (STUDART, 2004, p.227).

E por fim, LEITE (1943, p.83) documenta o que seria o fim do Real Hospício do Ceará:

O Real Hospício do Ceará, em Aquirás, demoliu-se em 1854 e a própria igreja, que tinha no frontispício o ano de 1753, arrasou-se depois, diz Gurgel, “durante a presidência de um homem não respeitador dos monumentos”. Mas o Real Hospício ficou na história da instrução e educação pública, como o da primeira instituição cearense onde se ensinaram Humanidades; e também na história eclesiástica do Ceará, por ter sido, de-facto, o seu primeiro Seminário.

É importante ainda que se afirme, para fins de eventuais investigações arqueológicas, que há no texto de COUTO (1904, apud STUDART, 2004 p. 225), a seguinte evidência:

O insigne Padre João Guedes faleceu em 1740. Era natural do reino da Bohemia. Foi, diz um historiador, uma perfeita idéia de religiosas virtudes. Havendo empregado sua vida em apostolicos exercicios, acabou santamente no hospicio do Aquiraz, onde faleceu.

Além da possível existência de restos mortais do Padre João Guedes nas proximidades das ruínas da antiga Igreja Jesuíta em Aquiraz, há também, de acordo com COUTO (1904, apud STUDART, 2004, p. 225), evidências do sepultamento do Padre Manuel Batista na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, sendo esta a Igreja Jesuíta atualmente em ruínas na cidade de Aquiraz:

O Padre Manuel Batista da Companhia de Jesus, natural da freguesia de Santa Cristina, Arcebispo de Braga, trinta anos viveu na contínua tarefa de ganhar almas a Deus. Assistiu aos índios do Ceará com suma caridade, instruindo-os com seus exemplos e santas direções. Nos últimos cinco anos de sua vida, se recolheu ao hospício da dita província do Ceará, onde com grande esplendor de virtudes finalizou a vida no fim de julho de 1756, quando contava 75 anos de idade e foi o primeiro sepultado na igreja de Nossa Senhora da Assunção, do dito hospício.

Fontes evidenciam também a condição imposta, no contexto da doação das terras para a construção do hospício, por João de Barros Braga aos jesuítas, onde aquando do seu falecimento, deveria realizar-se o sepultamento na igreja do Real Hospício do Ceará. (TAVARES, 2019, p. 85).

Há grandes lacunas no processo de composição dos fatos históricos e poucas fontes que possam permitir conclusões minimamente precisas. Porém, entende-se que, segundo às evidências, havia pelo menos duas edificações no local: o Hospício, que teria funcionado como instituição de hospedagem, abrigo dos padres da Companhia de Jesus, e instituição de ensino, que é também vezes mencionada como Colégio e vezes como Seminário, tendo esta desempenhado funções coerentes com tais atribuições, e a Igreja de Nossa Senhora da Assunção, cujo conjunto de evidências documentais é escasso, mas é a única que se encontra ainda parcialmente edificada, sendo esta, portanto, uma grande evidência material da existência do Real Hospício do Ceará, e através da qual, a partir de uma análise da arqueologia da arquitetura, se pode extrair muitas informações a respeito de métodos construtivos e materiais empregados.

4.2. Evidências do contexto social, material e arqueológico

Dado o contexto histórico que basicamente envolve a vida do Real Hospício do Ceará, desde a sua criação até a sua demolição, é necessário que se faça um levantamento de evidências ligadas ao estado material do conjunto de edifícios, desde o início até o seu fim, e o contexto social que os envolvem. Sobre o edifício do hospício propriamente dito, não há quaisquer evidências documentais a partir das quais se possa tomar conclusões a respeito da sua forma. Já sobre a seu templo, ou igreja, há relatos escritos que chegam inclusive aos seus detalhes estéticos.

Os primeiros destes foram abordados por LEITE (1943, p. 81), sendo o primeiro trecho, de autoria do Governador de Pernambuco, datado de 1731, portanto quatro anos depois da provável fundação do próprio hospício, descrevendo o que nele havia. Já o segundo trecho, segundo Serafim Leite, é de autoria de Abreu e Lima.

O Hospício está “em um bom sítio, tendo os Padres dentro da cêrca um olho de água nativa, achando-se já nela cinco Padres e dous leigos, com dormitório capaz em que vivem e uma pequena ermida aonde dizem missa, estando de próximo para fazer igreja. A dita obra é tanto do serviço de Deus que nenhuma outra a excederá por estar no meio de uns sertões, os maiores desta América, entre o Maranhão, e esta Praça de Pernambuco, povoada de criminosos e muitos mulatos de larga vida, uns criados entre as feras que nêles há e outros dêsse Reino com os mesmos costumes, vivendo alguns em sítios que distam das igrejas 20 e 30 léguas com pouco temor de Deus e das

justiças. Da doutrina dêstes Padres, ensinada aos filhos dêstes homens para o que têm Seminário, se podem esperar grandes utilidades contra os referidos costumes”.

Urgia a construção rápida de tudo. A Carta Régia de 12 de Fevereiro de 1732 dá novos emolumentos. Mas bem consignava El-Rei os subsídios necessários: não se pagavam ou pagavam-se mal. As informações oficiais, enviadas para Roma em 1743, diziam:

Esta casa tem por Fundador o Sereníssimo Rei de Portugal, que dispôs que residissem sempre nela 10 da Companhia, que se ocupassem das Missões e da educação dos meninos. Mas regularmente estão 5. Para cada um deu El-Rei 60 escudos e para a edificação da casa deu 2.400. Todavia, a casa ainda não está completamente fundada, e só tarde o estará; a dotação real nunca se paga na íntegra, e, portanto, não se pôde completar o número de Padres designado pelo Fundador. Além da dotação real possui esta casa duas pequenas fazendas: uma tira a carne, de que precisa, e alguns cavalos, que vende; da outra, mais junto à casa, a farinha e legumes, para se sustentar. Tem somente 14 servos.

Percebem-se aqui alguns fatores importantes ligados ao cotidiano do Real Hospício do Ceará. O primeiro é a menção a uma “cêrca”, denotando a delimitação de uma propriedade, e a um “olho de água nativa”, ou seja, uma nascente. Os padres contavam, portanto, com uma propriedade de caráter privado e uma fonte própria de água. Há ainda a menção a uma “pequena ermida”, que, observada a data do documento, não deve se tratar da Igreja de N.S da Assunção, já que esta seria inaugurada apenas em 1748.

O autor do primeiro trecho menciona ainda, referindo-se ao território de Pernambuco, a existência de “criminosos e muitos mulatos de larga vida” com “pouco temor de Deus e das justiças”. Em seguida, o Governador afirma que dos ensinamentos dos padres aos meninos que naqueles sertões viviam, se poderia esperar “grandes utilidades contra os referidos costumes”, referindo-se, portanto, aos mulatos.

Em seguida, no trecho atribuído por Serafim Leite a Abreu e Lima, percebe-se resumidamente que, do total previsto de dez padres que no Hospício viveriam, havia apenas cinco. Isto se deve à existência de dificuldades financeiras que sempre fizeram parte do cotidiano do Hospício. Por isso, os padres tinham de ter rendas próprias.

O autor menciona a existência de “duas pequenas fazendas”, de onde se podia obter carne, provavelmente de gado bovino, e a criação de cavalos cujo fim seria a venda. Havia também a produção de farinha e legumes para subsistência própria. Ao fim o autor menciona a existência de “somente 14 servos”. No entanto, o texto não deixa claro se estes se tratavam de servos remunerados ou de escravos, sendo a segunda hipótese a mais provável.

TAVARES (2019, pp. 16-117) afirma que o Real Hospício do Ceará possuía as fazendas de gado Curral da Telha, Pacoty e Beja Bodez, além de “considerável número de escravos”, sendo “um dos maiores proprietários de escravos na vila”. Afirma ainda que suas propriedades contíguas ao Real Hospício possuíam, “cinco anos após a expulsão da ordem,

30 bois e 35 cabeças de gado vacuum e 25 escravos”, já as fazendas mencionadas abrigavam “juntas 500 bois, 1081 cabeças de gado vacuum, 456 de gado cavalari e somente 6 escravos”.

Como relato do seu estado material durante o período de utilização, há o escrito do Governador João da Maia da Gama (apud TAVARES, 2019, p. 191), que descreve o edifício da igreja como “huma capellinha mui pequena sem mais ornato, ou ornamento que hum painel no altar”.

Posteriormente, já em contexto de abandono, o Real Hospício do Ceará é relatado à Rainha D. Maria I de Portugal, em carta³⁷ de 9 de novembro de 1790, onde o Padre José Pereira de Castro descreve o seu estado, e acusa o Padre José Martins de Carvalho de má administração e de utilizá-lo para obtenção indevida de benefícios. CASTRO (1790) relata o:

mizeravel indecentissimo estado em que se acha o hospicio e igreja que foi dos extinctos jezuitas na d.ta villa o que selhe detem continuado escandallo dos moradores ao que da cauza o seu actual adm.or o Pe Antonio Jose Mtz de Carvalho pelo desprezo e falta de respeito com que trata aquelles lugares sagrados, profonandoos e applicandoos p.a armaçoens das suas negociaçoens sem que lhe emporte a sua vizivel ruina

Décadas depois, a Câmara dos Deputados delibera a respeito da demolição e destino dos materiais retirados da, à altura, antiga igreja dos jesuítas (ANNAES DO PARLAMENTO BRASILEIRO, 1840, apud TAVARES, 2019, p. 200):

A assembléa geral legislativa resolve:

Art. 1º. A igreja dos extinctos jesuitas, collocada na villa do Aquiraz, será entregue à camara municipal da mesma villa, para ahi construir um cemiterio.

Art. 2º. Os materiaes que não forem necessarios para a construcção do cemiterio, serão arrematados a quem mais dér, e o seu producto applicado às despezas da mesma construcção; e havendo sobras serão estas applicadas em beneficio da igreja matriz da sobredita villa.

Art. 3º. Ficão revogadas todas as leis em contrario. Paço da camara dos deputados, em 20 de junho de 1840. - Silva Pontes. - Tosta. - H. Ferreira Penna.

TAVARES (2019) complementa que a maior parte do material removido do Real Hospício do Ceará foi transportado para Fortaleza, atual capital do estado, pois seriam empregados em obras de sua igreja matriz. Posteriormente, parte deste material, especificamente madeiras, teriam retornado a Aquiraz e sido utilizados em sua igreja matriz, a de São José de Ribamar. Posteriormente, em 1857, seria construído o primeiro cemitério da

³⁷ REQUERIMENTO do padre José Pereira de Castro, da vila de Aquiraz, à rainha [D. MARIA I], sobre o estado em que se acha o Hospício e Igreja que foi dos extinctos Jesuítas na referida vila e sobre seu atual administrador José Martins de Carvalho. AHU_ACL_CU_006, CX. 12, DOC. 673.

vila, em localização próxima à igreja de N.S da Assunção. Portanto, como sugerem o autor e a própria resolução da Câmara dos Deputados, parte do material extraído da antiga igreja pode ter sido reutilizado em outras obras, como a antiga catedral de Fortaleza e o próprio cemitério de Aquiraz, que pode ainda abrigar parte destes materiais e, portanto, evidências materiais relacionadas ao objeto aqui abordado.

Dois anos após a construção do cemitério, ALEMÃO (2011, apud TAVARES, 2019, p. 202) relata:

O chão da igreja e do claustro tem sido revolvido profundamente pelo povo, e talvez pelas autoridades, cuidando acharem-se ali tesouros escondidos pelos padres, quando foram extintos. Foi um verdadeiro vandalismo o desmantelamento desse templo, que se devia conservar.

ALEMÃO (2011, apud TAVARES, 2019, p. 196) descreve com maiores detalhes, em ocasião de outra visita, já na segunda metade do século XIX, a situação em que se encontravam os edifícios do hospício e sua igreja.

Passamos pela Matriz e fomos examinar as ruínas da igreja dos jesuítas, que eles chamam colégio e que está dentro das cercas do engenho do Sr. Alcino. A igreja era de boas proporções, com paredes de pedra e cal, portados de cantaria e adornos em relevo – tem a era de 1753. O claustro não se chegou a fazer, havendo ao lado direito (e provavelmente ao esquerdo que não vi) pedras de espera para essa obra. A casa dos jesuítas, ao lado da igreja e comunicando com ela, era de esteios de aroeira, de um resto ainda à sapota; os mais, assim como os outros materiais, foram tirados e os quatro esteios que atualmente sustentam os dois sinos da Matriz foram provavelmente tirados dele. A igreja está sem teto e de todo desornada; as imagens foram depositadas na Matriz.

Dirigimo-nos em seguida, à Matriz, quando a missa ia em meio. Terminada esta percorremos as suas dependências, prendendo-nos logo a atenção a série de decorações sobre motivos religiosos estampados no forro abobadado do altar-mor e as quais, segundo nos informaram pessoas idôneas da localidade, datam da construção do templo, sem nunca terem sido retocadas. Parece, entretanto, que foram pintadas em nossos dias, tal a nitidez e vivo das tintas. Posto não façam inveja aos imortais discípulos da famigerada escola florentina, não deixam, todavia, de ter seu quê artístico, sendo de causar pena não se saber o nome de seu autor. É pintura secular. As imagens, oriundas em seu maior número da igreja dos jesuítas, são imperfeitas e desencarnadas, exceção da de São José, que se acha colocada no nicho principal do altar, belíssima e de fino valor estatutário. São todas, porém, muito veneradas.

O relato de Francisco Freire Alemão traz maiores detalhes acerca da forma e condições físicas dos edifícios do chamado “colégio dos padres”. Ao que se pode supor através da época em que viveu o autor do relato, esta visita ocorreu em meados da segunda metade do século XIX, provavelmente já após executada parte do processo de demolição das

então antigas instalações da Companhia de Jesus. Já passadas décadas desde a expulsão dos jesuítas, nota-se que a propriedade havia passado à posse de um ente privado.

Alemão descreve elementos construtivos, especificamente “paredes de pedra e cal”, que ainda hoje podem ser observados na ruína em questão. Há ainda menções a “portados de cantaria”, “adornos em relevo” e “era de 1753”. Tais elementos já não são mais observáveis com grande riqueza de detalhes. O relator menciona ainda possíveis intenções de construções de um claustro junto à igreja e que, também contíguo ao templo havia a “casa dos jesuítas”, devendo-se tratar provavelmente do hospício propriamente dito, e que este “era de esteios de aroeira”. Deste texto se pode fazer duas fundamentais ilações: o edifício do hospício encontrava-se muito próximo à sua igreja, e este contava com um método construtivo provavelmente muito semelhante à Casa do Capitão Mor, residência da mesma época localizada próximo às ruínas da igreja e cuja finalidade era abrigar a dita autoridade. Abaixo observa-se a imagem de um esteio de madeira provavelmente semelhante aos mencionados pelo relator, e que, portanto, pode indicar um possível método construtivo utilizado no hospício.



Figura 54 - Casa do Capitão-Mor.
FONTE: Autor.

Conclui-se, portanto, que os jesuítas dispunham de um território com limites definidos, com pelo menos uma nascente de água, e onde se desenvolviam atividades agropecuárias voltadas a própria subsistência e à comercialização de excedentes. Além desta propriedade, a Companhia de Jesus, neste contexto territorial, era proprietária de pelo menos três fazendas de criação de gado e usufruía, tanto no hospício quanto nas fazendas, de mão de obra escrava.

Infere-se ainda que parte dos materiais extraídos das antigas instalações jesuítas pode ter sido utilizado na então igreja matriz de Fortaleza-CE, que já não existe, e no cemitério de Aquiraz-CE, localizado muito próximo ao antigo hospício.

Há também evidências de que os edifícios do Real Hospício do Ceará podem ter sofrido saques ao longo do tempo, o que pode vir a comprometer futuras investigações arqueológicas no local.

4.3. O templo do Real Hospício do Ceará

Antes de se abordar o templo propriamente dito, deve-se entender um pouco a respeito de seu construtor e o legado deixado nas obras das quais fez parte. Deste modo, é possível de se criar associações entre o templo em questão, e outros nos quais ainda é possível se observar características estéticas e construtivas deixadas por Antônio Mendes da Cunha, provável construtor da Igreja do Real Hospício do Ceará.

Ramiro Teles destaca pelo menos três obras nas quais se afirma ter envolvimento direto o pedreiro Mendes da Cunha: a Capela de Nossa Senhora da Guia, em Acari-RN, a Capela de Nossa Senhora da Conceição, em Itans, distrito do município de Itapiúna-CE, e a Igreja do Real Hospício do Ceará. Além destas, Teles aponta ainda fortes evidências da participação do construtor na obra da Capela de Nossa Senhora da Conceição, em Sobral-CE, e suas semelhanças com a Igreja Paroquial de Sapardos, em Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo, Portugal, por onde passara também Mendes da Cunha. O autor aponta ainda que são características recorrentes nas obras do pedreiro (BESERRA, 2018, p. 265):

a planimetria básica e repetição das mesmas proporções, que como já se viu, obedece aos cânones das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, constando de nave longilínea, precedida por capela-mor, ao lado da qual se acopla uma sacristia, geralmente à esquerda daquela

Portanto, é de se ver que há padrões de grande similaridade entre os templos erigidos no sertão cearense, em especial devido à influência da Companhia de Jesus, peça fundamental no processo de colonização portuguesa no Brasil, e à experiência do construtor, aspecto compartilhado por diversos edifícios religiosos, como os citados anteriormente. Por tal razão faz-se relevante a comparação entre alguns dos templos abordados por Ramiro Teles.

Entre as figuras 53 e 56 vê-se as fachadas de quatro edifícios nos quais esteve envolvido o pedreiro Mendes da Cunha, sendo a primeira, em Vila Nova de Cerveira, Portugal, e as demais no nordeste brasileiro. Vê-se nitidamente o padrão composto pelo frontão triangular, duas pequenas janelas junto aos coros e uma portada, que, nos casos brasileiros, são provavelmente decoradas com argamassa, dada a dificuldade de execução em cantaria, e os cunhais nas extremidades das fachadas.



Figura 55 - Igreja Paroquial de Sapardos, Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo.
 FONTE: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira *in* BESERRA (2018).



Figura 56 - Capela de Nossa Senhora da Conceição, Sobral-CE.
 FONTE: Prefeitura Municipal de Sobral *in* BESERRA (2018).



Figura 57 - Capela de Nossa Senhora da Guia, Acari-RN.
FONTE: IPHAN in BESERRA (2018).



Figura 58 - Capela de Nossa Senhora da Conceição, Itans, Itapiúna-CE.
FONTE: BESERRA (2018).

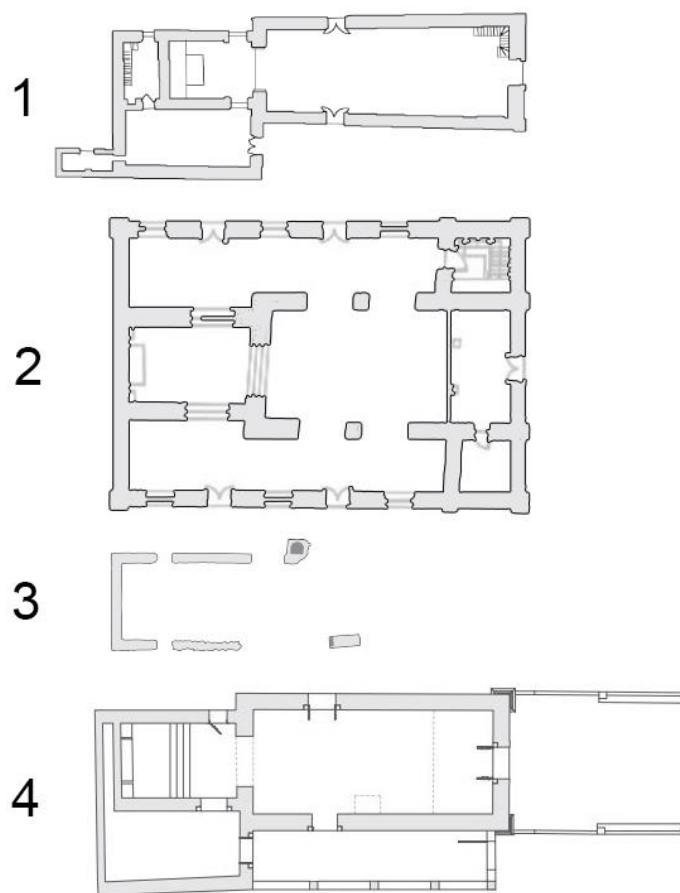


Figura 59 - Comparativo entre edifícios religiosos construídos por Antônio Mendes da Cunha no Brasil.

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de plantas *in* BESERRA (2018).

Já na figura 57 vê-se um comparativo entre as plantas baixas dos edifícios construídos por Antônio Mendes da Cunha, sendo o primeiro, a Capela de Nossa Senhora da Guia, em Acari-RN, o segundo, a Capela de Nossa Senhora da Conceição, em Sobral-CE, o terceiro, a igreja do Real Hospício do Ceará, e o quarto, a Capela de Nossa Senhora da Conceição, em Itans, distrito de Itapiúna-CE. Todos apresentam um padrão composto pela capela-mor alinhada ao salão principal em formado linear e, contígua à capela-mor, a sacristia, observada nas ilustrações 1 e 4 do lado esquerdo, ao ver-se o templo a partir de seu frontispício. Já no exemplo de Sobral-CE, ilustrado na imagem 2, vê-se ainda as duas torres sineiras e corredores laterais, formando uma planta simétrica composta por estruturas que podem ter sido construídas posteriormente. Evidencia-se, sobretudo, a semelhança entre as plantas primeira e quarta, que representam, respectivamente, as capelas de N.S. da Guia e de N.S. da Conceição. O principal aspecto diferenciador entre as duas é o chamado camarim, visto no primeiro edifício com acessos bem definidos em dois lados e proporções aparentemente maiores, que se resume ao “espaço existente por trás do altar-mor destinado ao manuseio da

imagem da padroeira”. (BESERRA, 2018, p. 265). Contudo, vê-se inserido nesta planta o mesmo padrão observado nas outras.

No que concerne ao templo propriamente dito, a partir da única evidência material visível no local, sendo esta uma fachada do antigo edifício, de construção iniciada em 1748, e alguns elementos arquitetônicos remanescentes do processo de deterioração e demolição parcial, é possível definir conclusões acerca de aspectos como técnicas de construção, materiais utilizados, dimensionamentos e outros, estratificando-se o objeto de estudo em diversos aspectos e abordando-se seus elementos arquitetônicos.

Abaixo observam-se duas imagens, uma do lado externo e outra do lado interno da fachada.



Figura 60 - Lado externo da fachada posterior.
FONTE: Autor.



Figura 61 - Lado interno da fachada posterior.
FONTE: Autor.

O primeiro elemento arquitetônico a chamar atenção nesta fachada, tanto visível pelo

seu lado interno, quanto pelo externo, é o que aparenta ser um pórtico de arco de volta completa na porção central da parede. No entanto, ao observar-se de perto, como faz-se na figura 60, vê-se que há resquícios do que seria uma parede no lado interno, compondo, portanto, um nicho, que poderia ser voltado ao exterior do edifício ou, possivelmente à sacristia, caso fosse esta atrás do templo, e não em sua lateral, como se observa em outras igrejas.

Ainda na figura 60, é possível observar-se aberturas quadradas seguindo um padrão rítmico pelo lado externo da fachada. Esta técnica é observada na ruína da igreja jesuíta de São Miguel das Missões, como afirma Lucas Mayerhofer (1969, p. 25),

[...]o altar-mor com tôda a probabilidade foi erigido contra o muro dos fundos, ocupando a largura da capela-mor. Tanto assim que se vêem muito claramente os buracos deixados pelas peças de madeira que manteriam a talha do respectivo retábulo.

No entanto, as mesmas aberturas não são visíveis pelo lado interno da fachada, que na verdade, apresenta ainda resquícios do revestimento cimentício da parede, sugerindo que esta seria um pano liso e sem aberturas em sua face interna, sendo, portanto, improvável a fixação de um retábulo seguindo a técnica observada em São Miguel das Missões. O mesmo elemento também se observa nas laterais da ruína, e ao que se sabe, seriam pontos de fixação de andaimes utilizados durante a execução da obra.



Figura 62 – Nicho externo.
FONTE: Autor.



Figura 63 - Acesso lateral.
Fonte: Autor.

A presença de pórticos de arcos de volta completa com aberturas retangulares logo acima compõe um elemento tradicional na arquitetura jesuíta portuguesa. Apesar de não haver nesse caso evidências de capelas laterais, ou mesmo de nichos internos, outros elementos típicos das igrejas da Companhia de Jesus, observa-se resquícios de um pórtico, possivelmente de acesso à sacristia ou ao exterior do edifício, abaixo do que poderia ser uma abertura retangular para iluminação. Na figura 59 observam-se ainda fendas verticais ao longo das supostas esquadrias, aparentemente a fim de que se fixasse ali alguma estrutura.

Construtivamente, a fachada traz como elementos básicos rochas sólidas, aparentemente de granito e arenito, tijolos cerâmicos e uma argamassa agregadora a base de areia. Há ainda a presença de conchas na argamassa, o que sugere que esta tenha sido produzida a partir de areais do litoral.

É notório ainda o aspecto construtivo que distribui as rochas na porção inferior das paredes do edifício, passando por um processo de transição gradual até o uso absoluto de tijolos cerâmicos na parte superior.



Figura 64 - Rocha aparentemente de granito.
FONTE: Autor.



Figura 65 - Rocha aparentemente de arenito.
FONTE: Autor.



Figura 66 - Concha encrustada na argamassa agregadora.
FONTE: Autor.

Ao comparar-se o edifício arruinado e sua planta baixa com os pares construídos por Antônio Mendes da Cunha, vê-se, dada sua forma e dimensões, que esta estrutura pode se

tratar de resquícios da capela-mor do antigo templo, podendo este ter sido composto ainda por estruturas auxiliares, como a sacristia, normalmente observada do lado esquerdo, e a nave única, através da qual se fazia acesso à capela-mor. Contudo, é possível também que esta tenha sido uma pequena capela de planta retangular sem quaisquer estruturas auxiliares, visto tratar-se de um primitivo templo parte do conjunto do hospício jesuíta.

Há ainda uma pequena estrutura no lado oeste que pode ter composto parte de um patamar junto ao frontispício da igreja, a base de um cunhal ou mesmo a base de uma parede, e um pequeno nicho de tijolos cerâmicos no lado leste que, dada a desconexão material com os volumes maiores da ruína e a falta de evidências sobre suas origens ou funções, não serão considerados.

4.4. Conclusões parciais a respeito do Real Hospício do Ceará

A partir do conjunto bibliográfico aqui levantado não é possível de se obter informações muito precisas acerca do processo histórico de edificação da igreja jesuíta de Aquiraz. E ainda muito menos do Real Hospício do Ceará, visto que deste não se encontram à superfície quaisquer evidências materiais.

Há ainda uma certa confusão de nomenclaturas visível no material historiográfico aqui analisado, onde por vezes se refere ao provável hospício como colégio e até mesmo seminário. O ponto é que este se tratava muito provavelmente de uma pequena edificação, possivelmente construída em taipa, já que a mesma técnica se observa na casa do capitão-mor, edificada mais ou menos no mesmo período, e localizada próximo à ruína da igreja.

Não se pôde também encontrar documentos que fundamentem a existência de um Colégio da Companhia de Jesus nos seus padrões tradicionais, visto que estes se tratavam de edifícios formais cujos processos de construção e operação eram normalmente muito bem documentados.

Portanto, o que se pode concluir a respeito desta ruína e o contexto em torno dela, é que se tratava provavelmente de um hospício, onde também se desenvolviam atividades educacionais, e que dispunha de uma igreja em seu conjunto de edifícios.

Há também em uma das cartas a menção a um “olho d’água nativa” nas dependências do hospício, se tratando, portanto, de uma nascente natural de água. Caso seja ainda existente, esta pode compor o conjunto de evidências que indicam a localização aproximada do antigo hospício.

Sobre a sua igreja, vê-se que resta hoje apenas uma pequena porção do que seria o templo em sua forma integral, e que se faz, por isso, difícil determinar a sua forma original. Contudo, é legítimo especular que se trata, possivelmente, da capela-mor do antigo templo,

que, por sua vez, dispunha de dois acessos laterais encimados por janelas retangulares, e um nicho voltado ao lado exterior, que poderia estar dentro da sacristia, ou ao ar livre.

5. Análise do edifício da igreja do Real Hospício do Ceará

5.1. Procedimentos metodológicos

Esta etapa do estudo se dá a partir do levantamento bibliográfico já produzido nos capítulos anteriores, já que estes trazem relevantes evidências do histórico material do edifício em análise. No entanto, estas são evidências que se resumem ao universo documental existente sobre o edifício, não havendo, portanto, informações primárias de ordem técnica ou empírica sobre o edifício. Estas foram produzidas segundo os procedimentos metodológicos aqui apresentados.

Os procedimentos de análise arqueológica da Igreja do Real Hospício do Ceará se dão basicamente através da metodologia de Análise Estratigráfica Mural, a partir da qual se classificam diferentes estratos, ou camadas, das superfícies visíveis do edifício. Um sítio arqueológico é, normalmente, composto por uma série de camadas de materiais, sejam estes de origem natural ou produzidos por seres humanos. (HUME, 1975, p. 68, apud HARRIS, 1989, p. 29). Estas camadas, portanto, devem ser identificadas e registradas segundo parâmetros previamente definidos. Edward Harris elaborou para tal fim a, denominada pelo próprio autor, Matriz de Harris, que consiste num método de representação gráfica, sob forma de diagrama, dos estratos observados em um sítio arqueológico. (HARRIS, 1989, p. 34). Contudo, além do método representativo diagramático de Harris, foram utilizados aqui desenhos bidimensionais de vistas das superfícies internas e externas do edifício, aqui denominados Mapas Estratigráficos Murais - MEM. No entanto, os métodos da arqueologia tradicional devem, neste caso, ser adaptados ao contexto arquitetônico.

Elementos visíveis nos alçados do edifício, como portas, janelas, superfícies com materiais distintos, aberturas e quaisquer outros elementos que atribuam individualidade a determinada parte da superfície em análise, devem ser classificados em estratos, denominados aqui Unidades Estratigráficas Murais - UEM.

Em resumo, o procedimento consiste na identificação visual de elementos de caráter individual, classificação em UEMs, representação gráfica através de mapas estratigráficos murais, descrição em fichas estratigráficas, análise material de amostras de materiais e comparação com os resultados obtidos no processo de identificação visual. Detalha-se abaixo o procedimento executado.

- 1. Levantamento fotográfico:** na primeira etapa, realizou-se um levantamento fotográfico de todos os alçados do edifício, onde procurou-se capturar as superfícies externas inteiras e com a menor distorção angular possível. Para tal utilizou-se uma câmera fotográfica Nikon D3400, com sensor de 24,2 megapixels, equipada com uma

lente Nikon Af-p 18-55mm 1:3.5-5.6G DX VR. As imagens foram ainda tratadas com processos de compensação da distorção natural da lente utilizada e redução de distorção de perspectiva através do *software* Adobe Photoshop CC 2015.

2. Levantamento fotogramétrico: como complemento ao levantamento fotográfico, para fins de produção de um modelo tridimensional do edifício, registro de suas proporções métricas e do estado material em que se encontrava durante a fase de levantamentos, produziu-se um levantamento fotogramétrico, utilizando-se o mesmo equipamento da etapa anterior, com 2452 fotografias do edifício. As imagens foram produzidas em um dia nublado, devido a melhor difusão da luz, de modo a favorecer o processamento das imagens por *software*.

3. Produção de modelo computadorizado tridimensional: com o material obtido durante o levantamento fotogramétrico, produziu-se um modelo tridimensional através do *software* Agisoft Metashape. O processo de fotogrametria permite obter-se, através do modelo tridimensional, medidas aceitavelmente precisas do objeto real, o que permite produzir imagens com escalas gráficas e formas proporcionais à realidade. Como contraprova, partes do edifício real foram medidas e constatou-se que os resultados correspondem aos obtidos no modelo tridimensional. O *software* utilizado traz algoritmos de compensação da distorção natural concebidos especificamente para a lente empregada no levantamento fotogramétrico.

4. Elaboração de representação gráfica de plantas e alçados: a partir do modelo tridimensional fotogramétrico, elaborou-se representações gráficas bidimensionais de todo o edifício. Especificamente planta baixa e alçados. Para tal, imagens bidimensionais do objeto tridimensional virtual foram exportadas do *software* Agisoft Metashape nas perspectivas desejadas, e importadas para o *software* Adobe Photoshop CC 2015, onde foram sobrepostas manualmente por uma representação bidimensional.

5. Análise estratigráfica mural: a partir das fotografias produzidas no levantamento fotográfico, primeira etapa do procedimento, foram produzidos mapas estratigráficos murais, que são representações bidimensionais dos alçados do edifício. O procedimento realizou-se através da identificação visual de unidades estratigráficas murais observadas nas fotografias e sobreposição com manchas coloridas através do *software* Adobe Photoshop CC 2015, produzindo assim desenhos representativos dos alçados.

6. Elaboração de fichas estratigráficas: após a identificação visual dos estratos, descreveu-se as unidades estratigráficas murais individualmente em fichas segundo os parâmetros abaixo.

- a. Identificação de tipo de elemento (construtivo, contextual, interface ou interface construtiva).
- b. Atribuição de nome ao elemento.
- c. Descrição do elemento.
- d. Classificação de UEMs segundo relações temporais e físicas.
- e. Identificação de relações entre UEMs.
- f. Identificação de cronologia.
- g. Interpretação do contexto em torno da UEM.
- h. Observações e referências ao elemento.

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <input type="text"/>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: _____																													
NOME (DEFINIÇÃO): _____																															
DESCRIÇÃO: _____																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A							POSTERIOR A							DIAGRAMA:
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A																															
POSTERIOR A																															
IGUAL A: _____		EQUIVALENTE A: _____																													
RELACÃO COM: _____																															
CRONOLOGIA: _____																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): _____																															
FOTOGRAFIA (OBSERVAÇÕES): _____																															
REFERÊNCIAS: _____																															
RESPONSÁVEL: _____		DATA: _____																													

Figura 67 - Ficha Estratigráfica Mural utilizada.
FONTE: Autor.

7. Desenvolvimento da Matriz de Harris: após produzidas as fichas, elaborou-se os diagramas de representação das UEMs segundo o método da Matriz de Harris através do uso do software Harris Matrix Composer, classificando-se as UEMs de acordo com seus níveis de proximidade com a superfície externa do alçado. Contudo, dada a possibilidade de uma UEM se posicionar em um nível estratigráfico mais superficial que outra, e não necessariamente cobri-la, faz-se necessário afirmar que os dados presentes na matriz gráfica não seguem os mesmos parâmetros dos observados nas fichas, sendo, portanto, descritas nas fichas as relações físicas entre as UEMs, e nas matrizes gráficas suas disposições segundo estratos, podendo, por exemplo, uma UEM relacionada a revestimento se sobrepor a outra relacionada a tijolos cerâmicos sem que necessariamente estes estejam cobertos pelo revestimento. Neste sentido, caso estejam fisicamente cobertos, tal contexto estará descrito na ficha estratigráfica mural da UEM em questão.

5.2. Contextualização espacial

5.2.1. Entorno

O edifício localiza-se precisamente no município brasileiro de Aquiraz-CE, nas dependências de um empreendimento privado de entretenimento (parque de diversões, vê-se delimitado em vermelho na figura 66), inserido em um conjunto de edifícios históricos próximos ao atual centro urbano da cidade, e em um contexto temporal diretamente ligado ao início do processo de formação urbana da cidade.

Compõem um significativo conjunto arquitetônico contemporâneo ao hospício jesuíta, portanto do século XVIII, a Casa do Capitão-Mor, residência oficial da autoridade homônima na região, e a capela-mor da Igreja Matriz de São José de Ribamar. Há ainda a Casa de Câmara e Cadeia, um edifício cujas etapas de construção se dividem entre os séculos XVIII e XIX, e o Mercado da Carne, do século XIX. Além do conjunto histórico, é relevante a presença também do cemitério municipal junto ao antigo centro urbano de Aquiraz, compondo, portando, um expressivo conjunto a situar-se nas proximidades da praça da igreja matriz.

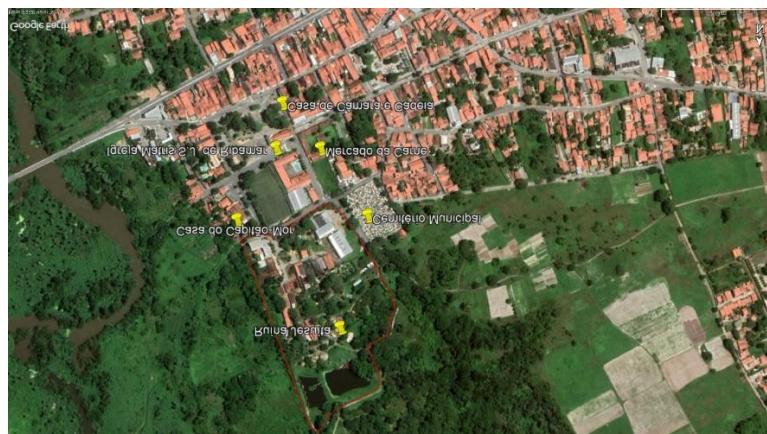


Figura 68 - Entorno da igreja jesuíta do Real Hospício do Ceará.
FONTE: Google Earth.

Já em um contexto espacial mais amplo, nota-se elementos significativos nos âmbitos ambiental e urbanístico, como a presença de uma rodovia estadual que se bifurca próximo à entrada principal da cidade, despejando todo o fluxo de automóveis diretamente na região central histórica, a proximidade desta região a um corpo fluvial perene (Rio Pacoti), a predominância de vegetações razoavelmente densas compostas por árvores de médio porte e arbustos juntos ao rio, e paisagens áridas, de vegetação rasteira e dunas em uma faixa de aproximadamente 4km desde o mar.

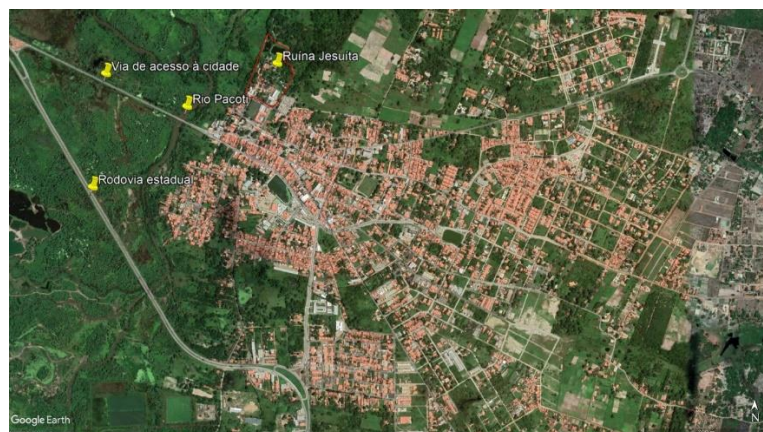


Figura 69 - Rodovia estadual, via de acesso e Rio Pacoti.
FONTE: Google Earth.

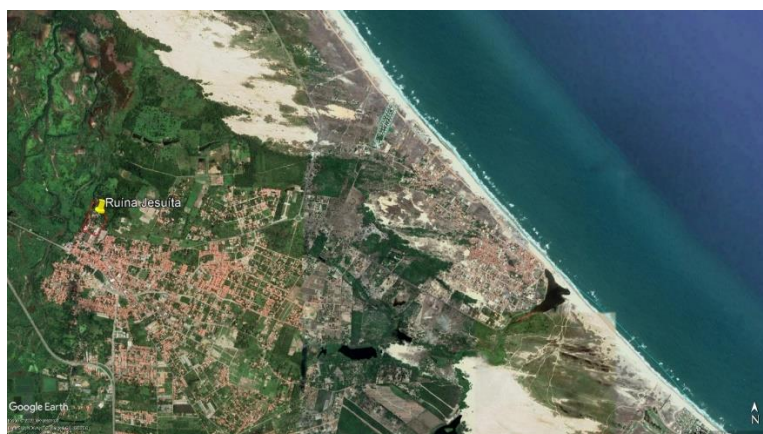


Figura 70 - Faixa litorânea.
FONTE: Google Earth.

5.2.2. Contexto geológico

De acordo com a carta intitulada Mapa Geológico do Estado do Ceará, do Serviço Geológico do Brasil, o município de Aquiraz se encontra na intersecção de pelo menos três unidades litoestratigráficas: Q2a, Q2el e ENb. Portanto, como se pode observar na legenda (fig. 6), trata-se de uma região predominantemente constituída de areias quartzosas, areias finas e grossas, seixos, cascalhos, argilas e arenitos argilosos. Há, portanto, a predominância de elementos geológicos sedimentares de vários tipos, contudo, é notória a abundância e extensão da faixa de arenitos existente no local. As duas primeiras (Q2a e Q2el) pertencem à era cenozoica no período quaternário, contando aproximadamente 2,58 milhões de anos. Já a última (ENb) pertence ao grupo barreiras, é também cenozoica, porém é de entre os períodos paleógeno e neógeno, com aproximadamente 23,03 milhões de anos. (CPRM, 2020).

A unidade Q2a corresponde ao leito do Rio Pacoti, razão pela qual se compõe basicamente por sedimentos, e segue junto ao rio, atravessando a unidade ENb, até a sua

foz encontrando-se com o mar.

A unidade litoestratigráfica Q2el, junto à faixa litorânea, a mais sedimentada de todas, composta basicamente de areia, é correspondente à faixa de dunas que borda o oceano, sendo precisamente este o fator que a fez sedimentar-se ao nível de pequenos grãos arredondados de quartzo ao longo do tempo.

A unidade ENb, neste contexto a mais abundante, é basicamente constituída por arenitos, e se estende, neste trecho, por aproximadamente 20km rumo ao interior do continente, onde encontra-se com as unidades NP3ytst (domínio granítico-migmatítico) e NP2ci (predomínio de xistos aluminosos e paragnaisses).

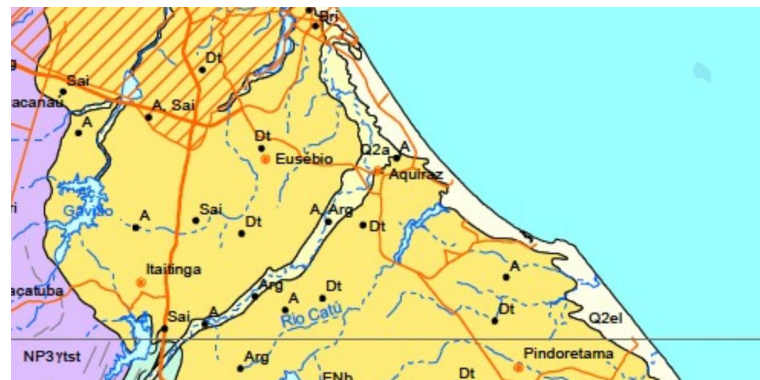


Figura 71 - Setor do Mapa Geológico do Ceará (1:500.000).
FONTE: CPRM (2020).

COBERTURAS SEDIMENTARES CENOZOICAS	
Q2el	Depósitos Eólicos Litorâneos: areias quartzosas de granulação fina a média, bem selecionadas e com grãos arredondados.
Q2a	Depósitos Aluvionares: sedimentos inconsolidados constituídos por seixos, areias finas a grossas, com níveis de cascalhos e argilas.
Q2il	Depósitos de Tálus Recente: fragmentos líticos com matriz de areia, silte e argila.
N2Q1c	Depósitos Colúvio-eluviais: depósitos de areias, areias argilosas e argilas.
N2m	Formação Moura: sedimentos inconsolidados formados por argila, areia e cascalho.
GRUPO BARREIRAS (ENb)	
ENfa	Formação Faceira: conglomerados basais, de cor vermelha, com fragmentos líticos. Arenitos pouco litificados de cor vermelha, com níveis de argila e de cascalhos.
ENb	Arenitos argilosos de cores amarela, vermelha e verde, matriz argilo-caulinica, com cimento argiloso, ferruginoso e as vezes silicoso, de granulação fina a média, com leitos conglomeráticos na base.

Figura 72 - Legenda.
FONTE: CPRM (2020).

5.2.3. Planta baixa

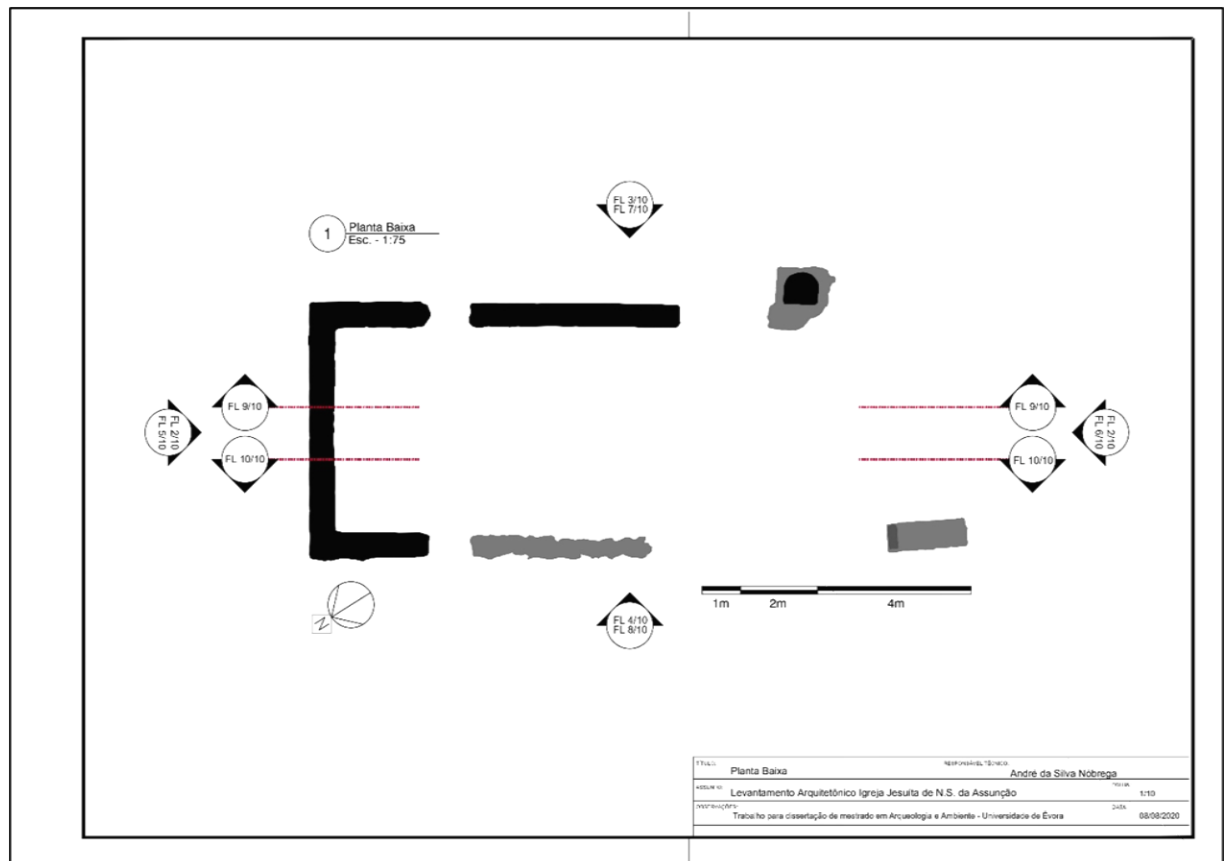


Figura 73 - Planta baixa.
FONTE: Autor.

O edifício compõe-se basicamente de cinco volumes: um ao norte, correspondente ao que seria o fundo da igreja, um ao oeste, sendo este uma parte remanescente de uma parede lateral, outro a leste, rente ao chão, sendo, portanto, o alicerce desta parede, um pequeno nicho e outro volume composto por materiais rochosos a sudoeste.

Devido à insuficiência de evidências que apontem para a origem do volume localizado a sudoeste da planta e do pequeno nicho, situado ao lado leste, estes não foram incluídos na análise estratigráfica mural, sendo esta, portanto, limitada aos principais volumes que compõem o edifício: suas paredes.

5.2.4. Alçados norte e sul



Figura 74 - Alçados norte e sul.
FONTE: Autor.

Os alçados norte e sul representam a superfície do principal volume do edifício, que corresponde ao que seria o fundo do salão, visível no Alçado Sul (figura 72, imagem 2), onde se pode ver uma abertura, provavelmente causada por desgastes naturais, inserida no que seria um nicho voltado ao lado externo do templo, portanto, atrás do edifício.

5.2.5. Alçado leste

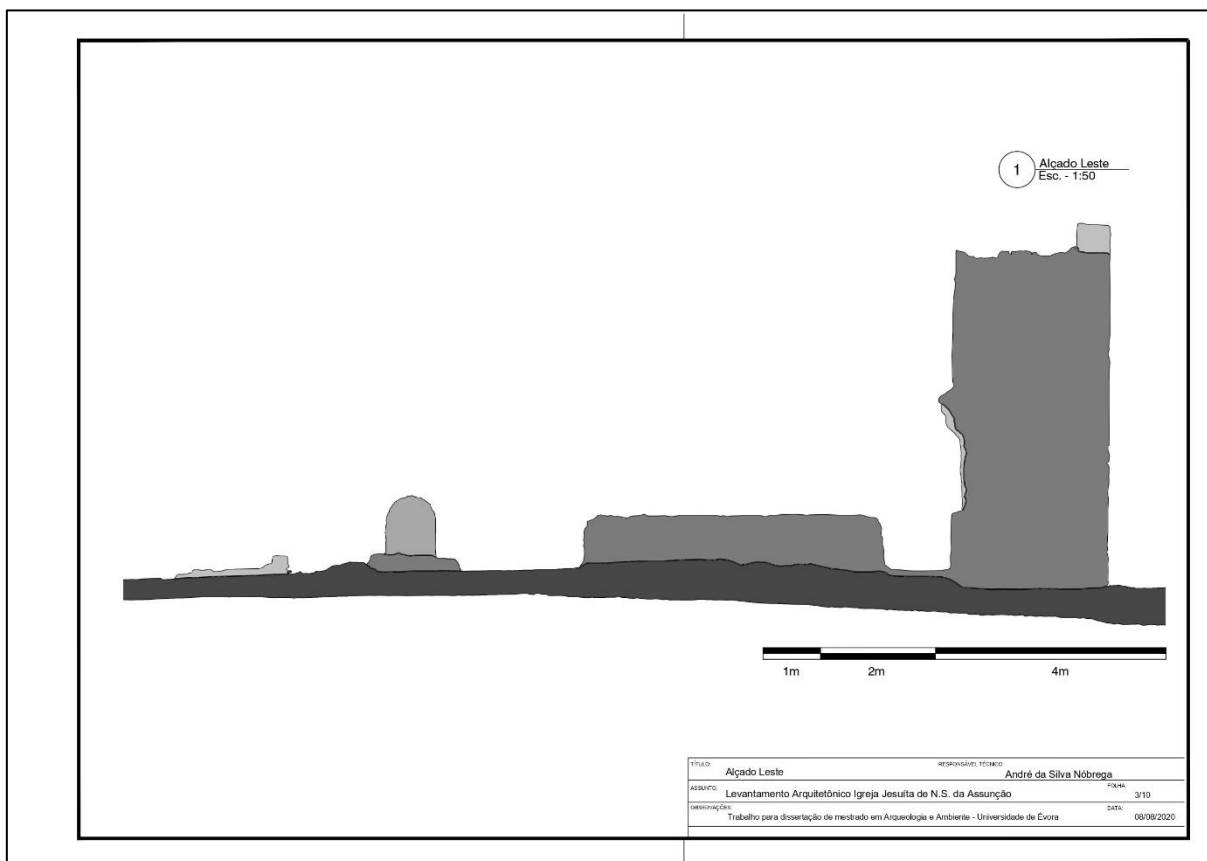


Figura 75 - Alçado leste.
FONTE: Autor.

A representação do alçado leste permite uma melhor compreensão espacial do principal volume, representado nos alçados norte e sul, já que neste caso se pode observar partes remanescentes das paredes laterais do edifício. Observando-se através do lado leste, é possível identificar uma porção da parede ainda integrada ao fundo do edifício, e outra parte desconectada por um espaço que seria, provavelmente, um dos acessos ao salão.

5.2.6. Alçado oeste

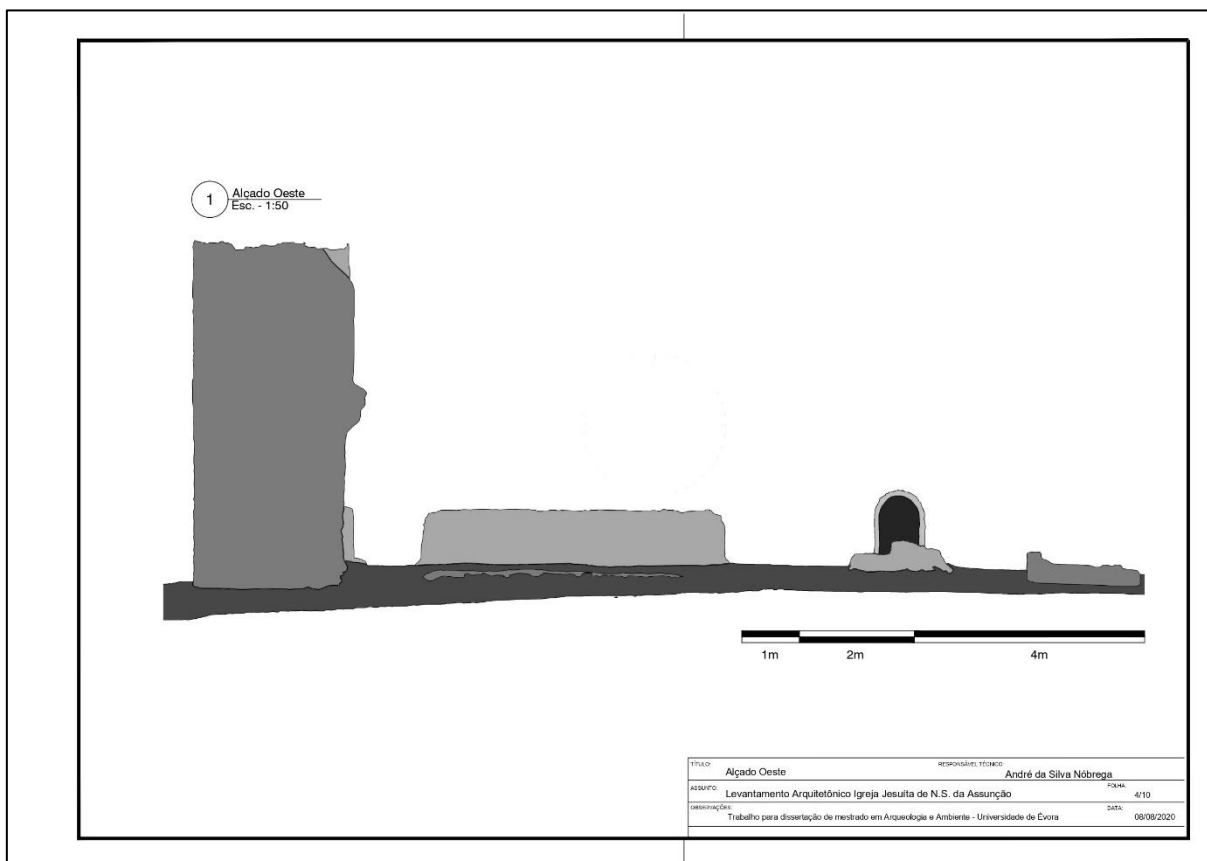


Figura 76 - Alçado oeste.
FONTE: Autor.

Através da vista pelo lado oeste, é possível observar, assim como no lado leste, uma parte da parede ainda integrada à estrutura de fundo do edifício, e o que ainda remanesce da porção lateral oeste do edifício. Tal como do outro lado, visto que trata-se de um edifício simétrico no eixo norte-sul, as duas partes estão separadas por um espaço que se define por um dos acessos ao salão, formando, portando um tipo de transepto próximo ao que seria o altar e o retábulo da igreja. Assim sendo, todos os elementos compõem claramente um edifício de planta retangular com pelo menos dois acessos.

5.3. Levantamento fotogramétrico

O modelo fotogramétrico, realizado a partir de 2452 fotografias produzidas de forma radial em torno do objeto se faz útil para esta análise sobretudo no aspecto de registro de informações. Uma vez que se dispõe de um modelo volumétrico do objeto real em um *software* de fotogrametria, é possível extrair deste informações no âmbito visual, guardadas as devidas limitações, como formas, texturas, materiais e outros elementos observáveis. Contudo, a

principal função da documentação fotogramétrica reside no registro de dimensões espaciais do objeto, não sendo, portanto, necessário retornar ao local para eventuais medições, visto que, especialmente dada a abundância de fotografias compiladas, é possível alcançar-se padrões aceitavelmente altos de precisão.



Figura 77 - Modelo fotogramétrico (vista sudeste).
FONTE: Autor.



Figura 78 - Modelo fotogramétrico (vista noroeste).
FONTE: Autor.

5.4. Análise estratigráfica mural

A estratigrafia mural se realizou conforme o procedimento metodológico mencionado. Portanto, todas as unidades estratigráficas murais foram classificadas a partir de fotografias, representadas graficamente através de vistas de alçados, onde foram separadas por cores e códigos de identificação, e tiveram informações relevantes registradas em fichas estratigráficas. Aqui se apresentam as principais informações obtidas acerca de cada UEM. Contudo, as representações gráficas e fichas estratigráficas completas podem ser consultadas nos anexos.

5.4.1. Alçado norte

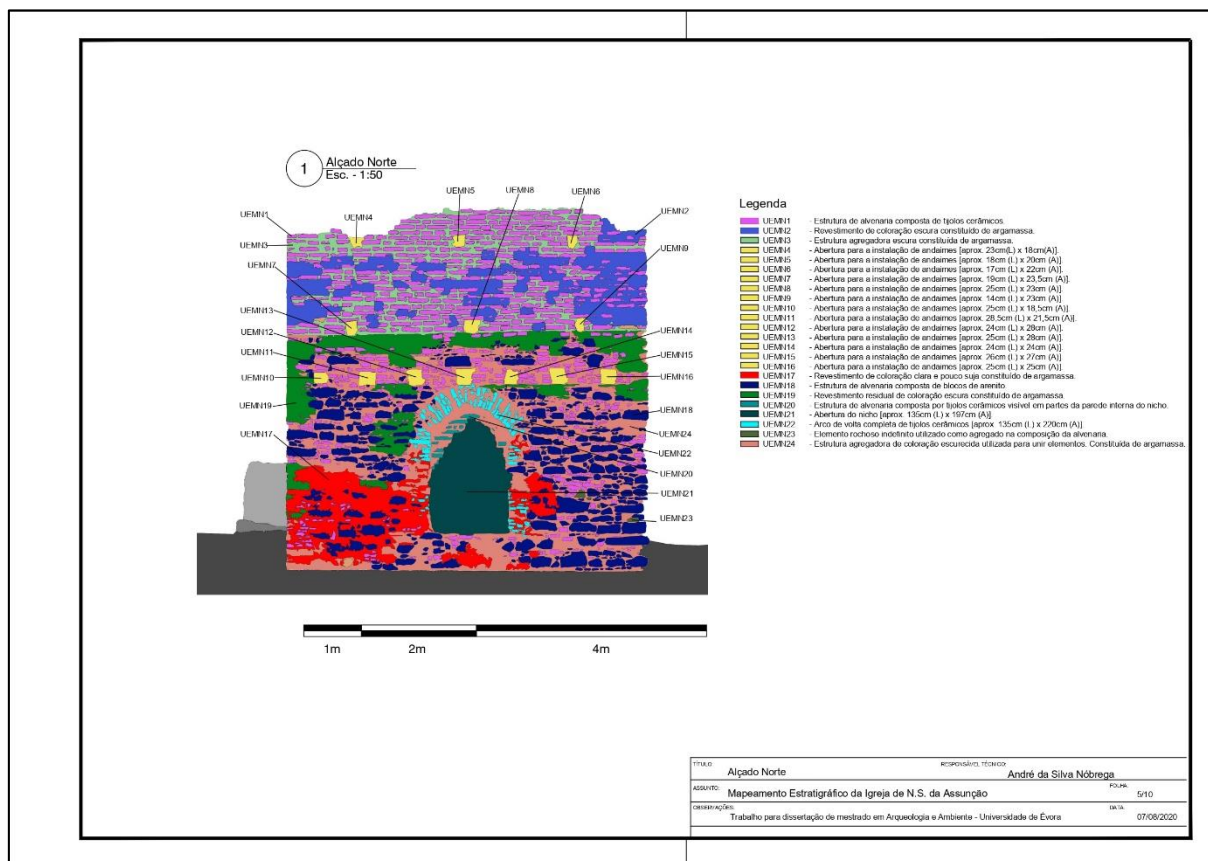


Figura 79 - Mapa estratigráfico do alçado norte.

FONTE: Autor.

Unidades Estratigráficas Murais Norte (UEMN):

UEMN1 – Estrutura de alvenaria composta por tijolos cerâmicos, inteiros ou fraturados, visível em todo o alçado norte. Cronologia: século XVIII.

UEMN2 – Revestimento de coloração escura da porção superior (composta somente de tijolos e argamassas). Constituído de argamassa. Coberto por sujidades, o que indica que é possivelmente originário da construção do edifício. Cronologia: século XVIII.

UEMN3 – Estrutura agregadora escura da porção superior. Visível entre os tijolos cerâmicos e utilizada para uni-los. Coloração escura devido a sujidades. Constituída de argamassa. Cronologia: século XVIII.

UEMN4 – Abertura de aproximadamente 23cm x 18cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN5 – Abertura de aproximadamente 18cm x 20cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN6 – Abertura de aproximadamente 17cm x 22cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN7 – Abertura de aproximadamente 19cm x 23,5cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN8 – Abertura de aproximadamente 25cm x 23cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN9 – Abertura de aproximadamente 14cm x 23cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN10 – Abertura de aproximadamente 25cm x 18,5cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN11 – Abertura de aproximadamente 28,5cm x 21,5cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN12 – Abertura de aproximadamente 24cm x 28cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN13 – Abertura de aproximadamente 25cm x 28cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN14 – Abertura de aproximadamente 24cm x 24cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN15 – Abertura de aproximadamente 26cm x 27cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN16 – Abertura de aproximadamente 25cm x 25cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMN17 – Revestimento de coloração clara e pouco suja, indicando ser muito recente e provavelmente utilizada como reparação na estrutura. Composto por argamassa de granulometria grande.

UEMN18 – Estrutura de alvenaria composta de blocos de arenito de diversos tamanhos utilizados como elemento agregado para a construção do edifício. Predominante nas bases das paredes. Cronologia: século XVIII.

UEMN19 – Revestimento residual visível na porção inferior do alçado. Coloração escura devido a sujidades, o que indica ser possivelmente originário da construção do edifício. Constituído de argamassa. Cronologia: século XVIII.

UEMN20 – Estrutura de alvenaria composta por tijolos cerâmicos visíveis em partes remanescentes da parede interna do nicho. Cronologia: século XVIII.

UEMN21 – Abertura visível na parede interna do nicho devido ao provável colapso da estrutura ao longo do tempo. Cronologia: indefinida.

UEMN22 – Arco de tijolos cerâmicos de volta completa visível na parte externa do nicho. Desempenha a função estrutural de apoiar elementos construtivos acima do nicho. Cronologia: século XVIII.

UEMN23 – Elemento rochoso indefinido utilizado como agregado na composição de alvenaria do edifício. Cronologia: indefinida.

UEMN24 – Estrutura agregadora de coloração escurecida utilizada para unir elementos (majoritariamente tijolos cerâmicos e arenitos) visível em toda a porção inferior do alçado. Constituída de argamassa. Cronologia: século XVIII.

5.4.2. Alçado sul

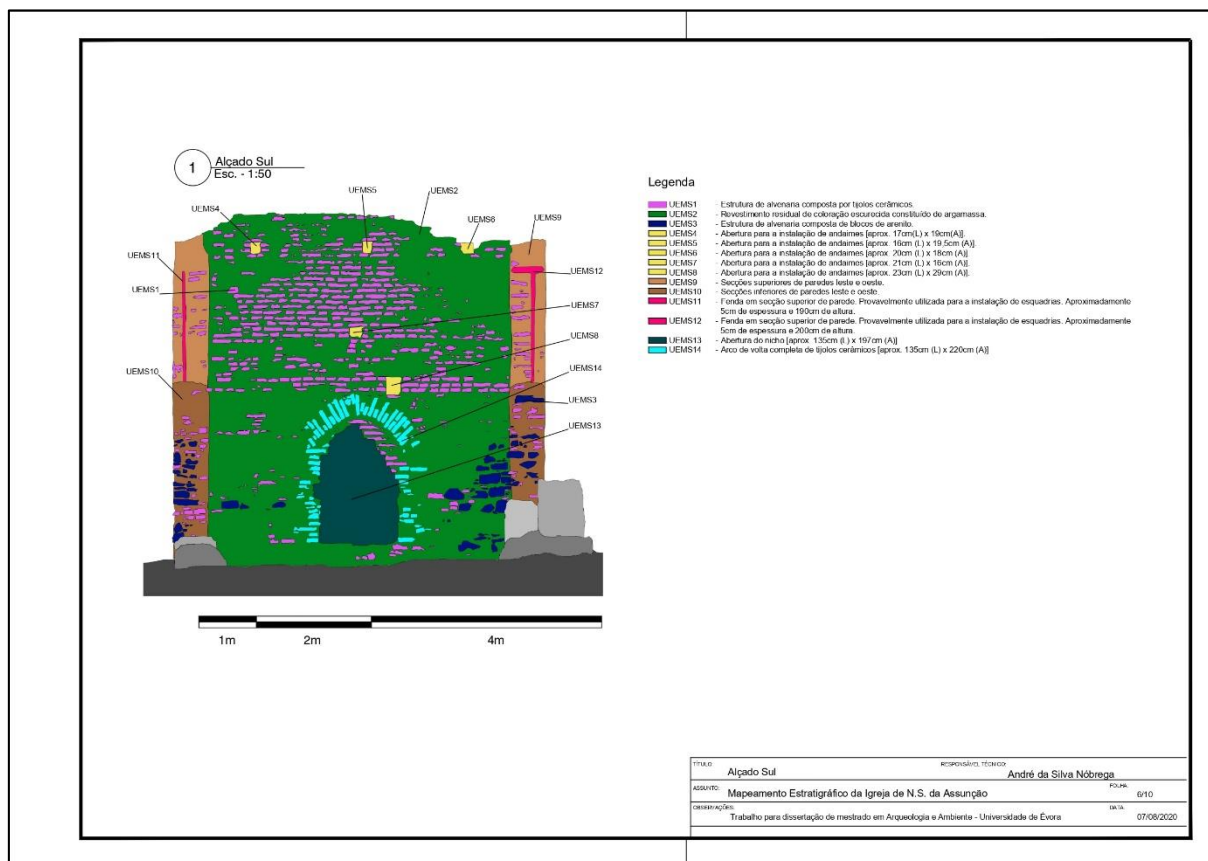


Figura 80 - Mapa estratigráfico do alçado sul.
FONTE: Autor.

Unidades Estratigráficas Murais Sul (UEMS):

UEMS1 – Estrutura de alvenaria composta por tijolos cerâmicos, inteiros ou fraturados, visível no alçado sul. Cronologia: século XVIII.

UEMS2 – Revestimento residual de coloração escura devido a sujidades visível no alçado sul. Constituído de argamassa. Cronologia: século XVIII.

UEMS3 – Estrutura de alvenaria composta de blocos de arenito de diversos tamanhos utilizados como elemento agregado para a construção do edifício. Predominante nas bases dos alçados. Cronologia: século XVIII.

UEMS4 – Abertura de aproximadamente 17cm x 19cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMS5 – Abertura de aproximadamente 16cm x 19,5cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMS6 – Abertura de aproximadamente 20cm x 18cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMS7 – Abertura de aproximadamente 21cm x 16cm utilizada durante a construção para a

instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMS8 – Abertura de aproximadamente 23cm x 29cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMS9 – Secções superiores das paredes leste e oeste vistas pelo alçado sul.

UEMS10 – Secções inferiores das paredes leste e oeste vistas pelo alçado sul.

UEMS11 – Fenda longitudinal de aproximadamente 190cm de altura e 5cm de espessura visível na secção superior da parede oeste. Possivelmente utilizada para acomodar uma esquadria (janela). Cronologia: século XVIII.

UEMS12 – Fenda longitudinal de aproximadamente 200cm de altura e 5cm de espessura na secção superior da parede leste. Possivelmente utilizada para acomodar uma esquadria (janela). Cronologia: século XVIII.

UEMS13 – Abertura visível na parede pelo lado interno provavelmente causada pelo colapso da estrutura. Corresponde a abertura visível no nicho pelo alçado norte. Cronologia: indefinida.

UEMS14 – Arco de volta completa com função estrutural de apoiar elementos construtivos acima do nicho externo. Visível pelos alçados norte e sul. Cronologia: século XVIII.

5.4.3. Alçado leste

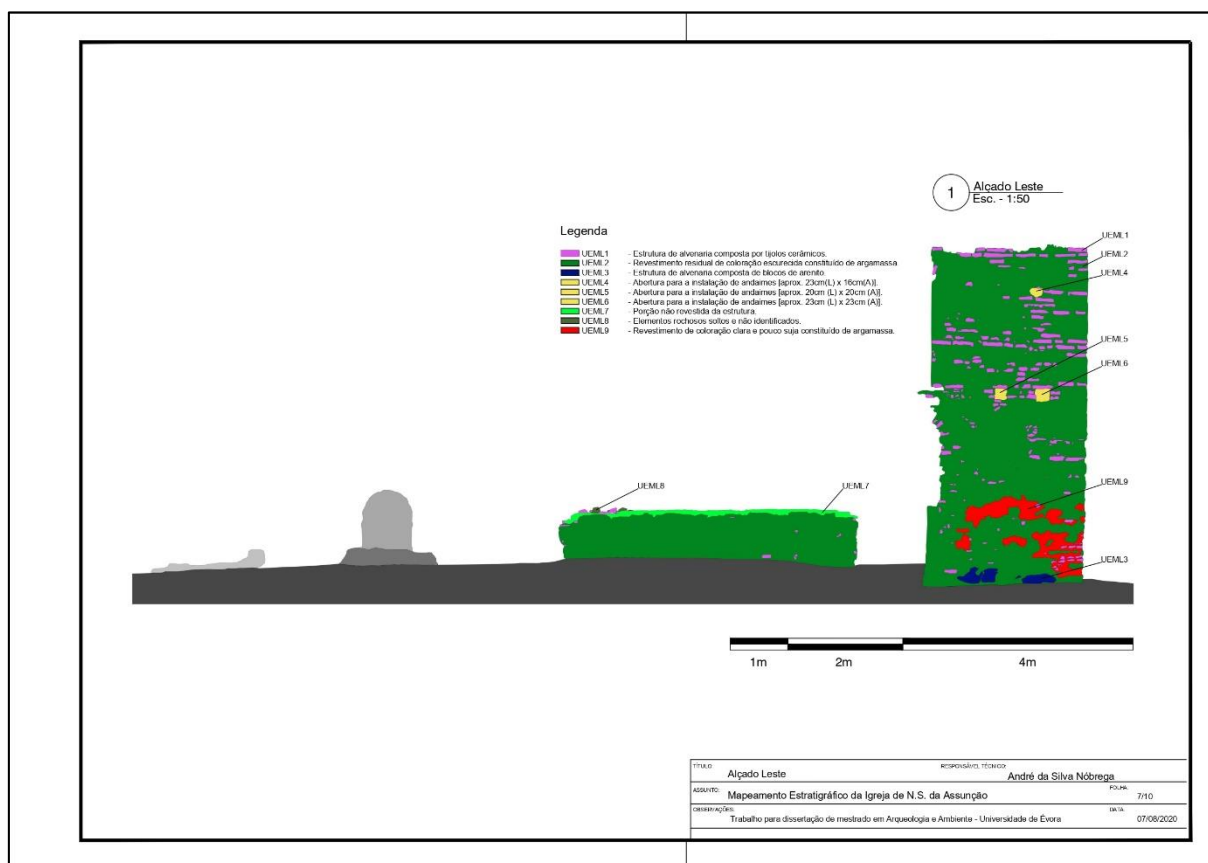


Figura 81 - Mapa estratigráfico do alçado leste.
FONTE: Autor.

Unidades Estratigráficas Murais Leste (UEML):

UEML1 – Estrutura de alvenaria composta por tijolos cerâmicos, inteiros ou fraturados, visível no alçado leste. Cronologia: século XVIII.

UEML2 – Revestimento residual de coloração escura devido a sujidades visível no alçado leste. Constituído de argamassa. Cronologia: século XVIII.

UEML3 – Estrutura de alvenaria composta de blocos de arenito de diversos tamanhos utilizados como elemento agregado para a construção do edifício. Predominante nas bases dos alçados. Cronologia: século XVIII.

UEML4 - Abertura de aproximadamente 23cm x 16cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEML5 – Abertura de aproximadamente 20cm x 20cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEML6 – Abertura de aproximadamente 23cm x 23cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEML7 – Porção não revestida da estrutura da mureta em sua face leste.

UEML8 – Elementos rochosos soltos e não identificados sobre a porção remanescente da parede leste. Possivelmente com contextos desconectados do edifício original.

UEML9 – Revestimento de coloração clara e pouco suja, indicando ser recente e provavelmente utilizada como medida de reparação na estrutura. Composto por argamassa de granulometria grande. Cronologia: atual.

5.4.4. Alçado oeste

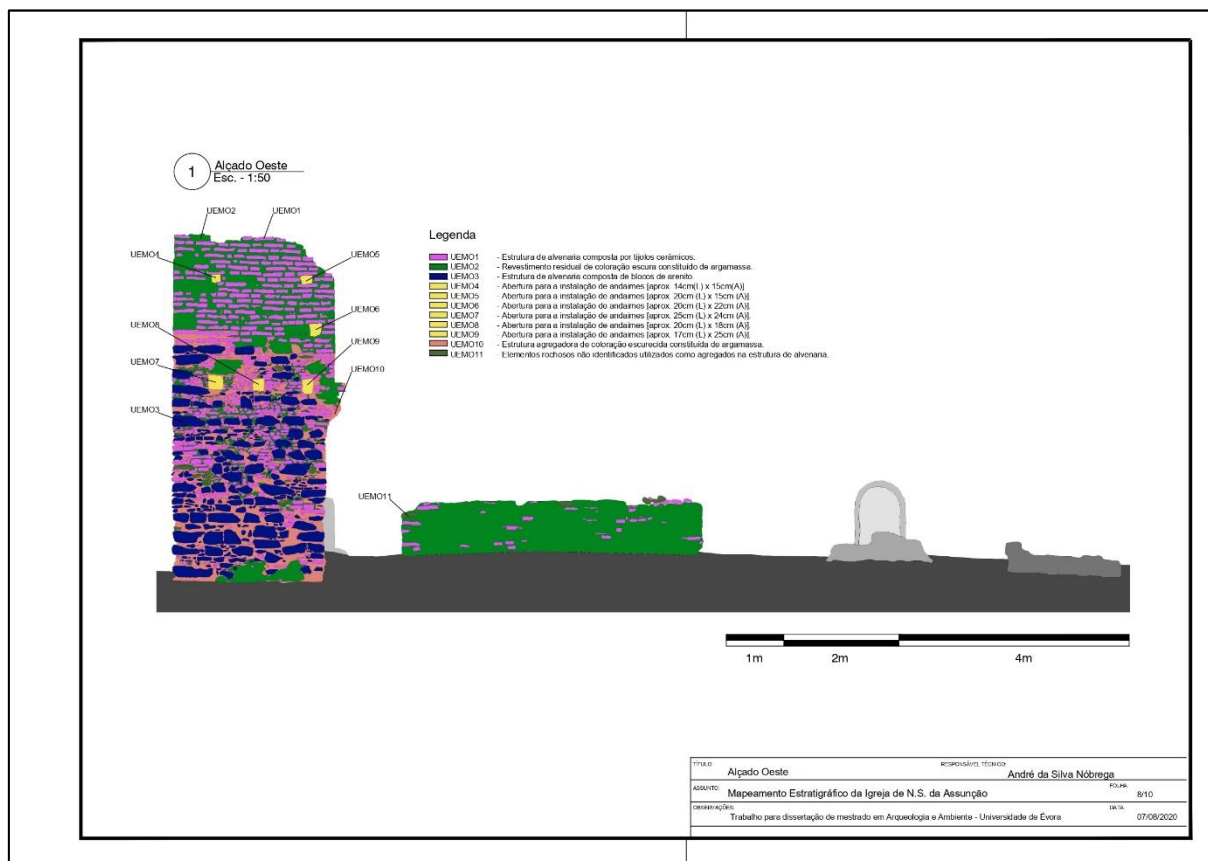


Figura 82 - Mapa estratigráfico do alçado oeste.
FONTE: Autor.

Unidades Estratigráficas Murais Oeste (UEMO):

UEMO1 – Estrutura de alvenaria composta por tijolos cerâmicos, inteiros ou fraturados, visível no alçado oeste. Cronologia: século XVIII.

UEMO2 – Revestimento residual de coloração escura devido a sujidades visível no alçado oeste. Constituído de argamassa. Cronologia: século XVIII.

UEMO3 – Estrutura de alvenaria composta de blocos de arenito de diversos tamanhos utilizados como elemento agregado para a construção do edifício. Predominante nas bases dos alçados. Cronologia: século XVIII.

UEMO4 – Abertura de aproximadamente 14cm x 15cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMO5 – Abertura de aproximadamente 20cm x 15cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMO6 – Abertura de aproximadamente 20cm x 22cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMO7 – Abertura de aproximadamente 25cm x 24cm utilizada durante a construção para a

instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMO8 – Abertura de aproximadamente 20cm x 18cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMO9 – Abertura de aproximadamente 17cm x 25cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMO10 – Estrutura agregadora de coloração escurecida utilizada para unir elementos agregados (majoritariamente tijolos cerâmicos e arenitos). Constituída de argamassa. Cronologia: século XVIII.

UEMO11 – Elementos rochosos não identificados utilizados como agregados na estrutura de alvenaria da parede oeste e na mureta. Cronologia: indefinida.

5.4.5. Superfície interior leste

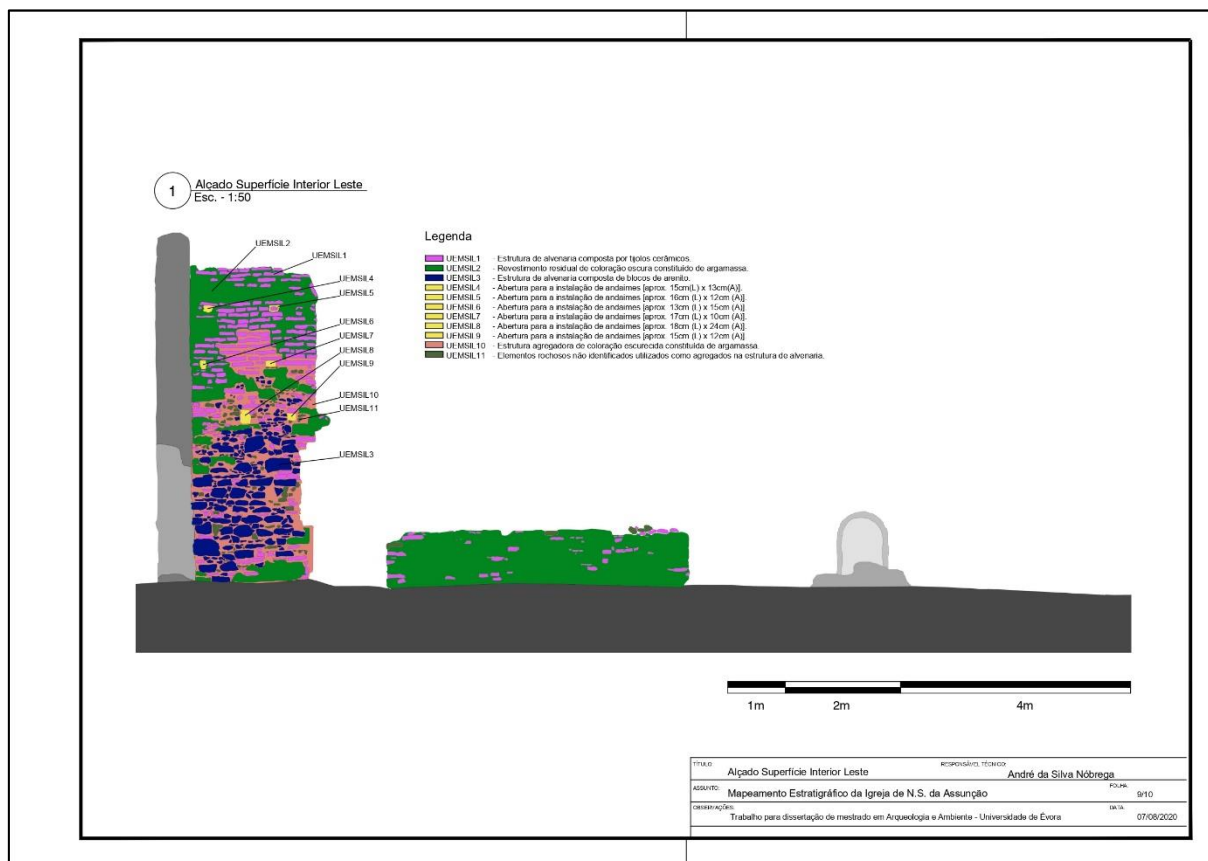


Figura 83 - Mapa estratigráfico do alçado da superfície interior leste.
FONTE: Autor.

Unidades Estratigráficas Murais da Superfície Interior Leste (UEMSIL):

UEMSIL1 – Estrutura de alvenaria composta por tijolos cerâmicos, inteiros ou fraturados, visível no alçado da superfície interior leste. Cronologia: século XVIII.

UEMSIL2 – Revestimento residual de coloração escura devido a sujidades visível no alçado da superfície interior leste. Constituído de argamassa. Cronologia: século XVIII.

UEMSIL3 – Estrutura de alvenaria composta de blocos de arenito de diversos tamanhos utilizados como elemento agregado para a construção do edifício. Predominante nas bases dos alçados. Cronologia: século XVIII.

UEMSIL4 – Abertura de aproximadamente 15cm x 13cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMSIL5 – Abertura de aproximadamente 16cm x 12cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMSIL6 – Abertura de aproximadamente 13cm x 15cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMSIL7 – Abertura de aproximadamente 17cm x 10cm utilizada durante a construção para

a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMSIL8 – Abertura de aproximadamente 18cm x 24cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMSIL9 – Abertura de aproximadamente 15cm x 12cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMSIL10 – Estrutura agregadora de coloração escurecida utilizada para unir elementos agregados (majoritariamente tijolos cerâmicos e arenitos). Constituída de argamassa. Cronologia: século XVIII.

UEMSIL11 – Elementos rochosos não identificados utilizados como agregados na estrutura de alvenaria da superfície interior leste. Cronologia: indefinida.

5.4.6. Superfície interior oeste

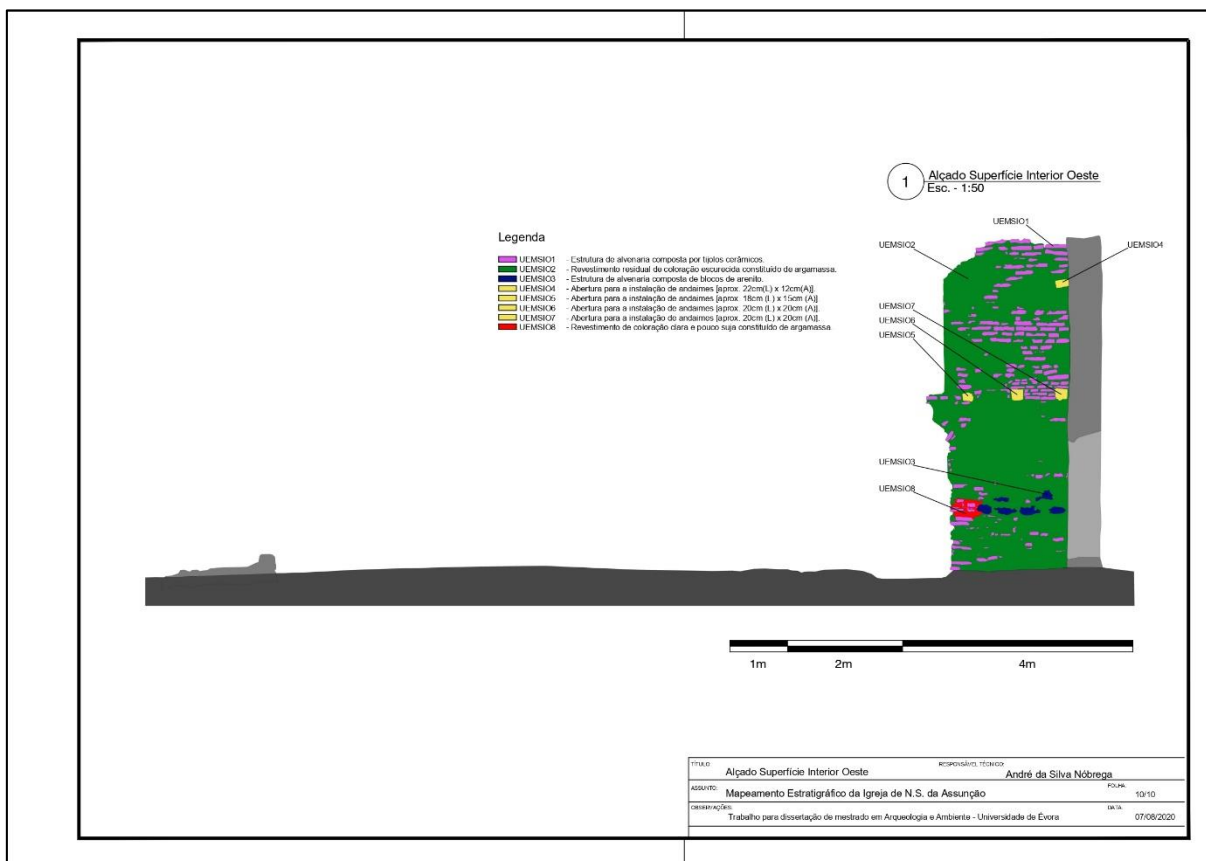


Figura 84 - Mapa estratigráfico do alçado da superfície interior oeste.
FONTE: Autor.

Unidades Estratigráficas Murais da Superfície Interior Oeste (UEMSIO):

UEMSIO1 – Estrutura de alvenaria composta por tijolos cerâmicos, inteiros ou fraturados, visível no alçado da superfície interior oeste. Cronologia: século XVIII.

UEMSIO2 – Revestimento residual de coloração escura devido a sujidades visível no alçado da superfície interior oeste. Constituído de argamassa. Cronologia: século XVIII.

UEMSIO3 – Estrutura de alvenaria composta de blocos de arenito de diversos tamanhos utilizados como elemento agregado para a construção do edifício. Predominante nas bases dos alçados. Cronologia: século XVIII.

UEMSIO4 – Abertura de aproximadamente 22cm x 12cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMSIO5 – Abertura de aproximadamente 18cm x 15cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMSIO6 – Abertura de aproximadamente 20cm x 20cm utilizada durante a construção para a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMSIO7 – Abertura de aproximadamente 20cm x 20cm utilizada durante a construção para

a instalação de andaimes. Cronologia: século XVIII.

UEMSIO8 – Revestimento de coloração clara e pouco suja, indicando ser recente e provavelmente utilizada como medida de reparação na estrutura. Composto por argamassa de granulometria grande. Cronologia: atual.

5.5. Materiais

A igreja do Real Hospício do Ceará é construída em alvenaria, método que se resume a elementos sólidos grandes, como rochas e tijolos, unidos por uma argamassa constituída de elementos pequenos, como grãos de quartzo, ligados por algum material aglomerante, como cimento ou cal.

A partir de observações e da interpretação de aspectos como textura, coloração, granulometria, aparência geral, contexto geológico de seu entorno, e ainda de fontes documentais, sugere-se que o edifício seja constituído basicamente de tijolos cerâmicos cozidos, blocos de arenito, blocos de granito (em muito menor escala) e pelo menos dois tipos de argamassa: uma cuja função seria a de agregar os tijolos e blocos de arenito, e outra cujo propósito seria revestir e proteger toda a estrutura.

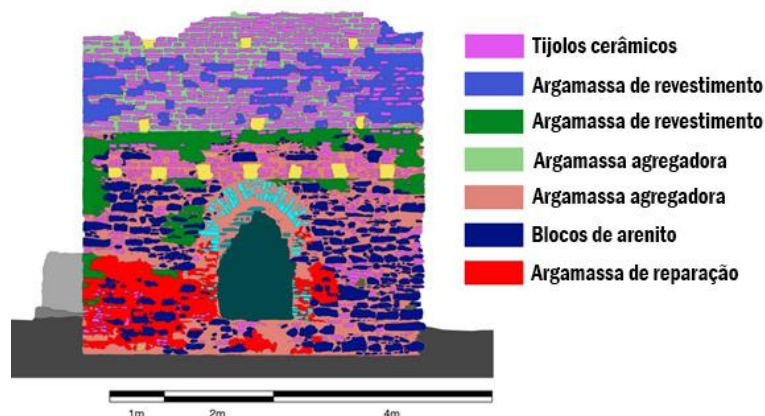


Figura 85 - Representação estratigráfica de materiais.
FONTE: Autor.

5.5.1. Tijolos cerâmicos

Majoritariamente empregados na porção superior dos alçados do edifício, os tijolos cerâmicos utilizados possuem dimensões de aproximadamente 30cm x 20cm x 7cm, coloração avermelhada ou amarelada, e frequentemente são observados com o interior escurecido, fenômeno que está normalmente associado ao processo de cozedura em altas temperaturas.

Durante o aquecimento a altas temperaturas, moléculas de Fe_2O_3 (hematita) perdem átomos de oxigênio e formam-se moléculas de Fe_3O_4 (magnetita). Devido à escassez de oxigênio no interior dos tijolos, mais moléculas de magnetita são formadas em seus núcleos, o que os torna mais escurecidos. Já as camadas mais externas dos tijolos, devido a maior permeabilidade de gases atmosféricos, apresentam maiores taxas de oxigênio e menor formação de moléculas de magnetita, o que contribui para a manutenção da coloração avermelhada nestas áreas. (GREDMAIER, L.; BANKS, C.J.; PEARCE, R.B., 2011).

Ainda segundo L. Gredmaier, C.J. Banks e R.B. Pearce (2011, p. 4478), os seguintes fatores podem contribuir para a formação de núcleos escuros em tijolos cozidos:

- Tempo de cozimento: maior tempo de cozimento pode reduzir os núcleos escurecidos.
- Taxa de oxigênio na atmosfera: menor presença de oxigênio no ambiente de cozimento pode promover os núcleos escurecidos.
- Presença de óxido de ferro na argila utilizada.
- Fineza da argila utilizada e grau de compactação: argilas mais finas e/ou compactadas podem dificultar a chegada de oxigênio ao núcleo do tijolo, promovendo assim os núcleos escurecidos.

Portanto, sugere-se que os tijolos cerâmicos utilizados no edifício tenham sofrido curtos tempos de cozimento em altas temperaturas, são constituídos de argilas muito finas ou demasiado compactadas, e tenham sido cozidos em ambientes fechados com pouco oxigênio, o que evidencia a utilização de fornos e matéria combustível. L. Gredmaier, C.J. Banks e R.B. Pearce (2011, p. 4478) afirmam ainda que tijolos com estas características podem ser menos resistentes.



Figura 86 - Tijolo cerâmico com núcleo escurecido.
FONTE: Autor.



Figura 87 - Tijolos cerâmicos com núcleo escurecido.
FONTE: Autor.

Há ainda a presença de grãos claros de tamanho grande misturados à argila dos tijolos cerâmicos, podendo tratar-se de grãos de quartzo, possivelmente extraídos dos Depósitos Eólicos Litorâneos ou dos Depósitos Aluvionares, ou ainda de conchas trituradas adicionadas à argila para a fabricação dos tijolos.

Sugere-se ainda que, devido a observação de tijolos sem núcleos escurecidos e de coloração alaranjada intensa, algumas destas unidades podem ter sido incorporadas recentemente ao edifício como forma de reparo através da reprodução dos tijolos cerâmicos utilizados originalmente.



Figura 88 - Grãos claros misturados às argilas que compõem os tijolos.
FONTE: Autor.

5.5.2. Blocos de arenito

Predominantemente ocorrente nas bases das paredes do edifício, os blocos de arenito são o principal elemento construtivo empregado. Através da notória transição gradual, desde arenitos predominantes nas bases, até o emprego absoluto de tijolos cerâmicos nos topos

das paredes, esta rocha sedimentar desempenha funções de fundação em todo o edifício, dadas suas características de robustez.

A unidade litoestratigráfica ENb, que se estende, desde a localização do edifício, em um raio de aproximadamente 20km rumo ao interior do continente, é extensa e abundante em “Arenitos argilosos de cores amarela, vermelha e verde, matriz argilo-caulínica, com cimento argiloso, ferruginoso e as vezes silicoso, de granulação fina a média, com leitos conglomeráticos na base”, justificando, portanto, a utilização desse material, visto que foi possivelmente extraído de localidades próximas. (CPRM, 2020).

Arenitos são rochas sedimentares detríticas, sendo, portanto, formadas através da compactação e ligação de sedimentos (partículas minerais, como grãos de quartzo) provenientes de uma rocha matriz decomposta através de meios mecânicos, como a erosão. Estes sedimentos são unidos através de uma substância ligante, ou cimento, com o calcário. Devido à maior estabilidade química e abundância dos quartzos, estes são os minerais que mais comumente compõem estas rochas. (SUGUIO, 2012).

Os blocos de arenito, de coloração amarelada, são, portanto, formados a partir de rochas compostas de grãos minerais, possivelmente, dada a abundância na região, de quartzo, cujo cimento é argiloso, sendo assim, relativamente fraca a ligação entre os grãos, fator este que torna mais fácil a moldagem dos arenitos em unidades mais ou menos retangulares. Portanto, sugere-se que a fácil modelagem e abundância de arenitos na região são o principal fator de escolha deste material para a construção do edifício.



Figura 89 - Bloco de arenito do edifício.
FONTE: Autor.

Há ainda, assim como nos tijolos cerâmicos, a ocorrência de conchas, inteiras ou fragmentadas, em meio aos sedimentos que compõem alguns blocos de arenito do edifício.



Figura 90 - Blocos de arenito com conchas.
FONTE: Autor.

5.5.3. Granitos

Granito é uma rocha plutônica, portanto formada através do arrefecimento lento do magma, e composta de cristais fortemente ligados e facilmente perceptíveis a olho nu. Normalmente compostos por quartzo, feldspato e mica, os granitos são rochas abundantes na crosta terrestre. (TWIDALE e ROMANÍ, 2005).

Contudo, granitos são rochas inexistentes na região onde se encontra a igreja do Real Hospício do Ceará, distando o local de ocorrência mais próximo cerca de 120km do edifício. Representa-se com um círculo, na figura 89, toda a região em que granitos geralmente não ocorrem, sendo as áreas de ocorrência de granitos representadas pelas unidades litoestratigráficas de cores que tendem mais ao castanho e vermelho, ocorrendo, portanto, mais frequentemente nas regiões central e sul do estado, e muito raramente na faixa litorânea.

Sugere-se, deste modo, que a rara ocorrência de rochas de granito na construção do edifício, deve-se, sobretudo, à alta dureza deste tipo de rocha, fator que dificulta a sua manipulação, e à sua escassez na região, sendo possivelmente incorporada às ruínas muito posteriormente à sua construção.



Figura 91 - Mapa Geológico do Estado do Ceará.
FONTE: CPRM (2020).



Figura 92 - Bloco de granito observado no edifício.
FONTE: Autor.

5.5.4. Argamassas

Argamassas são pastas com propriedades aglutinantes compostas normalmente por minerais sólidos granulados, como quartzos, presentes em areias, unidos por substâncias ligantes, como a cal, cujo propósito é o de aglutinar elementos ainda maiores, como blocos de rochas ou cerâmica, e ainda o de revesti-los e, portanto, protegê-los das intempéries. (MARGALHA, 2011).

Observa-se no edifício argamassas empregadas em pelo menos três situações: como elemento agregador das rochas e tijolos cerâmicos, como revestimento da estrutura, e por fim, como instrumento de reparos.

Francisco Freire Alemão (2011, apud TAVARES, 2019, p. 196), durante visita, já na segunda metade do século XIX, ao descrever o que observou no edifício já encontrado em estado deteriorado, menciona uma igreja “de boas proporções, com paredes de pedra e cal, portados de cantaria e adornos em relevo”.

A cal hidráulica, ou carbonato de cálcio, normalmente utilizada sob a forma de pó, é obtida através do cozimento de rochas calcárias a uma temperatura entre 900°C e 1000°C, e em seguida da sua extinção (hidratação), e possui fortes propriedades ligantes. Seu processo de endurecimento se dá de forma mista, reagindo tanto com a água, quanto com gases atmosféricos. Em suma, transforma-se o calcário em um pó, o carbonato de cálcio, que ao reagir com a água e a atmosfera ganha a capacidade de aglutinar outros minerais. (MARGALHA, 2011).

Dada a evidência da utilização da cal na composição das argamassas utilizadas no edifício, e a notória utilização de areias finas, onde se pode observar grãos cristalinos, possivelmente de quartzo, com granulosidade semelhante à dos arenitos, sugere-se que as argamassas empregadas tenham utilizado como matéria prima, além da cal, areias removidas

dos Depósitos Eólicos Litorâneos (Q2el), com grãos mais selecionados, ou dos Depósitos Aluvionares (Q2a), com areias mais misturadas a seixos e cascalhos.

Há, em meio aos materiais empregados na construção do edifício, argamassas com diferentes características:

- A – Acastanhada clara com partículas brancas: grãos finos e rolados, aparentemente de quartzo, misturados a partículas brancas maiores, podendo se tratar de conchas moídas ou de grãos maiores de quartzo, possivelmente ligados com cal. Provavelmente composta por areia extraída dos Depósitos Eólicos Litorâneos, dada a seletividade dos grãos e a presença eventual de conchas inteiras. Encontrada entre tijolos e arenitos.
- B – Escura com grãos selecionados: coloração escurecida, provavelmente devido à ação biológica e de sujidades, composta de grãos finos selecionados e também observada a envolver conchas inteiras, fator que evidencia a possível extração dos Depósitos Eólicos Litorâneos. Contudo, não se observam partículas brancas.
- C – Argamassa acinzentada clara: grãos muito finos e selecionados, provavelmente de origem distinta das demais argamassas. Encontrada sem sujidades e sobre tijolos e arenitos, evidenciando a sua postura recente, provavelmente como medida de manutenção.



Figura 93 - Argamassa A.
FONTE: Autor.

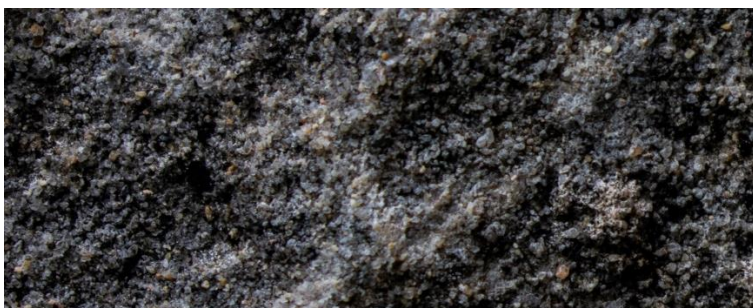


Figura 94 - Argamassa B.
FONTE: Autor.



Figura 95 - Argamassa C.
FONTE: Autor.

5.5.5. Conclusões parciais a respeito dos materiais

Seguindo métodos construtivos tradicionais, o edifício, no estado em que se encontra, é basicamente constituído de blocos de arenito, tijolos cerâmicos e argamassas, sendo eventualmente encontrados outros tipos de rochas em quantidades pouco significantes. Dado o contexto apresentado em torno dos principais materiais, conclui-se que:

- O edifício é predominantemente constituído de arenitos, tijolos cerâmicos e argamassas.
- As argamassas são constituídas de grãos de quartzo e provavelmente cal, sendo à argamassa agregadora (entre arenitos e tijolos), adicionado material de origem sedimentar ou biológica (grãos de quartzo de maior granulometria ou conchas trituradas).
- A ausência de partículas brancas nas argamassas residuais de revestimento indica a intenção de fabricar-se uma pasta mais fina, fator que implica em menor permeabilidade à água e maior capacidade de proteção da estrutura.
- Observa-se tijolos com diferentes padrões de coloração, textura e composição de pasta, sendo possivelmente de cronologias diferentes, e alguns provavelmente reproduzidos muito recentemente.
- A presença de conchas nas argamassas indica a extração de material de Depósitos Eólicos Litorâneos, portanto, areias de praia.
- A presença de conchas nos arenitos indica a extração deste material de faixas litoestratigráficas próximas ao oceano.
- Arenitos e areias utilizadas na fabricação das argamassas foram, provavelmente, extraídos de localidades muito próximas.
- Devido à baixa ocorrência de granitos no edifício, e à ausência de afloramentos geológicos deste material em regiões próximas, sugere-se que estes tenham sido incorporados às ruínas em tempos posteriores à sua construção.

5.6. Resultados e interpretações

Após a abordagem analítica do edifício através da sua estratificação, onde se pode observar seus distintos elementos materiais e interfaces não materiais de forma individual,

torna-se possível a sua interpretação e inferência a respeito de aspectos como materiais e técnicas utilizados, morfologia, cronologia e outros. Portanto, compila-se a seguir o que se pode inferir a partir desta etapa.

- **Principais materiais utilizados:** Blocos de arenito e tijolos cerâmicos.
- **Principal método construtivo empregado:** Alvenaria. Arenitos, tijolos cerâmicos e outros materiais de origem mineral unidos por argamassa.
- **Distribuição gradual do uso de arenitos e tijolos cerâmicos:** Há uma predominância no uso de blocos de arenito nas bases das paredes, tijolos cerâmicos nos topos, e uma transição gradual entre o uso dos dois materiais nas partes centrais.
- **Faixa superior das paredes apenas constituídas de tijolos cerâmicos:** Há uma nítida faixa, correspondente à “porção superior” do alçado norte, e equivalente, em área, à unidade estratigráfica UMN3, de aproximadamente dois metros de altura, apenas constituída de tijolos cerâmicos e argamassa, não empregando-se o uso de qualquer outro elemento agregado.



Figura 96 - Faixa de tijolos cerâmicos (representada em cor verde claro).
FONTE: Autor.

- **Técnica do uso de andaimes:** Constata-se que houve a utilização de andaimes fixados à própria estrutura como técnica construtiva.
- **Uso de arco de volta completa de tijolos cerâmicos como sistema estrutural:** Observa-se, no nicho externo, um arco de volta completa construído com tijolos cerâmicos.
- **Desgaste excessivo da estrutura em seu lado oeste:** Observa-se um nível de desgaste na superfície lateral oeste do volume principal do edifício muito superior ao lado leste, onde se constata a quase completa ausência de argamassa de revestimento na região predominada por blocos de arenito, o que pode estar relacionado com variações extremas de temperatura, dada a incidência do pôr do sol nesta área, à baixa aderência da argamassa aos

arenitos, e à sua proximidade ao solo, o que pode implicar em condições de maior umidade.

- **Superfícies internas mais bem preservadas:** As superfícies internas do edifício apresentam maiores áreas preenchidas por argamassas de revestimento mais antigas, o que indica fatores de maior desgaste incidindo sobre as superfícies externas.
- **Argamassa de reparação:** Observa-se em algumas superfícies, predominantemente em áreas próximas ao solo, portanto podendo estar relacionado à condições de maior desgaste devido à umidade, o emprego de uma argamassa de revestimento muito recente, cujo proposito aparentemente se resume à reparação de danos na estrutura.
- **Identificação de acessos:** Observam-se partes remanescentes de arcos de volta completa nos alçados leste e oeste, além da separação da estrutura nestes pontos, indicando haver ali dois pórticos de acesso ao edifício próximos ao que seria o altar, formando um pequeno tipo de transepto.

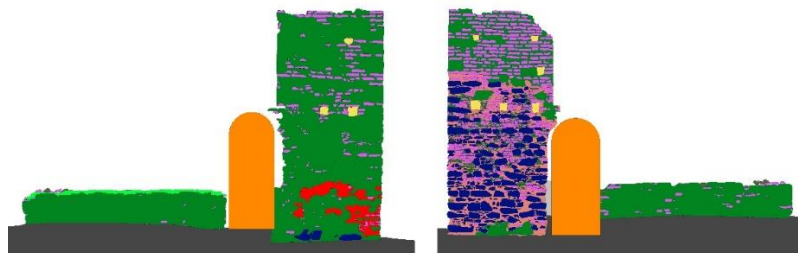


Figura 97 - Ilustração dos pórticos (em cor laranja) nos alçados leste (esq.) e oeste (dir.).

FONTE: Autor.

- **Estruturas retangulares acima dos pórticos:** Percebe-se a presença de partes de estruturas de abertura retangulares com fendas, ou cavas, lineares longitudinais em suas secções acima dos pórticos de acesso, o que pode indicar ter havido ali esquadrias, ou janelas, para iluminação do salão do edifício.

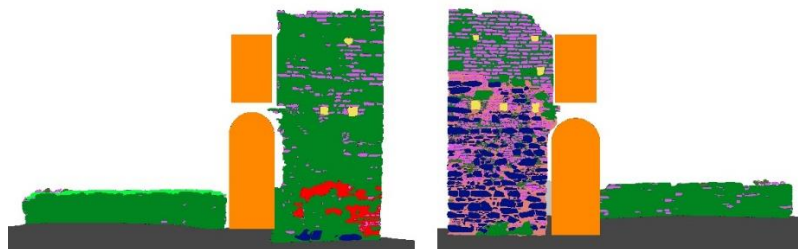


Figura 98 - Ilustração das janelas acima dos pórticos (ambos em cor laranja) nos alçados leste (esq.) e oeste (dir.).

FONTE: Autor.

- **Parede lateral leste evidencia demolição controlada:** Percebe-se através da forma demasiado linear da estrutura, que provavelmente houve ali uma retirada controlada de materiais, de modo a moldá-la como está. Corrobora-se esta

hipótese com evidências documentais de retirada de materiais do local ao longo do tempo.



Figura 99 - Ilustração indicando aspecto linear que evidencia demolição controlada.
FONTE: Autor.

5.7. Conclusões parciais a respeito da análise do edifício

Não há, desde 1759, no evento da expulsão³⁸ da Companhia de Jesus de todo o território português, quaisquer evidências de que a igreja do Real Hospício do Ceará tenha seguido em uso. Sabe-se que, após a expulsão dos missionários jesuítas responsáveis pelo hospício, o conjunto de edificações foi entregue à Ordem de São Francisco³⁹. Contudo, fontes documentais confirmam que a partir de meados do século XIX, o pequeno templo vem sofrendo com a remoção de materiais⁴⁰, demolições e o abandono. Portanto, muito do que foi o edifício, perdeu-se ao longo do tempo, seja no aspecto material, ou documental, já que não são muitas as fontes de informações.

Ainda assim, é notório o contexto de extrema deterioração do edifício, o que torna o universo de conclusões possíveis ainda mais restrito, visto que o pouco que se pode sugerir a respeito da sua forma originária, se faz através do que ainda resiste, e de outros edifícios minimamente semelhantes.

Porém, através do pouco que resta do edifício, é possível extrair-se muitas informações, especialmente no âmbito construtivo, como materiais, métodos e técnicas empregadas na edificação de templos como este, o que por fim, já compõe um conjunto significativo de conclusões.

Portanto, conclui-se que o edifício é predominantemente composto de materiais de origem mineral, especificamente rochas de arenito, tijolos cerâmicos cozidos e argamassas, possivelmente de areia e cal, provavelmente extraídos de localidades muito próximas. Não há

³⁸ Cf. LEITE (1943, p. 82) e SANTOS (2008, p. 173).

³⁹ Cf. STUDART (2004, p. 227).

⁴⁰ Cf. LEITE (1943, p. 83), CASTRO (1790), ANNAES DO PARLAMENTO BRASILEIRO (1840, apud TAVARES, 2019, p. 200) e ALEMÃO (2011, apud TAVARES, 2019, pp. 196 e 202).

quaisquer vestígios de outros materiais como metais e madeira, no entanto, sabe-se que estes eram muito comumente utilizados, e provavelmente também fizeram parte da composição da igreja.

6. Proposta de reconstituição

Dado o conjunto de informações aqui apresentado, desde o enquadramento histórico-metodológico sobre a Arqueologia da Arquitetura, passando pelas fundamentações históricas acerca da Companhia de Jesus, pela arquitetura jesuítica, e abordando-se em mais pormenores o contexto histórico em torno do Real Hospício do Ceará, até as análises técnicas acerca de seu edifício templo, segue-se, de modo mais subjetivo, à composição, a partir da conjunção destes contextos, de uma proposta de reconstituição computadorizada da forma do edifício, sendo, portanto, o conteúdo levantado a partir de fontes diversas e compilado ao longo deste texto, empregado como base referencial para a construção da dita proposta.

O produto tem como método de representação gráfica a modelagem tridimensional a partir do *software* Trimble Sketchup Pro 2017, e a adoção da escala de evidência histórico-arqueológica⁴¹ proposta por Cesar Figueiredo e Pablo Aparicio Resco, através da qual se classifica determinadas partes do edifício segundo a solidez das evidências a tais relacionadas e as representa em cores distintas. Portanto, segundo os autores, as cores se definem segundo os critérios visualizados na figura 98.



Figura 100 - Escala de evidência histórico-arqueológica.
FONTE: César Figueiredo e Pablo Aparicio.

Considerando-se a inexistência de evidências concretas acerca da forma do edifício,

⁴¹ Disponível em: <<https://parpatrimonioytecnologia.wordpress.com/2014/07/21/escala-de-evidencia-historica-scale-of-historical-evidence/>>. Acesso em: mar. 2021.

e a pouca existência de evidências documentais escritas, faz-se a maior parte da proposta através de conjecturas cujos fundamentos se apoiam em todo o contexto relacionado ao antigo templo, como o próprio padrão arquitetônico jesuítico, relatos documentais e outros edifícios construídos em contextos geográficos e temporais muito semelhantes a este, como as Igrejas de N.S. da Graça, do Colégio de Olinda-PE, a de N.S. da Assunção, em Viçosa do Ceará-CE, a própria Igreja de São José do Ribamar, em Aquiraz-CE, e as capelas de N.S. da Conceição em Sobral-CE, sua homônima em Itapiúna-CE, e a de N.S. da Guia, em Acari-RN.

Ao sobrepor-se a planta da Capela de N.S. da Guia, em Acari-RN, cujas fontes abordadas apontam que a autoria de sua construção atribui-se ao mesmo responsável pela edificação do templo de Aquiraz-CE, à da igreja do Real Hospício do Ceará, vê-se que, de todos os edifícios semelhantes, é este o que possui a planta mais próxima do que se encontra hoje em ruínas.

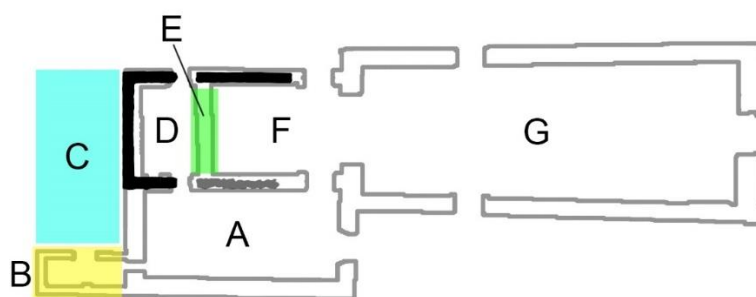


Figura 101 - Sobreposição de plantas dos templos de Aquiraz-CE e Acari-RN.
FONTE: Elaborado pelo autor⁴².

Não há evidências arqueológicas à superfície da existência da parede representada pela cor verde e pela letra E na figura 99, contudo, vê-se que as dimensões e posições dos acessos laterais são compatíveis com a planta do templo de Acari-RN, que possui a divisão, de modo a criar um ambiente, normalmente para armazenamento de materiais, atrás da capela-mor. Há ainda no templo de referência aqui abordado, um pequeno anexo representado pela letra B junto ao ambiente A, que é normalmente utilizado como sacristia, de modo a moldar o ambiente externo representado pela letra C, que pode ser interpretado como um tipo de claustro para onde seria voltado o nicho externo. Deste modo, ficariam os ambientes F, restrito à capela-mor, e com outros dois acessos laterais, e a nave única, representada pela letra G.

Muito embora menos provável, em especial dado o bom estado de acabamento dos cantos externos da estrutura e a existência de argamassa de revestimento, indicando não ter havido ali outras paredes, é possível também que o ambiente de depósito de materiais fosse

⁴² Representação da Capela de Nossa Senhora da Guia elaborada a partir de planta de BESERRA (2018).

localizado atrás da atual parede, visto que deste modo o nicho externo seria, na verdade, voltado ao interior deste ambiente, e possivelmente utilizado para guardar uma escultura, ou imagem, normalmente utilizada em ritos religiosos. Evidencia-se ainda que, neste caso, a capela-mor disporia de aproximadamente 5 x 1,8 metros para o abrigo do retábulo e altar-mor, espaço de dimensões inferiores às normalmente observadas em templos semelhantes.

Ao sobrepor-se a planta da Capela de N.S. da Conceição, em Itapiúna-CE, vê-se, na figura 100, que esta dispõe de um ambiente atrás da capela-mor cujo acesso se dá através da sacristia (A), representado em azul e pela letra B, e para o qual, no caso do edifício de Aquiraz-CE, seria voltado o nicho. Porém, vê-se também que são incompatíveis as formas das plantas sobrepostas, muito embora não invalide, acaba por enfraquecer esta possibilidade. Os demais elementos, capela-mor (C) e salão principal (D), são compatíveis com o padrão já observado em templos geográfica e temporalmente próximos ao do Real Hospício.

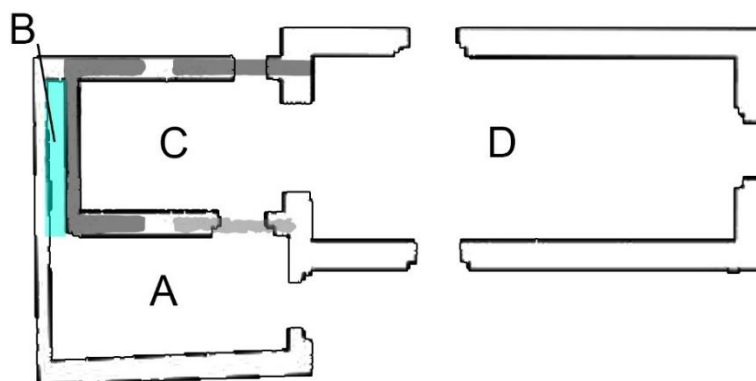


Figura 102 - Sobreposição das plantas do edifício de Aquiraz-CE e da Capela de N.S. da Conceição, em Itapiúna-CE.

FONTE: Elaborado pelo autor⁴³.

Portanto, devido ao maior número de compatibilidades, faz-se mais plausível a semelhança do edifício igreja do Real Hospício do Ceará com a Capela de Nossa Senhora da Conceição, em Acari-RN, não deixando-se de considerar referências de outros templos e contextos espaço-temporais. Vê-se nas figuras 101, 102 e 103 um modelo volumétrico computadorizado da proposta de forma do antigo edifício.

⁴³ Representação da Capela de Nossa Senhora da Guia elaborada a partir de planta de BESERRA (2018).

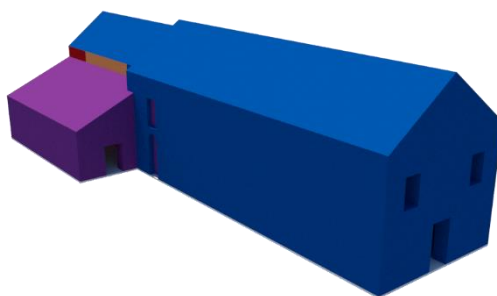


Figura 103 - Modelo tridimensional computadorizado. Perspectiva A.
FONTE: Elaborado pelo autor.

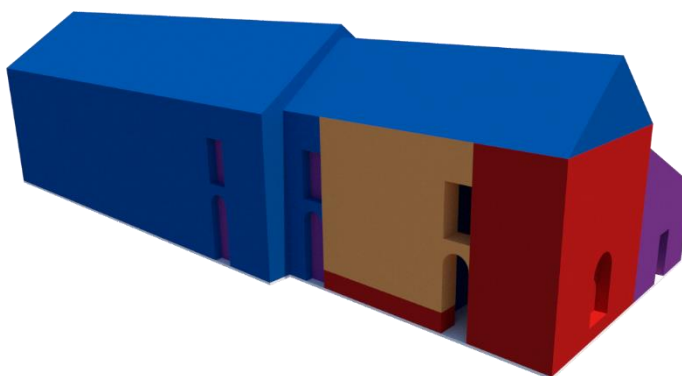


Figura 104 - Modelo tridimensional computadorizado. Perspectiva B.
FONTE: Elaborado pelo autor.

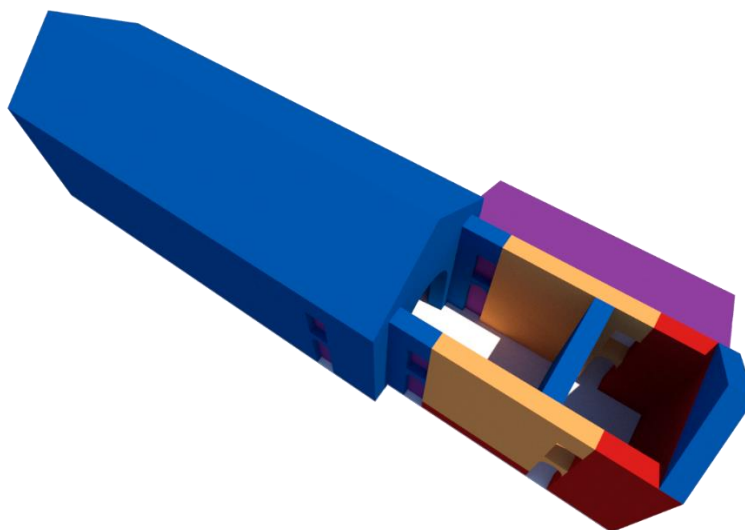


Figura 105 - Modelo tridimensional computadorizado. Perspectiva C.
FONTE: Elaborado pelo autor.

Representada em vermelho, cor número 10 na escala de evidência histórico-arqueológica, está a estrutura existente no local, sendo esta a maior evidência arqueológica visível. Em laranja, cor número 8, está o que seria o complemento da estrutura da capela-mor. Tal estrutura não existe, mas é evidenciada pela estrutura da base da parede leste, cuja

altura é de aproximadamente 80 centímetros, e pela fundação da parede oeste, que vê-se ao nível do solo.

Já as estruturas em azul, cor número 2, justificam-se através de conjecturas baseadas em semelhanças com os edifícios anteriormente abordados, que apresentam de modo claro este padrão arquitetônico definido pela capela-mor junto ao salão principal de nave única disposto em formato linear, e normalmente com um ou mais pares de acessos laterais.

Representadas pela cor lilás, número 1, estão os acessos laterais e janelas da capela-mor e do salão principal, e a sacristia lateral, que muito embora sejam elementos muito comumente observados em templos semelhantes, não se pode fundamentar suas possíveis existências em quaisquer evidências mais sólidas, sendo estas apenas possibilidades pouco fundamentadas, e portanto, classificadas neste grupo.

7. Conclusões gerais

Como já antes mencionado, a Companhia de Jesus representou um grande vetor cultural durante processos de colonização em inúmeros territórios pelo planeta. Responsável pelo traslado de missionários e propagação de tradições europeias em Ásia, África e Américas, dentre estas técnicas construtivas e parâmetros estético-arquitetônicos, a instituição iniciada por Inácio de Loyola, assim como outras culturas de matrizes nativas e africanas, está presente nas bases que originaram a sociedade brasileira. Em se tratando de edifícios, o contexto religioso se consolidou como fundamental para a atuação da coroa portuguesa em suas colônias, sendo as igrejas, capelas e ermidas, muitas das primeiras estruturas arquitetônicas construídas em assentamentos coloniais no Brasil. Por tal razão, os templos e edifícios religiosos são, muitas vezes, os principais registros materiais da cultura construtiva colonial.

A igreja do Real Hospício do Ceará, por vezes referida como de Nossa Senhora da Assunção, e outras por Nossa Senhora do Bom Sucesso, é certamente, além de uma das mais antigas do Ceará, um importante registro físico do contexto construtivo e arquitetônico à altura, especialmente visto ser construída segundo técnicas, muito embora adaptadas, completamente importadas, sendo, portanto, o estado materialmente documentado do início de um processo que sofreria autênticas evoluções ao longo do tempo.

Predominantemente construído a partir de materiais de origem mineral, o edifício em alvenaria se constitui basicamente de rochas de arenito e tijolos cerâmicos cozidos sobrepostos e unidos por argamassas provavelmente compostas de areias removidas de depósitos litorâneos próximos, como praias e rios, e cal, cuja origem é indefinida. Vê-se, contudo, que este é um método construtivo completamente importado da metrópole, visto não se encontrar no Brasil pré-colonial, além de materiais como a cerâmica, já utilizada por povos indígenas, nada semelhante.

Além do próprio método de construção e produção de materiais, vê-se nitidamente o caminho traçado pelos padrões estéticos que, neste caso, seguem desde Roma, através de padrões formalmente predefinidos, até Portugal, onde são complementados com elementos próprios, como a traça minimalista, ou chã, a própria planta baixa e os padrões de nichos e pórticos em arco de volta completa, até o Brasil, onde são novamente adaptados a uma realidade diferente.

Em grande parte, devido à escassez de profissionais qualificados, como os canteiros, métodos como a cantaria são pouco observados no Brasil. Portanto, muito embora haja relatos escritos dos portados de cantaria uma vez presentes no edifício, estes já não se veem mais, visto ter sido esta técnica pouco empregada na construção do edifício. Vê-se ainda a

ausência de rochas de granito no edifício, material normalmente empregado em contextos de cantaria. Como alternativa para a composição da alvenaria, veem-se os arenitos. Isto se deve, provavelmente, à menor resistência mecânica destas rochas, tornando, portanto, mais fácil a sua extração e formatação.

O edifício foi quase completamente demolido em meados do século XIX sem deixar quaisquer evidências de sua forma original, como plantas ou desenhos, sendo as únicas disponíveis, além do próprio sítio arqueológico, alguns relatos escritos e outros templos construídos em contextos espaço-temporais muito semelhantes, o que pode definir um padrão arquitetônico comum nos sertões do nordeste brasileiro durante o século XVIII. Contudo, sabe-se através do relato escrito de Francisco Freire Alemão, que José dos Reis Carvalho teria produzido o desenho do edifício. Porém, deste não se sabe o paradeiro.

Deve tratar-se, muito provavelmente, o restante do edifício, deixado por demolir, de parte da estrutura de sua capela-mor, sendo, portanto, a porção posterior da antiga igreja, possivelmente um ambiente para a guarda de objetos com dois acessos laterais, ou mesmo a parede de fundo da capela, onde se posicionaria o seu retábulo-mor. Não há evidências sequer da existência de uma sacristia, não restando, portanto, alternativas além de conjecturar que esta seria posicionada lateralmente, junto à capela-mor, como se observa em diversos templos semelhantes.

Sabe-se ainda que o edifício fazia parte de um complexo constituído por pelo menos outro edifício, tendo este sido utilizado como moradia pelos missionários religiosos, e onde se desempenhavam as tradicionais funções de ensino e doutrinação religioso executadas pela Companhia de Jesus. Contudo, deste não se vê à superfície quaisquer vestígios.

As ruínas encontram-se atualmente em estado questionável de conservação, sendo observada a utilização de argamassas recentes de coloração acinzentada, o que pode indicar a utilização de cimento Portland comum e areias de composição desconhecida, sendo esta, provavelmente, uma técnica inadequada. Para além deste fator, está a exposição do edifício arruinado às intempéries climáticas, especialmente incidência intensa de luz solar, o que pode promover ciclos diários de dilatação e contração da estrutura, acelerando, portanto, o seu processo de decomposição.

Evidencia-se ainda a inexistência, até o dado momento, de qualquer processo de prospecção ou escavação arqueológica executado no local. Tais operações poderiam revelar evidências significativas do contexto histórico social e material em torno do sítio.

Muito embora existam em bom estado de preservação outros edifícios religiosos semelhantes, não se pode dizer que há outro tão historicamente próximo ao início da colonização e formação das primeiras estruturas urbanas dos sertões do Ceará. Para além disto, trata-se de um dos primeiros edifícios da Companhia de Jesus no Brasil e parte de um

complexo cujo status, à época, visto estar sob tutela direta da coroa portuguesa, definia o título de Real Hospício do Ceará. Tais razões conferem às ditas ruínas jesuíticas um alto grau de importância sob o ponto de vista simbólico, visto representar um marco histórico materializado, e documental, visto ser o registro físico e visível do que há de mais primitivo no contexto construtivo colonial religioso brasileiro.

Fontes e Bibliografia

Fontes

Fontes iconográficas

Fachada principal da Igreja de N. S. da Graça. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/13_roteiro_patrimonio_seminario_igreja_ns_graca_olinda_pe.pdf>. Acesso em fev. 2021.

Igreja // Gesù, em Roma. *Chiesa del Gesù.* Disponível em: <<https://www.chiesadelgesu.org/la-chiesa/>>. Acesso em nov. 2019.

Interior da capela-mor da Igreja de N. S. da Assunção de Viçosa do Ceará. UNINTA. Disponível em: <<https://uninta.edu.br/site/noticias/arquitetura-e-urbanismo-promoveu-aula-de-campo-em-vicosa-ceara/>>. Acesso em fev. 2021.

Interior da Catedral Basílica Primacial de Salvador (2018). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4815/catedral-basilica-de-salvador-ba-reabre-suas-portas-revelando-tesouros-da-historia-do-brasil>>. Acesso em: fev. 2021.

Interior da Igreja de N. S. da Assunção de Viçosa do Ceará. Wikipédia. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/96/05_12_2015_Vicosa_CE_%2885%29.JPG>. Acesso em fev. 2021.

Interior da Igreja de Nossa Senhora da Graça. Sanctuaria.art. Disponível em: <<https://sanctuaria.art/2014/03/25/igreja-e-seminario-da-graca-olinda/>>. Acesso em fev. 2021.

Interior da Igreja de São Roque. Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: <<http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/igreja-de-sao-roque>>. Acesso em nov. 2019.

Interior e forro da Igreja de São Roque. Museu de São Roque. Disponível em:

<<https://mais.scm1.pt/museu-saoroque/wp-content/uploads/sites/7/2018/08/teto.jpg>>. Acesso em set. 2020.

Planta da Villa Nova da Fortaleza de N^a S^a da Assunpssão da Capitania do Ciará grande :
q. S. Magde. q. o Deos gde. [garde] foy cervido mandar criar. Arquivo Histórico Ultramarino. AHU_CARTm_006, DOC. 848. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/rede_memoria/projeto_resgate/iconografia_AHU/ahu-ce_848/ahu-ce_848.html>. Acesso em out. 2019.

Seminário e Igreja de Nossa Senhora da Graça: Olinda, PE. Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=444188&view=detalhes>>. Acesso em fev. 2021.

View of the Jesuit Church at Olinda (1665). Detroit Institute of Arts. Disponível em: <<https://www.dia.org/art/collection/object/view-jesuit-church-olinda-brazil-57483>>. Acesso em fev. 2021.

Fontes impressas e digitais

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. **Inventario: secção XVIII: collecção pombalina.** Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1889.

MARTINS, Vicente. **O hospício dos jesuítas de Ibiapaba.** Fortaleza: Revista Trimensal do Instituto do Ceará, 1929, p. 143-168.

NAVARRA. **El territorio y sus gentes, Medio físico y humano.** Pamplona: Gobierno de Navarra, 2021. Disponível em: <https://www.navarra.es/home_es/Navarra/Asi+es+Navarra/Geografia+y+poblacion/El+territorio+y+sus+gentes.htm>. Acesso em: 28/01/2021.

Fontes manuscritas

Representação dos moradores da vila de Aquiraz ao rei D. João V, a pedir auxílio da Real Fazenda para as obras da igreja matriz. Arquivo Histórico Ultramarino. AHU_ACL_CU_006, CX. 2, DOC. 106.

Requerimento do padre José Pereira de Castro, da vila de Aquiraz, à rainha [D. MARIA

l], sobre o estado em que se acha o Hospício e Igreja que foi dos extintos Jesuítas na referida vila e sobre seu atual administrador José Martins de Carvalho. Arquivo Histórico Ultramarino. AHU_ACL_CU_006, CX. 12, DOC. 673.

Mapa das vilas de brancos e índios da capitania do Ceará. Arquivo Histórico Ultramarino. AHU_ACL_CU_006, CX. 9, DOC. 592.

Bibliografia

ASSUMPÇÃO, T. Lino de. **História Geral dos Jesuítas.** Lisboa: Moraes Editores, 1982. 677 p.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Entre a invasão holandesa e a extinção da Companhia de Jesus.** Jesuitas en las Américas: presencia em el tiempo. La Plata: Jorge Cristian Troisi Melean, 2019. 550 p.

BALDINI, Ugo; FERNANDES Bernardino. Assistências ibéricas S.J. e a actividade científica nas missões asiáticas (1578-1640). **Revista Portuguesa de Filosofia**, 54 (1998) 195-245.

BESERRA, José Ramiro Teles. **Matrizes e capelas do Ceará.** Circularidade e conexões atlânticas: arquitetura e artífices entre os sertões do norte e Portugal (1700 – 1820). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018. 623 p.

BESERRA, José Ramiro Teles. **Pintura colonial cearense: A relação entre o popular e o erudito nos caixotões da capela-mor de São José, em Aquiraz.** Belo Horizonte: Revista Imagem Brasileira, n. 7, 2013. Pp. 71-80.

BLUTEAU, Rafael; SILVA, Antonio. **Diccionario da Lingua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 1: A-K).** Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 752 p.

CARVER, Geoff. **History of archaeology, the history of archaeology, and the archaeology of archaeology.** Basel: Verlag Schweizerischer Burgenverein, 2009, pp. 43-52.

CATALÃO, Sofia Barroso. Mosteiro de Santo André de Rendufe. Lisboa: **Revista Pedra e Cal**,

nº 25, 2005, pp. 14-15.

COSTA, Lúcio. **A arquitetura dos jesuítas no Brasil**. São Paulo: ARS, vol. 8, n. 16, 2010. 72 p.

CPRM. **Mapa Geológico do Estado do Ceará**. Fortaleza: CPRM, 2020.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. **Glossário Monástico-Beneditino**. Porto: IHM-UP, 2005, p. 193-207.

FABIÃO, Carlos. **Para a história da arqueologia em Portugal**. Lisboa: Penélope. Fazer e desfazer história, nº 2, fev. 1989, pp. 10-26.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. 6. Ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013. 474 p.

FONTES, Luís Fernando de Oliveira; MACHADO, André Manuel, Paes; CATALÃO, Sofia Barroso. **Experiências em Arqueologia da Arquitectura da Universidade do Minho**. País Vasco: Universidade del País Vasco. Arqueología De La Arquitectura, 3, 2004, pp. 173-183.

FONTES, Luís. **Mosteiro de Santo André de Rendufe (Rendufe, Amares)**. Análise de Paramentos e Evolução Arquitectónica do Edificado. Estudo Prévio. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M / Memórias, nº 6, 2010. 134 p.

FRANÇA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas. O “ratio studiorum”**. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1952. 110 p.

GOMES, Paulo Varela; LOBO, Rui. **Arquitectura de los jesuitas em Portugal y em las regiones de influencia portuguesa**. Simposio Internacional “La Arquitectura Jesuítica”. Saragoça: Universidad de Zaragoza, 2010. Pp. 497-521.

GREDMAIER, L.; BANKS, C.J.; PEARCE, R.B. **Calcium and sulphur distribution in fired clay brick in the presence of a black reduction core using micro X-ray fluorescence mapping**. Construction and Building Materials, 25, 2011. Pp. 4477-4486.

HARRIS, E. C. **Principles of archaeological stratigraphy**. San Diego: Academic Press Inc,

1989. 168 p.

HAUSCHILD, Theodor. **El templo romano de Évora**. Lisboa: Cuadernos de Arquitectura Romana, 1991, vol. 1, p. 107-117.

HERNANDES, Paulo Romualdo. **Os exercícios espirituais da companhia de Jesus e a educação**. Revista HISTEDBR On-Line, Campinas, n. 30, p. 292-312, jun. 2008.

IPHAN. **Aquarelas e Desenhos do Ceará Oitocentista: O trabalho de José dos Reis Carvalho na Comissão Científica de Exploração (1859 – 1861)**. Fortaleza: IPHAN, 2016. 256 p.

KUBLER, George. **Portuguese Plain Architecture: between spices and diamonds, 1521-1706**. Middletown: Wesleyan University Press, 1972. 315 p.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Livraria Portugália, 1938. 609 p.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Livraria Portugália, 1943. 487 p.

LOBO, Rui. **A arquitectura das primeiras igrejas jesuítas em Portugal: São Roque de Lisboa e Espírito Santo de Évora. Confessionários, púlpitos e tribunas**. La Compañía de Jesús y las Artes. Nuevas Perspectivas de investigación. Saragoça: Universidad de Zaragoza, 2013. pp 233-257.

LOIOLA, Inácio de; BELCHIOR, José Carlos (Trad.). **Exercícios Espirituais**. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1999. 109 p.

LOIOLA, Inácio de; COELHO, António José (Org.). **Autobiografia de Santo Inácio de Loiola**. Braga: Editorial A. O., 2005. 151 p.

LOIOLA, Inácio de; COELHO, António José (Org.). **Cartas**. Braga: Editorial A. O., 2006. 375 p.

MANSO, Maria de Deus Beits. **A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e**

Historiografia. Sevilla: Temas Americanistas, 2020, n. 44, pp. 264-292.

MARGALHA, Maria Goreti. **Argamassas.** Évora: Universidade de Évora, 2011. 32 p.

MAYERHOFER, Lucas. **A Igreja de São Miguel das Missões.** São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 1969, p. 8-49.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=pajem>>. Acesso em: 28/01/2021.

NETO, Clóvis Ramiro Jucá. **Primórdios da urbanização do espaço territorial e da vila cearense – algumas notas.** São Paulo: Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, vol. 20, n. 1, 2012. 31 p.

O'MALLEY, John W. **The First Jesuits.** Cambridge: Harvard University Press, 1993. 478 p.

PATETTA, Luciano. **A arquitectura da Companhia de Jesus entre maneirismo e barroco.** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, Barroco: Actas do II Congresso Internacional, p. 389-400.

QUIRÓS, Juan Antonio. **Arqueología de la Arquitectura em España.** País Vasco: Universidad del País Vasco. Arqueología De La Arquitectura, 1, 2002, pp. 27-38.

RIBEIRO, Maria do Carmo Franco. **A arqueologia e as Tecnologias de Informação. Uma proposta para o Tratamento Normalizado do Registo Arqueológico.** Braga: Universidade do Minho, 2001. 133 p.

RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal.** Têmo I, Volume I. Porto: Apostolado da Imprensa, 1931. 715 p.

RODRIGUES, Paulo Simões. **O passado é uma cidade ideal:** um olhar sobre a patrimonialização de Évora. Lisboa: Revista de História da Arte Nº 4, 2007, p. 270-296.

SANTOS, Fabricio Lyrio. **A expulsão dos jesuítas da Bahia:** aspectos econômicos. São Paulo: Revista Brasileira de História, 2008, v. 28, nº 55, p. 171-195.

SANTOS, Raquel. **Arqueologia da arquitectura: conceito e metodologia**. Campinas: Parc, vol.4, n.1, 2013, pp. 1-10.

SANTOS, Raquel. **Arqueologia da arquitetura: olhar paredes, ver vivências**. Campinas: Revista Arqueologia Pública, v.9, nº.1, 2015, pp. 60-72.

STUDART, Guilherme. **Notas para a história do Ceará**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. 504 p.

SUGUIO, Kenitiro. **Geologia sedimentar**. São Paulo: Blücher, 2012. 399 p.

TAVARES, Ronald Ferreira dos Santos Gomes. **Sob a prédica da ordem: a atuação da companhia de Jesus na Vila de São José de Ribamar do Aquiraz (1723-1759)**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2019. 222 p.

TOMÉ, Tiago. **Técnicas de Escavação Terrestre**. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, 2001-2002. 120 p.

TWIDALE, C.R; ROMANÍ, J.R. Vidal. **Landforms and geology of granite terrains**. Londres: Taylor and Francis, 2005. 234 p.

VIANA, Monalisa Freitas. **Conjunto histórico e arquitetônico da cidade de Viçosa do Ceará: sobre a produção de um patrimônio cultural**. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015. 12 p.

Anexos

Fichas estratigráficas

Alçado norte

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMN1</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>NORTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA DE TIJOLOS</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA POR TIJOLOS CERÂMICOS, INTEIROS OU FRATURADOS, EXISTENTES EM TODO O ALÇADO NORTE</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN17 UEMN21</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN2 UEMN13 UEMN3 UEMN14 UEMN4 UEMN15 UEMN5 UEMN16 UEMN6 UEMN18 UEMN7 UEMN19 UEMN8 UEMN24 UEMN9 UEMN10 UEMN11 UEMN12</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMN17 UEMN21			CONTEMPORÂNEO A				UEMN2 UEMN13 UEMN3 UEMN14 UEMN4 UEMN15 UEMN5 UEMN16 UEMN6 UEMN18 UEMN7 UEMN19 UEMN8 UEMN24 UEMN9 UEMN10 UEMN11 UEMN12			POSTERIOR A							DIAGRAMA: <u>DEMN</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMN17 UEMN21																											
CONTEMPORÂNEO A				UEMN2 UEMN13 UEMN3 UEMN14 UEMN4 UEMN15 UEMN5 UEMN16 UEMN6 UEMN18 UEMN7 UEMN19 UEMN8 UEMN24 UEMN9 UEMN10 UEMN11 UEMN12																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: <u>UEMN20</u>		EQUIVALENTE A: <u>UEMN18</u>	RELAÇÃO COM: UEMN2 UEMN22 UEMN3 UEMN24 UEMN17 UEMN19																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>ESTRUTURA DE TIJOLOS CERÂMICOS UTILIZADOS COMO ELEMENTO CONSTRUTIVO AGREGADO PARA CONSTRUÇÃO DA PAREDE</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>18/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMN2</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>NORTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>REVESTIMENTO DE COLORAÇÃO ESCURA DA PORÇÃO SUPERIOR</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>REVESTIMENTO RESIDUAL CONSTITUÍDO DE ARGAMASSA DA PORÇÃO SUPERIOR (COMPOSTA SOMENTE DE TIJOLOS E ARGAMASSAS). COBERTO POR SUJIDADES.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td><u>UEMN1</u> <u>UEMN3</u></td> <td></td> <td></td> <td><u>UEMN1</u> <u>UEMN3</u></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A	<u>UEMN1</u> <u>UEMN3</u>			<u>UEMN1</u> <u>UEMN3</u>			POSTERIOR A							DIAGRAMA: <u>DEMN</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A	<u>UEMN1</u> <u>UEMN3</u>			<u>UEMN1</u> <u>UEMN3</u>																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: <u>UEMN19</u>		EQUIVALENTE A: <u>UEMN17</u>	RELAÇÃO COM: <u>UEMN1</u> <u>UEMN3</u>																												
CRONOLOGIA: <u>PROVAVELMENTE DO SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUMES DE ARGAMASSA RESIDUAL POSSIVELMENTE ORIGINÁRIOS DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO E UTILIZADOS COMO REVESTIMENTO DA PORÇÃO SUPERIOR DO ALÇADO</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>18/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMN3</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>NORTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA AGREGADORA ESCURA DA PORÇÃO SUPERIOR</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA DE ARGAMASSA VISÍVEL ENTRE OS TIJOLOS CERÂMICOS LOCALIZADOS NA PORÇÃO SUPERIOR DO ALÇADO.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td> UEMN1 UEMN2 UEMN4 UEMN5 UEMN6 UEMN7 UEMN8 UEMN9 UEMN19 UEMN24 </td> <td></td> <td>UEMN1</td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN2 UEMN4 UEMN5 UEMN6 UEMN7 UEMN8 UEMN9 UEMN19 UEMN24		UEMN1	POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN2 UEMN4 UEMN5 UEMN6 UEMN7 UEMN8 UEMN9 UEMN19 UEMN24		UEMN1																									
POSTERIOR A																															
IGUAL A: <u>UEMN24</u>		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: <u>UEMN1</u> <u>UEMN2</u>																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUMES DE ARGAMASSA UTILIZADA PARA UNIR OS TIJOLOS CERÂMICOS DA PORÇÃO SUPERIOR DO ALÇADO. COLORAÇÃO ESCURA, COBERTA POR SUJIDADES.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>18/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN4																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 23CM X 18CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN3 UEMN1</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN3 UEMN1			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN3 UEMN1																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN5 UEMN9 UEMN13 UEMN6 UEMN10 UEMN14 UEMN7 UEMN11 UEMN15 UEMN8 UEMN12 UEMN16		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM:																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 18/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN5																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: <u>X</u>		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 18CM X 20CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN3</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN3			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN3																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN9 UEMN13 UEMN6 UEMN10 UEMN14 UEMN7 UEMN11 UEMN15 UEMN8 UEMN12 UEMN16		RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN3																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 18/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN6																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 17CM X 22CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN3</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN3			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN3																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN9 UEMN13 UEMN5 UEMN10 UEMN14 UEMN7 UEMN11 UEMN15 UEMN8 UEMN12 UEMN16		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN3																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 18/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN7																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 19CM X 23,5CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN3</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN3			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN3																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN9 UEMN13 UEMN5 UEMN10 UEMN14 UEMN6 UEMN11 UEMN15 UEMN8 UEMN12 UEMN16		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN3																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 18/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN8																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: <u>X</u>		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 25CM X 23CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN3 UEMN19</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN3 UEMN19			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN3 UEMN19																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN9 UEMN13 UEMN5 UEMN10 UEMN14 UEMN6 UEMN11 UEMN15 UEMN7 UEMN12 UEMN16		RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN3 UEMN19																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 18/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN9																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: <u>X</u>		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 14CM X 23CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN3 UEMN19</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN3 UEMN19			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN3 UEMN19																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN8 UEMN13 UEMN5 UEMN10 UEMN14 UEMN6 UEMN11 UEMN15 UEMN7 UEMN12 UEMN16		RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN3 UEMN19																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 18/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN10																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: <u>X</u>		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 25CM X 18,5CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN18 UEMN19 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN18 UEMN19 UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN18 UEMN19 UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN8 UEMN13 UEMN5 UEMN9 UEMN14 UEMN6 UEMN11 UEMN15 UEMN7 UEMN12 UEMN16		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN18 UEMN19 UEMN24																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 18/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN11																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: <input checked="" type="checkbox"/> X		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 28,5CM X 21,5CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN18 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN18 UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN18 UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN8 UEMN13 UEMN5 UEMN9 UEMN14 UEMN6 UEMN10 UEMN15 UEMN7 UEMN12 UEMN16		RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN18 UEMN24																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN12																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 24CM X 28CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN8 UEMN13 UEMN5 UEMN9 UEMN14 UEMN6 UEMN10 UEMN15 UEMN7 UEMN11 UEMN16		RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN24																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

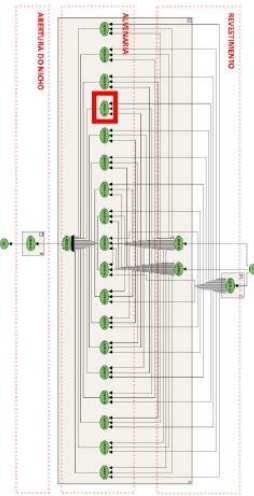
EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN13																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: <u>X</u>		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 25CM X 28CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN22 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN22 UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN22 UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN8 UEMN12 UEMN5 UEMN9 UEMN14 UEMN6 UEMN10 UEMN15 UEMN7 UEMN11 UEMN16		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN22 UEMN23																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN14																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: <u>X</u>		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 24CM X 24CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN19 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN19 UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN19 UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN8 UEMN12 UEMN5 UEMN9 UEMN13 UEMN6 UEMN10 UEMN15 UEMN7 UEMN11 UEMN16		RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN19 UEMN24																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN15																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: <u>X</u>		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 26CM X 27CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN19 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN19 UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN19 UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN8 UEMN12 UEMN5 UEMN9 UEMN13 UEMN6 UEMN10 UEMN14 UEMN7 UEMN11 UEMN16		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN19 UEMN24																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN16																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: <u>X</u>		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 25CM X 25CM																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN19 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN19 UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN19 UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMN4 UEMN8 UEMN12 UEMN5 UEMN9 UEMN13 UEMN6 UEMN10 UEMN14 UEMN7 UEMN11 UEMN15		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMN1 UEMN9 UEMN24																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA DEIXADA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

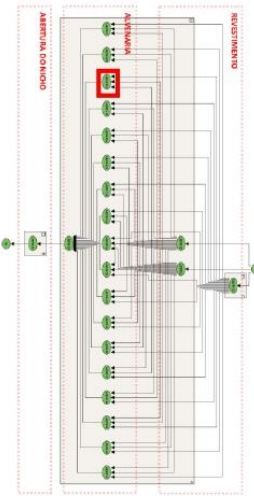
EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMN17</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>NORTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>REVESTIMENTO DE COLORAÇÃO CLARA E POUCO SUJA</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>REVESTIMENTO CONSTITUÍDO DE ARGAMASSA DE TEXTURA HOMOGÊNEA E GRANULOMETRIA MAIS ELEVADA QUE O NORMALMENTE OBSERVADO NAS DEMAIS ARGAMASSAS DO EDIFÍCIO. COLORAÇÃO CLARA E POUCO SUJA.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td>UEMN1 UEMN18 UEMN22 UEMN24</td> <td></td> <td></td> <td>UEMN21</td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A							POSTERIOR A	UEMN1 UEMN18 UEMN22 UEMN24			UEMN21			DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A																															
POSTERIOR A	UEMN1 UEMN18 UEMN22 UEMN24			UEMN21																											
IGUAL A:		EQUIVALENTE A: <u>UEMN2</u> <u>UEMN19</u>	RELAÇÃO COM: <u>UEMN1</u> <u>UEMN18</u> <u>UEMN22</u> <u>UEMN24</u>																												
CRONOLOGIA: <u>ATUAL</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA DE COLORAÇÃO CLARA E POUCO SUJA, TEXTURA HOMOGÊNEA E GRANULOMETRIA MAIS ELEVADA QUE AS OUTRAS ARGAMASSAS DO EDIFÍCIO, INDICANDO SER MUITO RECENTE E PROVAVELMENTE UTILIZADA COMO MEDIDA DE REPARAÇÃO NA ESTRUTURA</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMN18</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>NORTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO DE DIVERSOS TAMANHOS</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN17</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN10 UEMN11 UEMN19 UEMN21 UEMN22 UEMN23 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMN17			CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN10 UEMN11 UEMN19 UEMN21 UEMN22 UEMN23 UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN 
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMN17																											
CONTEMPORÂNEO A				UEMN1 UEMN10 UEMN11 UEMN19 UEMN21 UEMN22 UEMN23 UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A: <u>UEMN23</u>	RELAÇÃO COM: <u>UEMN1</u> <u>UEMN24</u>																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>ESTRUTURA DE BLOCOS DE ARENITO UTILIZADOS COMO ELEMENTO AGREGADO PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO. PREDOMINANTE NAS BASES DOS ALÇADOS.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMN19</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>NORTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>REVESTIMENTO RESIDUAL VISÍVEL NA PORÇÃO INFERIOR DO ALÇADO</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>REVESTIMENTO RESIDUAL CONSTITUÍDO DE ARGAMASSA E VISÍVEL NA PORÇÃO INFERIOR DO ALÇADO. COLORAÇÃO ESCURA E COBERTA POR SUJIDADES.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN17</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td>UEMN1 UEMN18 UEMN24</td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN18 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMN17			CONTEMPORÂNEO A	UEMN1 UEMN18 UEMN24			UEMN1 UEMN18 UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMN17																											
CONTEMPORÂNEO A	UEMN1 UEMN18 UEMN24			UEMN1 UEMN18 UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: <u>UEMN2</u>		EQUIVALENTE A: <u>UEMN17</u>	RELAÇÃO COM: <u>UEMN1</u> <u>UEMN18</u> <u>UEMN24</u>																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUMES DE ARGAMASSA VISIVELMENTE RESIDUAIS E COBERTOS POR SUJIDADES QUE OS DEIXAM ESCUROS, INDICANDO SER POSSIVELMENTE ORIGINÁRIOS DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO.</u>																															
FOTOGRAFIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMN20</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>NORTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA DE TIJOLOS CERÂMICOS DO INTERIOR DO NICHOS</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA DE TIJOLOS CERÂMICOS VISÍVEL NA PAREDE INTERIOR DO NICHOS</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN21</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMN21			CONTEMPORÂNEO A				UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMN21																											
CONTEMPORÂNEO A				UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: <u>UEMN1</u>		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: <u>UEMN21</u> <u>UEMN22</u>																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>PARTE REMANESCENTE DA PAREDE INTERNA DO NICHOS</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN21																													
INTERFACE: <u>X</u> INTERFACE C.: _____		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA NA PAREDE DO NICHÔ																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA VISÍVEL NA PAREDE INTERNA DO NICHÔ																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN17</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN18 UEMN20 UEMN22 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMN17			CONTEMPORÂNEO A							POSTERIOR A				UEMN18 UEMN20 UEMN22 UEMN24			DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMN17																											
CONTEMPORÂNEO A																															
POSTERIOR A				UEMN18 UEMN20 UEMN22 UEMN24																											
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMN20 UEMN22 UEMN24																												
CRONOLOGIA: INDEFINIDA																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURA VISÍVEL NA PAREDE INTERNA DO NICHÔ POSSIVELMENTE CAUSADA POR COLAPSO NA ESTRUTURA																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMN22																													
INTERFACE: <u>X</u> INTERFACE C.: _____		ALÇADO: NORTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ARCO DE VOLTA COMPLETA DE TIJOLOS CERÂMICOS																															
DESCRIÇÃO: ARCO DE TIJOLOS CERÂMICOS VISÍVEL NA PARTE EXTERNA DO NICHÔ																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN21</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN17 UEMN18 UEMN19 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMN21			CONTEMPORÂNEO A				UEMN17 UEMN18 UEMN19 UEMN24			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN 
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMN21																											
CONTEMPORÂNEO A				UEMN17 UEMN18 UEMN19 UEMN24																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMN20 UEMN21 UEMN24																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ARCO DE VOLTA COMPLETA COM FUNÇÃO ESTRUTURAL DE APOIAR ELEMENTOS CONSTRUTIVOS ACIMA DO NICHÔ																															
FOTOGRAFIETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMN23</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>NORTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ELEMENTO ROCHOSO INDEFINIDO</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ELEMENTO AGREGADO UTILIZADO NA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN18 UEMN24</td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A							POSTERIOR A				UEMN1 UEMN18 UEMN24			DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A																															
POSTERIOR A				UEMN1 UEMN18 UEMN24																											
IGUAL A:		EQUIVALENTE A: <u>UEMN1 UEMN18</u>	RELAÇÃO COM: <u>UEMN1 UEMN18 UEMN24</u>																												
CRONOLOGIA: <u>INDEFINIDA. POSSIVELMENTE CONTEMPORÂNEA OU POSTERIOR À CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>MATERIAIS ROCHOSOS, POSSIVELMENTE GRANITOS, UTILIZADOS COMO ELEMENTO AGREGADO NA CONSTRUÇÃO OU REPARAÇÃO DO EDIFÍCIO E RARAMENTE OBSERVADO, FATOR QUE PODE INDICAR UMA INSERÇÃO RECENTE.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMN24</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>NORTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA AGREGADORA DE COLORAÇÃO ESCURECIDA</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA CONSTITUÍDA DE ARGAMASSA AGREGADORA VISÍVEL EM TODA A PORÇÃO INFERIOR DO ALÇADO</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMN17</td> <td></td> <td>UEMN23</td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN18 UEMN24</td> <td>UEMN1 UEMN10 UEMN11 UEMN12 UEMN13 UEMN14 UEMN15 UEMN16 UEMN18 UEMN19</td> <td></td> <td>UEMN1 UEMN18 UEMN20</td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMN17		UEMN23	CONTEMPORÂNEO A			UEMN1 UEMN18 UEMN24	UEMN1 UEMN10 UEMN11 UEMN12 UEMN13 UEMN14 UEMN15 UEMN16 UEMN18 UEMN19		UEMN1 UEMN18 UEMN20	POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMN
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMN17		UEMN23																									
CONTEMPORÂNEO A			UEMN1 UEMN18 UEMN24	UEMN1 UEMN10 UEMN11 UEMN12 UEMN13 UEMN14 UEMN15 UEMN16 UEMN18 UEMN19		UEMN1 UEMN18 UEMN20																									
POSTERIOR A																															
IGUAL A: <u>UEMN3</u>		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: <u>UEMN1</u> <u>UEMN18</u> <u>UEMN20</u>																													
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA AGREGADORA DE COLORAÇÃO ESCURECIDA UTILIZADA PARA UNIR DIVERSOS ELEMENTOS NO EDIFÍCIO (MAJORITARIAMENTE TIJOLOS CERÂMICOS E ARENITOS)</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

Alçado sul

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMS1</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>SUL</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA DE TIJOLOS</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA POR TIJOLOS CERÂMICOS, INTEIROS OU FRATURADOS, EXISTENTES EM TODO O ALÇADO NORTE</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS13</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS2 UEMS3 UEMS4 UEMS5 UEMS6 UEMS7 UEMS8 UEMS9 UEMS10 UEMS11 UEMS12</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMS13			CONTEMPORÂNEO A				UEMS2 UEMS3 UEMS4 UEMS5 UEMS6 UEMS7 UEMS8 UEMS9 UEMS10 UEMS11 UEMS12			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMS
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMS13																											
CONTEMPORÂNEO A				UEMS2 UEMS3 UEMS4 UEMS5 UEMS6 UEMS7 UEMS8 UEMS9 UEMS10 UEMS11 UEMS12																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMS2 UEMS6 UEMS10 UEMS3 UEMS7 UEMS11 UEMS4 UEMS8 UEMS12 UEMS5 UEMS9 UEMS13																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>ESTRUTURA DE TIJOLOS CERÂMICOS UTILIZADOS COMO ELEMENTO CONSTRUTIVO AGREGADO PARA CONSTRUÇÃO DA PAREDE</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMS2</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>SUL</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>REVESTIMENTO DE COLORAÇÃO ESCURECIDA</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>REVESTIMENTO COMPOSTO DE ARGAMASSA VISÍVEL NO ALÇADO SUL. COLORAÇÃO ESCURA E COBERTA POR SUJIDADES.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS13</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td>UEMS1 UEMS3</td> <td></td> <td></td> <td>UEMS4 UEMS5 UEMS6 UEMS7 UEMS8 UEMS14</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMS13			CONTEMPORÂNEO A	UEMS1 UEMS3			UEMS4 UEMS5 UEMS6 UEMS7 UEMS8 UEMS14			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMS
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMS13																											
CONTEMPORÂNEO A	UEMS1 UEMS3			UEMS4 UEMS5 UEMS6 UEMS7 UEMS8 UEMS14																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: <u>UEMS1</u> <u>UEMS4</u>																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA DE REVESTIMENTO VISIVELMENTE RESIDUAL E COBERTO POR SUJIDADES QUE O DEIXAM ESCURECIDO INDICANDO SER POSSIVELMENTE ORIGINÁRIO DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

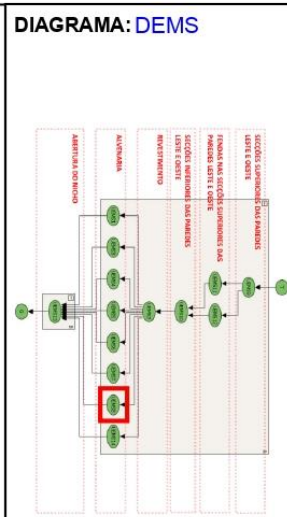
EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMS3</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>SUL</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO DE DIVERSOS TAMANHOS</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS1 UEMS2 UEMS10</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2 UEMS10			POSTERIOR A							DIAGRAMA: <u>DEMS</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2 UEMS10																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: <u>UEMN1</u> <u>UEMS2</u>																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>ESTRUTURA DE BLOCOS DE ARENITO UTILIZADOS COMO ELEMENTO AGREGADO PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO. PREDOMINANTE NAS BASES DOS ALÇADOS.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMS4																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUL																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 17CM X 19CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS1 UEMS2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMS
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMS5 UEMS6 UEMS7 UEMS8		RELAÇÃO COM: UEMS1 UEMS2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAFIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMS5																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUL																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 16CM X 19,5CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS1 UEMS2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMS
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMS4 UEMS6 UEMS7 UEMS8		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMS1 UEMS2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMS6																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUL																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 20CM X 18CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS1 UEMS2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMS
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMS4 UEMS5 UEMS7 UEMS8		RELAÇÃO COM: UEMS1 UEMS2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMS7																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUL																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 21CM X 16CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS1 UEMS2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMS
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMS4 UEMS5 UEMS6 UEMS8		RELAÇÃO COM: UEMS1 UEMS2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													



EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMS10																													
INTERFACE: X INTERFACE C.: _____		ALÇADO: SUL																													
NOME (DEFINIÇÃO): SECÇÕES INFERIORES DE PAREDES LESTE E OESTE																															
DESCRIÇÃO: SECÇÕES DAS PARTES INFERIORES DAS PAREDES LESTE E OESTE																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS1 UEMS3</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS3			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMS
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS3																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMS1 UEMS3																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): SECÇÕES DAS PARTES INFERIORES DAS PAREDES LESTE E OESTE VISTAS A PARTIR DO LADO SUL DO EDIFÍCIO																															
FOTOGRAFIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMS11																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUL																													
NOME (DEFINIÇÃO): FENDA EM SECÇÃO SUPERIOR DA PAREDE OESTE																															
DESCRIÇÃO: FENDA LONGITUDINAL DE APROXIMADAMENTE 190CM DE ALTURA E 5CM DE ESPESSURA NA SECÇÃO SUPERIOR DA PAREDE OESTE																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS1 UEMS9</td> <td>UEMS9</td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS9	UEMS9		POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMS
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS9	UEMS9																										
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A: UEMS12	RELAÇÃO COM: UEMS1 UEMS9																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): FENDA CUJA FUNÇÃO É POSSIVELMENTE ACOMODAR UMA JANELA PARA ILUMINAÇÃO DO SALÃO DO EDIFÍCIO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMS12																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUL																													
NOME (DEFINIÇÃO): FENDA EM SECÇÃO SUPERIOR DA PAREDE LESTE																															
DESCRIÇÃO: FENDA LONGITUDINAL DE APROXIMADAMENTE 200CM DE ALTURA E 5CM DE ESPESSURA NA SECÇÃO SUPERIOR DA PAREDE LESTE																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS1 UEMS9</td> <td>UEMS9</td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS9	UEMS9		POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMS
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS9	UEMS9																										
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A: UEMS11	RELAÇÃO COM: UEMS1 UEMS9																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): FENDA CUJA FUNÇÃO É POSSIVELMENTE ACOMODAR UMA JANELA PARA ILUMINAÇÃO DO SALÃO DO EDIFÍCIO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

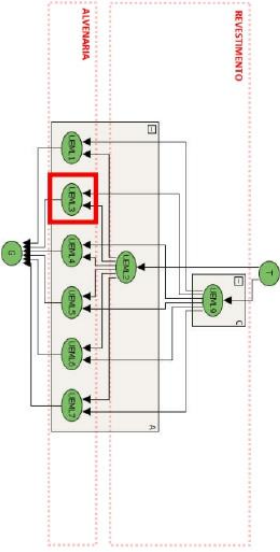
EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMS13																													
INTERFACE: <u>X</u> INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>SUL</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ABERTURA NA PAREDE</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ABERTURA VISÍVEL NA PAREDE INTERNA VISTA ATRAVÉS DO ALÇADO SUL</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS1 UEMS2 UEMS14</td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A							POSTERIOR A				UEMS1 UEMS2 UEMS14			DIAGRAMA: <u>DEMS</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A																															
POSTERIOR A				UEMS1 UEMS2 UEMS14																											
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMS1 UEMS2 UEMS14																												
CRONOLOGIA: <u>INDEFINIDA</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>ABERTURA VISÍVEL NA PAREDE INTERNA DO EDIFÍCIO VISTA PELO ALÇADO SUL. POSSIVELMENTE CAUSADA POR COLAPSO NA ESTRUTURA. CORRESPONDE À ABERTURA VISTA PELO NICHOS EXTERNO DO ALÇADO NORTE.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMS14																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUL																													
NOME (DEFINIÇÃO): ARCO DE VOLTA COMPLETA DE TIJOLOS CERÂMICOS																															
DESCRIÇÃO: ARCO DE TIJOLOS CERÂMICOS VISÍVEL NA PARTE INTERNA DO EDIFÍCIO																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS13</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMS1 UEMS2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMS13			CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMS
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMS13																											
CONTEMPORÂNEO A				UEMS1 UEMS2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMS1 UEMS2																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ARCO DE VOLTA COMPLETA COM FUNÇÃO ESTRUTURAL DE APOIAR ELEMENTOS CONSTRUTIVOS ACIMA DO NICHOS EXTERNO																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

Alçado leste

EL. CONSTRUTIVO: <input checked="" type="checkbox"/> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEML1																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ESTRUTURA DE ALVENARIA DE TIJOLOS																															
DESCRIÇÃO: ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA POR TIJOLOS CERÂMICOS, INTEIROS OU FRATURADOS, EXISTENTES EM TODO O ALÇADO NORTE																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEML9</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEML2 UEML3 UEML4 UEML5 UEML6 UEML7</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEML9			CONTEMPORÂNEO A				UEML2 UEML3 UEML4 UEML5 UEML6 UEML7			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEML
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEML9																											
CONTEMPORÂNEO A				UEML2 UEML3 UEML4 UEML5 UEML6 UEML7																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEML2 UEML4 UEML5 UEML6																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ESTRUTURA DE TIJOLOS CERÂMICOS UTILIZADOS COMO ELEMENTO CONSTRUTIVO AGREGADO PARA CONSTRUÇÃO DA PAREDE																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEML2</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>LESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>REVESTIMENTO DE COLORAÇÃO ESCURECIDA</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>REVESTIMENTO COMPOSTO DE ARGAMASSA VISÍVEL NO ALÇADO LESTE COLORAÇÃO ESCURA E COBERTO POR SUJIDADES.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEML9</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td>UEML1 UEML3</td> <td></td> <td></td> <td>UEML1 UEML3 UEML4 UEML5 UEML6 UEML7</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEML9			CONTEMPORÂNEO A	UEML1 UEML3			UEML1 UEML3 UEML4 UEML5 UEML6 UEML7			POSTERIOR A							DIAGRAMA: <u>DEML</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEML9																											
CONTEMPORÂNEO A	UEML1 UEML3			UEML1 UEML3 UEML4 UEML5 UEML6 UEML7																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A: <u>UEML9</u>	RELAÇÃO COM: <u>UEML1</u> <u>UEML6</u> <u>UEML3</u> <u>UEML4</u> <u>UEML5</u>																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA VISIVELMENTE RESIDUAL E COBERTO POR SUJIDADES QUE O DEIXAM ESCURECIDO INDICANDO SER POSSIVELMENTE ORIGINÁRIO DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u> X </u> CONTEXTO: _____ INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____	FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEML3 ALÇADO: <u> LESTE </u>																												
NOME (DEFINIÇÃO): <u> ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO </u>																													
DESCRIÇÃO: <u> ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO DE DIVERSOS TAMANHOS </u>																													
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEML9</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEML2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>			COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEML9			CONTEMPORÂNEO A				UEML2			POSTERIOR A						
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																							
ANTERIOR A				UEML9																									
CONTEMPORÂNEO A				UEML2																									
POSTERIOR A																													
DIAGRAMA: <u> DEML </u> 																													
IGUAL A: _____	EQUIVALENTE A: _____	RELAÇÃO COM: <u> UEML2 </u>																											
CRONOLOGIA: <u> SÉCULO XVIII </u>																													
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u> ESTRUTURA DE BLOCOS DE ARENITO UTILIZADOS COMO ELEMENTO AGREGADO PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO. PREDOMINANTE NAS BASES DOS ALÇADOS. </u>																													
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES): _____ _____ _____																													
REFERÊNCIAS: _____ _____ _____																													
RESPONSÁVEL: <u> ANDRÉ NÓBREGA </u>	DATA: <u> 19/10/2020 </u>																												

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEML4																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 23CM X 16CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEML1 UEML2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEML1 UEML2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEML
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEML1 UEML2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEML5 UEML6		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEML1 UEML2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEML5																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 20CM X 20CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEML1 UEML2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEML1 UEML2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEML
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEML1 UEML2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEML4 UEML6		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEML1 UEML2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEML6																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 23CM X 23CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEML1 UEML2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEML1 UEML2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEML
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEML1 UEML2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEML4 UEML5		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEML1 UEML2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEML7																													
INTERFACE: X INTERFACE C.: _____		ALÇADO: LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): PORÇÃO NÃO REVESTIDA DA ESTRUTURA																															
DESCRIÇÃO: PORÇÃO NÃO REVESTIDA DA MURETA EM SUA FACE LESTE																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEML8</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEML1 UEML2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEML8			CONTEMPORÂNEO A				UEML1 UEML2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEML
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEML8																											
CONTEMPORÂNEO A				UEML1 UEML2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM:																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): PORÇÃO SEM REVESTIMENTO DA MURETA EM SEU ALÇADO LESTE.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEML8</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>LESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ELEMENTOS ROCHOSOS SOLTOS</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ELEMENTOS ROCHOSOS NÃO IDENTIFICADAS SOBRE A PORÇÃO REMANESCENTE DA PAREDE LESTE</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td><u>UEML1</u> <u>UEML7</u></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A							POSTERIOR A				<u>UEML1</u> <u>UEML7</u>			DIAGRAMA: <u>DEML</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A																															
POSTERIOR A				<u>UEML1</u> <u>UEML7</u>																											
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM:																												
CRONOLOGIA: <u>INDEFINIDA</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>ELEMENTOS ROCHOSOS SOLTOS E POSSIVELMENTE DE CONTEXTO DESCONECTADO DO EDIFÍCIO ORIGINAL.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEML9</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>LESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>REVESTIMENTO DE COLORAÇÃO CLARA</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>REVESTIMENTO CONSTITUÍDO DE ARGAMASSA DE TEXTURA HOMOGÊNEA E GRANULOMETRIA MAIS ELEVADA QUE O NORMALMENTE OBSERVADO NAS DEMAIS ARGAMASSAS DO EDIFÍCIO. COLORAÇÃO CLARA E POUCO SUJA.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td><u>UEML1</u></td> <td></td> <td></td> <td><u>UEML1</u> <u>UEML2</u></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A							POSTERIOR A	<u>UEML1</u>			<u>UEML1</u> <u>UEML2</u>			DIAGRAMA: <u>DEML</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A																															
POSTERIOR A	<u>UEML1</u>			<u>UEML1</u> <u>UEML2</u>																											
IGUAL A:		EQUIVALENTE A: <u>UEML2</u>	RELAÇÃO COM: <u>UEML2</u>																												
CRONOLOGIA: <u>ATUAL</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA DE COLORAÇÃO CLARA E POUCO SUJA, TEXTURA HOMOGÊNEA E GRANULOMETRIA MAIS ELEVADA QUE AS OUTRAS ARGAMASSAS DO EDIFÍCIO, INDICANDO SER MUITO RECENTE E PROVAVELMENTE UTILIZADA COMO MEDIDA DE REPARAÇÃO NA ESTRUTURA</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

Alçado oeste

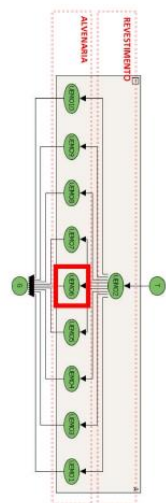
EL. CONSTRUTIVO: <input checked="" type="checkbox"/> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMO1																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ESTRUTURA DE ALVENARIA DE TIJOLOS																															
DESCRIÇÃO: ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA POR TIJOLOS CERÂMICOS, INTEIROS OU FRATURADOS, EXISTENTES EM TODO O ALÇADO NORTE																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMO2 UEMO3 UEMO4 UEMO5 UEMO6 UEMO7 UEMO8 UEMO9 UEMO10</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMO2 UEMO3 UEMO4 UEMO5 UEMO6 UEMO7 UEMO8 UEMO9 UEMO10			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMO2 UEMO3 UEMO4 UEMO5 UEMO6 UEMO7 UEMO8 UEMO9 UEMO10																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMO2 UEMO7 UEMO4 UEMO8 UEMO5 UEMO9 UEMO6 UEMO10																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ESTRUTURA DE TIJOLOS CERÂMICOS UTILIZADOS COMO ELEMENTO CONSTRUTIVO AGREGADO PARA CONSTRUÇÃO DA PAREDE																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

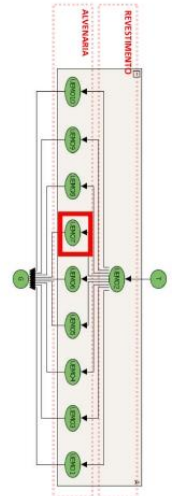
EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMO2</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>OESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>REVESTIMENTO DE COLORAÇÃO ESCURECIDA</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>REVESTIMENTO COMPOSTO DE ARGAMASSA VISÍVEL NO ALÇADO LESTE COLORAÇÃO ESCURA E COBERTO POR SUJIDADES.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td>UEMO1 UEMO3 UEMO10</td> <td></td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO3 UEMO4 UEMO5 UEMO6 UEMO10 UEMO11</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A	UEMO1 UEMO3 UEMO10			UEMO1 UEMO3 UEMO4 UEMO5 UEMO6 UEMO10 UEMO11			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A	UEMO1 UEMO3 UEMO10			UEMO1 UEMO3 UEMO4 UEMO5 UEMO6 UEMO10 UEMO11																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMO1 UEMO3 UEMO10																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA VISIVELMENTE RESIDUAL E COBERTO POR SUJIDADES QUE O DEIXAM ESCURECIDO INDICANDO SER POSSIVELMENTE ORIGINÁRIO DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <input checked="" type="checkbox"/> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMO3																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO																															
DESCRIÇÃO: ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO DE DIVERSOS TAMANHOS																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO2 UEMO10</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2 UEMO10			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2 UEMO10																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMO10																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ESTRUTURA DE BLOCOS DE ARENITO UTILIZADOS COMO ELEMENTO AGREGADO PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO. PREDOMINANTE NAS BASES DOS ALÇADOS.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMO4																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 14CM X 15CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMO5 UEMO9 UEMO6 UEMO7 UEMO8		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMO1 UEMO2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAFIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMO5																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 20CM X 15CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMO4 UEMO9 UEMO6 UEMO7 UEMO8		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMO1 UEMO2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

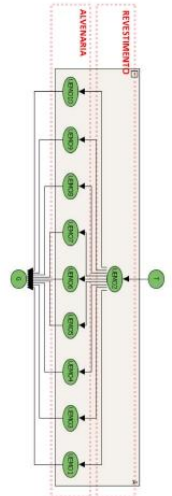
EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMO6																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 20CM X 22CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO 
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMO4 UEMO9 UEMO5 UEMO7 UEMO8		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMO1 UEMO2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMO7																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 25CM X 24CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO2 UEMO10</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2 UEMO10			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO 
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2 UEMO10																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMO4 UEMO9 UEMO5 UEMO6 UEMO8		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMO1 UEMO2 UEMO10																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAFIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMO8																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 20CM X 18CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO10</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO10			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO10																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMO4 UEMO9 UEMO5 UEMO6 UEMO7		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMO1 UEMO10																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAFIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

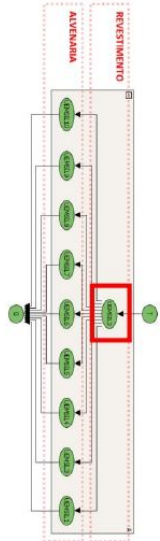
EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMO9																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 17CM X 25CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO10</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO10			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO10																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMO4 UEMO8 UEMO5 UEMO6 UEMO7		RELAÇÃO COM: UEMO1 UEMO10																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMO10</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>OESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA AGREGADORA DE COLORAÇÃO ESCURECIDA</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA CONSTITUÍDA DE ARGAMASSA AGREGADORA VISÍVEL EM TODA A PORÇÃO INFERIOR DO ALÇADO</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO2 UEMO3 UEMO7 UEMO8 UEMO9</td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO3 UEMO11</td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2 UEMO3 UEMO7 UEMO8 UEMO9		UEMO1 UEMO3 UEMO11	POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO2 UEMO3 UEMO7 UEMO8 UEMO9		UEMO1 UEMO3 UEMO11																									
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMO1 UEMO3 UEMO11																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA AGREGADORA DE COLORAÇÃO ESCURECIDA UTILIZADA PARA UNIR DIVERSOS ELEMENTOS NO EDIFÍCIO (MAJORITARIAMENTE TIJOLOS CERÂMICOS E ARENITOS)</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMO11</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>OESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ELEMENTOS ROCHOSOS NÃO IDENTIFICADOS</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ELEMENTOS ROCHOSOS NÃO IDENTIFICADOS OBSERVADOS NA PAREDE OESTE E NA PORÇÃO REMANESCENTE DA PAREDE LESTE</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMO1 UEMO3 UEMO10</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO3 UEMO10			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMO 
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMO1 UEMO3 UEMO10																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: <u>UEMO1</u> <u>UEMO3</u> <u>UEMO10</u>																												
CRONOLOGIA: <u>INDEFINIDA</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>MATERIAIS ROCHOSOS UTILIZADOS COMO ELEMENTOS AGREGADOS PARA A CONSTRUÇÃO OU REPARAÇÃO DO EDIFÍCIO.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

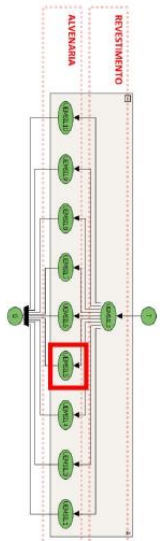
Alçado da superfície interior leste

EL. CONSTRUTIVO: <input checked="" type="checkbox"/> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIL1																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ESTRUTURA DE ALVENARIA DE TIJOLOS																															
DESCRIÇÃO: ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA POR TIJOLOS CERÂMICOS, INTEIROS OU FRATURADOS, EXISTENTES EM TODO O ALÇADO NORTE																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td>UEMSIL5</td> <td></td> <td>UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL4 UEMSIL5 UEMSIL10</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A		UEMSIL5		UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL4 UEMSIL5 UEMSIL10			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMSIL
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A		UEMSIL5		UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL4 UEMSIL5 UEMSIL10																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL4 UEMSIL5																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ESTRUTURA DE TIJOLOS CERÂMICOS UTILIZADOS COMO ELEMENTO CONSTRUTIVO AGREGADO PARA CONSTRUÇÃO DA PAREDE																															
FOTOGRAFIAS (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 19/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMSIL2</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>REVESTIMENTO DE COLORAÇÃO ESCURECIDA</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>REVESTIMENTO COMPOSTO DE ARGAMASSA VISÍVEL NA SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE. COLORAÇÃO ESCURECIDA E COBERTO POR SUJIDADES.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td><u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL10</u></td> <td></td> <td></td> <td><u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL3</u> <u>UEMSIL4</u> <u>UEMSIL5</u> <u>UEMSIL6</u> <u>UEMSIL10</u></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A	<u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL10</u>			<u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL3</u> <u>UEMSIL4</u> <u>UEMSIL5</u> <u>UEMSIL6</u> <u>UEMSIL10</u>			POSTERIOR A							DIAGRAMA: <u>DEMSIL</u> 
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A	<u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL10</u>			<u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL3</u> <u>UEMSIL4</u> <u>UEMSIL5</u> <u>UEMSIL6</u> <u>UEMSIL10</u>																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: <u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL10</u>																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA VISIVELMENTE RESIDUAL E COBERTO POR SUJIDADES QUE O DEIXAM ESCURECIDO INDICANDO SER POSSIVELMENTE ORIGINÁRIO DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>19/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMSIL3</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO DE DIVERSOS TAMANHOS</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td> UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL8 UEMSIL9 UEMSIL10 UEMSIL11 </td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL8 UEMSIL9 UEMSIL10 UEMSIL11			POSTERIOR A							DIAGRAMA: <u>DEMSIL</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL8 UEMSIL9 UEMSIL10 UEMSIL11																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMSIL1 UEMSIL8 UEMSIL9 UEMSIL10																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>ESTRUTURA DE BLOCOS DE ARENITO UTILIZADOS COMO ELEMENTO AGREGADO PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO. PREDOMINANTE NAS BASES DOS ALÇADOS.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>20/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIL4																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 15CM X 13CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIL1 UEMSIL2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMSIL
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMSIL5 UEMSIL9 UEMSIL6 UEMSIL7 UEMSIL8		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMSIL1 UEMSIL2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIL5																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 16CM X 12CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIL1 UEMSIL2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMSIL 
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMSIL4 UEMSIL9 UEMSIL6 UEMSIL7 UEMSIL8		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMSIL1 UEMSIL2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIL6																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 13CM X 15CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIL1 UEMSIL2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMSIL
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMSIL4 UEMSIL9 UEMSIL5 UEMSIL7 UEMSIL8		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMSIL1 UEMSIL2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIL7																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 17CM X 10CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL10</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL10			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMSIL
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL10																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMSIL4 UEMSIL9 UEMSIL5 UEMSIL6 UEMSIL8		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL10																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIL8																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 18CM X 24CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td> UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL10 UEMSIL11 </td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL10 UEMSIL11			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMSIL
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL10 UEMSIL11																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMSIL4 UEMSIL9 UEMSIL5 UEMSIL6 UEMSIL7		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMSIL1 UEMSIL11 UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL10																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIL9																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 15CM X 12CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIL3 UEMSIL10 UEMSIL11</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL3 UEMSIL10 UEMSIL11			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMSIL
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL3 UEMSIL10 UEMSIL11																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMSIL4 UEMSIL8 UEMSIL5 UEMSIL6 UEMSIL7		EQUIVALENTE A:																													
		RELAÇÃO COM: UEMSIL3 UEMSIL10 UEMSIL11																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMSIL10</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA AGREGADORA DE COLORAÇÃO ESCURECIDA</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA CONSTITUÍDA DE ARGAMASSA AGREGADORA VISÍVEL EM TODO O ALÇADO</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td> UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL7 UEMSIL8 UEMSIL9 </td> <td></td> <td> UEMSIL1 UEMSIL3 UEMSIL11 </td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL7 UEMSIL8 UEMSIL9		UEMSIL1 UEMSIL3 UEMSIL11	POSTERIOR A							DIAGRAMA: <u>DEMSIL</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIL1 UEMSIL2 UEMSIL3 UEMSIL7 UEMSIL8 UEMSIL9		UEMSIL1 UEMSIL3 UEMSIL11																									
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMSIL1 UEMSIL3 UEMSIL11																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA AGREGADORA DE COLORAÇÃO ESCURECIDA UTILIZADA PARA UNIR DIVERSOS ELEMENTOS NO EDIFÍCIO (MAJORITARIAMENTE TIJOLOS CERÂMICOS E ARENITOS)</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>20/10/2020</u>																													

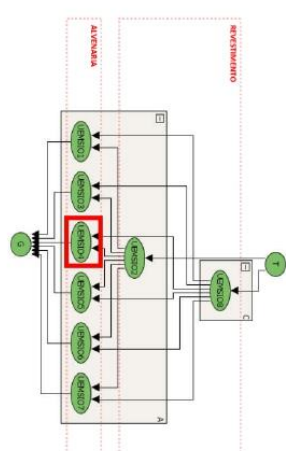
EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMSIL11</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>SUPERFÍCIE INTERIOR LESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ELEMENTOS ROCHOSOS NÃO IDENTIFICADOS</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ELEMENTOS ROCHOSOS NÃO IDENTIFICADAS OBSERVADOS NO ALÇADO</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td> <u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL2</u> <u>UEMSIL3</u> <u>UEMSIL10</u> </td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				<u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL2</u> <u>UEMSIL3</u> <u>UEMSIL10</u>			POSTERIOR A							DIAGRAMA: <u>DEMSIL</u> 
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				<u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL2</u> <u>UEMSIL3</u> <u>UEMSIL10</u>																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: <u>UEMSIL1</u> <u>UEMSIL3</u> <u>UEMSIL10</u>																												
CRONOLOGIA: <u>INDEFINIDA</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>MATERIAIS ROCHOSOS UTILIZADOS COMO ELEMENTOS AGREGADOS PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>20/10/2020</u>																													

Alçado da superfície interior oeste

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMSIO1</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>SUPERFÍCIE INTERIOR OESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA DE TIJOLOS</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA POR TIJOLOS CERÂMICOS, INTEIROS OU FRATURADOS, EXISTENTES EM TODO O ALÇADO NORTE</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIO8</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIO2 UEMSIO5 UEMSIO6 UEMSIO7</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMSIO8			CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO2 UEMSIO5 UEMSIO6 UEMSIO7			POSTERIOR A							DIAGRAMA: <u>DEMSIO</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMSIO8																											
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO2 UEMSIO5 UEMSIO6 UEMSIO7																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMSIO2 UEMSIO5 UEMSIO6 UEMSIO7																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>ESTRUTURA DE TIJOLOS CERÂMICOS UTILIZADOS COMO ELEMENTO CONSTRUTIVO AGREGADO PARA CONSTRUÇÃO DA PAREDE</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>20/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMSIO2</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>SUPERFÍCIE INTERIOR OESTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>REVESTIMENTO DE COLORAÇÃO ESCURECIDA</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>REVESTIMENTO COMPOSTO DE ARGAMASSA VISÍVEL NA SUPERFÍCIE INTERIOR OESTE. COLORAÇÃO ESCURECIDA E COBERTO POR SUJIDADES.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td><u>UEMSIO8</u></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td><u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO3</u></td> <td></td> <td></td> <td><u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO2</u></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				<u>UEMSIO8</u>			CONTEMPORÂNEO A	<u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO3</u>			<u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO2</u>			POSTERIOR A							DIAGRAMA: <u>DEMSIO</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				<u>UEMSIO8</u>																											
CONTEMPORÂNEO A	<u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO3</u>			<u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO2</u>																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: <u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO3</u>																												
CRONOLOGIA: <u>SÉCULO XVIII</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA VISIVELMENTE RESIDUAL E COBERTO POR SUJIDADES QUE O DEIXAM ESCURECIDO INDICANDO SER POSSIVELMENTE ORIGINÁRIO DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>20/10/2020</u>																													

EL. CONSTRUTIVO: <input checked="" type="checkbox"/> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIO3																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO																															
DESCRIÇÃO: ESTRUTURA DE ALVENARIA COMPOSTA DE BLOCOS DE ARENITO DE DIVERSOS TAMANHOS																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIO8</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIO2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A				UEMSIO8			CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMSIO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A				UEMSIO8																											
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMSIO2																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ESTRUTURA DE BLOCOS DE ARENITO UTILIZADOS COMO ELEMENTO AGREGADO PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO. PREDOMINANTE NAS BASES DOS ALÇADOS.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIO4																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 22CM X 12CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIO2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: DEMSIO 
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMSIO5 UEMSIO6 UEMSIO7		EQUIVALENTE A:	RELAÇÃO COM: UEMSIO2																												
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

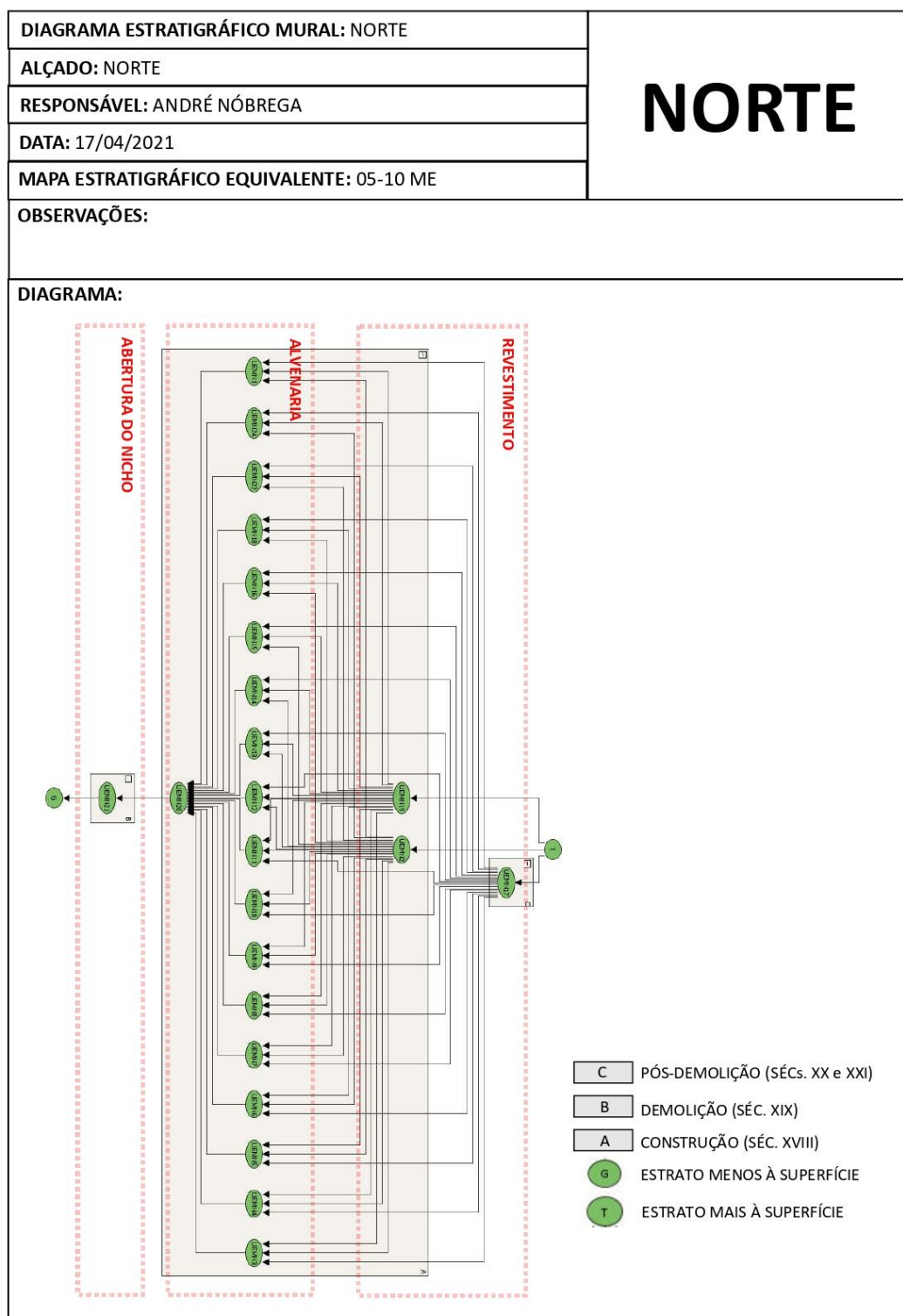
EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIO5																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 18CM X 15CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIO1 UEMSIO2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO1 UEMSIO2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: UEMSIO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO1 UEMSIO2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMSIO4 UEMSIO6 UEMSIO7		RELAÇÃO COM: UEMSIO1 UEMSIO2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

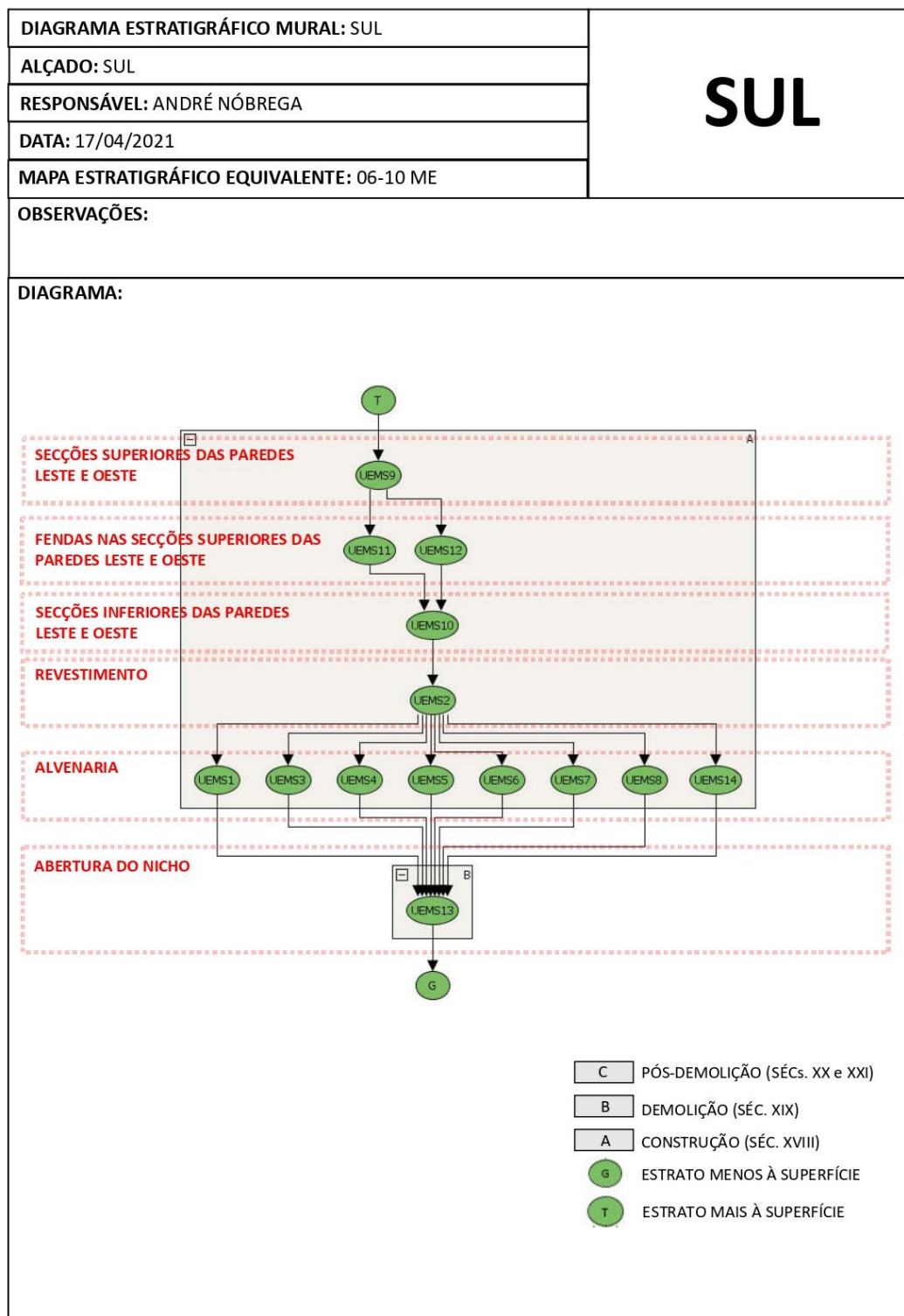
EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIO6																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 20CM X 20CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIO1 UEMSIO2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO1 UEMSIO2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: UEMSIO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO1 UEMSIO2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMSIO4 UEMSIO5 UEMSIO7		RELAÇÃO COM: UEMSIO1 UEMSIO2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

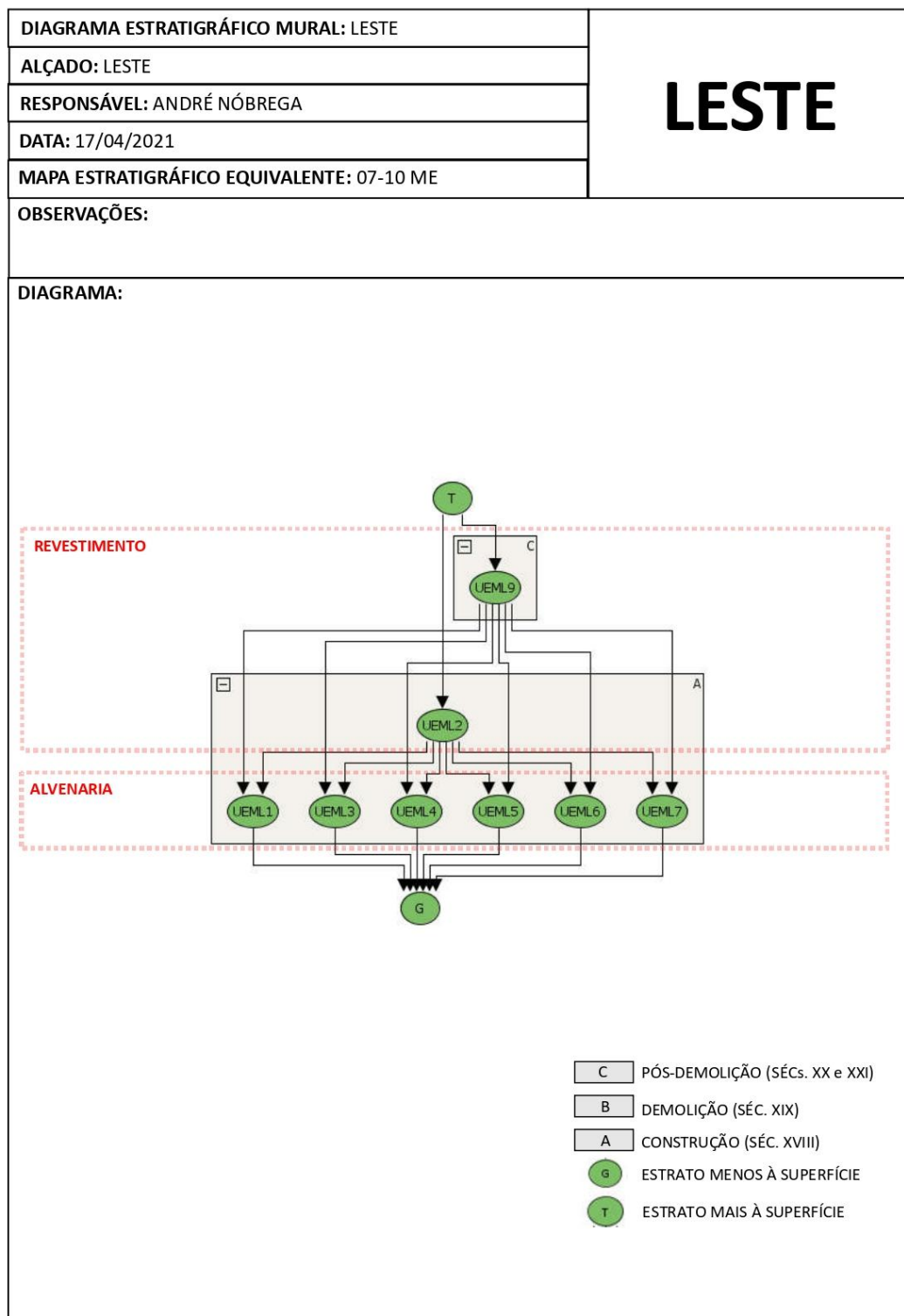
EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: UEMSIO7																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: X		ALÇADO: SUPERFÍCIE INTERIOR OESTE																													
NOME (DEFINIÇÃO): ABERTURA PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES																															
DESCRIÇÃO: ABERTURA DE APROXIMADAMENTE 20CM X 20CM.																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>UEMSIO1 UEMSIO2</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO1 UEMSIO2			POSTERIOR A							DIAGRAMA: UEMSIO
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A				UEMSIO1 UEMSIO2																											
POSTERIOR A																															
IGUAL A: UEMSIO4 UEMSIO5 UEMSIO6		RELAÇÃO COM: UEMSIO1 UEMSIO2																													
CRONOLOGIA: SÉCULO XVIII																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): ABERTURAS DEIXADAS PARA A INSTALAÇÃO DE ANDAIMES UTILIZADOS DURANTE A CONSTRUÇÃO.																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: ANDRÉ NÓBREGA		DATA: 20/10/2020																													

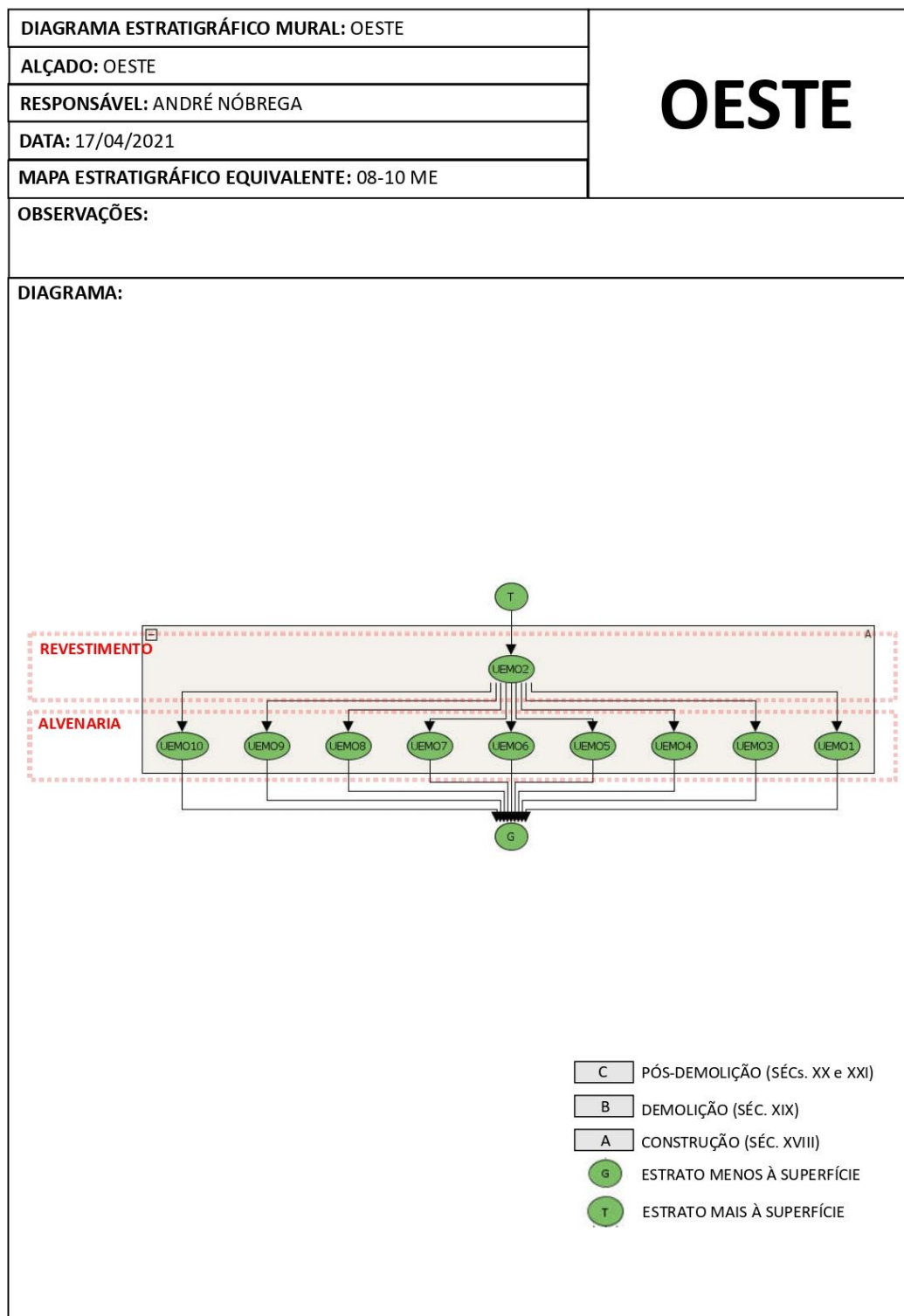
EL. CONSTRUTIVO: <u>X</u> CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: <u>UEMSIO8</u>																													
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: <u>NORTE</u>																													
NOME (DEFINIÇÃO): <u>REVESTIMENTO DE COLORAÇÃO CLARA.</u>																															
DESCRIÇÃO: <u>REVESTIMENTO CONSTITUÍDO DE ARGAMASSA DE TEXTURA HOMOGÊNEA E GRANULOMETRIA MAIS ELEVADA QUE O NORMALMENTE OBSERVADO NAS DEMAIS ARGAMASSAS DO EDIFÍCIO. COLORAÇÃO CLARA E POUCO SUJA.</u>																															
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS): <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>COBRE</th> <th>PREENCHE</th> <th>APOIA</th> <th>ENCOSTA</th> <th>CORTA</th> <th>UNE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>ANTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>POSTERIOR A</td> <td><u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO3</u></td> <td></td> <td></td> <td><u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO2</u> <u>UEMSIO3</u></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A							POSTERIOR A	<u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO3</u>			<u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO2</u> <u>UEMSIO3</u>			DIAGRAMA: <u>DEMSIO</u>
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																									
ANTERIOR A																															
CONTEMPORÂNEO A																															
POSTERIOR A	<u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO3</u>			<u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO2</u> <u>UEMSIO3</u>																											
IGUAL A:		EQUIVALENTE A: <u>UEMSIO2</u>	RELAÇÃO COM: <u>UEMSIO1</u> <u>UEMSIO3</u>																												
CRONOLOGIA: <u>ATUAL</u>																															
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO): <u>VOLUME DE ARGAMASSA DE COLORAÇÃO CLARA E POUCO SUJA, TEXTURA HOMOGÊNEA E GRANULOMETRIA MAIS ELEVADA QUE AS OUTRAS ARGAMASSAS DO EDIFÍCIO, INDICANDO SER MUITO RECENTE E PROVAVELMENTE UTILIZADA COMO MEDIDA DE REPARAÇÃO NA ESTRUTURA.</u>																															
FOTOGRAMETRIA (OBSERVAÇÕES):																															
REFERÊNCIAS:																															
RESPONSÁVEL: <u>ANDRÉ NÓBREGA</u>		DATA: <u>20/10/2020</u>																													

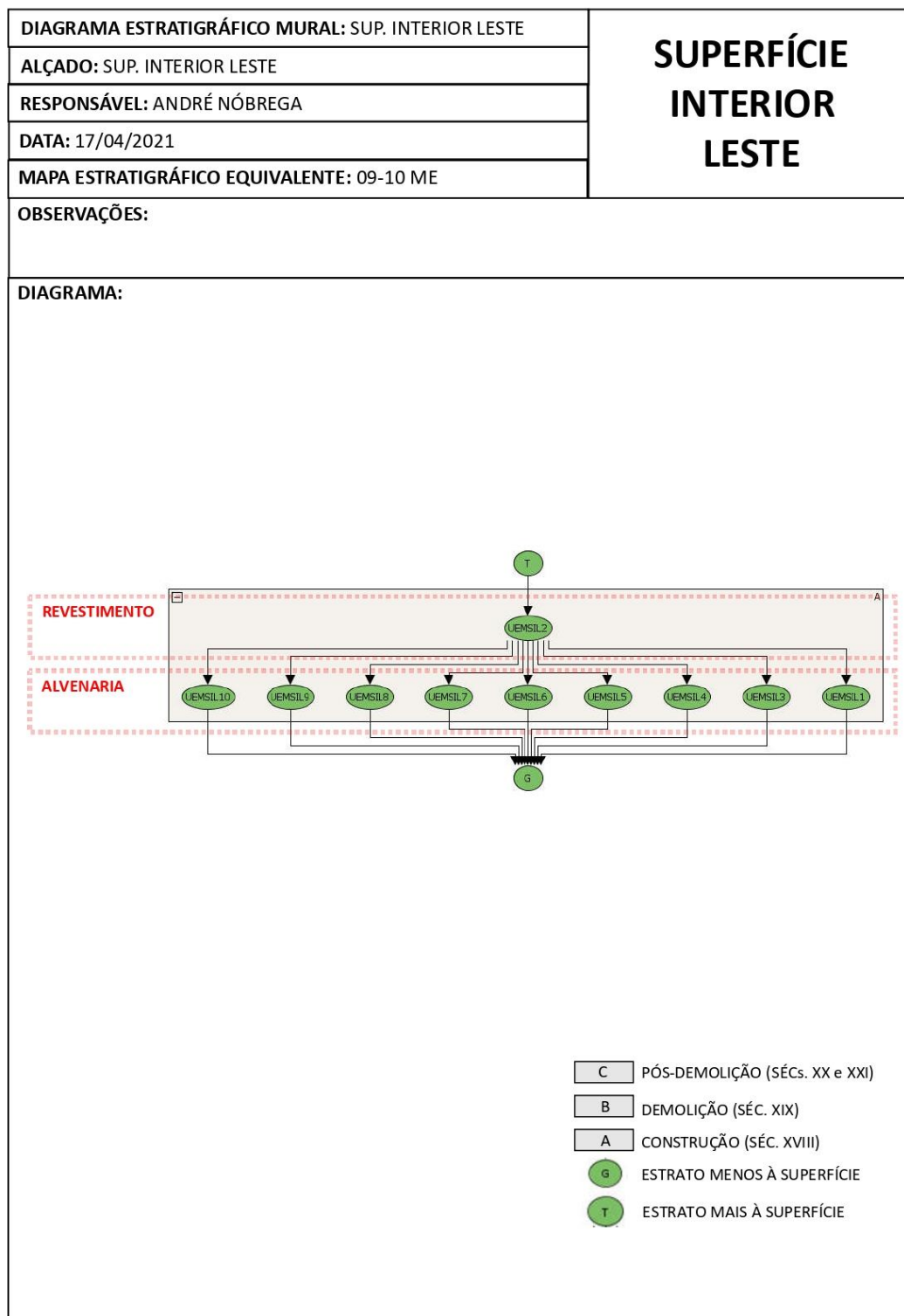
Diagramas estratigráficos

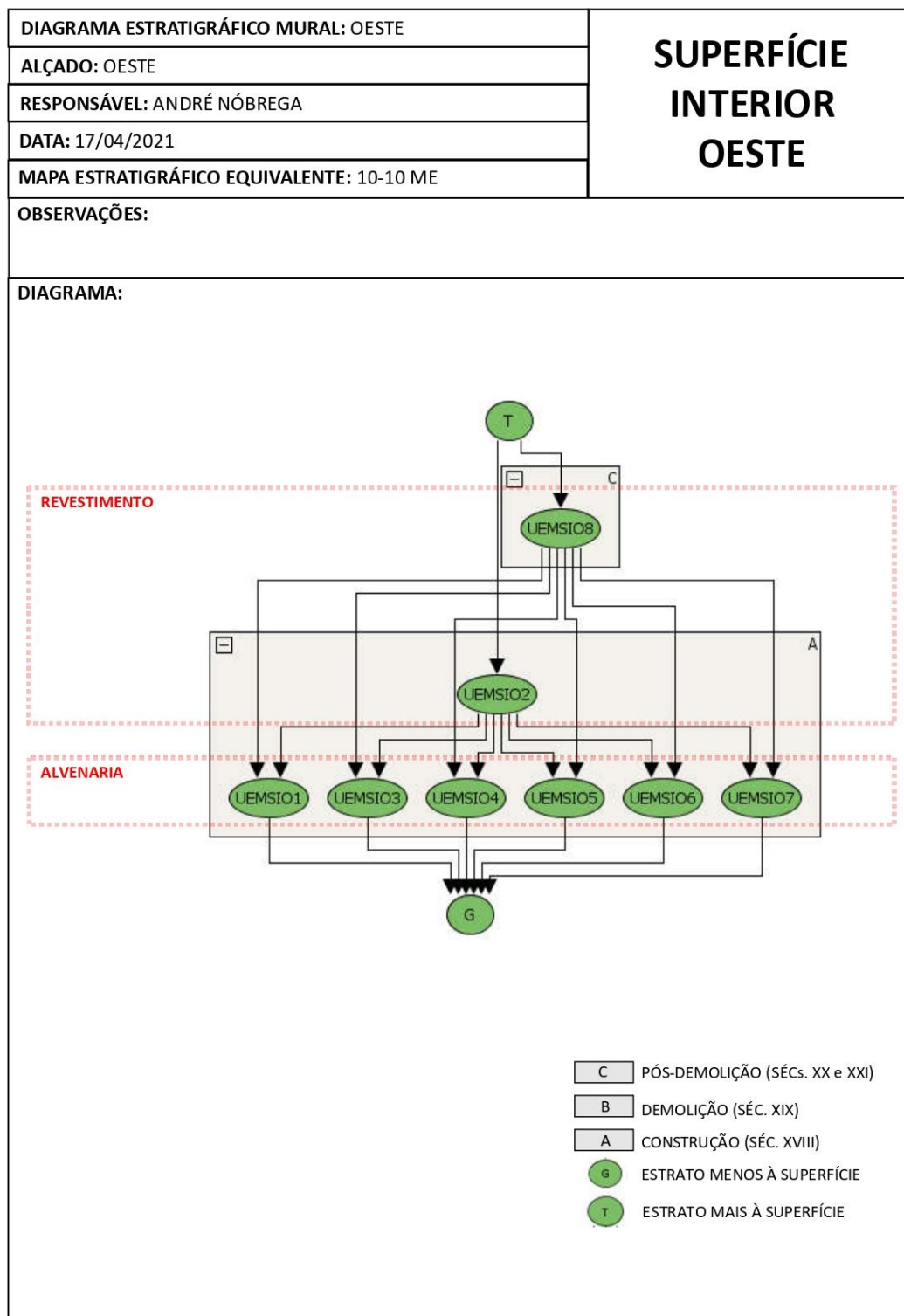












Figuras



Figura 1 - Ruína da Igreja do Real Hospício do Ceará (interior).
FONTE: Autor.



Figura 2 - Ruína da Igreja do Real Hospício do Ceará (alçado norte).
FONTE: Autor.

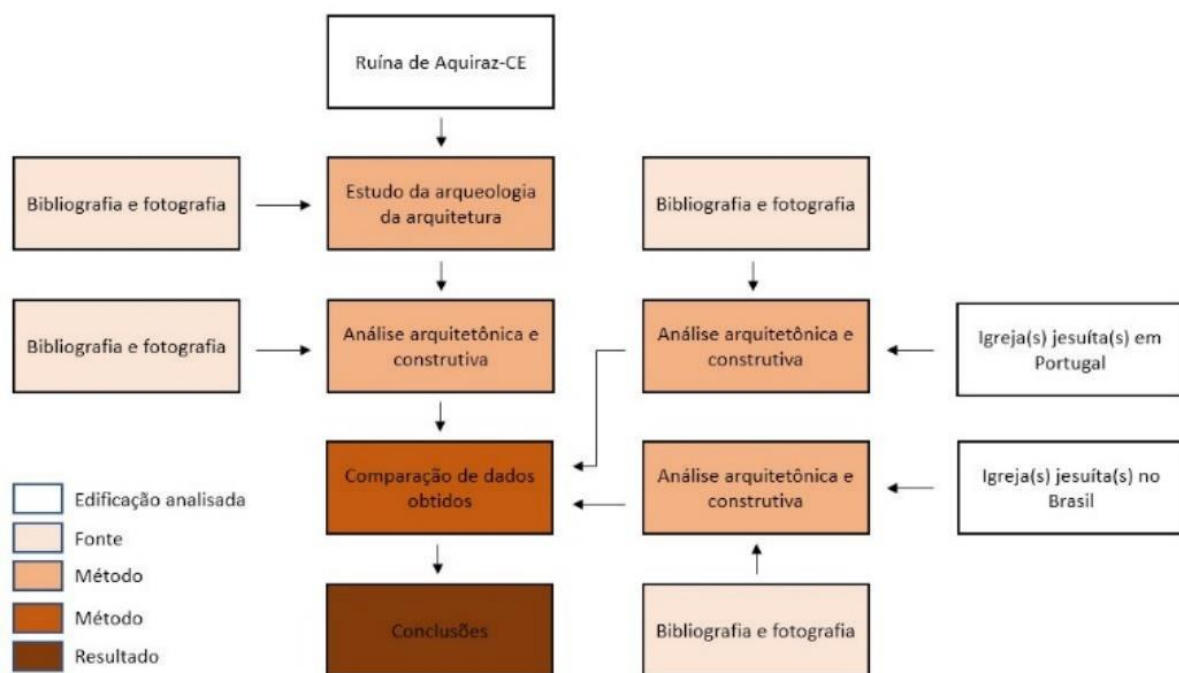


Figura 3 - Fluxograma do procedimento metodológico geral.

FONTE: Elaborado pelo autor.



Figura 4 - Alçado do Mosteiro de Santo André de Rendufe.

FONTE: FONTES (2010).

DIAGRAMA DA SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA

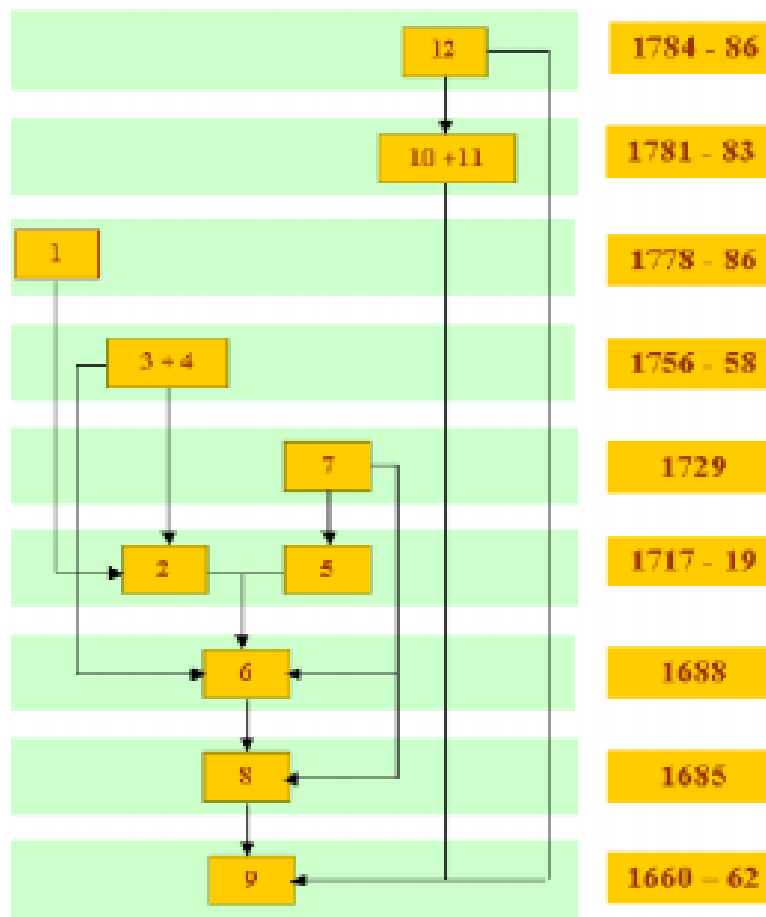


Figura 5 - Diagrama estratigráfico (Matriz de Harris) do alçado visto na figura 2.
 FONTE: FONTES (2010).



Figura 6 - Sé Nova e Colégio de Coimbra.
FONTE: Google Earth (edição nossa).



Figura 7 - Igreja de São Paulo e Colégio de Braga.
FONTE: Google Earth (edição nossa).

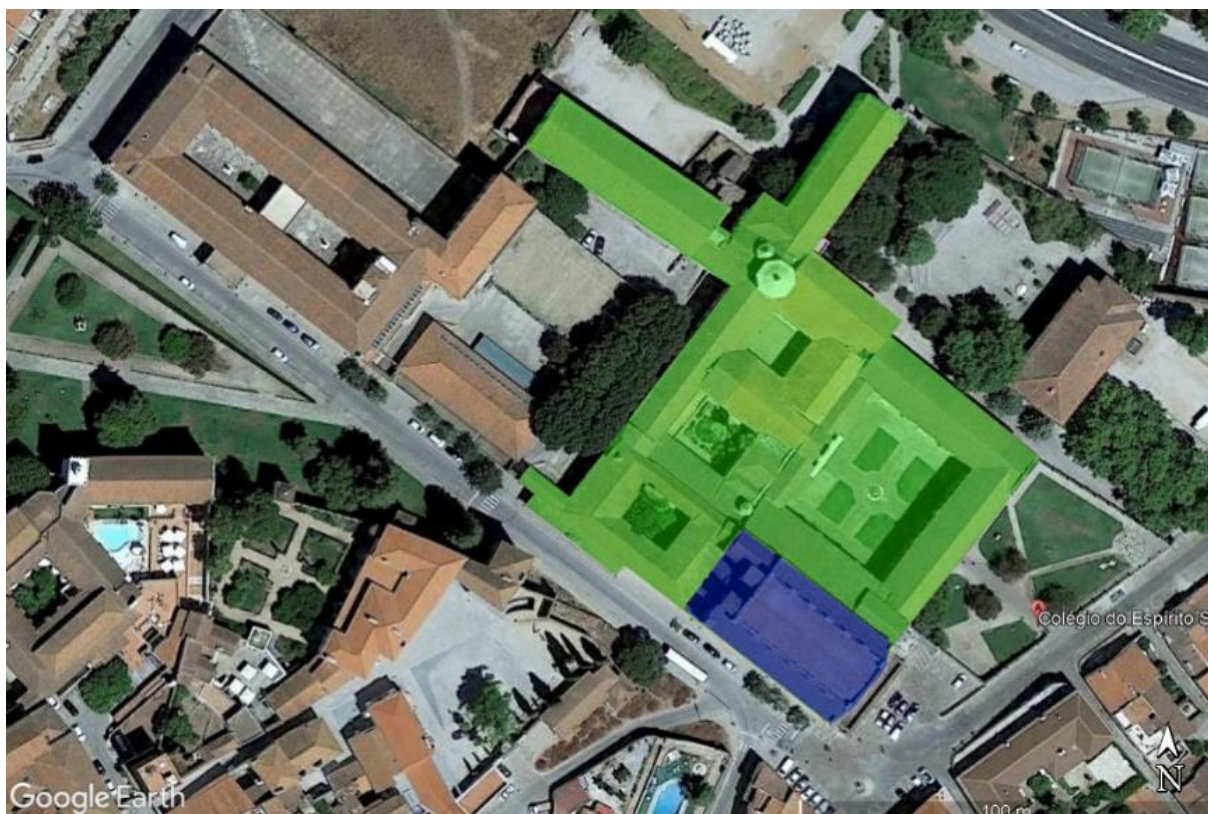


Figura 8 - Igreja e Colégio do Espírito Santo, em Évora.
FOTO: Google Earth (edição nossa).



Figura 9 - Perspectiva geral da região central de Lisboa, Igreja de São Roque e Praça do Comércio.
FONTE: Google Earth.

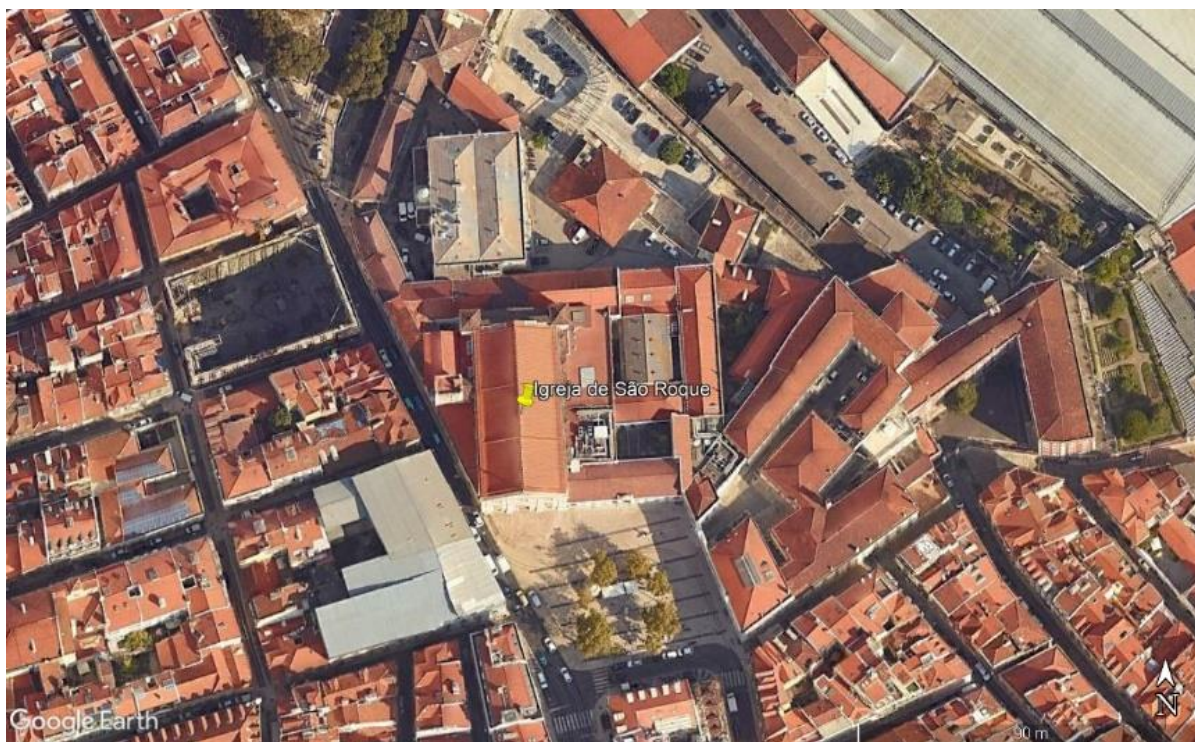


Figura 10 - Perspectiva aproximada da Igreja de São Roque e seu entorno.
FONTE: Google Earth.



Figura 11 - Mapa topográfico do entorno da Igreja de São Roque (representada por um ponto azul).
FONTE: Topographic-map.com (adaptação nossa).

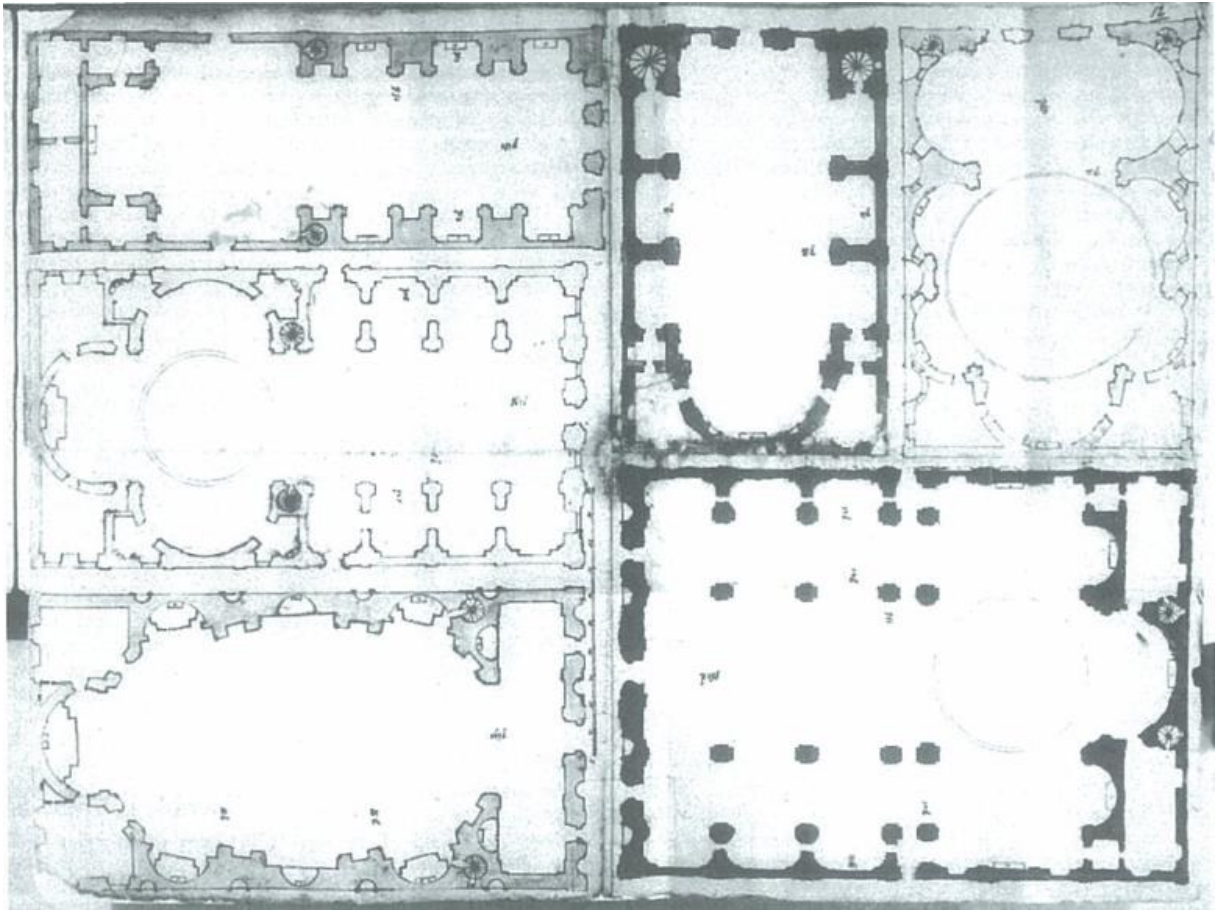


Figura 12 - Plantas ideais das igrejas da Companhia de Jesus por Giovanni de Rosis.
FONTE: PATETTA (2001).

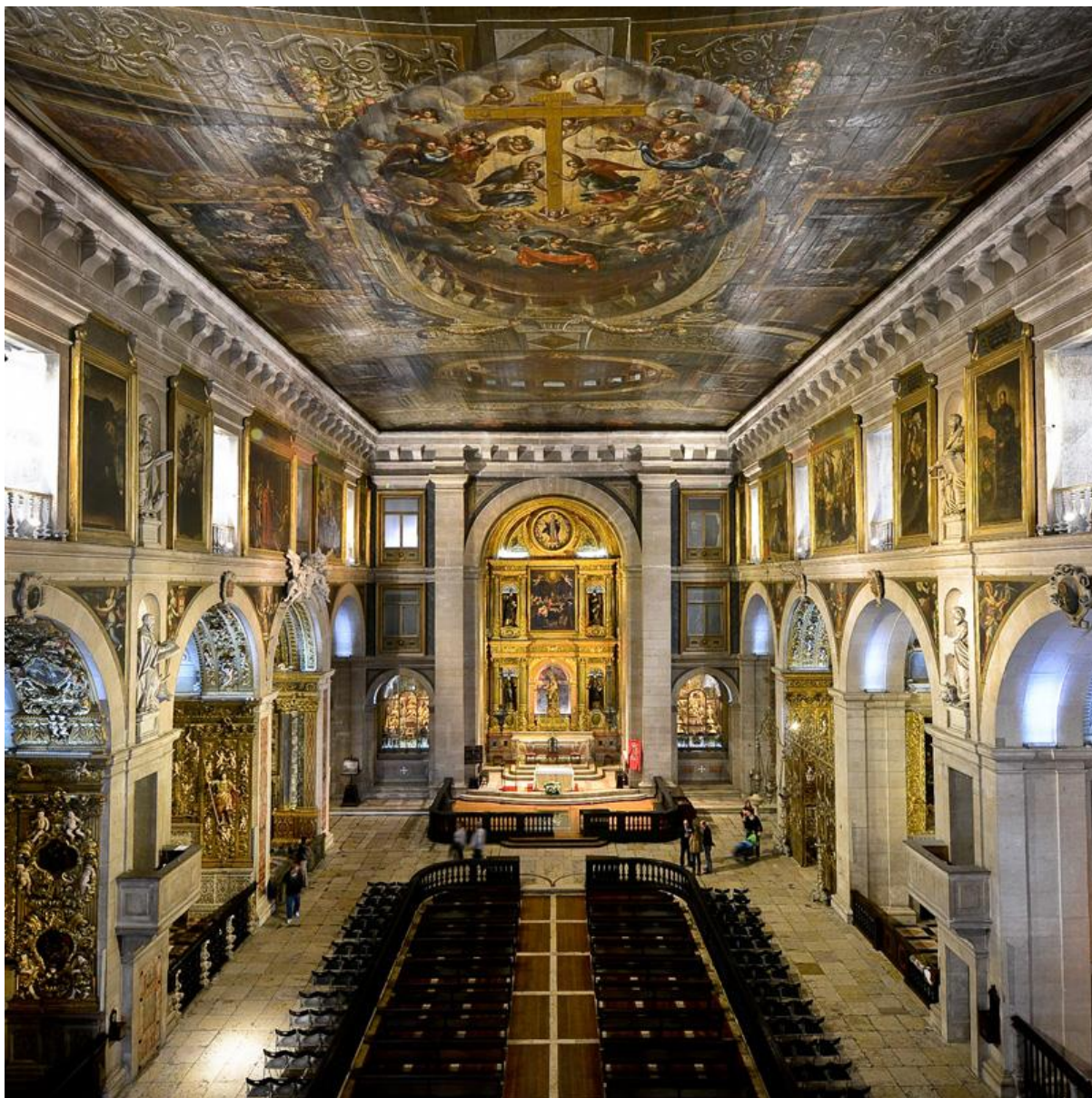


Figura 13 - Interior e forro da Igreja de São Roque.
FONTE: Museu de São Roque⁴⁴.

⁴⁴ Disponível em: <<https://mais.scml.pt/museu-saoroque/wp-content/uploads/sites/7/2018/08/teto.jpg>>. Acesso em set. 2020.

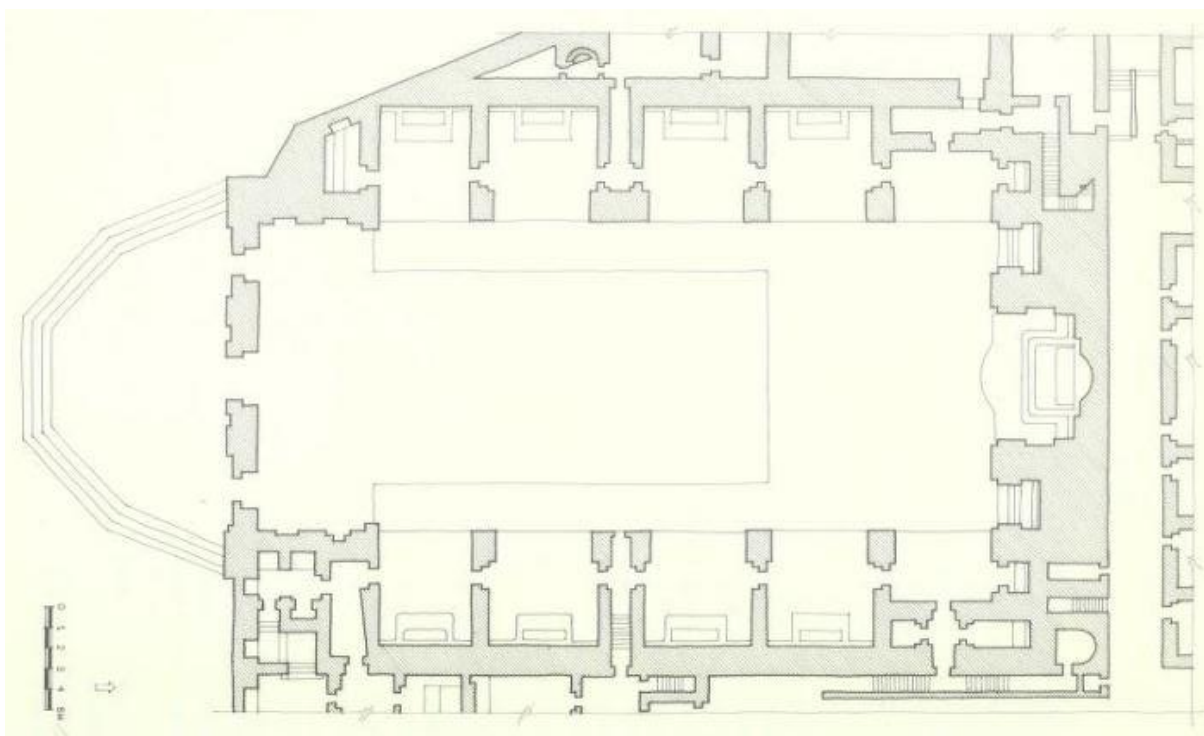


Figura 14 - Planta da Igreja de São Roque.
FONTE: Kubler (1972).



Figura 15 - Fachada principal da Igreja de São Roque.
FONTE: LOBO (2013).



Figura 16 - Torres da Igreja de São Roque.
FONTE: Google Maps.



Figura 17 - Perspectiva geral de Évora e da Igreja do Espírito Santo.
FONTE: Google Earth.



Figura 18 - Perspectiva aproximada da Igreja do Espírito Santo e seu entorno.
FONTE: Google Earth.

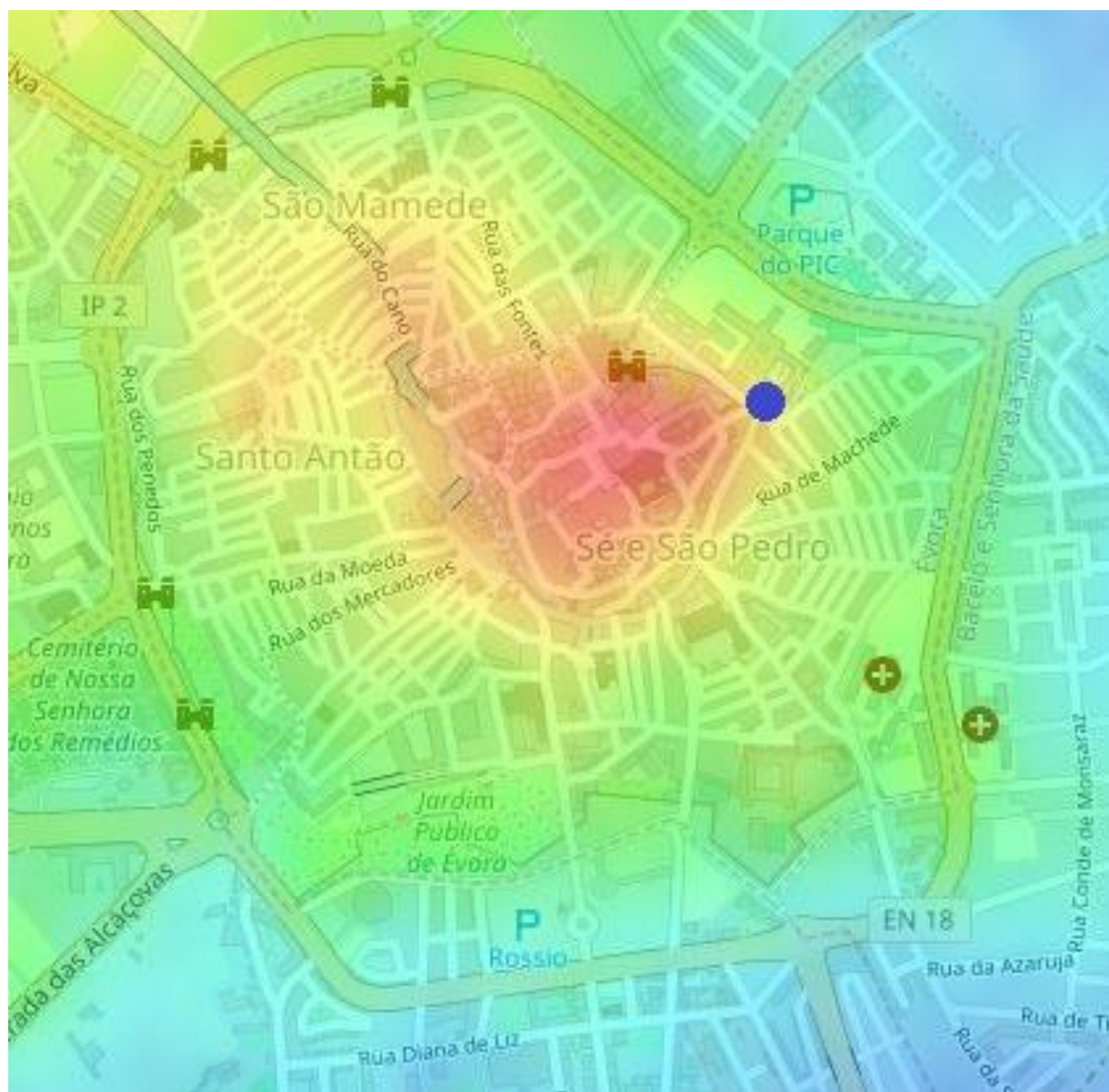


Figura 19 - Mapa topográfico de Évora (igreja representada por um ponto azul).
FONTE: Topographic-map.com (adaptação do autor).



Figura 20 - Igreja do Espírito Santo de Évora.
FONTE: Autor.

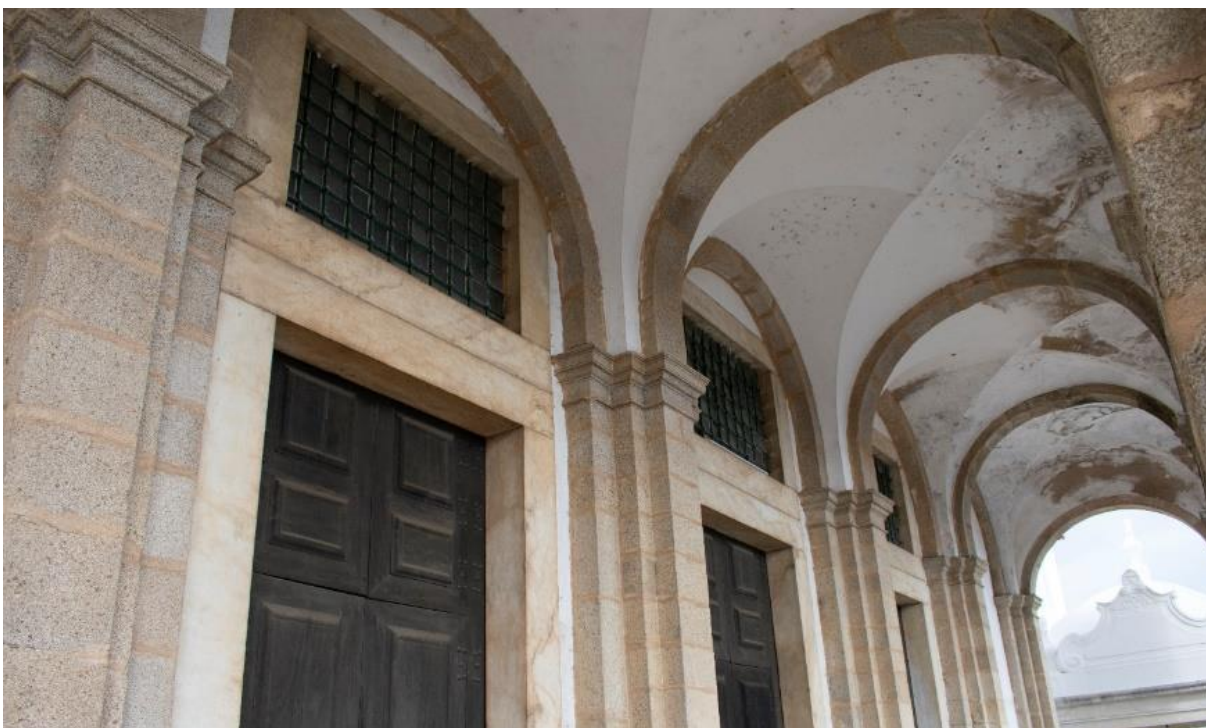


Figura 21 - Interior da Galilé da Igreja do Espírito Santo.
FONTE: Autor.



Figura 22 - Torres campanárias da Igreja do Espírito Santo.
 FONTE: Autor.

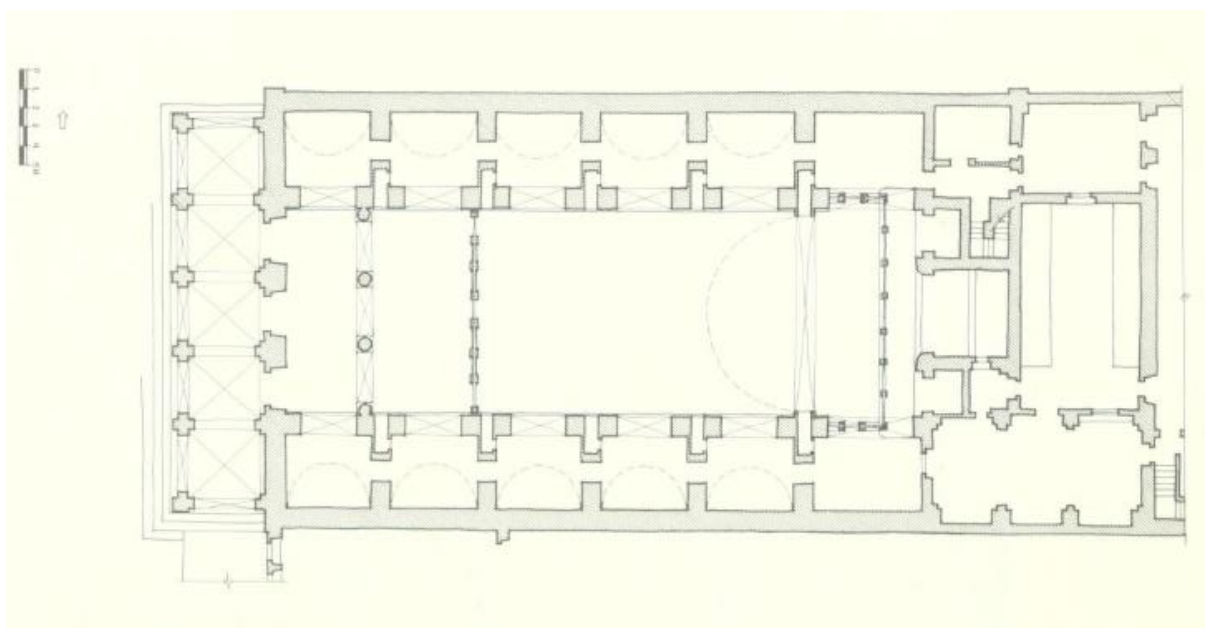


Figura 23 - Planta da Igreja do Espírito Santo.
 FONTE: Kubler (1972).



Figura 24 - Interior da Igreja do Espírito Santo.
FONTE: Autor.



Figura 25 - Interior da Igreja de São Roque.
FONTE: Câmara Municipal de Lisboa⁴⁵.

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/igreja-de-sao-roque>>. Acesso em nov. 2019.



Figura 26 - Interior da Igreja de São Francisco.
FONTE: Autor.



Figura 27 - Igreja de São Francisco.
FONTE: Autor.



Figura 28 - Igreja Il Gesù, em Roma.
FONTE: *Chiesa del Gesù*⁴⁶.

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.chiesadelgesu.org/la-chiesa/>>. Acesso em nov. 2019.

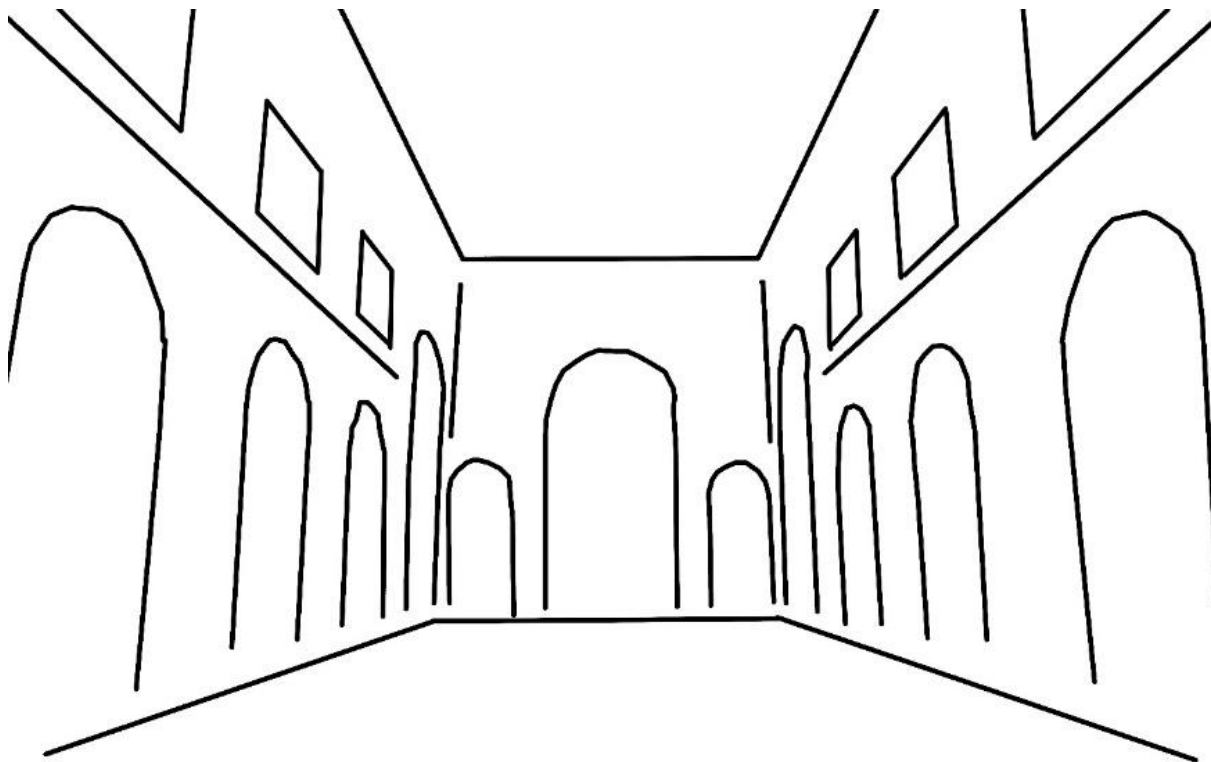


Figura 29 - Padrão arquitetônico interno jesuíta português.
FONTE: Elaborado pelo autor.

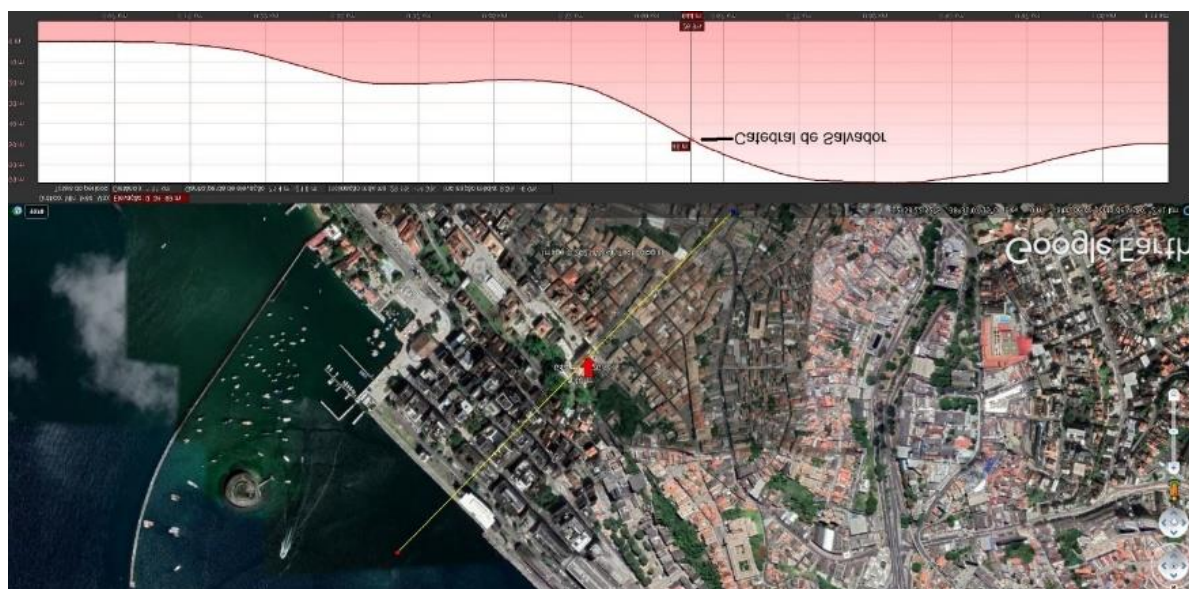


Figura 30 - Situação da Catedral de Salvador e antigo Colégio de Jesus da Bahia.
FONTE: Google Earth.



Figura 31 - Imagem de satélite em 45 graus da Catedral de Salvador.
FONTE: Google Maps.



Figura 32 - Catedral de Salvador e antigo Colégio de Jesus da Bahia (2020).
FONTE: Google Street View.



Figura 33 - Fotografia da Catedral de Salvador por Victor Front (1857).
FONTE: ASSUNÇÃO (2019).



Figura 34 - Interior da Catedral Basílica Primacial de Salvador (2018).
FONTE: IPHAN⁴⁷.

⁴⁷ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4815/catedral-basilica-de-salvador-ba-reabre-suas-portas-revelando-tesouros-da-historia-do-brasil>>. Acesso em: fev. 2021.

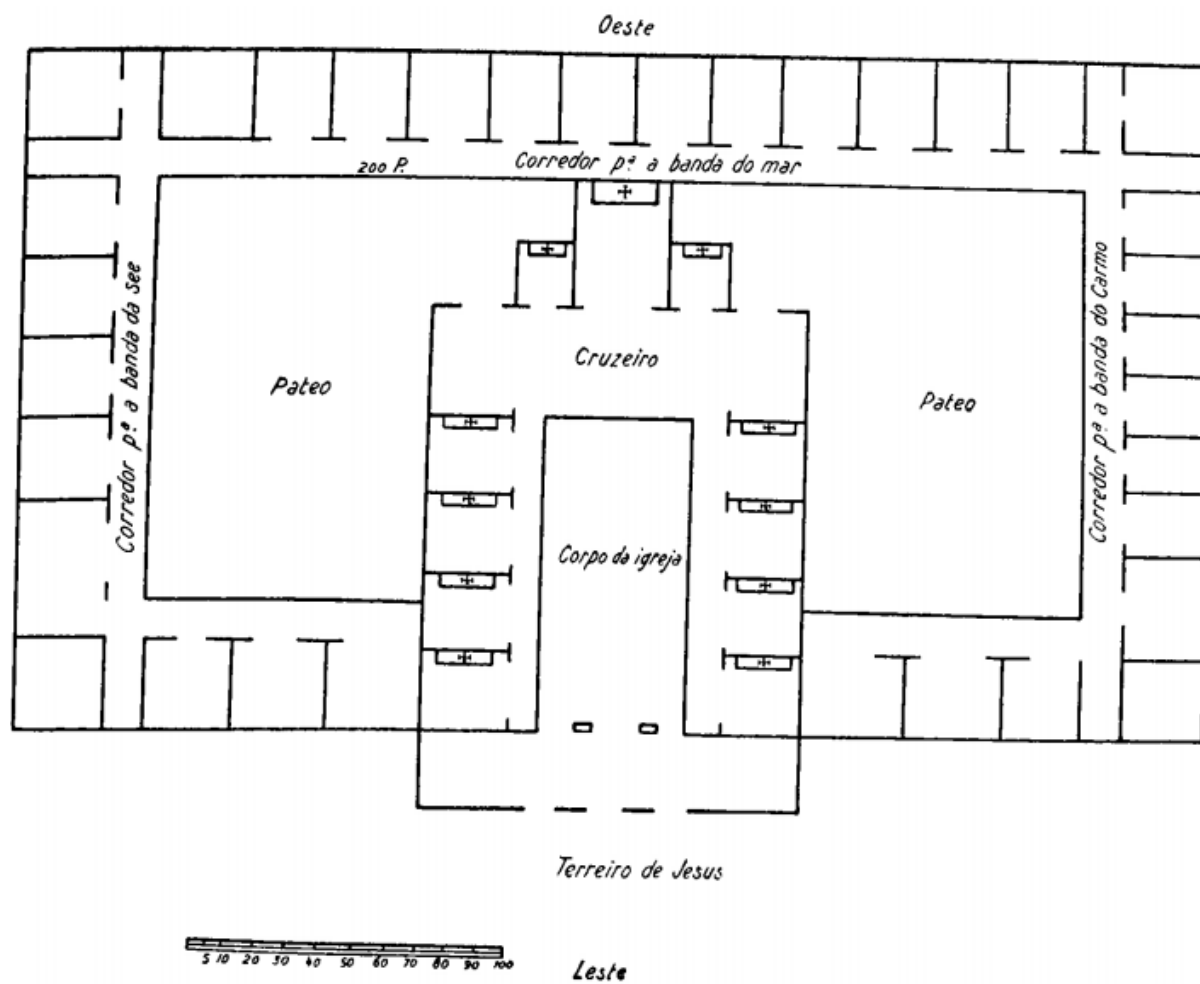


Figura 35 - Planta da igreja e antigo Colégio de Jesus da Bahia.
FONTE: LEITE (1938).



Figura 36 - Igreja de N.S. da Graça, em Olinda, após incêndio.
FONTE: COSTA (2010).



Figura 37 - *View of the Jesuit Church at Olinda* - Vista da Igreja Jesuíta em Olinda (1665).
FONTE: DIA – Detroit Institute of Arts⁴⁸.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.dia.org/art/collection/object/view-jesuit-church-olinda-brazil-57483>>. Acesso em fev. 2021.

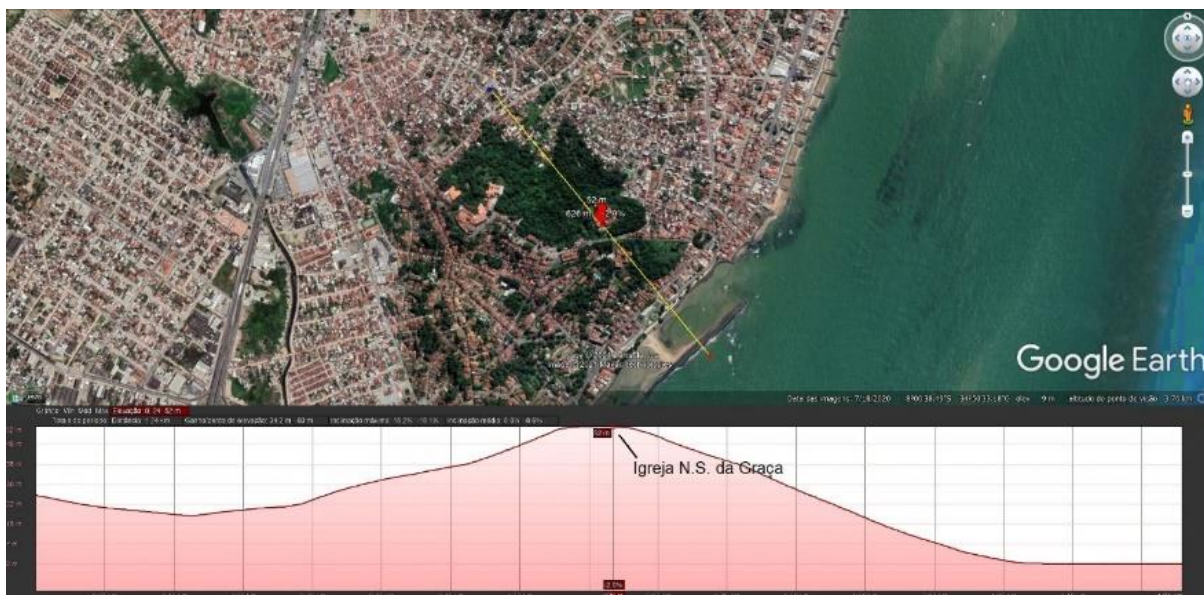


Figura 38 - Localização e perfil de elevação da Igreja N.S. da Graça.
 FONTE: Google Earth (edição nossa).



Figura 39 - Fachada principal da Igreja de N.S. da Graça.
FONTE: IPHAN⁴⁹.

⁴⁹Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/13_roteiro_patrimonio_seminario_igreja_ns_graca_olinda_pe.pdf>. Acesso em fev. 2021.



Figura 40 – Seminário e Igreja de Nossa Senhora da Graça: Olinda, PE.
 FONTE: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁵⁰.



Figura 41 - Planta baixa da Igreja de N.S. da Graça, em Olinda-PE.
 FONTE: Silvio Colin (2011)⁵¹.

⁵⁰ Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=444188&view=detalhes>>. Acesso em fev. 2021.

⁵¹ Disponível em: <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2011/09/22/morfologia-da-igreja-barroca-no-brasil-i/>>. Acesso em fev. 2021.



Figura 42 - Interior da Igreja de Nossa Senhora da Graça.
FONTE: Sanctuaria.art⁵².

⁵² Disponível em: <<https://sanctuaria.art/2014/03/25/igreja-e-seminario-da-graca-olinda/>>. Acesso em fev. 2021.



Figura 43 - Igreja de N.S. da Graça e antigo Colégio de Jesus de Olinda.
 FONTE: Google Maps.



Figura 44 - Ilustração das arcadas de sustentação da cobertura.
 FONTE: COSTA, 2010.



Figura 45 - Interior da Igreja de N.S. da Assunção de Viçosa do Ceará.
FONTE: Wikipédia⁵³.

⁵³

Disponível em:
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/96/05_12_2015_Vicosa_CE_%2885%29.JPG>.
Acesso em fev. 2021.



Figura 46 - Interior da capela-mor da Igreja de N.S. da Assunção de Viçosa do Ceará.
FONTE: UNINTA⁵⁴.

⁵⁴ Disponível em: <<https://uninta.edu.br/site/noticias/arquitetura-e-urbanismo-promoveu-aula-de-campo-em-vicosa-ceara/>>. Acesso em fev. 2021.



Figura 47 - Igreja de São José de Ribamar (2018).
FONTE: Autor.



Figura 48 - Desenho da Igreja de S.J. de Ribamar por Reis Carvalho (1859).
FONTE: IPHAN (2016).

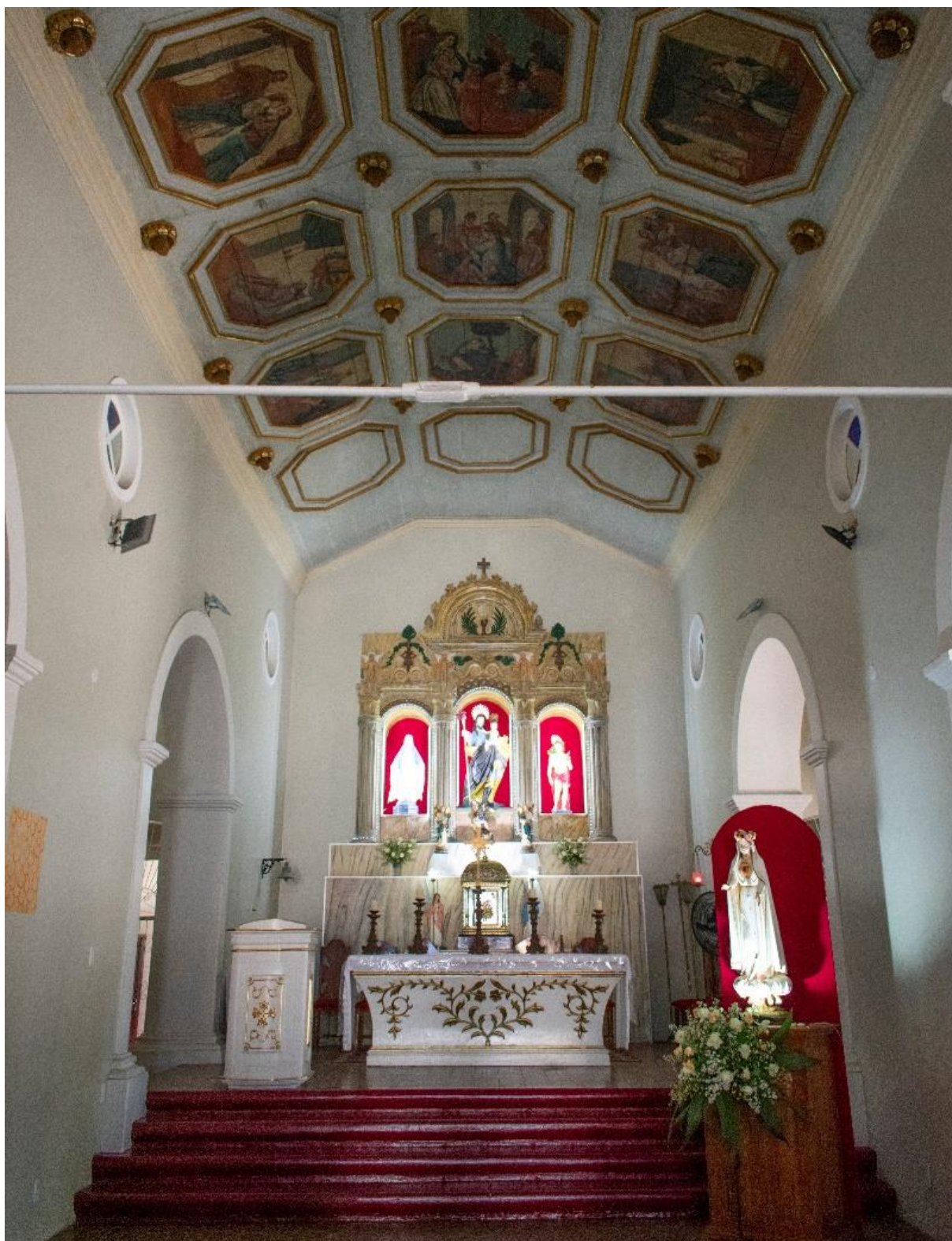


Figura 49 - Capela-mor da Igreja de São José de Ribamar (2018).
FONTE: Autor.



Figura 50 - Fachada traseira da Igreja de São José de Ribamar (2018).
FONTE: Autor.



Figura 51 - Interior da Igreja de São José de Ribamar (2021).
FONTE: Autor.

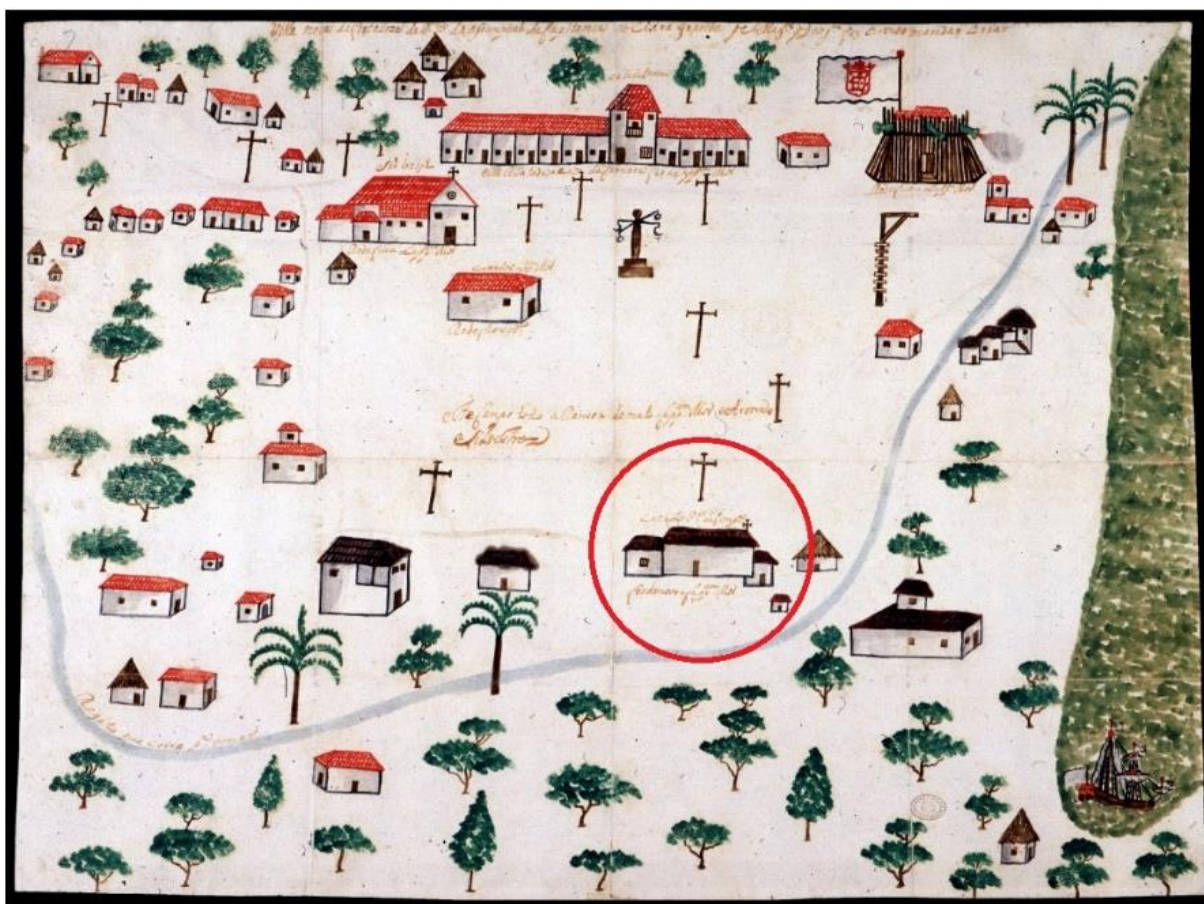


Figura 52 - Mapa de Fortaleza, Ceará, em 1730.
 FONTE: Biblioteca Digital Luso-Brasileira⁵⁵ (edição nossa).

⁵⁵PLANTA da Villa Nova da Fortaleza de N^a. S^a da Assumpção da Capitania do Ciará grande : q. S. Magde. q. o Deos gde. [garde] foy cervido mandar criar. AHU_CARTm_006, DOC. 848. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/rede_memoria/projeto_resgate/iconografia_AHU/ahu-ce_848/ahu-ce_848.html>. Acesso em out. 2019.



Figura 53 - Ruína da Igreja Jesuíta de Nossa Senhora da Assunção.
FONTE: Autor.



Figura 54 - Casa do Capitão-Mor.
FONTE: Autor.



Figura 55 - Igreja Paroquial de Sapardos, Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo.
FONTE: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira *in* BESERRA (2018).



Figura 56 - Capela de Nossa Senhora da Conceição, Sobral-CE.
FONTE: Prefeitura Municipal de Sobral *in* BESERRA (2018).



Figura 57 - Capela de Nossa Senhora da Guia, Acari-RN.

FONTE: IPHAN in BESERRA (2018).



Figura 58 - Capela de Nossa Senhora da Conceição, Itans, Itapiúna-CE.
FONTE: BESERRA (2018).

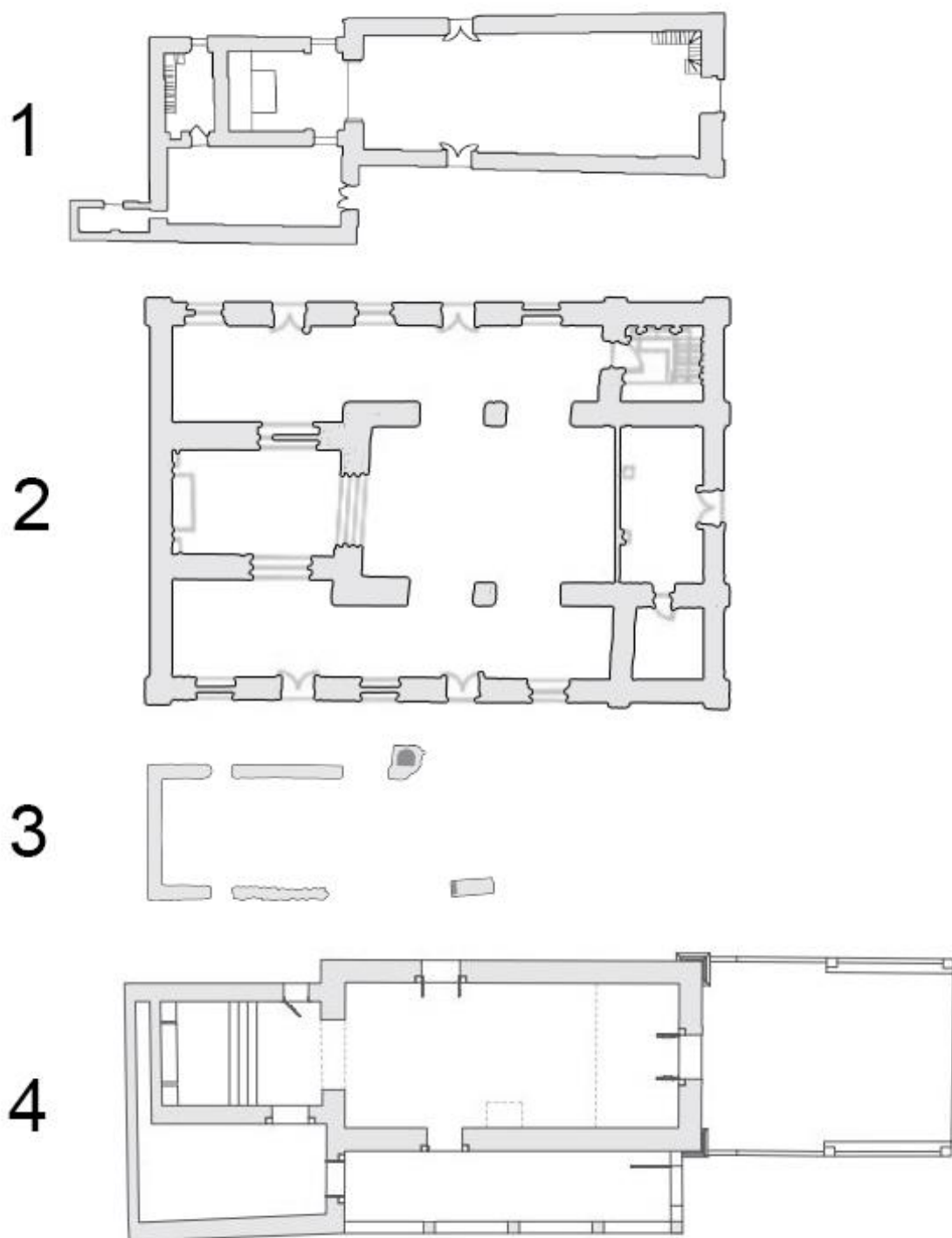


Figura 59 - Comparativo entre edifícios religiosos construídos por Antônio Mendes da Cunha no Brasil.
FONTE: Elaborado pelo autor a partir de plantas *in* BESERRA (2018).



Figura 60 - Lado externo da fachada posterior.
FONTE: Autor.



Figura 61 - Lado interno da fachada posterior.
FONTE: Autor.



Figura 62 – Nicho externo.
FONTE: Autor.



Figura 63 - Acesso lateral.
Fonte: Autor.



Figura 64 - Rocha aparentemente de granito.
FONTE: Autor.



Figura 65 - Rocha aparentemente de arenito.
FONTE: Autor.



Figura 66 - Concha encrustada na argamassa agregadora.
FONTE: Autor.

EL. CONSTRUTIVO: _____ CONTEXTO: _____		FICHA ESTRATIGRÁFICA MURAL Nº: 																																					
INTERFACE: _____ INTERFACE C.: _____		ALÇADO: _____																																					
NOME (DEFINIÇÃO):																																							
DESCRIÇÃO:																																							
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <th colspan="7" style="padding: 5px;">SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS):</th> <th rowspan="5" style="padding: 5px; vertical-align: top;">DIAGRAMA:</th> </tr> <tr> <th style="padding: 5px;"></th> <th style="padding: 5px;">COBRE</th> <th style="padding: 5px;">PREENCHE</th> <th style="padding: 5px;">APOIA</th> <th style="padding: 5px;">ENCOSTA</th> <th style="padding: 5px;">CORTA</th> <th style="padding: 5px;">UNE</th> </tr> <tr> <td style="padding: 5px; text-align: center;">ANTERIOR A</td> <td style="width: 100px; height: 100px;"></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px; text-align: center;">CONTEMPORÂNEO A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px; text-align: center;">POSTERIOR A</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>				SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS):							DIAGRAMA:		COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE	ANTERIOR A							CONTEMPORÂNEO A							POSTERIOR A						
SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA (RELAÇÕES TEMPORAIS E FÍSICAS):							DIAGRAMA:																																
	COBRE	PREENCHE	APOIA	ENCOSTA	CORTA	UNE																																	
ANTERIOR A																																							
CONTEMPORÂNEO A																																							
POSTERIOR A																																							
IGUAL A:		EQUIVALENTE A:		RELAÇÃO COM:																																			
CRONOLOGIA:																																							
INTERPRETAÇÃO (CONTEXTO, ATIVIDADE, ESTRATIGRAFIA, ACHADOS, DATAÇÃO):																																							
FOTOGRAFIA (OBSERVAÇÕES):																																							
REFERÊNCIAS:																																							
RESPONSÁVEL:		DATA:																																					

Figura 67 - Ficha Estratigráfica Mural utilizada.
FONTE: Autor.

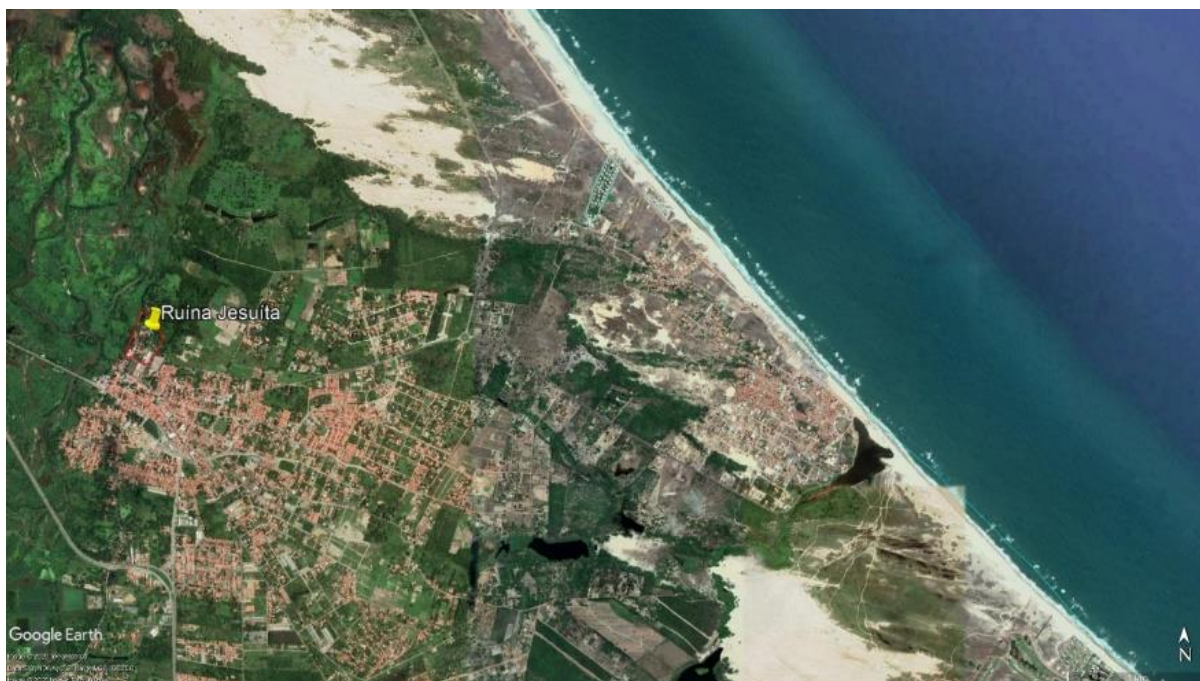


Figura 70 - Faixa litorânea.
FONTE: Google Earth.

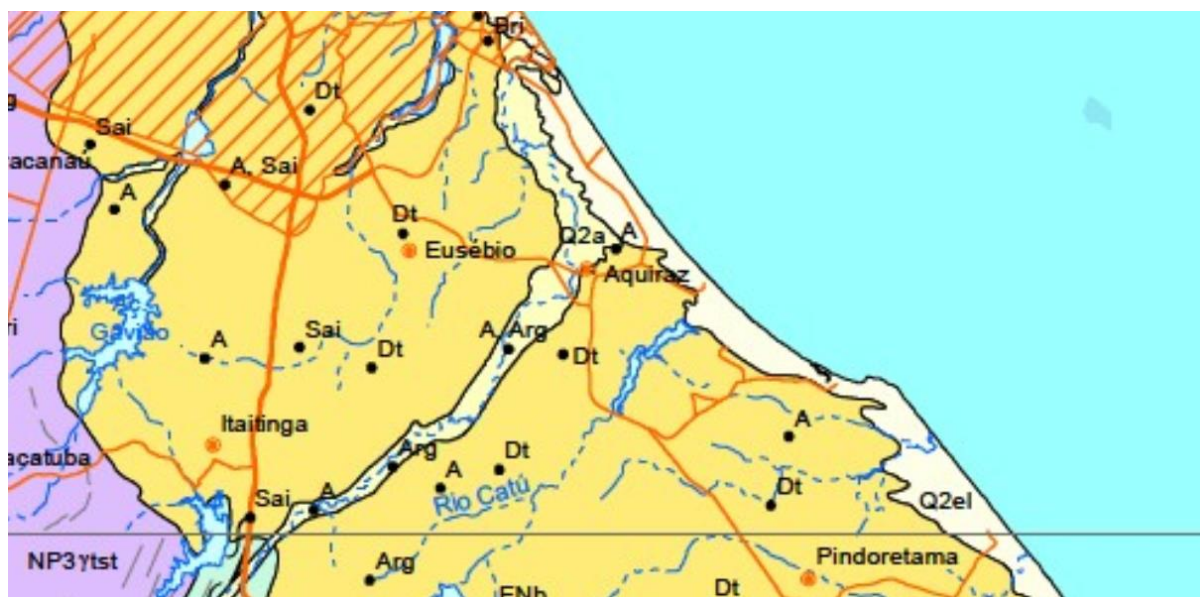


Figura 71 - Setor do Mapa Geológico do Ceará (1:500.000).
FONTE: CPRM (2020).

COBERTURAS SEDIMENTARES CENOZOICAS

Q2el	Depósitos Eólicos Litorâneos: areias quartzosas de granulação fina a média, bem selecionadas e com grãos arredondados.
Q2a	Depósitos Aluvionares: sedimentos inconsolidados constituídos por seixos, areias finas a grossas, com níveis de cascalhos e argilas.
Q2tl	Depósitos de Tálus Recente: fragmentos líticos com matriz de areia, silte e argila.
N2Q1c	Depósitos Colúvio-eluviais: depósitos de areias, areias argilosas e argilas.
N2m	Formação Moura: sedimentos inconsolidados formados por argila, areia e cascalho.

GRUPO BARREIRAS (ENb)

ENfa	Formação Faceira: conglomerados basais, de cor vermelha, com fragmentos líticos. Arenitos pouco litificados de cor vermelha, com níveis de argila e de cascalhos.
ENb	Arenitos argilosos de cores amarela, vermelha e verde, matriz argilo-caulínica, com cimento argiloso, ferruginoso e as vezes silicoso, de granulação fina a média, com leitos conglomeráticos na base.

Figura 72 - Legenda.
FONTE: CPRM (2020).

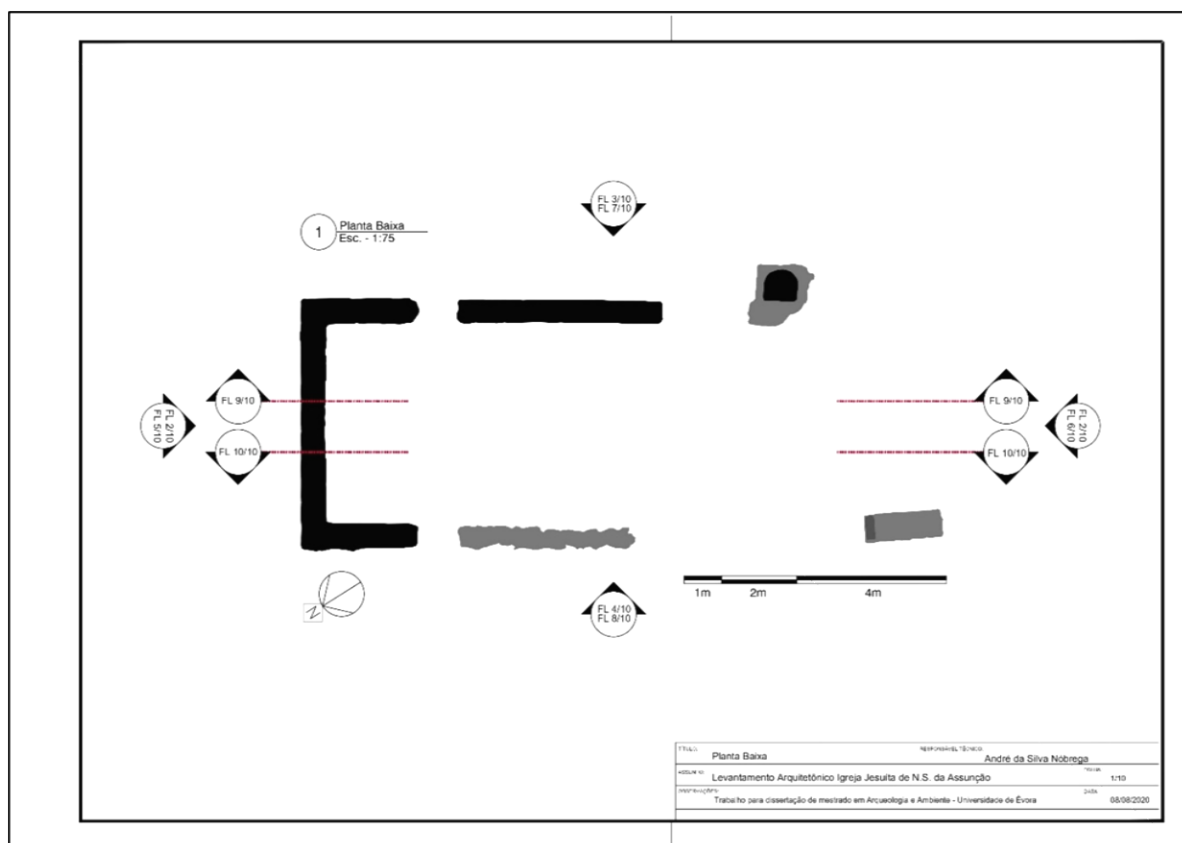


Figura 73 - Planta baixa.
FONTE: Autor.

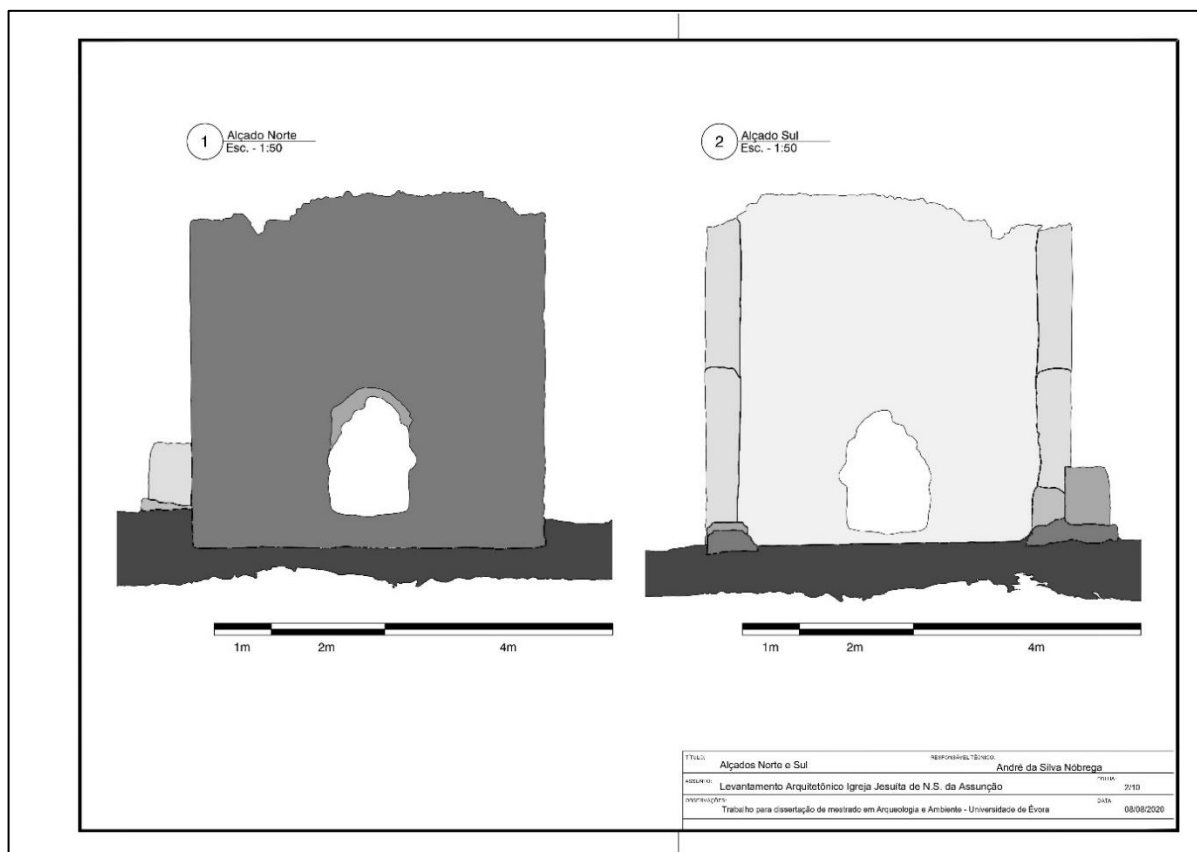


Figura 74 - Alçados norte e sul.
FONTE: Autor.

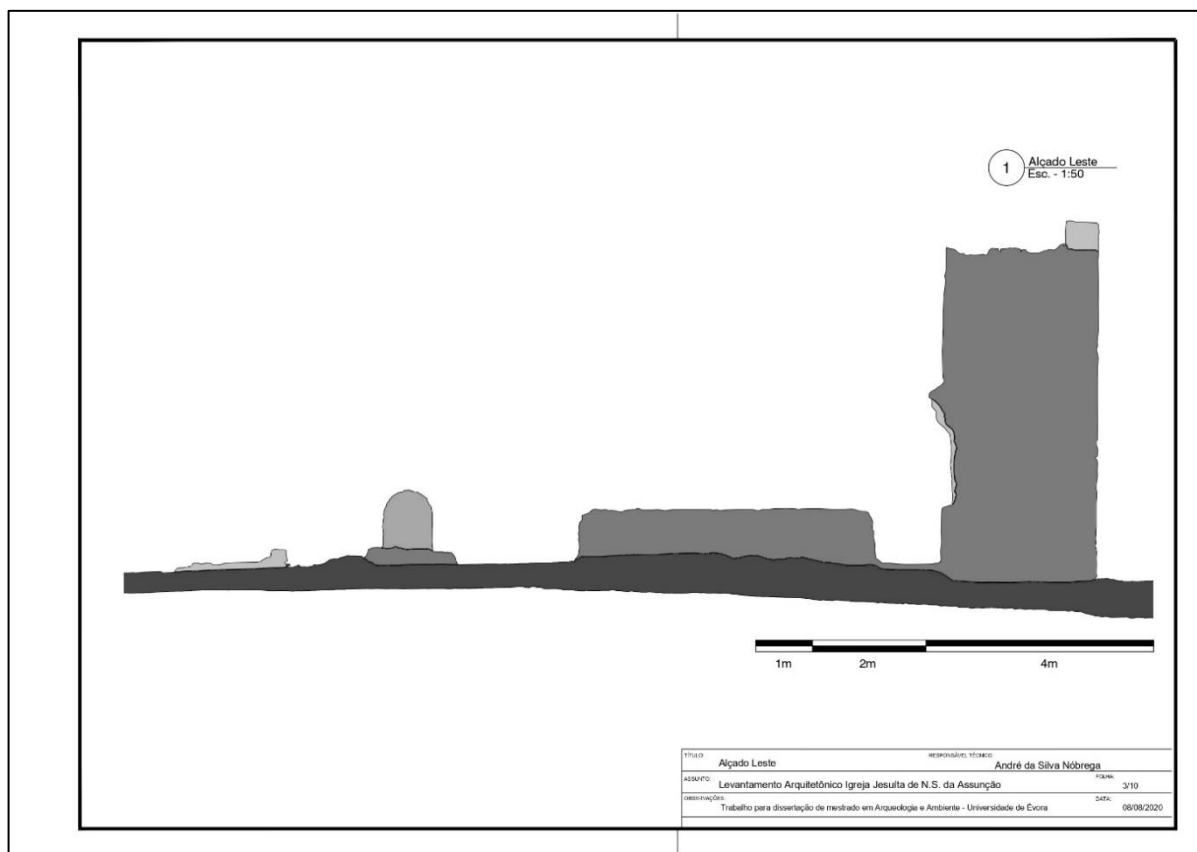


Figura 75 - Alçado leste.
FONTE: Autor.

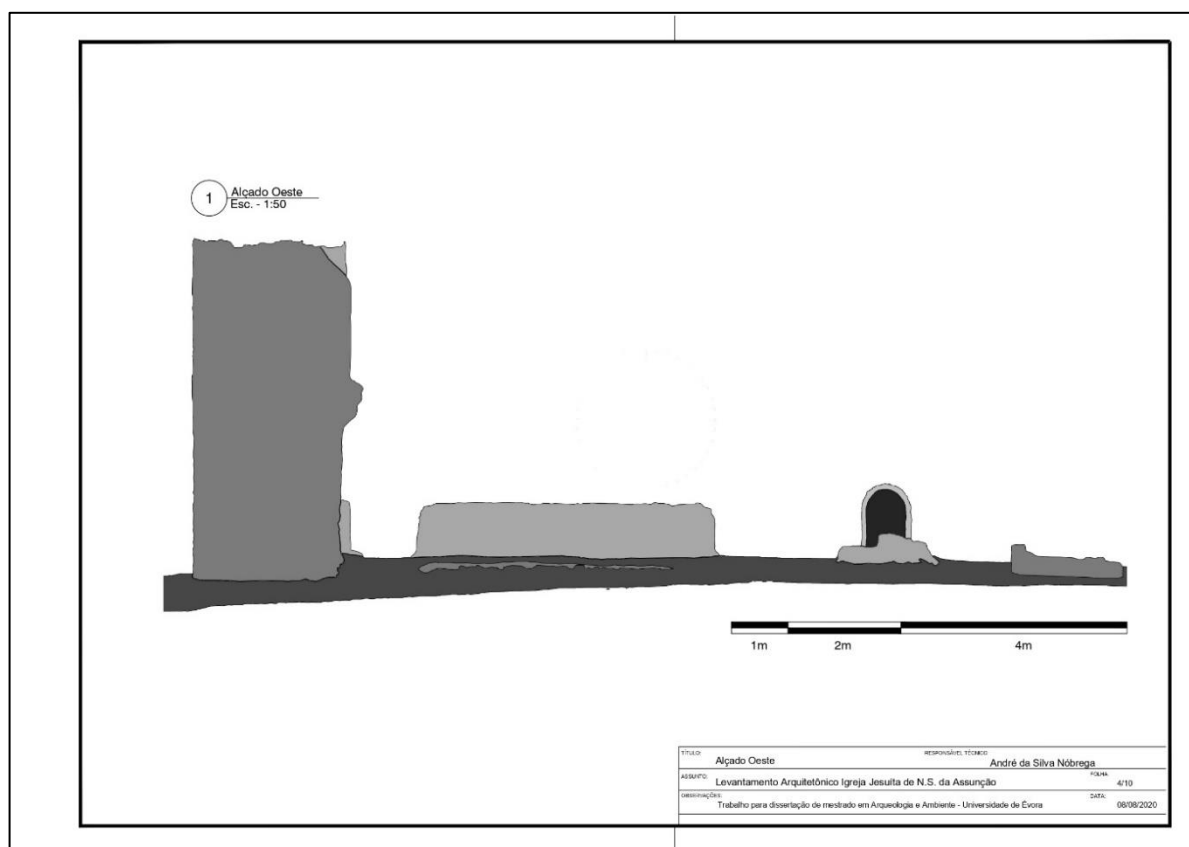


Figura 76 - Alçado oeste.
FONTE: Autor.



Figura 77 - Modelo fotogramétrico (vista sudeste).
FONTE: Autor.



Figura 78 - Modelo fotogramétrico (vista noroeste).
FONTE: Autor.

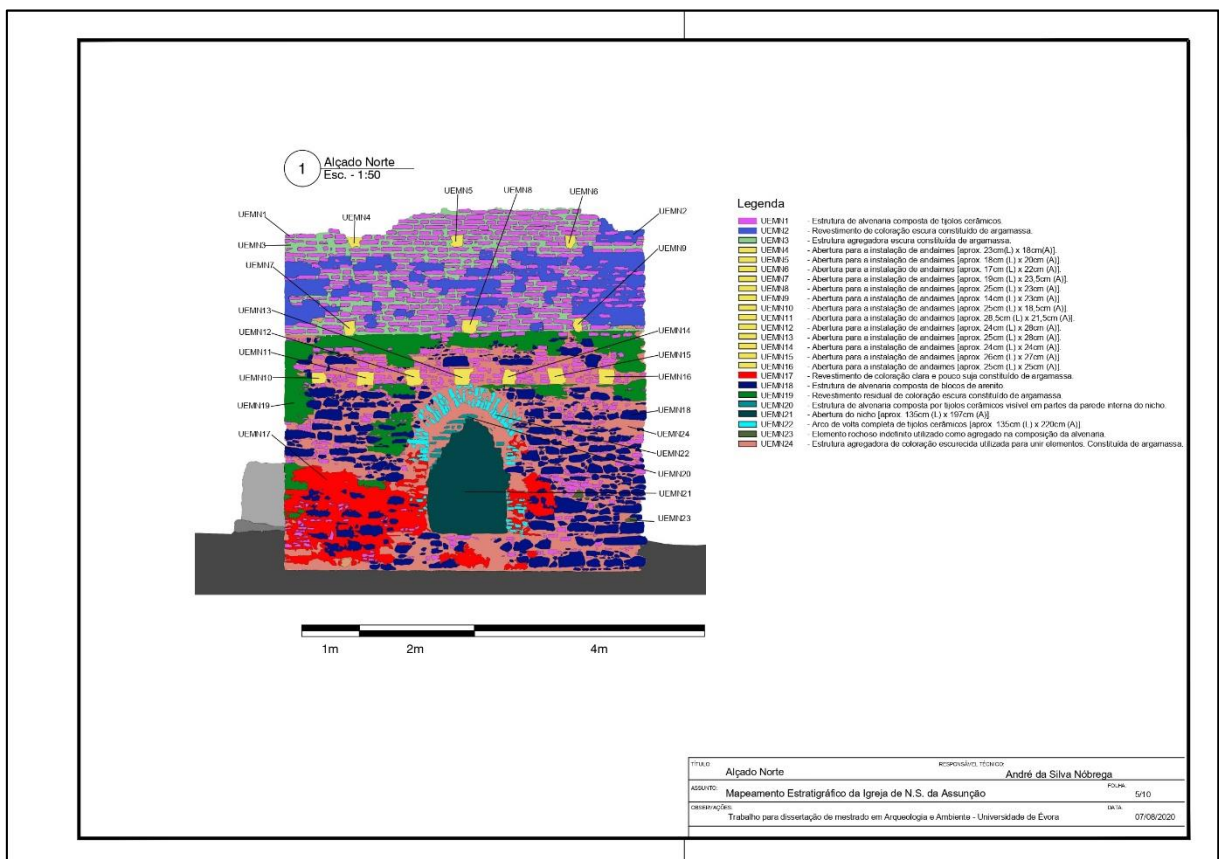


Figura 79 - Mapa estratigráfico do alçado norte.
FONTE: Autor.

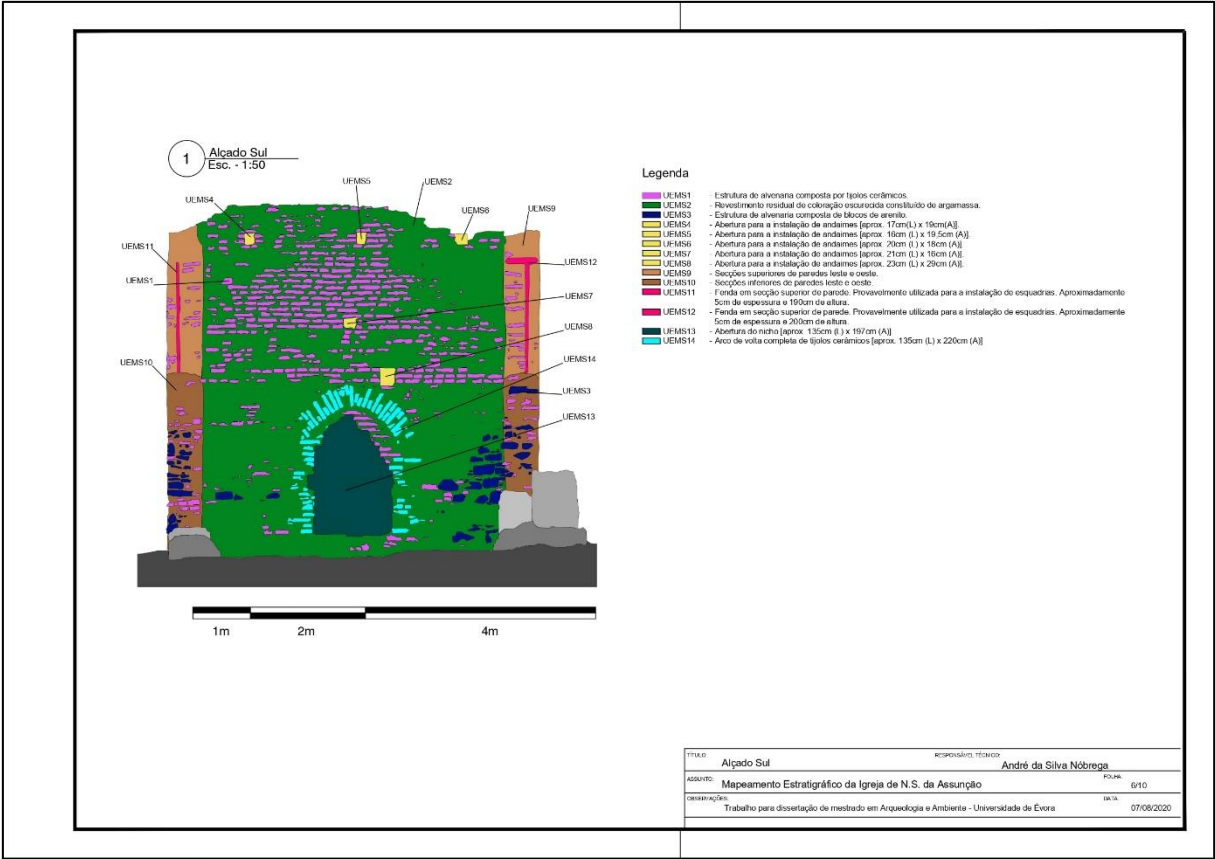


Figura 80 - Mapa estratigráfico do alçado sul.
FONTE: Autor.

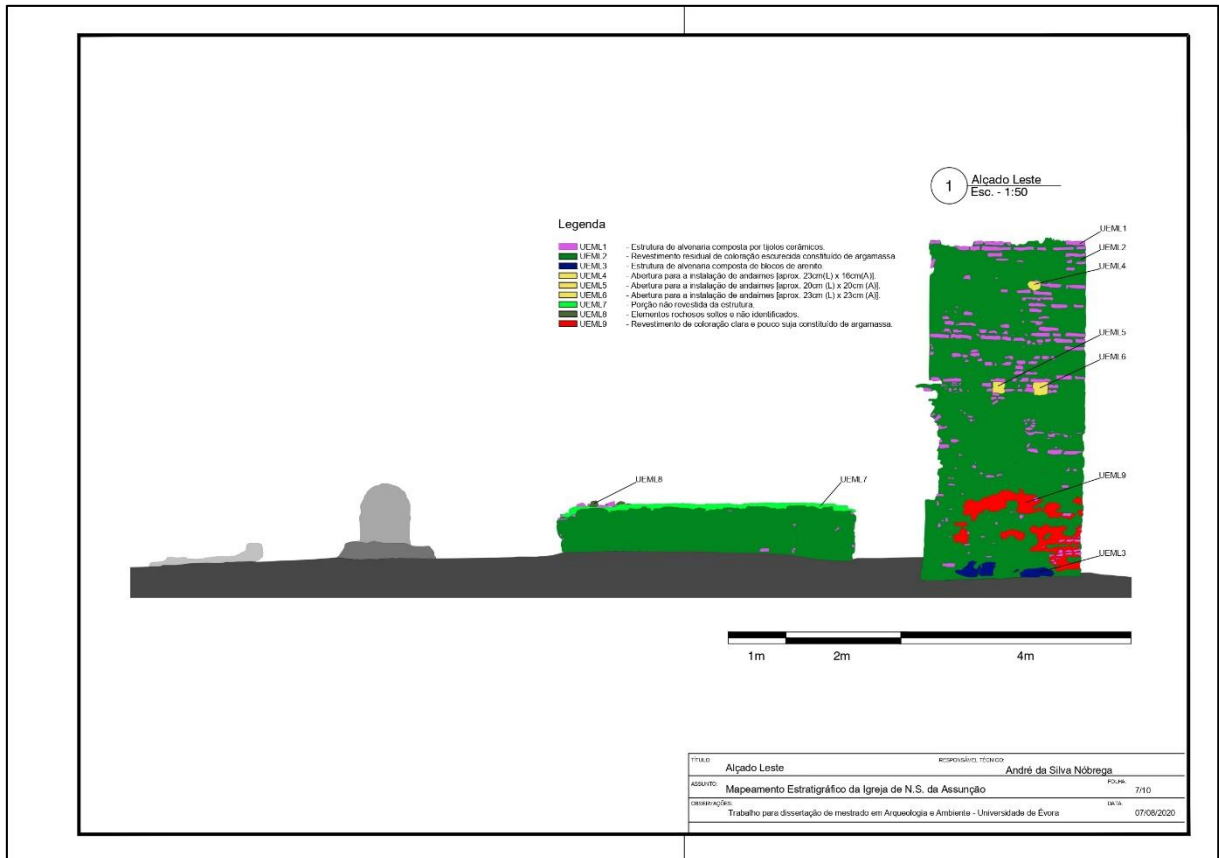


Figura 81 - Mapa estratigráfico do alçado leste.
FONTE: Autor.

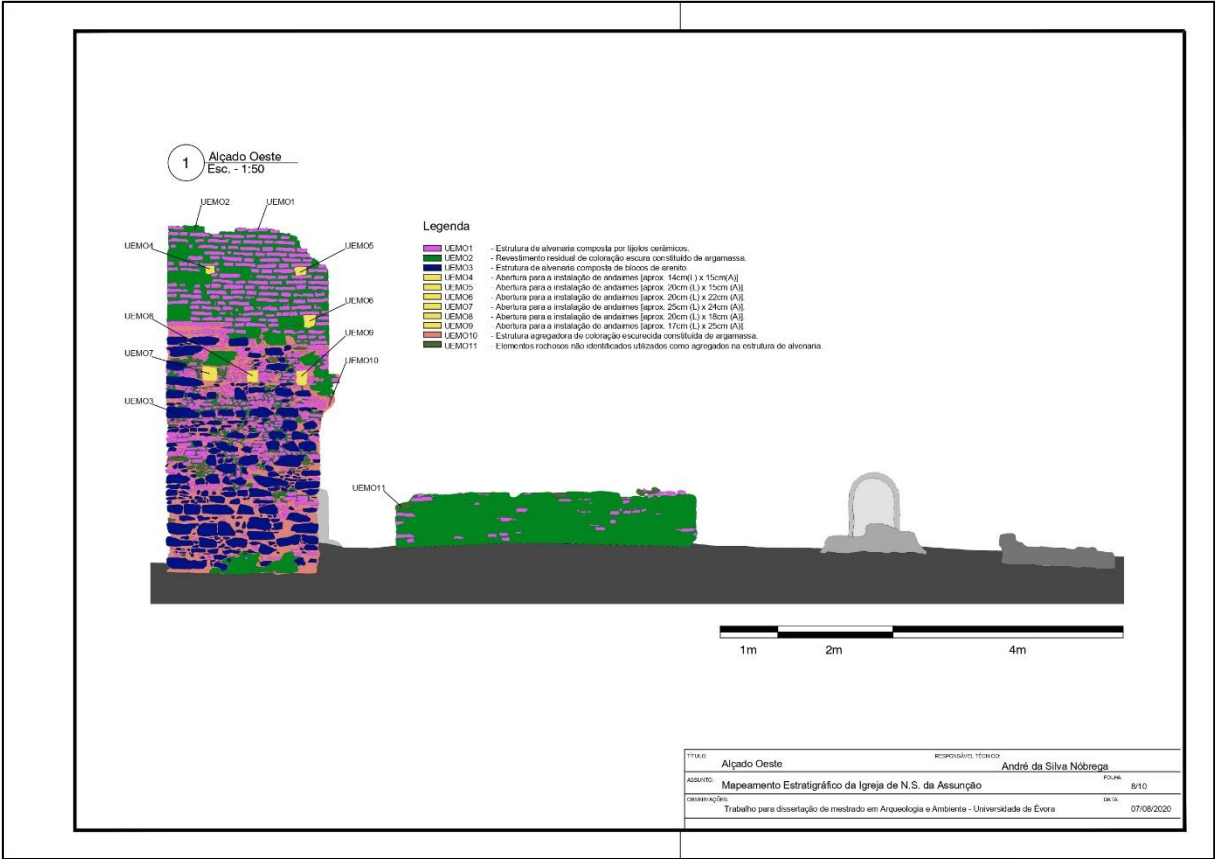


Figura 82 - Mapa estratigráfico do alçado oeste.
FONTE: Autor.

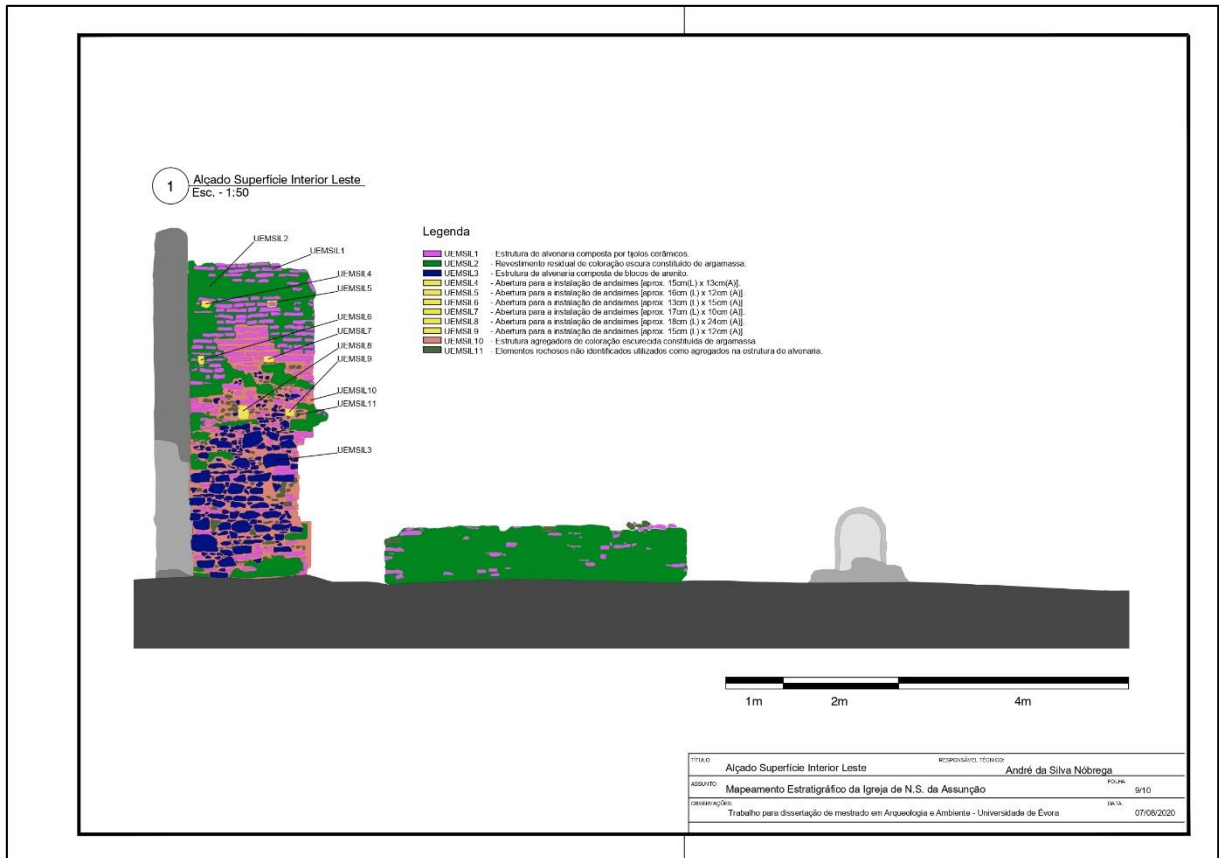


Figura 83 - Mapa estratigráfico do alçado da superfície interior leste.
FONTE: Autor.

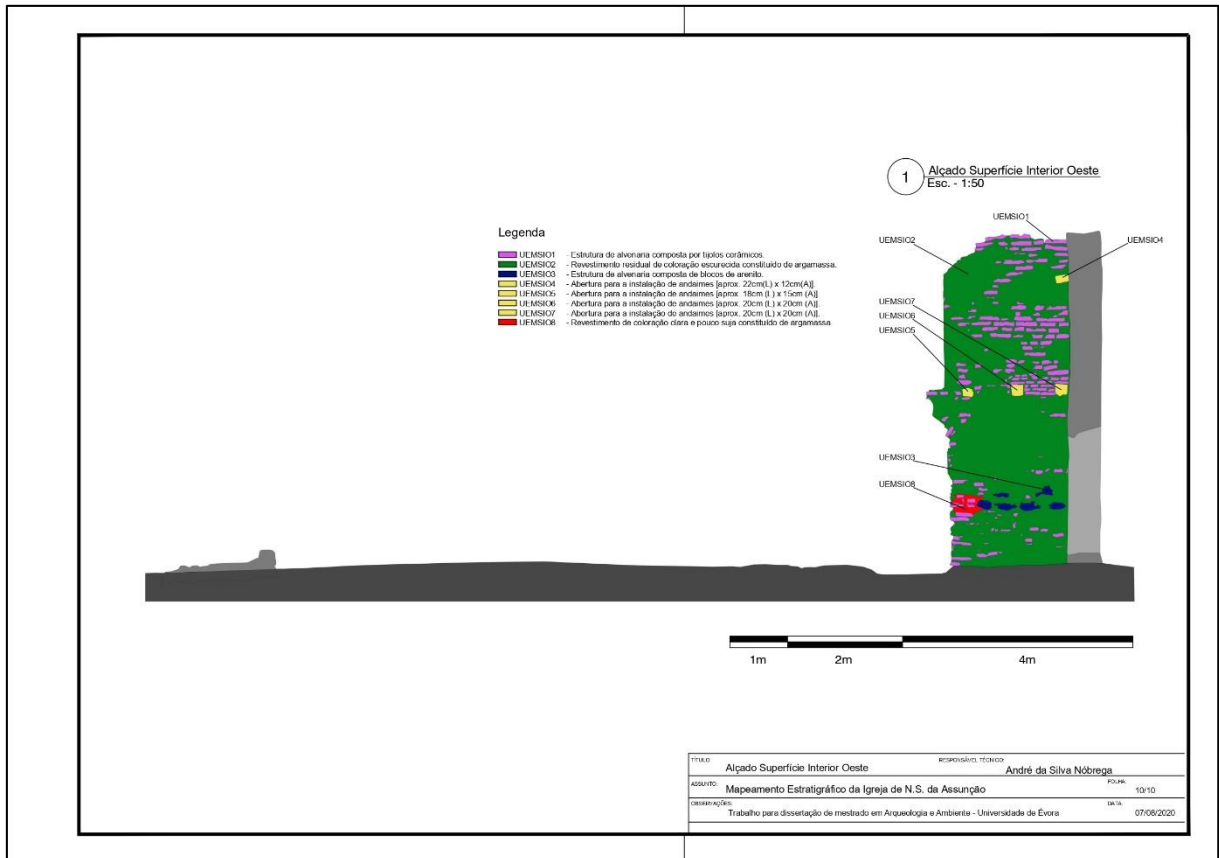


Figura 84 - Mapa estratigráfico do alçado da superfície interior oeste.
FONTE: Autor.

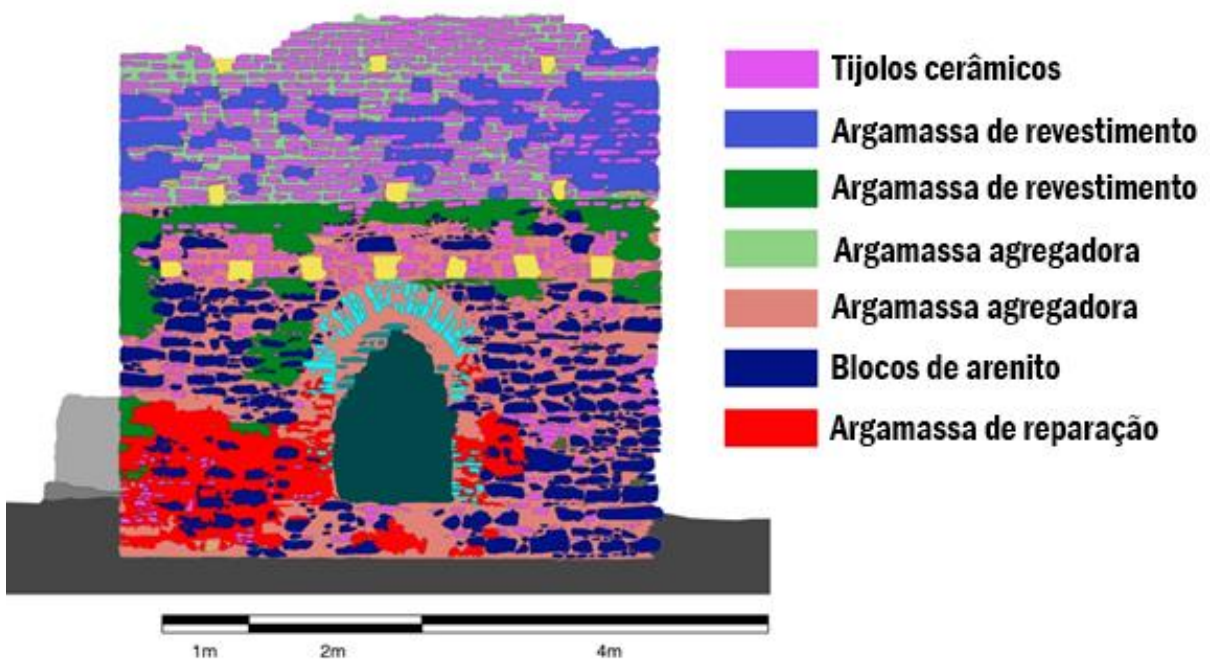


Figura 85 - Representação estratigráfica de materiais.
FONTE: Autor.



Figura 86 - Tijolo cerâmico com núcleo escurecido.
FONTE: Autor.



Figura 87 - Tijolos cerâmicos com núcleo escurecido.
FONTE: Autor.



Figura 88 - Grãos claros misturados às argilas que compõem os tijolos.
FONTE: Autor.



Figura 89 - Bloco de arenito do edifício.
FONTE: Autor.



Figura 90 - Blocos de arenito com conchas.
FONTE: Autor.

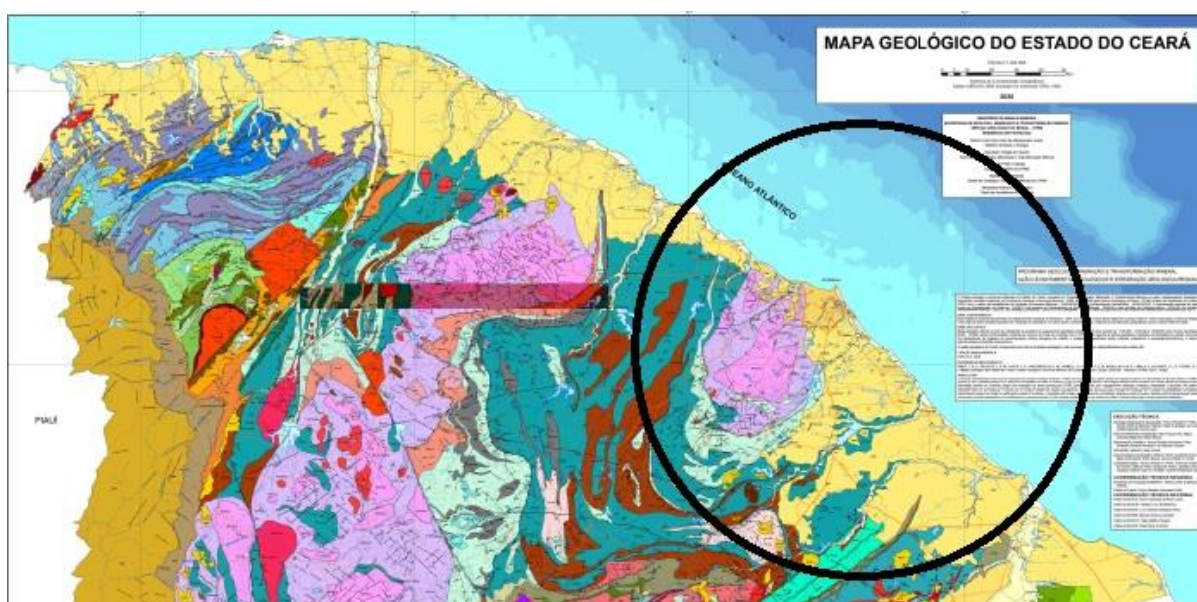


Figura 91 - Mapa Geológico do Estado do Ceará.
FONTE: CPRM (2020).



Figura 92 - Bloco de granito observado no edifício.
FONTE: Autor.



Figura 93 - Argamassa A.
FONTE: Autor.



Figura 94 - Argamassa B.
286

FONTE: Autor.



Figura 95 - Argamassa C.
FONTE: Autor.



Figura 96 - Faixa de tijolos cerâmicos (representada em cor verde claro).
FONTE: Autor.

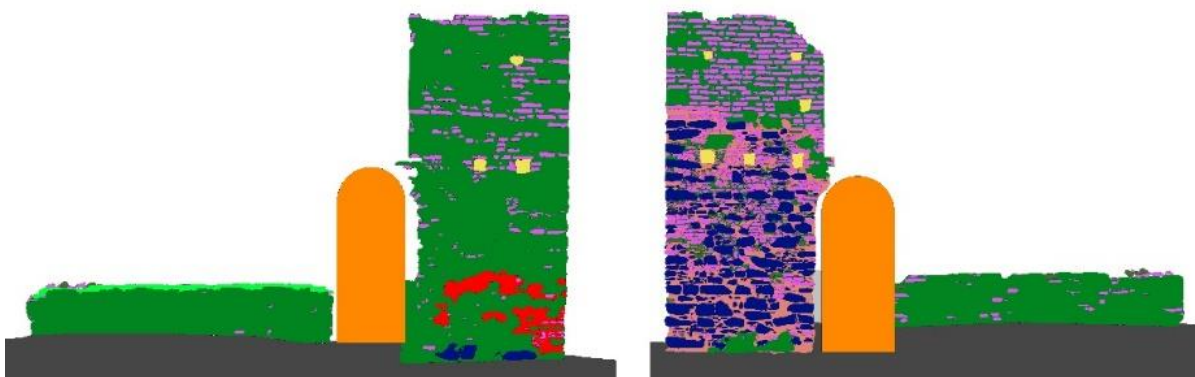


Figura 97 - Ilustração dos pórticos (em cor laranja) nos alçados leste (esq.) e oeste (dir.).
FONTE: Autor.

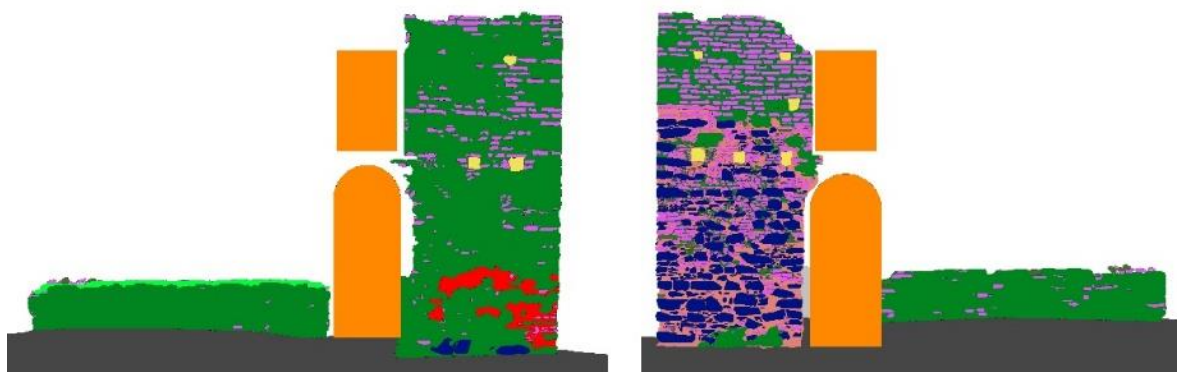


Figura 98 - Ilustração das janelas acima dos pórticos (ambos em cor laranja) nos alçados leste (esq.) e oeste (dir.).
FONTE: Autor.



Figura 99 - Ilustração indicando aspecto linear que evidencia demolição controlada.
FONTE: Autor.



Figura 100 - Escala de evidência histórico-arqueológica.
 FONTE: César Figueiredo e Pablo Aparicio.

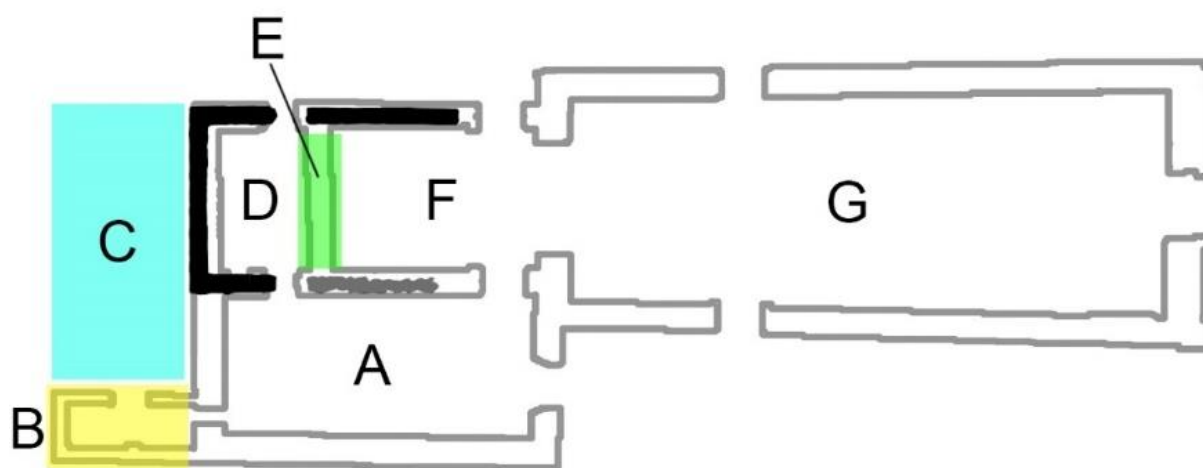


Figura 101 - Sobreposição de plantas dos templos de Aquiraz-CE e Acari-RN.
 FONTE: Elaborado pelo autor⁵⁶.

⁵⁶ Representação da Capela de Nossa Senhora da Guia elaborada a partir de planta de BESERRA (2018).

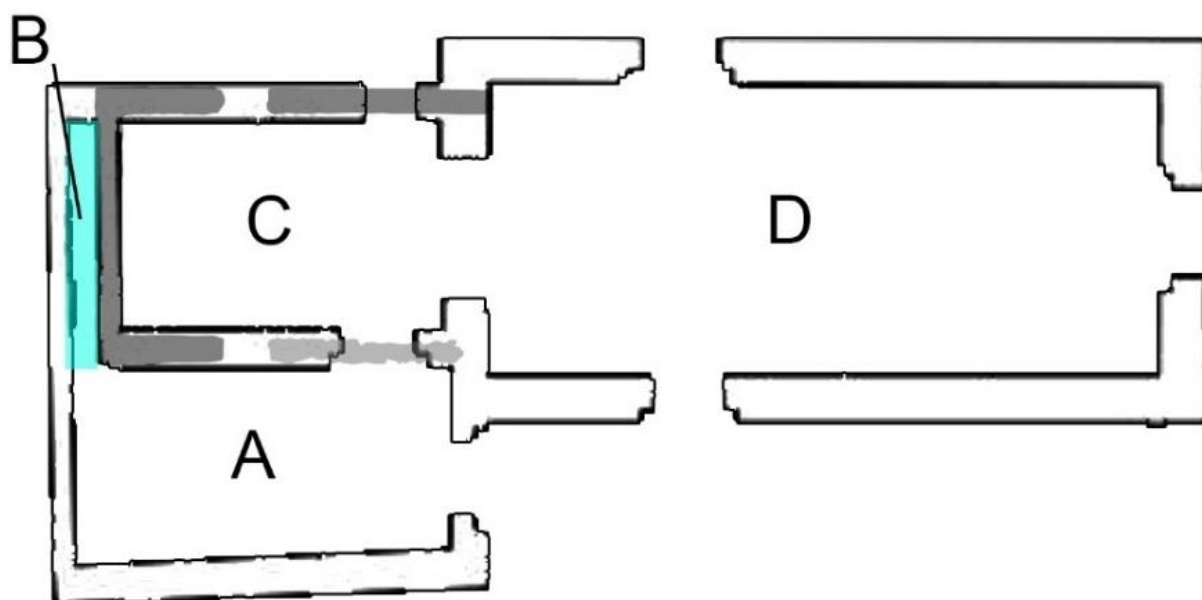


Figura 102 - Sobreposição das plantas do edifício de Aquiraz-CE e da Capela de N.S. da Conceição, em Itapiúna-CE.
FONTE: Elaborado pelo autor⁵⁷.

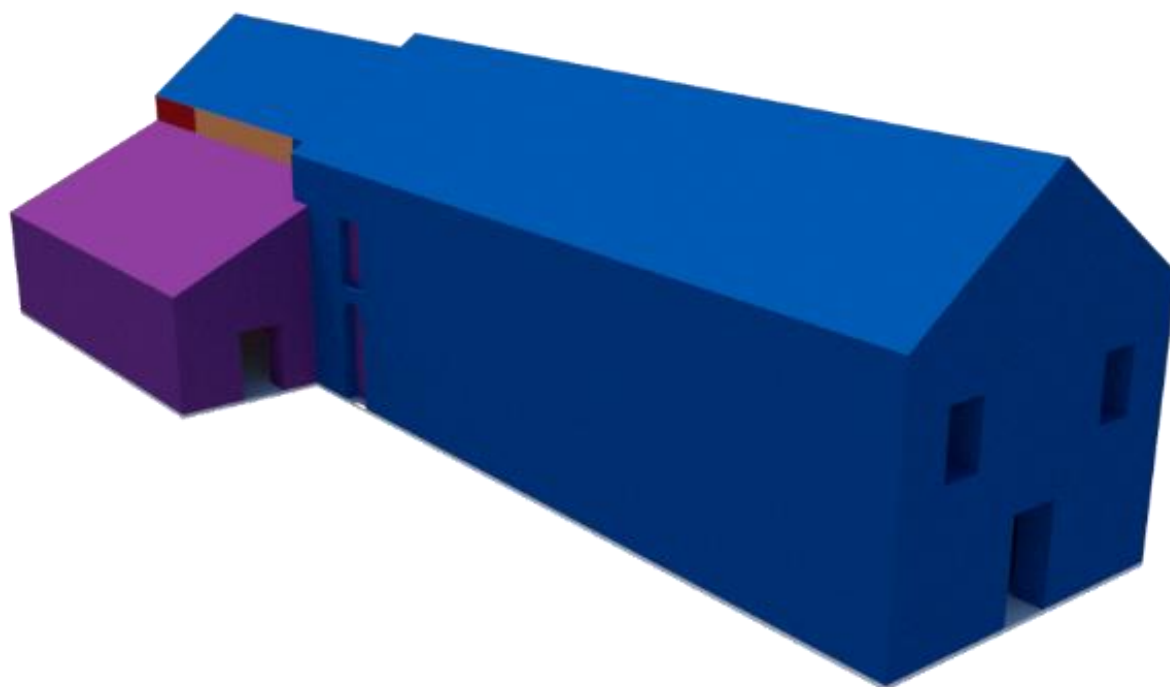


Figura 103 - Modelo tridimensional computadorizado. Perspectiva A
FONTE: Elaborado pelo autor.

⁵⁷ Representação da Capela de Nossa Senhora da Guia elaborada a partir de planta de BESERRA (2018).

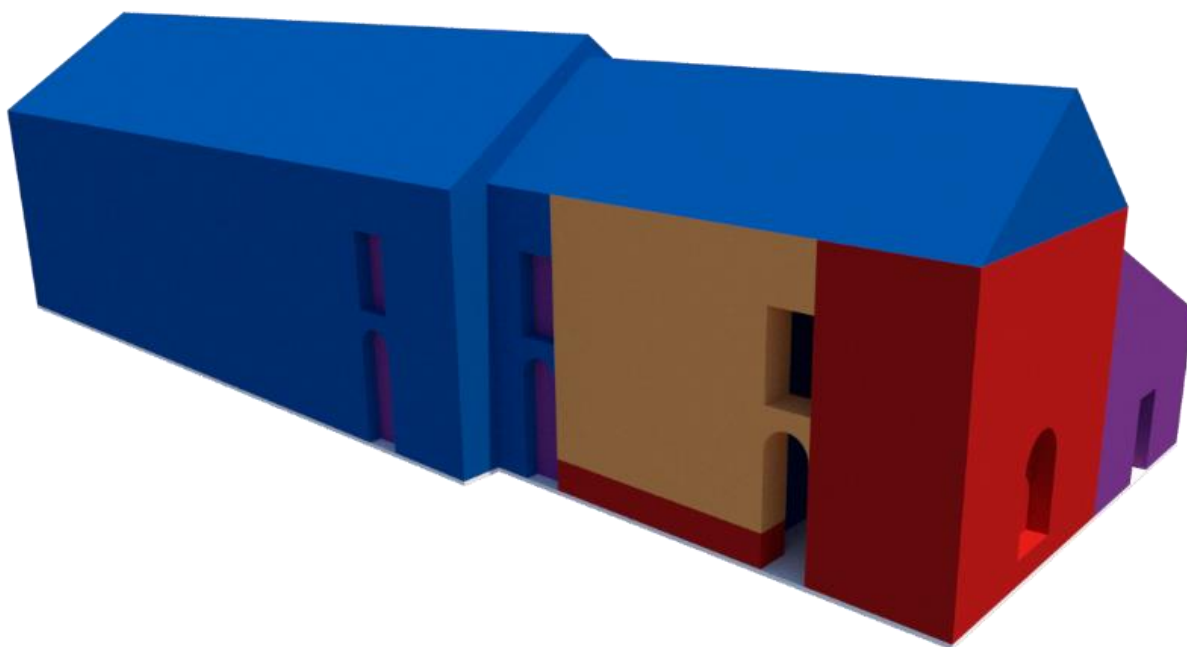


Figura 104 - Modelo tridimensional computadorizado. Perspectiva B.
FONTE: Elaborado pelo autor.

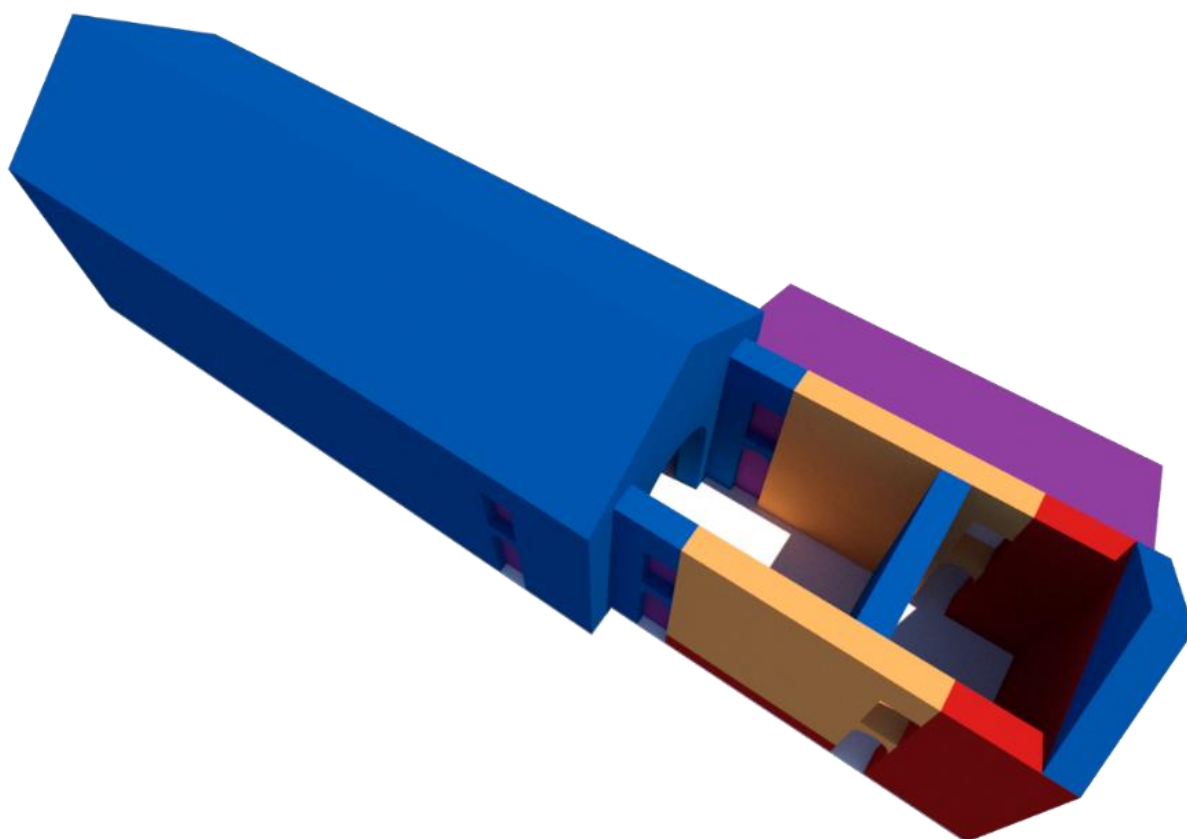


Figura 105 - Modelo tridimensional computadorizado. Perspectiva C.
FONTE: Elaborado pelo autor.